HARLEQUIN

Jessica



HORIZONTE DO AMOR

INDIA GREY

LYNN RAYE HARRIS

India Grey
Lynn Raye Harris

HORIZONTE DO AMOR

Tradução
Eugenio Barros
Maria Vianna

HARLEQUIN®

Rio de Janeiro, 2021

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.
Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE ITALIAN'S DEFIANT MISTRESS
Copyright © 2007 by India Grey

Título original: CAVELLI'S LOST HEIR
Copyright © 2009 by Lynn Raye Harris

Diretora editorial:
Raquel Cozer

Editora:
Julia Barreto

Editoração eletrônica e conversão para e-book:
ABREU'S SYSTEM

Adaptação de capa:
Lucio Pimentel e Weslley Jhonatha

Editora HR Ltda.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Grey, India
Horizonte do amor [livro eletrônico] / India Grey, Lynn Raye Harris; tradução Eugênio Barros, Maria Vianna. – Duque de Caxias, RJ: Harlequin, 2021.
ePub (Jessica; 139)

Tradução de: The italian's defiant mistress; Cavelli's lost heir
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5970-047-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa 2. Ficção norte-americana I. Harris, Lynn Raye. II. Título. III. Série.

21-68993 CDD–823
–813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

India Grey

PARA TODOS OS DESEJOS

Tradução
Eugenio Barros

CAPÍTULO UM

— Não posso fazer isso.

A voz de Eve era pouco mais que um sussurro quando o medo apertou sua garganta. Queria correr, mas estava repentinamente em pânico para mover-se. Ademais, com suas botas de salto alto, provavelmente não iria muito longe.

Do outro lado das cortinas, o salão de baile do imenso *palazzo* de Florença estava lotado, com cerca de quinhentas das pessoas mais bonitas e ricas do mundo, que tinham ido prestar homenagem ao homem que as vestia por meio século. Somente a nata da lista de clientes de Antonio di Lazaro fora convidada para aquela retrospectiva do seu quinquagésimo aniversário, e as celebridades que não se encontravam sentadas ali, no luminoso salão, esperando pelo *show* começar, estavam nos bastidores, aprontando-se para desfilar com os *designs* da famosa grife *Lazaro*.

Sienna Swift, a atual supermodelo queridinha da moda internacional, desviou o olhar da revista que estava lendo e deu a Eve seu notório sorriso fascinante.

— É claro que pode. Você se sairá bem.

— Mas eu sou... apenas uma jornalista. — A desonestidade da afirmação fez Eve vacilar quando disse aquilo. — Minha amiga, Lou, deveria estar fazendo este artigo... Ela seria fantástica, mas eu nunca fiz algo como isso na vida. Não sei absolutamente nada sobre modelagem!

Sienna virou a página da revista.

— Bem, querida, você tem as pernas para isso. E seios melhores do que o resto de nós. O que precisa saber? Não é nenhuma ciência astronômica. — Ela pausou para examinar uma fotografia de suas rivais antes de acrescentar: — É tudo sobre sexo, creio.

— Sexo? — espantou-se Eve. — Por que sexo? De onde eu venho, sexo não é uma coisa que você faz na frente de quinhentas pessoas e fotógrafos.

Sienna suspirou e deixou a revista de lado.

— Eu vou lhe explicar. Tudo que tem de fazer é encontrar alguém em quem se focar. Você está lá em cima na passarela, certo? Apenas fixe seus olhos em algum homem e se esqueça de qualquer outra pessoa. Observe.

A modelo deu alguns passos para trás, movendo os quadris em um clássico estilo de passarela e colocando suas mãos sobre eles. Procurando um provável candidato ao redor, fixou o olhar no cantor da nova banda italiana, que acabara de sair dos bastidores.

— Você caminha em direção a ele e jamais desvia os olhos — murmurou ela através de lábios provocativos. — Nem por um segundo. Isto é luxúria à primeira vista. Você o olha como se ele fosse o homem mais *sexy* do mundo. Isso é tudo que precisa fazer! — Ela pegou a revista novamente e reassumiu seu lugar.

Eve contorceu-se desconfortavelmente no minivestido transparente de PVC e puxou a bainha para baixo. Seria mais fácil seguir o conselho de Sienna se lhe fosse permitido usar seus óculos, sem os quais era incapaz de focalizar qualquer coisa a mais de meio metro de seu rosto, e se não estivesse vestida em um saco plástico caríssimo. Flores posicionadas estrategicamente impediam o vestido de ser absolutamente obsceno, mas assim mesmo ela se sentia muito exposta.

À sua volta, algumas das mulheres mais bonitas do mundo bebiam água mineral de garrafas em miniatura e fofocavam. Entre elas, Eve sentia-se solitária e desajeitada.

Não pertencia àquele lugar.

Fechou os olhos contra a súbita saudade de casa quando pensou na sua mesa de trabalho bagunçada na sala do professor Swanson. Nesta época do ano, sua vista do pátio da faculdade estava quase inteiramente bloqueada pela glicínia contra a janela, lançando uma luz obscura sobre a confusão de xícaras de chá, ensaios estudantis e pilhas de notas rabiscadas na sala empoeirada de livros enfileirados nas prateleiras.

Aquele era seu mundo, e estivera louca por pensar que poderia fazer o trabalho de Lou. Jornalistas de moda não eram geralmente acadêmicas tímidas e míopes. Ela não podia fazer aquilo.

— Acho que seria melhor eu mudar de roupa — murmurou ela, começando a andar.

O plano falhara antes mesmo de começar, e era melhor que encarasse esse fato agora. Lou assumira um imenso risco ao fingir uma doença no último minuto, colocando Eve à frente daquele artigo. E, se uma delas tivesse parado para pensar, teria percebido como o esquema todo era ultrajante.

Ela iria decepcionar Lou, mas aquela não era a pior parte.

A pior parte era decepcionar sua irmã gêmea, Ellie. E deixar Raphael Di Lazaro escapar através de seus dedos novamente.

Ainda olhando para a página de horóscopos, Sienna segurou-lhe o braço.

— Não há tempo — disse ela. — Estaremos em cena num segundo. Ouça, diz aqui que Escorpião deve ter cautela com assuntos financeiros. Você acha que significa que eu não deveria ter comprado aquela bolsa Prada?

Eve estava trincando os dentes quando respondeu:

— Acho que não. Por acaso aí não diz que, numa quinta-feira, uma aquariana deveria evitar exposições púbicas de nudismo e ficar em casa comendo chocolate?

Sienna riu.

— Vejamos. Signo de Aquário. Aqui diz: "Por causa do movimento de Mercúrio no pináculo de seu mapa, quinta-feira você verá um espetacular despertar de sua vida amorosa. Seu destino a aguarda num lugar inesperado." Excelente. É melhor você ficar, afinal de contas!

Eve fez uma careta. Mesmo que pudesse persuadir-se a acreditar em astrologia − ou destino −, teria de desenhar a linha de reencarnação. Sua vida amorosa não estava apenas dormindo, mas morta e enterrada.

Não. Se ela ficasse, não teria nada a ver com amor ou *destino*, e tudo a ver com vingança.

Ela deu a Sienna um sorriso aguado.

— Que sorte que o homem dos meus sonhos vai aparecer na minha vida no dia em que estou vestida como uma *Barbie* pornográfica!

O IMENSO SALÃO de baile do palácio Salarino brilhava na luz de seus famosos candelabros antigos, enquanto as janelas, do chão ao teto, escureciam ao crepúsculo do fim de tarde. A extensão toda do salão estava cheia de fileiras de cadeiras douradas, com as figuras do primeiro escalão do mundo da moda, e a perfeição da cena era refletida nos numerosos espelhos que se alinhavam nas paredes.

Com pernas trêmulas, Eve saiu de trás dos bastidores.

Por um segundo, não pôde ver absolutamente nada, quando uma profusão de *flashes* ofuscou sua vista. A passarela estendia-se à sua frente infinitamente, e mais adiante jazia o elegante salão com seu mar de rostos voltados para ela.

As palavras de Sienna voltaram à sua memória: "*Encontre alguém para focalizar...*"

Desesperadamente, Eve observou detalhadamente a sala, feliz com sua miopia pela primeira vez na vida, que a impedia de reconhecer os rostos famosos. Seus passos eram lentos, e ela sentiu o sorriso congelar no rosto. Deveria sorrir? Não

podia lembrar-se. A plateia era uma massa sussurrante. Era impossível distinguir alguém, pensou, forçando-se a continuar andando.

Alguém estava de pé nas sombras, contra um dos pilares e com a cabeça inclinada para trás. Ele usava um terno escuro que delineava ombros largos, e havia alguma coisa cativante na sua imobilidade. Era impossível vê-lo claramente, mas ela podia sentir os olhos dele sobre si.

Eu posso fazer isso, pensou.

As lindas notas de *Madame Butterfly* ressoavam na sala, enchendo-a com seus anseios sensuais. Eve e Ellie sempre amaram aquela ópera, escondidas no topo da escada nas suas camisolas para ouvir essa ária especial, quando sua mãe costumava tocá-la tarde da noite num velho disco. As palavras lhe eram tão familiares quanto uma canção de ninar, e ouvi-las agora lhe dava força.

Tudo à sua volta retrocedeu... As câmeras, a plateia, a voz melada da anfitriã. O mundo se resumiu na música e nos olhos escuros do estranho. Ele não se moveu, mas, enquanto ela andava em direção a ele, sentiu a energia sexual que o homem parecia exalar. Aquilo fez o corpo de Eve produzir calor, derretendo sua insegurança e timidez.

Pela primeira vez em dois anos, sentiu-se propriamente viva.

Chegando ao fim da passarela, levantou a cabeça e parou. Eles se entreolharam sobre as fileiras de pessoas que os separavam num estonteante momento de absoluto reconhecimento sexual. Por um breve segundo, Eve considerou pular da passarela e caminhar diretamente para ele. Seu corpo ansiava por isso com uma urgência que lhe tirava o fôlego, e o desejo de tocá-lo, de inalar seu cheiro e experimentar seus lábios era quase opressivo.

Os fotógrafos aos seus pés movimentavam-se num turbilhão de *flashes*. Cega pela luz branca, ela ainda podia ver a silhueta escura de seu misterioso salvador impressa na mente.

Afastando a imaginação, virou-se para caminhar de volta na passarela, e, quando chegou ao camarim, sentou-se em uma cadeira e olhou seu reflexo no espelho.

Sua aparência era como devia ter sido a da “Bela Adormecida” após o beijo do príncipe encantado: pasma, enfeitiçada e inegavelmente excitada.

Fora-se a garota tímida e insegura que tinha atravessado nervosamente as cortinas cinco minutos atrás, e em seu lugar estava a mulher ousada, com olhos ardentes e convidativos.

O horóscopo mostrara-se espantosamente certo. Era como se ela estivesse dormindo até que a eletrificada presença do homem desconhecido a despertara.

Ela descansou a cabeça sobre as mãos. Exceto que a esperta e sensata Eve não acreditava em toda aquela tolice de horóscopo, acreditava?

Sempre fora a gêmea tímida da flamejante e segura Ellie. Era sua irmã quem lia horóscopos e acreditava em destino, perseguindo seus sonhos. Enquanto Eve estava em Oxford, trabalhando duro na sua dissertação, Ellie abandonava seu curso em História da Arte e trocava-o por uma passagem de ônibus somente de ida para Florença.

Ela quisera experimentar arte, paixão e beleza por si mesma, não ouvir sobre isso em conferências de teatro. Após alguns meses em Florença, Ellie claramente decidira acrescentar "heroína" à sua lista de coisas que queria experimentar.

Era nisso que dava seguir sonhos tolos e horóscopos. Numa morte anônima e sórdida que a polícia nem mesmo se importara em investigar.

Eles não se importaram, portanto Eve jurara que se importaria. Nos dois anos desde o ocorrido, a vida de Eve havia encolhido ainda mais, até que não restasse nada além de seu trabalho para o professor Swanson e o frio desejo de justiça.

Mas o rosto que a olhava de volta no espelho agora era transformado pelo desejo de uma espécie diferente. Era o rosto de uma garota que sabia o que queria... E aquilo não tinha nada a ver com vingança. A expressão nos olhos era aquela do desejo feroz que não se importava com as consequências.

E aquilo era bom. Agora, tudo que tinha de fazer era encontrar o homem e...

— Você foi genial! Totalmente natural!

Sienna removeu seus sapatos de saltos altíssimos e serviu-se de uma miniatura de garrafa de champanhe de um dos baldes de gelo espalhados no camarim. Do outro lado da cortina, a plateia ainda aplaudia.

Atordoada, Eve olhou para cima. O *show* não podia já ter terminado. Isso significava que ela passara os últimos 45 minutos perdida em uma fantasia erótica.

— Certo, então — continuou Sienna alegremente —, o trabalho terminou, agora é hora da festa! As festas do Lazaro são sempre extravagantes. — Ela removeu o vestido de noiva de couro branco e atirou-o para o lado. — Você viu quantas celebridades estão aí fora? Não vejo a hora de conhecê-las. E há um boato de que Raphael di Lazaro voltou do estrangeiro. Ele deve ser maravilhoso. Irei, definitivamente, apresentar-me.

A menção *daquele* nome trouxe Eve de volta à realidade. Era dele que ela deveria tentar se aproximar naquela noite, não de seu herói bonitão.

— Bem, se você encontrá-lo, pode me apresentar também. Eu adoraria conhecer o misterioso Raphael di Lazaro. Até agora não consegui sequer uma

fotografia dele. Como pode ser tão esquivo?

Sienna deu de ombros. Ela mudara o vestido de noiva por um sem costas na cor cereja.

— Ele partiu antes de eu ser modelo da *Lazaro*, mas as pessoas aqui falam de Raphael. O boato é que a namorada fugiu com o irmão dele, Luca, e Raphael não pôde lidar com isso. Parece que ele foi para algum lugar na a América do Sul, mas eu não sei se isso é verdade. Afinal, ele é um fotógrafo da moda, e a América do Sul não é um lugar que você associa à moda, é?

Eve deu uma risada seca.

— Não. — *Drogas, sim. Moda, não.*

— De qualquer modo, é por isso que ele não estava por aqui nos últimos anos. E, mesmo antes, os *paparazzi* costumavam evitá-lo. — Sienna passou batom nos lábios. — Raphael os *detesta*, porém o que é mais surpreendente é que eles parecem respeitar isso. Ele deve ser um sujeito e tanto. Ei, Eve...? Você está bem?

— Oh, sim, é claro.

— Bem, vamos, então. Estamos perdendo uma hora de festa valiosa. O que você vai usar?

— Oh, nada especial. Mas eu tenho isto. — Nervosa, Eve ergueu-se e revistou dentro de uma bolsa antiga, retirando um vestido de seda, que atirou ao acaso para Sienna.

Sienna segurou o vestido cuidadosamente.

— É maravilhoso. De onde vem?

Eve sorriu e disse num sotaque elegante:

— De uma grife exclusiva chamada *Loja Beneficente*. Francamente, querida, nunca usei outra coisa.

O AR COM cheiro de lavanda ainda estava quente, e, entrando no terraço romanticamente iluminado, Raphael Di Lazaro sentiu uma enorme sensação de alívio. A grandeza ornamental do salão de festa do *palazzo*, com suas centenas de celebridades e esposas exibidas como troféus, tinha sido sufocante. Tudo era tão educado e simétrico, como os rostos inexpressivos das modelos, mas aquilo fazia a poeira e o caos que ele recentemente deixara para trás na Colômbia parecerem refrescantes, se fizesse uma comparação.

Aceitando uma taça de champanhe de um garçom que passava, ele checou o relógio. Aquele era o tipo de evento que geralmente evitava, e que o tolo do seu irmão frequentava.

Meio-irmão. Desde que descobrira o caráter corrupto por trás do charme superficial de Luca, Raphael estava mais determinado do que nunca a recordar que ambos compartilhavam apenas um dos pais. E Antonio Di Lazaro ocupara um papel tão distante na criação de Raphael que quase não podia ser qualificado como pai.

Luca era o "menino dos olhos" de Antonio. Dos olhos de todos, na verdade.

Irritado, Raphael levou a taça aos lábios, como se o champanhe pudesse anular o gosto amargo que sempre acompanhava aquele tipo de pensamento. Sorvendo a bebida num gole só, ficou surpreso ao notar que sua habitual aspereza foi mesclada com compaixão. Não iria ser fácil para Antonio aceitar o fato de que seu filho favorito estava enfrentando acusações de tráfico de drogas e lavagem de dinheiro. Especialmente quando o dinheiro provavelmente viera das contas de Lazaro.

Mas ele estava se antecipando. Luca ainda não havia sido preso e Raphael estava ali para certificar-se de que nada acontecesse para impedir isso naquele delicado estágio da operação.

Procurando em volta pelo pai, ele bocejou. Mesmo quando trabalhara para Lazaro, desprezara as fofocas das celebridades, e seu tempo na Colômbia servira apenas para aumentar sua aversão por aquilo. Na verdade, o cansaço extremo de hoje e o enfado tinham feito uma combinação letal, portanto ele quase dormira durante o desfile de modas.

Talvez tivesse cochilado, apenas por um momento. Talvez aquele espantoso encontro erótico não tivesse passado de um sonho...

Sentiu seu corpo enrijecer com a lembrança da garota no vestido transparente. Certamente, aquilo tinha sido vívido demais para ser um sonho. Ainda podia vislumbrar o terror nos olhos imensos quando ela pusera os pés na passarela, ainda podia sentir a adrenalina que correra em suas veias quando ela o fitara diretamente nos olhos...

Adrenalina? A quem estava enganando? O que sentira fora pura testosterona. Não estava sofrendo apenas por privação de sono.

Certo, então dois anos era tempo demais para qualquer homem sem uma convicção religiosa comportar-se como um monge, mas ele não estava tão desesperado para escolher alguma modelo de cabeça vazia. Experiência amarga ensinara-o de que modelos requeriam a mesma espécie de atenção que crianças, encrencando-se quando não eram supervisionadas. Esta era uma responsabilidade que ele não seria tolo de assumir uma segunda vez.

De repente, seus olhos estreitaram-se quando viu Antonio.

Saindo do terraço, ele caminhava vagarosamente na direção de Raphael, rodeado por uma pequena multidão de devotos. Estava bem-vestido como sempre, num terno cinza-prata e com uma rosa branca na lapela, mas Raphael ficou alarmado ao ver o quanto seu pai tinha envelhecido durante o tempo em que ele estivera fora. Quando Antonio aproximou-se, Raphael notou a brancura doentia de seus lábios e as linhas de exaustão no rosto arrogante.

— Pai.

Pego desprevenido, Antonio foi incapaz de disfarçar seu choque. Rapidamente recuperando sua compostura, conseguiu um sorriso frio.

— Raphael. Que surpresa. O que está fazendo aqui?

— Tive de voltar para o *Prêmio de Fotografia da Imprensa* em Veneza no sábado, mas tenho alguns negócios para resolver em Florença também. Negócios de Lazaro, na verdade.

As sobrancelhas de Antonio ergueram-se.

— *Si?* Depois desse tempo todo? Você se desligou de Lazaro dois anos atrás, Raphael. Não posso imaginar que tipo de negócios teria aqui agora.

— Preciso dar uma olhada nas contas da empresa.

Os olhos de Antonio estreitaram-se.

— Você está sem dinheiro? Talvez devesse ter pensado nisso antes de deixar seu trabalho aqui para ir fotografar camponeses onde Judas perdeu as botas. Prêmios não pagam contas, Raphael.

Um músculo do queixo de Raphael tremeu. Quando ele falou, sua voz era perigosamente calma:

— Pelo que sei, eu ainda sou considerado um dos diretores da empresa, portanto estou dentro dos meus direitos de ter acesso às contas. Amanhã, se você estiver disponível. Precisarei vê-lo depois que terminar de examiná-las.

— Amanhã é impossível. Tenho uma entrevista sobre a retrospectiva com a *Vogue* italiana pela manhã e o lançamento de um perfume à tarde. — Antonio pareceu repentinamente exausto. — De qualquer forma, Raphael, você sabe o quanto detesto ter qualquer coisa a ver com dinheiro. Luca está aqui hoje, é o diretor financeiro. Por que não fala com ele sobre isso?

— Eu preferiria não falar.

— Não seja ridículo. Luca é seu irmão. Toda essa tolice com Catalina está no passado... Você não pode detestá-lo por algo que aconteceu... digamos... há dois anos?

Raphael adquiriu uma expressão de desdém.

— Acredite-me, pai, eu descobri muito mais coisas para odiá-lo desde então.

Mas Antonio não estava ouvindo. Com um aceno da mão na direção do *palazzo*, disse:

— Ali está Luca. Discuta com ele.

Luca Di Lazaro estava inclinado contra a porta francesa aberta, seu corpanzil efetivamente bloqueando a fuga de alguma pobre garota que ele enganara. Puro desprezo envolveu Raphael ao ver Luca inclinando-se para dizer algo à garota. Alguma coisa falsa, sem dúvida. Algo que a fizesse cair aos seus encantos.

Essa era uma rotina que Luca aperfeiçoara com incontáveis modelos inocentes ao longo dos anos, como Raphael bem sabia. Sua própria namorada tinha sido uma delas, afinal.

Naquele momento, Luca descansou as costas contra a estrutura da porta. O movimento deu a Raphael uma clara visão da garota que ele capturara na armadilha.

Ela mudara o vestido transparente por um de seda que, escondendo o corpo delicioso, somente parecia enfatizar a voluptuosidade do mesmo.

Sem hesitar, Raphael infiltrou-se na multidão em direção a eles. Contas da empresa eram a última coisa em sua mente. Sua vontade premente era agarrar a garota de Luca e levá-la para o mais longe possível.

— Ora, ora. O filho pródigo à casa torna — disse Luca quando ele se aproximou, a voz repleta de sarcasmo. — Eu a apresentaria, mas acabamos de nos conhecer e não descobri o nome desta beleza ainda...

A reação de Raphael foi instantânea. Dando a Luca um sorriso que teria congelado o Mediterrâneo, virou-se para a mulher com uma leve inclinação de cabeça, rezando para que ela não o dispensasse.

— *Cara*, há alguém mais que você gostaria de encontrar, ou está pronta para ir embora?

Ele se permitiu um pequeno momento de triunfo enquanto observava o olhar surpreso no rosto de Luca, antes de voltar sua atenção de volta à garota.

Os olhos dela eram azul-turquesa e brilhavam muito. Luxúria apossou-se de Raphael quando ela respondeu. Seu sotaque inglês, sua voz baixa e ofegante:

— Sou toda sua... querido.

Certo, então Eve estava disposta a admitir que destino existia, afinal. E ele estava parado ao seu lado.

Eles cruzaram a área de recepção do *palazzo*, a mão dele repousando levemente nas suas costas, o polegar acariciando a base da coluna. Longe do burburinho da festa, alguns convidados conversavam em pequenos grupos, e

garçons uniformizados movimentavam-se discretamente. Eve estava ciente dos olhares curiosos que recebeu ao passar, mas não se importou.

Quase. Mas, então, lembrou-se de Ellie.

— Eu preciso voltar... Realmente não deveria...

Embora as palavras tivessem saído de seus lábios, ela sabia que não eram convincentes.

Algo estranho havia acontecido com sua voz, de forma que parecia rouca, baixa e *sexy*, enquanto uma outra voz interior sussurrava: *Esqueça Ellie apenas por uma noite. Faça alguma coisa para seu próprio bem, para variar.*

Ele a olhou.

— Você não precisa voltar, e não deveria. Acredite-me.

Ele lhe apertou a cintura, causando outro arrepio pelo seu corpo. Eve tentou rir, mas a risada surgiu como um ofego.

— Não entendo... Eu não costumo fazer este tipo de coisa...

Ele deu um pequeno sorriso.

— Não acha que é óbvio? Que é exatamente a razão pela qual tive de tirá-la das garras daquele... patife?

— Ele me pareceu muito charmoso.

— As aparências enganam.

Raphael puxou-a para uma galeria fora do *hall* principal, difusamente iluminada por lâmpadas ao longo da extensão das paredes. Então parou e girou-a para si, seu rosto sombreado.

Eve tremeu.

— Eu não deveria ter permissão de decidir isso por mim mesma? — sussurrou ela.

Os cabelos dele eram escuros, caindo sobre a testa e acentuando as maçãs do rosto esculpidas. A despeito das feições perfeitas, ele tinha uma aura de exaustão e desespero, e ela teve de cerrar os punhos para se impedir de tocá-lo e amenizar a tensão daquele maxilar rígido.

— Não posso arriscar que você tome a decisão errada.

— O que o faz pensar que eu faria isso?

Ele deu uma risada profunda.

— Já aconteceu antes. — Estendendo uma mão, ele enfiou um dedo por sob a alcinha de seda de seu vestido, a qual escorregara pelo braço. E, com infinita gentileza, deslizou-a de volta ao lugar. No silêncio, Eve ouviu a própria lamúria de desejo enquanto dedos másculos roçaram sua pele trêmula.

Recolhendo a mão, ele se virou de perfil, seu rosto altivo e aristocrático como uma máscara de reserva. Somente os olhos escuros brilhantes traíam seu desejo quando ele voltou a encará-la.

O gemido que escapou quando a boca sensual encontrou a dela era o som de um homem rendendo-se ao controle. Suas mãos entrelaçaram-se nos cabelos espessos e sedosos de Eve, puxando-a para si e aprofundando o beijo. Quase com loucura, sua língua iniciou uma dança erótica, até deixá-la ofegante de prazer e desespero na quietude da sala vazia. Beijou-lhe o queixo, o pescoço, o rosto. Sem poder evitar, Eve sentiu seus dedos deslizarem pelos cabelos dele, querendo aquela boca no local onde seus seios comprimiam-se contra a seda do vestido...

Uma tosse discreta vinda da porta impediu-o de continuar.

— *Signor* di Lazaro? Signor Raphael di Lazaro? *Scusi*, mas é seu pai. Lamento, mas é urgente.

E então ele se foi, deixando-a desorientada e muda de horror.

Aquele homem não era seu destino.

Ele era seu castigo merecido.

CAPÍTULO DOIS

AQUELE ERA apenas um pedaço de papel, rasgado de um diário ou de um caderno.

Deitada no escuro debaixo dos lençóis macios do hotel, Eve ergueu o papel perto de seu corpo, sentindo a diferença de textura na ponta rasgada e na parte mais áspera, em que café tinha sido derramado.

Não precisava acender a luz para saber que a mancha de café estava no formato de um coelho gordo, ou para ler o número 592, o qual era apenas uma parte do número de telefone que um dia estivera escrito lá. Estudara aquele pedaço de papel tão frequentemente durante os últimos dois anos que sabia até mesmo que, sob seu polegar, agora, estava escrito *Raphael di Lazaro*. E um pouco abaixo e à esquerda no nome, ao lado da orelha do coelho, estava a palavra *drogas*.

A garota com quem Ellie compartilhara um apartamento em Florença, uma tal de Catalina, tinha enviado suas coisas de volta para a Inglaterra depois de sua morte, e, quando Eve finalmente fora capaz de mexer naquilo, encontrara aquele papel no bolso de um dos *jeans* de Ellie. Parte da escrita devia ter sido apagada pela mancha de café, mas Eve podia deduzir o necessário. Aqueles só podiam ser os detalhes de contato da pessoa que fornecera heroína para Ellie. E tal pessoa era Raphael Di Lazaro.

Quando Eve encontrara o papel, di Lazaro já desaparecera na Colômbia, e as autoridades italianas haviam dado o veredicto de morte acidental para Ellie e fechado o caso. Mas, para Eve, aquilo não estava acabado. Jurara desmascarar Raphael di Lazaro, independentemente de quanto tempo levasse para fazer isso. Motivo pelo qual, quando Lou lhe telefonara dois dias atrás, para reportar que ele fora visto chegando no aeroporto de Florença, ela não hesitara em aceitar aquele plano ridículo de Lou. Afinal, andar numa passarela e fingir ser jornalista de moda era um preço muito baixo para encontrar pessoalmente o homem responsável pela morte de Ellie.

Ela amassou o pedaço de papel na palma da mão. Certamente, conseguiria fazer isso naquela noite.

Em grande estilo.

Beijando-o e abraçando-o intimamente.

Oh, bom Deus.

Seu celular tocou sobre o criado-mudo. Tateando no escuro, pegou-o, derrubando um copo de água no processo, e acidentalmente ligando-o enquanto praguejava.

— Eve?

Oh, Deus. Era Marissa Fox, editora de *Glitterati*, parecendo alegre e eficiente.

— Desculpe, eu...

Marissa a interrompeu:

— Ouça, Eve, sei que a intenção é você ficar seguindo Sienna, mas posso ser chata e lhe pedir que fique longe dela por aproximadamente uma hora, e venha aqui para uma conferência de imprensa esta manhã?

Eve sentou-se ereta e ecoou fracamente:

— Conferência de imprensa?

— Sim, querida — confirmou Marissa. — Os médicos de di Lazaro darão uma conferência de imprensa esta manhã sobre o prognóstico dele. Nada bom, segundo as fontes.

Fechando os olhos, Eve sentiu sangue drenar de sua cabeça.

Raphael estava machucado?

— Eve? Você ainda está aí?

— Sim.

— Você *sabe* que Antonio di Lazaro sofreu um enfarto quando estava saindo da festa ontem à noite, não sabe?

— Antonio? — Alívio a inundou, seguido por uma onda de autodesgosto. Por que deveria se importar se Raphael estava machucado ou não? — Sim, é claro que eu sabia que ele passou mal — mentiu ela apressadamente. — É sério?

— Você vai descobrir na conferência de imprensa, querida — replicou Marissa. — Às 10h, no hospital Santa Mariá Nuova. Eu iria pessoalmente, mas, *por milagre*, consegui uma hora no *spa* do hotel. Preciso ficar bonita para o lançamento do perfume. — Ela suspirou. — Que pena que Lou contraiu aquela ridícula alergia por molusco... Ela é sempre fantástica em conferências de imprensa. Mas tenho certeza de que você pode cobri-la bem, não pode, querida?

Eve tateou por seus óculos e colocou-os, quase praguejando ao olhar para o relógio. Nove e meia.

— Conferência de imprensa? Sem problemas. Estarei lá. — Saindo da cama, fez o possível para soar como a jornalista profissional que Lou dissera para Marissa que ela era.

— Então... é uma grande... conferência de imprensa? — Eve abriu as cortinas, deixando o sol iluminar o caos no quarto, e a cama de Sienna, que era a única coisa que ainda estava arrumada e intocada. — Vocês estão esperando... declarações apenas da equipe médica, ou a família também estará presente?

— Família? Acho que não, querida. O enfarto de Antonio não impediu Luca de festejar até de manhã, então duvido que ele estará em condições de enfrentar a imprensa... O que só deixa Raphael, e ele é alérgico a qualquer forma de publicidade e a jornalistas. Ah! Aqui está o café da manhã. Bem, preciso desligar. Mande um abraço para Sienna. Espero que você consiga muitas fofocas apetitosas para a entrevista. Vejo vocês duas no lançamento.

Com a cabeça girando, Eve considerou deitar-se e gritar contra um travesseiro. Ideia tentadora, porém não muito construtiva. E, no momento, precisava de ajuda.

Pegando o telefone, ligou para Lou.

Enquanto esperava que ela atendesse, o pânico de Eve começou a diminuir. Lou saberia o que fazer... sobre a conferência de imprensa, sobre o caso da supermodelo desaparecida e sobre o incidente embaraçoso do dia anterior, no qual o sujeito que ela pensara ser o homem dos seus sonhos na verdade era... a pessoa que lhe causava pesadelos.

Não. *Por favor, não seja...*

Correio de voz.

Angustiada, Eve jogou o telefone na cama e parou no meio do quarto, enquanto pânico voltava e ameaçava consumi-la. Lou sempre dizia que, quando as coisas eram ruins, você precisava imaginá-las pior ainda. E, naquele momento, Eve não conseguiu fazer isso.

Mas, um minuto depois, olhando-se no espelho do banheiro, percebeu que não precisava tentar.

Seu rosto parecia mortalmente pálido, com o rímel da noite anterior ainda borrado sob os olhos. Seus cabelos, cortados no dia anterior para o desfile de modas, estavam agora amassados e embaraçados.

Tinha 15 minutos para se transformar em uma jornalista de moda elegante.

Quinze minutos... E a coleção de cosméticos de uma das maiores supermodelos do mundo.

Quão difícil poderia ser?

EMBORA ELA tivesse saído do hotel sem seus óculos, não foi difícil encontrar a sala de conferência no hospital Santa Mariá Nuova. Tudo que tinha de fazer era

seguir os barulhinhos dos saltos altos e as fragrâncias caras.

Achando um lugar ao lado de uma loura de uma das revistas de celebridade, Eve procurou na bolsa o pequeno gravador que Lou lhe emprestara, e, incapaz de ver propriamente sem os óculos, fez três tentativas de inserir uma fita nova.

A loura lhe deu um olhar compassivo.

— Noite difícil, ontem?

— Pode-se dizer que sim.

— A minha também. Minha ressaca é tanta que eu poderia me juntar a di Lazaro na UTI.

Eve sorriu. Antes que pudesse responder, uma mulher e dois homens de jalecos médicos subiram na plataforma na frente da sala. Uma onda irracional de desapontamento a assolou ao perceber que Raphael não estava entre eles.

Precisava vê-lo novamente, racionalizou. O que acontecera na noite anterior levantara mais questões ainda, enfatizando o fato de que Eve tinha assuntos inacabados com Raphael di Lazaro.

Assumindo seus lugares a uma mesa branca, o trio na plataforma parecia pronto para pedir a lista de vinhos. Eve reconheceu a mulher da retrospectiva como Alessandra Ferretti, a formidável e atraente assessora de imprensa de Lazaro. Ela ocupou a cadeira central, com um médico de cada lado, e, por um momento, os três sussurraram entre si, antes que Ferretti falasse ao microfone:

— *Buongiorno.*

Os repórteres se moveram com expectativa, posicionando canetas, câmeras e gravadores. Mas então uma porta nos fundos da sala se abriu, e todos se viraram para olhar quem chegara atrasado.

O gemido de Eve foi perdido no meio do murmurinho de repórteres fotografando freneticamente Raphael di Lazaro.

Os cabelos escuros caíam sobre o rosto dele. Olheiras de fadiga e uma barba de 24 horas enfatizavam as maçãs do rosto e a boca sensual. Mesmo sem se barbear, e com a roupa amassada da noite anterior, ele ainda era incrivelmente atraente.

Alessandra Ferretti estava apresentando todos, com uma voz tão *sexy* que parecia flertar em uma festa.

— Dr. Cristiano é consultor do *signor* di Lazaro, e doutor Cavalletti é o chefe da equipe de cardiologia, que será responsável pelos cuidados dele. — Ela gesticulou para os homens de jaleco, então se voltou para Raphael e tocou-lhe o braço. — Raphael di Lazaro retornou da Colômbia somente ontem, mas passou a noite inteira com o pai.

— Qual é a condição de Antonio agora? — perguntou um repórter.

— *Agiato* — replicou o médico da direita. — Ele está nas melhores mãos possíveis.

— A que tratamento ele irá se submeter?

O outro médico pigarreou e iniciou um longo discurso. Na ponta da mesa, Raphael estava recostado na cadeira, desenhando em um bloco, totalmente distraído da atenção da mídia e de todas as mulheres na sala.

Ele tinha a expressão de um santo torturado em algum quadro religioso, pensou Eve, incapaz de parar de olhá-lo, ou de responder àquela aura de desolação que notara na noite anterior. Ela havia passado os últimos dois anos imaginando mortes lentas e doloridas para aquele homem, e subitamente encontrava-se querendo andar até ele, segurar-lhe o rosto nas mãos e apagar com beijos a raiva e a dor que via ali.

Meneou a cabeça com irritação. *Talvez estivesse possuída*.

— E quanto ao lançamento do perfume? Ainda vai acontecer? — o jornalista de uma revista britânica perguntou.

— Nós sentimos que Antonio gostaria disso — respondeu Alessandra Ferretti. — Ele se dedicou muito ao planejamento, e algumas das maiores celebridades do globo estão vindo para o lançamento de *Golden*, o perfume mais excitante de Lazaro, no que promete ser um evento brilhante em todos os sentidos. — Ela sorriu antes de prosseguir: — Antonio sempre coloca Lazaro em primeiro lugar. A empresa é a vida dele, e cancelar o lançamento seria um desrespeito pelo trabalho árduo de Antonio.

Mais perguntas se seguiram, a maioria dirigida a Raphael. *Quanto tempo fazia desde que ele vira o pai? Tinha voltado da América do Sul por saber que Antonio estava doente? Como Antonio parecera mais cedo na noite?*

Ele respondeu brevemente, a voz áspera pelo cansaço. Eve manteve a cabeça baixa e o gravador erguido para capturar as respostas de Raphael, temendo que tudo que gravaria seriam as batidas frenéticas de seu coração. Ao seu lado, a loura vulgar tentava ser notada para fazer uma pergunta.

— *Signor* di Lazaro! Raphael!

Subitamente, ele olhou na direção da voz. Eve congelou.

— Onde você estava ontem quando Antonio passou mal?

— Na retrospectiva.

Eve não ousou respirar. Se mantivesse a cabeça baixa e ficasse imóvel, talvez ele não a notasse. Se, pelo menos, a loura ao seu lado se calasse...

— Segundo os funcionários do palácio Salarino, eles demoraram a localizá-lo. O que você estava fazendo?

O silêncio que se seguiu pareceu interminável. Lentamente, Eve ergueu a cabeça. E encontrou os olhos dele no mesmo instante.

A expressão de Raphael era severa e erótica ao mesmo tempo, enquanto ele prendia seu olhar. E a voz era muito suave quando respondeu:

— Esta, aparentemente, é uma boa pergunta.

POR UM segundo, Raphael pensou que estivesse alucinando por causa do cansaço. Mas não havia engano quanto àqueles olhos, ou àqueles lábios suaves, que tinham preenchido sua cabeça durante as longas horas que passara ao lado da cama de hospital de seu pai.

Então ela não era modelo. Era ainda pior do que isso.

Ela era jornalista.

Raphael apertou a caneta na mão enquanto se censurava. Passar muito tempo sem dormir o deixara descuidado, mas isso não desculpava seu comportamento estúpido na noite anterior. Felizmente, o *maître* o localizara antes que as coisas fossem longe demais; caso contrário, poderia estar na primeira página de todos os jornais, cercado por palavras como *playboy* e paixão.

Olhou para onde ela estava em pé, de cabeça baixa, o rosto parcialmente escondido pelos cabelos, a ponta da caneta presa entre os lábios, e sentiu seu coração − juntamente com outras partes de sua anatomia − enrijecer.

Ele abominava jornalistas. Somente porque aquela garota parecia ter a inocência de uma santa, não seria sábio eliminar a possibilidade de que ela pudesse tentar tramar alguma história do tipo “beije e fale”. Raphael teria de segui-la e impedi-la a fazer isso.

Ela teria um preço. Todas elas tinham. E isso era tão decepcionante!

— TÁXI! TÁXI!

Eve gritou, sentindo-se ultrajada quando o quinto táxi de Florença passou sem parar. Começava a se perguntar se estava invisível.

Mas é claro que não estava. Se estivesse, teria evitado a humilhação pública nas mãos − ou olhos − de Raphael di Lazaro.

Como ele ousava olhá-la daquele jeito? Com tanto desprezo... como se ela fosse alguma forma inferior de vida?

— *Táxiiii!*

Ela bufou com raiva. Só havia uma coisa a fazer.

Achar chocolate.

O Café ali perto era pequeno, com poucas mesas na calçada, mas o aroma de café fresco e doces era irresistível. Entrando na fila de lindas pessoas no balcão, Eve estava se perguntando por que todos em Florença eram tão bonitos, quando o toque de seu celular veio do fundo da bolsa.

Prendendo a bolsa debaixo do braço, ela tateou os conteúdos até retirar o celular.

— Lou!

— Oi, querida. Você tentou me ligar. Está tudo bem?

— Onde você estava? Eu precisei de você!

— Aqui. Eu só não estava atendendo ao telefone caso fosse Marissa. Ela pensa que estou à beira da morte, lembra? Mas como vão as coisas?

— Péssimas. Eu estraguei tudo!

— Deus, Eve, é melhor não ter feito isso. Marissa vai me estrangular se descobrir que eu inventei tudo sobre seu sucesso como modelo no passado e sua incrível carreira jornalística. Diga-me que não é tão ruim assim.

Eve engoliu em seco.

— É muito pior do que você imagina.

— Eu não acredito. Mas estou ouvindo.

Esperando na fila, Eve observou a linda garota atrás do balcão servindo um *cappuccino*. Até mesmo as garçonetes de lá pareciam supermodelos. Segurou o telefone mais perto da boca e sussurrou:

— Eu beijei Raphael di Lazaro.

— Como? Não escutei. Por um momento pensei ter ouvido que você *beijou* Raphael di Lazaro! — Lou riu alto, então parou abruptamente. — Eve? Oh, Deus... foi *isto* que você disse, não foi?

— Sim.

— Bem, neste caso só uma questão vem à minha mente...

— Fantástico — sussurrou Eve, sentindo os olhos se inundarem de lágrimas. — Ele é completamente diferente do que você imagina.

— *Não*, Eve! Eu não perguntei como foi o beijo, e, sim, *por que* você o beijou?

— Oh. Eu ainda não sabia quem ele era.

— Espere aí. Eu a conheço desde que começamos a faculdade, e nunca a vi beijar um homem sem antes conhecer a mãe dele e praticar sua nova assinatura para depois que estivesse casada.

— Isso não é justo! Eu... — Eve parou quando chegou sua vez na fila. Pediu um *croissant* de chocolate e um chocolate quente.

— Vamos ser honestas, Eve — disse Lou. — Você não é o tipo de garota que beija estranhos. O que está acontecendo?

— Eu não sei, Lou. Foi estranho... Como destino ou algo assim. Eu o vi... não, *nós nos vimos*, e foi como um reconhecimento. Inevitável de alguma maneira. Como se aquilo *tivesse* de acontecer. E aconteceu. Depois do desfile, eu estava conversando com um sujeito, e ele chegou e praticamente me arrastou de lá...

— E você foi com ele? Sem protestar? Jesus, Eve!

— Eu sei, eu sei. Foi estupidez. — Eve prendeu o celular entre a orelha e o ombro e pagou à garçonete. — Mas na hora eu não... consegui resistir. Você não sabe como ele é, Lou... Há um tipo de força em Raphael...

— Havia um tipo de força em Adolf Hitler também, mas isso não o tornava o parceiro ideal. Ouça, Eve, eu não gosto disso. O que aconteceu ontem não teve nada a ver com destino. É mais provável que ele tenha se lembrado de Ellie e reconhecido você, e pretende mantê-la quieta. Isso não é seguro. Acho que devia vir para casa.

— Não. — A garçonete entregou-lhe o saco contendo o *croissant*. Prendendo-o sob o queixo enquanto esperava o troco, Eve continuou num sussurro: — Eu não vou desistir agora. Esperei dois anos para descobrir alguma coisa, *qualquer coisa*, que me levaria mais perto de entender o que aconteceu com Ellie, e agora estou aqui, e consegui pôr um rosto no nome rabiscado no papel. E subitamente nada parece encaixar, e não sei mais no que acreditar, mas uma coisa é certa... — Ela parou, pegou seu chocolate quente e saiu do balcão. — Eu não vou voltar para casa até encontrar respostas, custe o que custar. Ou vou expor di Lazaro como um traficante de drogas vulgar, ou...

Ela pausou por um segundo e deu um gole no chocolate quente, fechando os olhos enquanto saboreava o gosto rico. No instante seguinte, colidiu com alguma coisa sólida.

Chocolate quente espirrou sobre sua mão, e respingou na frente da camisa branca a poucos centímetros de seu nariz.

A camisa branca impecável e instantaneamente reconhecível.

Eve arfou em desespero.

— O que foi? Eve?

Em um único movimento hábil, Raphael di Lazaro tirou-lhe a xícara da mão e o celular entre sua orelha e ombro. A voz dele era perigosamente calma quando falou, mas os olhos brilhavam com raiva.

— Sua amiga parece estar momentaneamente sem palavras, mas posso lhe garantir que ela está bem.

O rosto de Eve queimava onde os dedos dele tinham roçado. Vagamente, pôde ouvir a voz alarmada de Lou do outro lado da linha.

— Graças a Deus. O que aconteceu?

— Nada. Apenas um pequeno acidente com chocolate quente. Diga-me, ela é sempre tão desajeitada?

Eve ouviu a risada de Lou. Traidora. Ela não estaria tão sorridente se soubesse com quem estava falando.

— Ela está usando óculos?

Raphael olhou para Eve.

— Não.

— Oh. Ela não deveria ter permissão para sair sozinha.

— Concordo plenamente, *signorina*.

Furiosa, Eve agarrou o telefone de volta.

— Certo, Lou... adorei falar com você. Mas é melhor ir dormir agora. E lembre-se... sem mais vodca no café da manhã.

Fechando o celular antes que Lou pudesse protestar, Eve firmou-se para encarar Raphael. Embora a expressão dele ainda fosse neutra e reservada, não havia engano quanto à hostilidade mascarada ali.

— Então, *signorina* Middlemiss, talvez queira me contar exatamente o que pensa que está fazendo?

Eve ergueu o queixo em desafio.

— Foi um acidente... Nada que mereça um drama. Tenho certeza de que as manchas vão sair com água...

A voz dele cortou-a como um chicote.

— Não seja infantil. Você sabe muito bem do que estou falando. Que palavras você usou? Traficante de drogas vulgar? Este dificilmente é o tipo de coisa que os leitores de *Glitterati* querem ouvir.

O desprezo no tom de voz de Raphael era como ácido numa ferida aberta. Porém, ainda mais dolorosa era a percepção de que a teoria de Lou poderia estar certa.

— Então você sabe quem sou? Eu deveria imaginar que homens como você têm espiões em todos os lugares.

Raphael ergueu uma mão. Por um segundo louco e delicioso, ela pensou que ele ia puxá-la para seus braços e beijá-la, como fizera na noite anterior. Eve ficou

horrorizada pelo desapontamento que a assolou quando ele meramente roçou os dedos no crachá de identificação preso perto do decote de sua camiseta.

— Eve Middlemiss. Assistente de Modas. *Glitterati* — ele leu, a linda boca se curvando num sorriso cruel. — Não é preciso ser um gênio para descobrir isto. Cinco minutos atrás eu não sabia quase nada a seu respeito, *signorina*, mas uma imagem está emergindo rapidamente.

— Oh, sim? Que imagem?

— A de uma jornalista tola e inexperiente de uma editora ordinária que está se envolvendo com coisas muito complexas para sua bonita cabeça loura.

Bem, ela pedira.

Raphael deu um passo atrás, quebrando o encanto no qual ela se encontrava. Com espaço para respirar, o impacto das palavras dele atingiu-a com força total.

— Você é um *porco* chauvinista! Como ousa me julgar?

Ele tirou alguma coisa do bolso e inclinou-se sobre uma das mesas ao ar livre para escrever.

— Quer mesmo que eu responda? — murmurou ele, sem olhar para cima. — Até mesmo sua amiga acha que você não deveria sair sozinha na rua.

— Minha *amiga* estava *brincando* — disse Eve entre os dentes. — Para testar o seu senso de humor.

Endireitando o corpo, Raphael apoiou-se contra a mesa e fitou-a com olhos estreitos. Então, cruzando os braços, começou a falar em italiano rápido. A voz era rouca e baixa, quase como uma carícia, fazendo sua pele formigar e os pelos de sua nuca se arrepiarem.

Subitamente, ela percebeu que Raphael tinha parado de falar e a olhava com expectativa.

— Então?

Confusa, Eve meneou a cabeça.

— Eu... desculpe, eu...

— Então você não fala o idioma. Não sabe no que está se metendo. Vá para casa.

— Está me ameaçando?

Ele suspirou, de súbito parecendo muito cansado. Notando isso, Eve sentiu novamente aquela vontade irracional de confortá-lo, de tocá-lo.

— Não, eu estou lhe avisando para ser sensata. — Raphael balançou a cabeça. — Por favor, pegue isto. Eu não sei quanto você estava esperando ganhar pelo seu "furo de reportagem", mas acho que vinte mil são mais do que suficientes para cobrir... não são?

— O quê? — Eve arfou, incrédula. — Você está me oferecendo vinte mil euros para que eu me cale e vá para casa como uma boa menina?

Ele lhe deu um sorriso sardônico.

— Você subestima minha generosidade. Estou lhe oferecendo vinte mil libras.

Chocada, ela o encarou por um longo momento, enquanto lágrimas queimavam seus olhos e um nó se formava em sua garganta, impedindo-a de falar: *A vida da minha irmã valia mais que isto!*

Um táxi estava vindo na direção deles, e Eve correu para pegá-lo. Mas as lágrimas, a falta dos óculos e seu desespero de sair dali combinaram-se para torná-la desajeitada. Houve uma freada brusca e uma buzina aguda enquanto o táxi tentava evitar atropelá-la. Num segundo, Raphael estava ao seu lado, segurando-lhe os braços e puxando-a para a calçada.

— *Voi ragazza picoola stupida* — exclamou ele. — Sua criança tola! Você poderia ter morrido! — Ele ainda lhe segurava o braço, e a frieza de momentos atrás fora substituída por fúria. — Nem mesmo sabe que, em Florença, não se fazem sinais para chamar táxis, como se faz em Londres? *Dio*, Eve!

Pálida, e com lágrimas de humilhação escorrendo pelo rosto, ela o fitou.

— Solte-me. Por favor.

Eve continuava tremendo. Foi um choque, talvez pelo modo como ele dissera seu nome, o que, nos lábios de Raphael, soava como Eva. Mas também pela percepção de que ele saltara no meio da rua para salvar a sua vida.

Ele a soltou, dando um passo abrupto atrás. Com calma deliberada, Eve virou-se para a rua e estendeu um braço para um táxi que passava.

Poderia ter beijado o motorista quando ele parou no meio-fio. Ela se voltou para Raphael, bravamente tentando sorrir através das lágrimas.

— Viu? Sou perfeitamente capaz de...

Ela arfou quando ele estendeu um braço e roçou o polegar nos seus lábios em um gesto de intimidade sensual. As pálpebras de Eve se fecharam em submissão, enquanto, por uma fração de segundo, ela pressionou os lábios contra o dedo quente, incapaz de conter a onda de calor que a envolveu.

Fitando-o, encontrou olhos frios e zombeteiros.

— Espuma do chocolate quente. O que você estava dizendo?

Raphael sorriu com ironia quando abriu a porta para ela e inclinou-se para falar com o motorista, dando um maço de notas para o homem.

Furiosa, ela bateu a porta e passou a mão na boca, tanto para apagar a sensação do polegar dele em seus lábios quanto para remover qualquer traço de espuma do chocolate quente.

— O que ele disse a você? — Eve perguntou para o motorista quando o carro partiu.

— Ele me pediu para levá-la ao aeroporto. É para onde vamos?

— Não! Leve-me para meu hotel, por favor.

— Tem certeza, *signorina*? O *signore* me pagou o bastante para levá-la ao aeroporto.

— Tenho certeza.

Era mentira. Naquele momento, ela teria dado tudo para escapar do lançamento do perfume, entrar num avião, ir para casa e nunca mais ouvir uma palavra sobre Lazaro.

CAPÍTULO TRÊS

EVE NÃO teria considerado possível estar sentada numa limusine, a caminho de um evento incrivelmente sofisticado, e ter a terrível sensação de que ia para o dentista.

No assento oposto, Sienna estendeu suas pernas longas e suspirou ao celular. Ela passara a jornada inteira ao telefone, falando com seu empresário ou com seu namorado ator, e, embora Eve soubesse que deveria ter ouvido com atenção para usar as informações no artigo, sua mente continuava se focando em seus próprios problemas.

Teoricamente, todas as evidências estavam se encaixando, e o fato de que três horas atrás Raphael di Lazaro lhe oferecera mais dinheiro para fazer nada do que o professor Swanson lhe pagava por um ano de trabalho árduo era outra razão para acreditar na culpa dele. Entretanto...

Entretanto, o homem que ela via sob o exterior reservado não era mau ou corrupto. Ele possuía integridade. E muita.

Eve descansou a testa contra a janela da limusine e fechou os olhos, pensando se não estaria confundindo a beleza e atrativos sexuais de Raphael com algo mais significativo. Aproximadamente um ano atrás, antes de conseguir o emprego na *Glitterati*, Lou escrevera um artigo sobre mulheres que se apaixonavam por prisioneiros do Corredor da Morte. Bebendo vinho barato em Oxford, Eve e Lou haviam discutido tal fenômeno, desprezando a ideia de que alguém pudesse deixar o coração regrar a cabeça de maneira tão tola.

Ela estaria similarmente iludida?

Mas não tinha imaginado a força que a guiara ao longo da passarela, como se os braços dele estivessem ao seu redor. Ou a coragem instintiva que o fizera pisar na rua e tirá-la do caminho do carro...

Não!, censurou-se. Os fatos falavam por si. O nome de Raphael estava naquele papel, bem acima da palavra *drogas*. Ele a seguira depois da conferência de imprensa e tentara comprar seu silêncio.

A Eve racional suspirou. Independentemente do que seu coração dissesse, sua cabeça sabia que ele era o suspeito mais provável. Ela fora lá para encontrar

respostas, e ainda estava determinada a fazer isso. Apenas não antecipara como seria doloroso.

Eve olhou para Sienna, ainda ao telefone. A glamourosa modelo estava sensacional, de calça branca e uma blusa dourada que caía em camadas semitransparentes de uma gargantilha de ouro no pescoço.

Elas agora já podiam ver celebridades saindo de carros como borboletas douradas de suas crisálidas. Todos vestidos de acordo com o tema da festa, e o tapete vermelho foi transformado num mar de dourado.

Sienna oferecera emprestar algum traje para Eve, mas, uma vez que a supermodelo era muito mais alta e com seios retos, isso não tinha funcionado. No final, Eve fora forçada a vestir um velho *jeans*, chinelos indianos dourados e um corpete cor de creme, cujo tom puxava levemente para o dourado. Apesar do calor, pretendera colocar uma jaqueta por cima, mas Sienna proibira, tirando-a do quarto sem ouvir seus protestos.

— É claro que não parece uma prostituta! Este é o *visual* do verão. Honestamente, Eve, pensei que você fosse uma jornalista de moda!

O carro parou e Sienna desceu graciosamente. Após um momento, Eve a seguiu, tentando pôr um sorriso confiante no rosto, mas fracassando miseravelmente.

Grãos de areia especialmente importados do Egito enfeitavam o tapete vermelho e se erguiam em minidunas na entrada da loja, a qual era ladeada por duas enormes esfinges. Mas mesmo a demonstração de extravagância não preparou Eve para o espetáculo que as esperava do lado de dentro.

— O que você acha? — perguntou Sienna, gesticulando ao redor. — Eu não lhe disse que as festas de Lazaro são sempre extravagantes?

— É irreal! — exclamou Eve, olhando em volta. Contra um pano de fundo de palmeiras artificiais douradas, mulheres vestidas de escravas "egípcias", com perucas estilo Cleópatra e batom vermelho, pulverizavam o perfume *Golden* em celebridades. O ar estava pesado com o perfume, que cheirava como uma mistura de salada de frutas e ozônio.

No centro do salão, uma fonte de três níveis, coberta pela cabeça de Tutankhamon, jorrava champanhe. Um jovem vestido de macacão dourado apareceu ao lado delas, com uma travessa de canapés. Proibida por Sienna de usar seus óculos, Eve perguntou:

— O que são?

— Camarões marinados em vodca, acabados com folha de ouro de 18 quilates — disse o jovem.

— Folha de ouro? — ecoou Eve com fraqueza.

Sienna riu.

— Não, obrigada. Vou pegar um avião esta noite. Não quero acionar os detectores de metal. Vou buscar uma bebida — ela gritou para Eve, desaparecendo no meio das celebridades.

Eve permaneceu parada ali, absorvendo o cenário excêntrico à sua volta. Subitamente, um braço lhe rodeou a cintura por trás. Ela se virou para fitar os olhos sorridentes do homem da retrospectiva. O homem de quem Raphael a roubara.

— Nós nos encontramos novamente, *anjo*. Vejo você parada aqui sozinha, e me pergunto como meu irmão pôde ser tão descuidado em deixá-la no meio desta... depravação. Você é como uma linda rosa florescendo num vaso de flores artificiais. — Ele olhou para o corpo dela preguiçosamente, enquanto esboçava um sorriso.

— Você é irmão de Raphael?

— *Si.* Meio-irmão. Mas duas vezes mais charmoso. Luca di Lazaro.

Ela apertou a mão que ele estendeu.

— Eve Middlemiss.

— Linda — murmurou ele, segurando-lhe a mão mais tempo do que o necessário. — E onde está Raphael?

— Eu não sei. — Eve sorriu. — Mas eu gostaria de encontrá-lo.

— Não se apresse, *bella*. Deixe-me lhe pegar um drinque. Está muito quente aqui, não acha? Precisamos de um daiquiri de maracujá.

— Eu não...

— Não se preocupe, *bambina*. — Ele lhe tocou o ombro nu. — Quase não tem álcool. Confie em mim.

NO ESCRITÓRIO particular de seu pai, na cobertura, Raphael manuseava o controle remoto, mudando de uma televisão de circuito fechado para outra. Antonio tinha investido na melhor tecnologia disponível para garantir um excelente sistema de segurança para Lazaro. Câmeras estavam posicionadas em locais estratégicos nos três pisos da loja, e também cobriam uma grande área da rua do lado de fora, e a informação que elas geravam era monitorada de perto por uma equipe altamente treinada.

Raphael considerara usar a equipe para vigiar Luca, mas desistira. Quanto menos gente soubesse sobre o envolvimento com tráfico de drogas de seu irmão, melhor. Aquele era um trabalho que não podia delegar a ninguém, e, se Luca

fizesse um movimento suspeito, ou se aproximasse muito de alguém, Raphael estaria observando.

Seus olhos estavam arenosos e seu corpo doía de cansaço. Depois da terrível conferência de imprensa, ele planejara retornar ao seu apartamento por algumas horas e dormir, mas o encontro com Eve Middlemiss adiara isso.

Quanto ela sabia?

Logo que a vira na conferência de imprensa, pensara que Eve era uma jornalista inescrupulosa atrás de um grande prêmio. Agora não tinha mais certeza. A ingenuidade dela parecia muito real. No entanto, tudo indicava que ela pretendia investigar sobre a questão das drogas.

Ele suspirou. A situação com Luca já era volátil o bastante sem uma jornalista loura determinada a escrever uma matéria sobre o assunto.

Uma imagem de Eve em seus braços lhe veio à cabeça, excitando-o imediatamente. Movimentando-se na cadeira, Raphael voltou a atenção ao monitor. Eve Middlemiss era uma complicação de que ele não precisava.

Os olhos de Raphael percorreram as pessoas que rodeavam a fonte. Somente a tensão de seus ombros traiu a força de sua emoção quando ele localizou Luca.

Com o rosto impassível, observou seu irmão tocar uma mecha de cabelo perto dos lábios pintados de Eve Middlemiss. Ela olhava para Luca com confiança, os lábios parcialmente entreabertos, e, depois que ele removeu os cabelos, ela os pressionou. Foi um movimento curiosamente infantil, mas muito erótico ao mesmo tempo.

Agarrando o controle remoto, Raphael estava ciente do sangue pulsando em seus ouvidos. Era um homem que vivia de acordo com seus instintos, cuja sobrevivência no volátil submundo colombiano de gangues de drogas havia dependido de sua habilidade de tomar decisões instantâneas. Todas as fibras de seu ser lhe diziam para descer e tirar Eve Middlemiss de perto de Luca.

Agora.

Mas é claro que isso estava fora de questão. Passando uma mão sobre os olhos, tentou pensar racionalmente. Tentara avisá-la. Ela não ouvira. Eve era adulta. Se ela escolhesse jogar roleta russa com o demônio, tudo que ele podia fazer era tentar antecipar quando a arma dispararia.

Raphael consultou o relógio. A festa duraria aproximadamente duas horas. Recostando-se, resignou-se à sua vigília.

Toda noção de tempo foi suspensa quando acionou o comando para que o equipamento operasse no piloto automático. Com frio distanciamento, seguiu o

pregresso de Eve e Luca durante a festa, assistindo a cada gesto, traçando cada drinque, enquanto permanecia imóvel e impassível.

Até o momento em que Luca pôs seu paletó ao redor dos ombros nus de Eve e conduziu-a em direção à saída.

Então, praguejando em italiano, Raphael atravessou a sala e saiu pela porta em segundos.

CAPÍTULO QUATRO

ERA HORA do rush.

Infiltrando-se no trânsito lento, Raphael praguejou. Desconfiava de que Luca estava levando Eve para a boate exclusiva, onde a festa de Lazaro continuaria até de manhã... Um dos lugares favoritos de Luca. Raphael perguntava-se quantas garotas haviam dado os primeiros passos na estrada do vício naquela escuridão opulenta.

Ele consultou seu relógio. O trânsito mal se movera, e já fazia quase dez minutos desde que os observara sair.

Virando à direita em uma rua que dizia ENTRADA PROIBIDA, ele acelerou, passando por latas de lixo e caixas de papelão. Considerou a possibilidade de atravessar o espaço aberto da *piazza*. Por um lado, aquilo o levaria ao seu destino em metade do tempo, mas, por outro, talvez chamasse a atenção da *polizia* e fosse obrigado a parar. E o que aconteceria com Eve então?

Ela seria mais uma das incontáveis garotas cujas vidas Luca destruíra. Somente que, desta vez, Raphael alertaria seus contatos na esquadra de drogas e se certificaria de que eles capturassem seu irmão. Uma vez que pegassem Luca em flagrante, teriam a evidência necessária para efetuar a prisão, e, já que Luca não era uma pessoa honrável a ponto de não confessar o nome de seus associados, levaria a gangue inteira para o buraco.

Aquele era um pensamento atraente.

Mais uma garota. Certamente aquele era um preço que valia a pena pagar, não era? Ele poderia pegar seu celular e ligar para o número do contato que recebera. Eles mandariam oficiais à paisana para a boate sem demora.

Na sua cabeça era tudo tão óbvio...

Mas alguma coisa em seu íntimo lhe dizia que Eve Middlemiss não era apenas mais uma garota. Raphael di Lazaro estava muito acostumado a enterrar suas emoções, fazendo de conta que queria proteger seu coração.

ENQUANTO ANDAVA de braços dados com Luca ao longo da *piazza*, Eve espiou dentro da pequena sacola que ganhara ao sair da festa, e deu um gritinho de deleite. Não era somente a ausência de seus óculos que estava dificultando seu

foco, mas podia jurar que na pequena caixa aninhada ao lado de uma miniatura do perfume *Golden* estava escrito *Tiffany*.

— Oh, Luca... veja! — Ela sorriu, extraindo o conteúdo de camadas de papel de seda. — Joia de adulto!

No momento seguinte, houve barulho de pneu cantando quando um carro esporte apareceu de uma rua lateral e parou a centímetros deles. Socando o capô, Luca xingou o motorista:

— *Idiota!* Está cego? Não sabe ler? Esta é uma zona de pedestres, e você...

Ele parou quando a porta do carro se abriu e Raphael desceu. O rosto estava pálido, mas os olhos brilhavam.

— Você nunca desiste, Luca?

A crueldade no tom de Luca fez Eve tremer:

— Relaxe por uma vez na sua triste vida, Raphael. Quando vai ver que não pode tratar mulheres como itens inconvenientes de bagagem, e abandoná-las quando lhe dá vontade? Esta gracinha estava totalmente sozinha, então cuidei dela, entretendo-a. Você deveria estar grato!

— Cuidou dela? *Benedetta Maria.* — Raphael balançou a cabeça, então se voltou para Eve. — Você não pode encontrar uma maneira de se divertir que não envolva uma experiência quase mortal?

— *Perdão?*

— Entre no carro. Eu vou levá-la para casa.

Com o coração loucamente disparado, ela meneou a cabeça.

— Eu... Você é *inacreditável*! Agora é *minha culpa* ter estado no caminho quando *você* dirigia como um louco na zona de pedestres?!

Frustrado, Raphael praguejou, enquanto recobrava a compostura. Quando falou novamente, o tom de voz era grave, e, sem seus óculos, Eve perdeu o sorriso que acompanhou as palavras:

— Na verdade, *foi* culpa sua... sim.

Eve enfureceu-se.

— *É claro.* Você tem toda razão! Naturalmente, eu devia ter me certificado de não beijar um machista cheio de testosterona. Minha culpa. Mas, então, eu era só uma jornalista tola e inexperiente de uma editora qualquer — gritou ela, ecoando as palavras dele daquela manhã. — É muito complexo para minha cabeça loura andar na rua com segurança. Eu não...

Ela não foi mais longe. Sem aviso, ele deslizou uma mão para a nuca de Eve e puxou-lhe a boca para a sua. A pressão gentil dos lábios sensuais a inundou de

calor, varrendo todos os pensamentos lógicos de sua cabeça e substituindo-os por apenas um pensamento, um desejo.

Instintivamente, seu corpo se curvou no dele, e o paletó de Luca escorregou de seus ombros, caindo, em seguida, no chão. Ela gemeu quando Raphael afastou a boca da sua para beijar o ponto sensível atrás de sua orelha.

Eve estava perdida, mergulhando nas profundezas do êxtase e não querendo ser resgatada. A respiração de Raphael era quente contra seu pescoço quando ele murmurou:

— Desculpe. *Sinto muito.* Venha comigo.

Ela o ouviu à porta do carro e abriu os olhos, saindo do mundo de fantasias. Raphael não a fitava sedutoramente, mas olhava por sobre o ombro, para onde Luca os observava enquanto falava baixinho ao celular.

— Vamos. Entre no carro.

Atordoada, Eve obedeceu, observando-o rodear o carro para se acomodar atrás do volante. O carinho de momentos atrás tinha sido substituído por total frieza. Um arrepio a percorreu ao perceber que o beijo não passara de uma tática para fazê-la entrar no carro. Como se deixara ser manipulada daquela forma? Estendeu a mão em direção à maçaneta da porta, mas desistiu.

Não. Era isso que queria.

Tinha decidido que não retornaria à Inglaterra até que encontrasse provas para condená-lo ou inocentá-lo. E não iria conseguir isso sozinha em um quarto de hotel. Talvez não tivesse planejado a mudança de eventos, mas lógica e coragem holandesa lhe diziam que aquele era um golpe de sorte.

É claro que aquela era a razão pela qual ela se sentira compelida a ficar. Isso não tinha nada a ver com o fato de que seus dedos coçavam de vontade de tocar a perna musculosa ao lado da sua, de sentir a textura dos cabelos pretos, antes de...

Pare com isso! Eve mordeu o lábio para parar o tremor, envergonhada do desejo que parecia consumi-la.

Enquanto ligava o motor, Raphael a olhou de lado, notando os lábios trêmulos e os grandes olhos assustados. Uma onda de irritação o assolou.

Estava acostumado a dar ordens e vê-las obedecidas, mas alguma coisa o avisava de que Eve Middlemiss gostava de fazer o oposto do que lhe diziam. Beijá-la tinha sido o único jeito para que ela entrasse no carro e saísse de perto de Luca. Ele não tivera escolha, disse a si mesmo.

Então, por que de repente se sentia como um monstro? Porque gostara de beijá-la? Estavam no século XXI... Certamente podia beijar alguém sem se sentir

culpado de algum tipo de violação. Sobretudo quando sua motivação visava unicamente o bem de Eve.

Unicamente?, uma vozinha o forçou a confrontar o motivo de sua culpa. Talvez não. Beijara-a porque não tivera tempo de discutir, e porque, parada ali, com olhos verdes brilhando, estivera irresistível. E isso era o que o perturbava. Ele a queria, e, por muitas razões, não *queria* querê-la.

Ao seu lado, Eve olhou disfarçadamente para sua bolsa. Pelo menos estava com seu telefone. E com seu canivete cor-de-rosa.

O canivete havia sido um presente de Lou. Uma brincadeira, porque continha todas as ferramentas necessárias para sobrevivência: uma lixa de unha, um espelho em miniatura e um saca-rolhas. Havia uma lâmina também, mas estava dura pela falta de uso − diferentemente do saca-rolhas − e Eve duvidava que pudesse sacar a lâmina com rapidez suficiente em um momento de crise. Bem, neste caso, teria de usar o saca-rolhas para remover-lhe o cérebro...

Ela riu sozinha.

Raphael a olhou.

— Alguma coisa engraçada?

— Sim, eu... — Mas a imagem mental, conjurada por acidente ou por *design freudiano*, surgiu. A risada morreu em seus lábios quando outra onda de desejo a percorreu. Eve virou a cabeça e olhou pela janela.

— Onde você está hospedada?

— Desde esta tarde, em lugar nenhum — replicou ela. — Eu fechei a conta do hotel esta manhã.

Raphael cerrou os dentes.

— Então, o que você ia fazer?

— Luca, muito amavelmente, me ofereceu uma cama... sem elos... E, se não tivesse sido por esta estúpida farsa em que estamos — ela ia falar *apaixonados*, mas mudou no último minuto — envolvidos, eu teria aceitado a oferta.

Sem elos? Conhecendo Luca, seriam correntes e algemas em vez disso. Como ela podia ser tão ingênua? Exasperado, Raphael a olhou. Sentada com a sacola brilhante de Lazaro nas mãos, torcendo a alça de corda no dedo delgado, Eve parecia muito jovem e vulnerável. Imaginá-la nas garras de Luca o deixou tonto. Ele respirou fundo e tentou manter o tom de voz neutro:

— Fique comigo.

Por um momento, ela permaneceu imóvel, então se virou com um sorriso.

— Sério? Obrigada.

ERA FÁCIL ver qual das casas estreitas de Florença era a de Raphael. Era aquela com uma multidão de *paparazzi* do lado de fora.

— Droga — reclamou Raphael, acelerando o carro e passando por eles. — Abaixe-se. Rápido.

Um grito veio da calçada enquanto um dos jornalistas perseguia o carro. Eve viu de relance a loura da conferência de imprensa, antes que a mão de Raphael agarrasse sua nuca e abaixasse sua cabeça.

O rosto dela estava pressionado contra uma coxa musculosa. Um braço forte a cobria, e o cheiro dele preenchia sua cabeça.

— O que... você está fazendo?

— A menos que você queira seu nome em todas as colunas de fofoca, fique aí — disse ele. — Temos uma tola motocicleta nos seguindo.

Eve fechou os olhos e respirou fundo, sentindo-se estranhamente segura e protegida, como quando era criança, e ela e Ellie se aconchegavam no banco de trás do carro, voltando de algum concerto no qual a mãe delas estivera cantando. O *jeans* surrado contra seu rosto era macio, e o balanço gentil do carro enquanto Raphael dirigia acalmou-a. Os daiquiris de maracujá que tomara na festa estavam gostosos, mas tinham lhe dado um sono...

Tentando atravessar um labirinto de ruas estreitas ao redor da *Piazza della Signoria*, Raphael tentou manter a mente no motociclista *paparazzo*, para esquecer a cabeça dourada em seu colo.

Impossível.

Podia sentir a respiração quente de Eve contra sua coxa, em um lugar onde a carícia da respiração de uma mulher só podia significar uma coisa...

Não pense nisto! Apertando o volante, ele procurou algo tedioso para pensar, para combater o efeito que Eve lhe causava.

Então percebeu que a moto não estava mais no seu rastro, e deu um suspiro de alívio.

— Está tudo bem, você pode levantar agora.

Ela se moveu de leve, levando uma mão ao rosto e deixando-a descansar sobre o joelho dele. Mal ousando respirar, Raphael afastou os cabelos do rosto de Eve, já sabendo o que encontraria.

Cílios escuros e longos contra as faces rosadas, a linda boca formando um biquinho... Ela estava dormindo.

Uma onda poderosa de desejo o fez gemer. Parando em um farol fechado, ele agarrou o volante com ambas as mãos para impedir-se de tocá-la.

Ela parecia uma criança, comportava-se como uma adolescente rebelde, exasperava-o em excesso e estava lhe causando muitos problemas. Mas, no momento, ele queria tanto Eve Middlemiss que não podia raciocinar claramente.

EVE ACORDOU quando ele desligou o motor. Esforçando-se para se sentar, arregalou os olhos com horror ao perceber onde estava.

— Oh, não... O que eu...

— Você dormiu — respondeu Raphael.

— Desculpe. Não sei o que deu em mim.

— Eu sei — murmurou ele sardonicamente. — No mínimo, quatro coquetéis feitos com rum; cortesia do meu querido irmão.

— Rum? Mas ele falou que quase não havia álcool no drinque.

— Imagino que sim. — Raphael saiu do carro.

Eve o seguiu.

— Onde estamos? — perguntou ela, olhando para a fachada imponente do prédio com ansiedade. Quatro andares de pedra dourada se erguiam à sua frente, adornados com delicados terraços ao longo das janelas do primeiro e segundo andares. Um lance duplo de degraus de pedra levava à porta da frente.

— Na casa do meu pai.

— Ele não vai se importar? — Eve o seguiu, atordoada por emoções conflitantes. Se ele era um traficante sádico em potencial, por que ela queria se aconchegar contra a coxa musculosa novamente?

Ele a olhou por sobre o ombro.

— Entendo que a conferência de imprensa desta manhã possa ter subido à sua cabeça, Eve, mas pensei que até mesmo você conseguisse entender os pontos principais. Antonio está no hospital. — Ela abriu a porta para um *hall* elegante. — Mas ele tem uma governanta que vai ficar contente com uma companhia enquanto meu pai está fora.

Eve parou no meio do piso de mármore e olhou em volta. Era como entrar no cenário de um dos filmes de 1950, que sua mãe tanto adorara. À sua frente, uma escadaria com um corrimão de ferro batido levava a uma galeria acima, e, no teto, as figuras de anjos saltavam em volta de guirlandas estrategicamente posicionadas.

Ela estava tão ocupada observando tudo que não havia percebido a mulher robusta de cabelos grisalhos aparecer à porta no fim do hall.

— Raphael!

— *Ciao*, Fiora. *Come stai?*

Ele deu um passo à frente para abraçá-la, e eles conversaram em italiano por um minuto, antes que Eve percebesse que ambos a olhavam. Raphael mudou para o inglês.

— Eve, esta é Fiora... A governanta valiosa e insubstituível do meu pai.

Eve sorriu, envergonhada pelo olhar curioso da mulher. O que Raphael falara a seu respeito?

— Fiora não fala muito inglês, mas tenho certeza de que vocês irão conseguir se entender. — Pegando as chaves de um console, ele começou a voltar para a porta.

Eve entrou em pânico. Ele não pretendia deixá-la lá sozinha... certo?

— Raphael...

Ele se virou, arqueando uma sobrancelha escura. Ela queria correr e abraçá-lo, suplicar que a levasse com ele, mas estava enraizada no lugar.

— Não vá — conseguiu dizer, sentindo-se enrubescer.

Por um segundo, pensou ter visto o princípio de um sorriso no rosto de Raphael, antes que ele se virasse de novo para a porta.

— Eu só vou buscar suas coisas no hotel — disse ele. — Tenho certeza de que você vai ficar bem com Fiora por meia hora.

Vermelha de humilhação, Eve seguiu Fiora escada acima.

CAPÍTULO CINCO

De onde viera aquilo?

Seguindo Fiora, Eve cerrou os dentes e manteve a cabeça baixa. *Não vá...* As próprias palavras ecoaram em sua cabeça. De onde saíra aquilo? O homem a sequestrara, e ela praticamente o estava agradecendo? Seria engraçado se não fosse tão assustador.

Bem, uma coisa era certa: não baixaria a guarda novamente.

E também não tomaria outro daiquiri de maracujá tão cedo.

Fiora parou do lado de fora de uma das portas de um grande corredor e abriu-a, permitindo que Eve entrasse.

Eve arfou.

O quarto parecia ter saído de um conto de fadas. No centro, havia uma enorme cama, e uma longa extensão de musselina branca caía romanticamente de uma cornija antiga de ouro no topo. Um pequeno sofá e duas poltronas estofadas de azul estavam arranjados em volta de uma mesa baixa, na qual jazia um bule de café e duas xícaras de porcelana chinesa.

Aquilo fazia o hotel luxuoso que ela estivera hospedada parecer não mais que um albergue de luxo.

Eve andou até as janelas e encontrou-se olhando para um jardim murado nos fundos da propriedade. As janelas se abriam para um pequeno terraço, de onde se podia apreciar a delicada fragrância de lírios e de laranjas vinda do jardim abaixo.

Atrás dela, Fiora afofava travesseiros e movia algumas das almofadas, antes de desaparecer no cômodo anexo, o qual Eve supunha ser o banheiro da suíte. Um momento depois, ela ouviu o som de água corrente.

Retornando para coletar toalhas brancas do armário, Fiora observou a expressão confusa de Eve.

— *Bagno...* Banho?

— Obrigada, mas...

— *Signor* Raphael... disse que você... *molto stanca*?

Eve deu um pequeno grito de fúria.

— Como ele ousa? De qualquer forma, não é culpa minha. É aquele perfume horrível do lançamento.

Fiora pareceu chocada, depois triste.

— Desculpe, *signorina... molto stanca...* como se diz em inglês? — Ela inclinou a cabeça para um lado e fechou os olhos.

— Sono? — sugeriu Eve, duvidosa.

— *Si!* Ele disse que você... muito sono! Falou para descansar, mas acho que depois do *bagno* vai se sentir melhor.

Sentindo-se tola e ingrata, Eve conseguiu sorrir.

— Sim. Obrigada, Fiora. Você é muito gentil.

Fiora acenou uma mão no ar.

— *Per niente. A dopo, signorina.*

Quando Fiora saiu e fechou a porta, Eve pressionou o rosto quente contra a vidraça fria. A tentação de pular do terraço e escapar pelo jardim era subitamente forte.

Deus, ela não costumava ser tão inepta. O que havia sobre Raphael di Lazaro que a transformara numa loura burra?

Ela possuía um diploma de uma das melhores faculdades britânicas, pelo amor de Deus, assim como um bom emprego e uma carteira de habilitação limpa. Todavia, nas últimas 24 horas, desde que pusera os olhos em Raphael di Lazaro, comportava-se como uma adolescente tola em sua primeira viagem ao exterior.

Se não fosse capaz de controlar a situação, era melhor voltar para casa agora.

O fato de que Raphael era muito atraente atrapalhava, mas Eve se considerava uma mulher madura e inteligente, e não como se nunca tivesse visto um homem bonito antes.

Mas o problema não era a aparência dele, e sim o homem em si.

No fundo, sabia que o verdadeiro Raphael não era o monstro que ela esperara encontrar.

Subitamente, Eve teve uma ideia, iluminando seus pensamentos tristes.

Se ela queria descobrir se ele era capaz do crime que suspeitava que fosse, precisava ver aquele lado de Raphael novamente. Mais de perto. Flertar com ele. Seduzi-lo. Remover as camadas até revelar o homem que vislumbrara diante de si na noite anterior. Então poderia ver quem ele realmente era.

Eve andou até sua bolsa e tirou uma pequena fotografia sua com Ellie da carteira. Na foto, estava sentada, um sorriso no rosto. Ellie em pé atrás, os braços sobre os ombros de Eve, a cabeça inclinada para trás numa risada. Olhando-a agora, pensou no quanto elas eram parecidas fisicamente, mas como tinham sido

diferentes na maneira de conduzir a vida. Eve sempre se orgulhara de seu temperamento estável, desaprovando o total abandono de Ellie e sua ilimitada capacidade para o divertimento. De repente, percebeu o quanto fora convencional, e decidiu que era hora de viver um pouco mais perigosamente.

A "Operação Sedução" começava ali.

Um arrepio percorreu sua coluna ao perceber que, pela primeira vez desde que deixara a Inglaterra, sentia-se propriamente assustada.

Em parte por causa do que poderia encontrar.

Mas principalmente pelo que poderia perder no processo.

RAPHAEL PÔS a mala no chão e hesitou antes de bater à porta do quarto de Eve.

Pretendera pedir que Fiora levasse as coisas, mas a encontrou na cozinha com farinha até os cotovelos. Ele tinha imaginado o brilho nos olhos escuros dela ao lhe entregar um copo de suco para que ele levasse para Eve, juntamente com instruções de avisá-la que o jantar estava quase pronto?

Seria rude recusar. Ele levara Eve para lá, afinal de contas.

Raphael pressionou o ouvido na madeira e bateu novamente. Desta vez, ouviu Eve falar alguma coisa... Não tinha certeza se era "entre", mas definitivamente não era um zangado "vá embora"... ou coisa pior.

Entrando no quarto, ele foi imediatamente atingido pelo delicado aroma floral do perfume *Lazaro*. O aparelho de som escondido tocava uma faixa de *Madame Butterfly*, a mesma que tocara quando Eve desfilara na retrospectiva, mas o quarto estava vazio.

Da porta aberta do banheiro vinha o inconfundível barulho de água.

Ela estava na banheira.

FECHANDO OS olhos, Eve afundou-se na água espumante e sentiu o estresse de seu corpo evaporar.

As primeiras estrelas começavam a surgir no céu violeta através das portas francesas, mas não havia vento perturbando as chamas das velas queimando em castiçais antigos ao redor do cômodo.

Com a enorme banheira no centro do piso, aquele era o banheiro mais fantástico que ela já vira, e descobrir um aparelho de som dentro de um dos armários do quarto − completo com uma vasta coleção de CDs − adicionara prazer ao seu banho.

Com os membros relaxados na água quente, Eve sentiu uma pulsação entre as pernas com o pensamento do que estava planejando fazer. Deixando o som

envolvê-la, cantou junto com a música, lembrando-se do olhar de Raphael enquanto ela andava ao longo da passarela. Seu corpo tremeu. Erguendo os braços acima da cabeça, cantou com todo o seu coração.

Raphael hesitou. Deveria ir embora.

Obviamente.

Mas...

Ele deu alguns passos à frente. Seus pelos se arrepiaram ao som da voz feminina sendo carregada pelo ar aromático. E ela conhecia a letra da música, percebeu com surpresa.

Raphael parou quando chegou à porta entreaberta. Engoliu em seco, conseguindo impedir-se de entrar no banheiro, mas incapaz de deter as imagens eróticas que se formavam em sua mente ao imaginá-la nua na banheira.

Ele pigarreou, tanto para chamar a atenção de sua presença quando para suavizar sua garganta constrita, que parecia dificultar a respiração.

Água espumante espirrou para fora da banheira quando Eve deu um gritinho de alarme e afundou, até que somente o queixo ficasse fora da água.

— Há quanto tempo você está aí? — perguntou ela.

— Tempo suficiente para ficar impressionado. Você tem uma linda voz. E parece que eu me enganei... Você fala italiano, afinal de contas.

— Não realmente — replicou Eve trêmula. — Apenas sei algumas das palavras de *Butterfly*, as quais nunca parecem surgir em conversas gerais. De qualquer forma — continuou ela em tom ultrajado —, há uma boa razão pela qual você entrou no meu quarto sem ser convidado? Ou só queria me matar de susto?

— Eu bati. Pensei que você tivesse dito “entre”. Fiora lhe enviou um drinque. — Ele girou os cubos de gelo no copo. — E pediu que eu lhe avisasse que o jantar será servido em meia hora, se você quiser se arrumar.

— Arrumar-me para jantar? Você é sempre tão formal?

— Eu simplesmente quis dizer vestir-se, o oposto de comer nua.

O tom de voz dele era zombeteiro. A música terminara, e um silêncio se estendeu por um momento. Eve estava satisfeita pela porta aberta entre os dois, de modo que ele não podia ver o rubor que subiu às suas faces com a ideia de compartilhar uma refeição com ele... nua.

— Não parece uma boa ideia — murmurou Eve. — Especialmente se sopa estiver no menu.

— Não esta noite, mas, mesmo assim... Espero você em meia hora.

Eve suspirou em frustração depois que ele saiu. A "Operação Sedução" não começara bem. Raphael não apenas a pegara de surpresa, em vez de vê-la sofisticada e misteriosa, como destruíra sua atmosfera de relaxamento. Irritada, Eve tomou uma ducha antes de sair da banheira e procurar uma toalha.

— Droga!

Ainda pingando e com frio, ela foi em direção ao quarto, onde a pilha de toalhas que Fiora deixara ainda estava sobre a cama. Já havia anoitecido, e a única luz do banheiro vinha das velas. O resto do cômodo estava escuro. No caminho para o quarto, Eve viu seu reflexo no enorme espelho.

Parou, subitamente insegura. O plano era ridículo. Como uma garota pateticamente inibida e inexperiente seduziria um homem como Raphael di Lazaro? Isso seria possível?

Vagarosamente, estudou-se no espelho, encolhendo a barriga e empinando os seios, então erguendo os cabelos no topo da cabeça e segurando-os ali. Suas faces estavam rosadas pelo calor do banho, e as chamas das velas lançavam um brilho dourado em seus seios generosos e quadris arredondados. Gotas de água ainda reluziam em seus braços e pescoço, e escorriam lentamente, acariciando entre seus seios.

— Você vai precisar disto.

A voz de Raphael vinda da porta a assustou. Segurando uma das toalhas enormes, ele se aproximou, a expressão séria e ilegível.

— Obrigada. Eu posso...

Em transe, ela assistiu pelo espelho quando ele envolveu a toalha ao seu redor. Os movimentos eram firmes no momento em que ele lhe esfregou os braços através do tecido felpudo, e os protestos de Eve morreram nos lábios enquanto ela se submetia às carícias. Meio hipnotizada, notou o brilho de desejo nos próprios olhos e os lábios entreabertos. Umedeceu-os com a língua.

Eve tropeçou quando ele a soltou abruptamente.

— Pronto. Agora você acha que consegue se vestir sozinha, ou devo mandar Fiora subir?

A voz de Raphael era fria e sardônica. Eve ergueu o queixo ao registrar a indiferença dele. Apertando mais a toalha ao seu redor, ela saiu do banheiro com a máxima dignidade que conseguiu reunir, batendo a porta.

ENQUANTO APAGAVA as velas, Raphael estava dolorosamente ciente do simbolismo irônico do gesto.

Se apenas as chamas de seu próprio desejo pudessem ser apagadas tão facilmente...

Tinha sido um erro levar Eve para lá. Deveria ter pagado o hotel para que ela ficasse mais uma noite, convencendo-a de pegar um voo para Londres na manhã seguinte. Não que fosse fácil convencê-la de qualquer coisa, mas talvez a amiga de Eve, com quem ele falara ao telefone naquela manhã, pudesse ser uma aliada...

Naquele exato momento, ouviu o toque do celular. Na semiescuridão, não foi difícil ver a luzinha verde piscando sobre o balcão de mármore, e ele o pegou, imaginando se poderia ser a mesma garota.

Praguejou baixinho ao reconhecer o número no visor.

Luca.

Não. Não possuía escolha senão manter Eve ao seu lado, percebeu, guardando o celular no bolso. Luca não desistira, e Raphael estava determinado a fazer qualquer coisa que fosse necessária para protegê-la. Dois anos atrás, seu orgulho o impedira de proteger Catalina. Não cometeria o mesmo erro.

Além disso, Eve não era confiável. Uma irritação o percorreu ao pensar que ela quase o fizera esquecer sua profissão e o motivo que a levara até lá. *Ela era jornalista.*

Até que Luca estivesse seguramente preso, Raphael não sairia de perto de Eve Middlemiss. Independentemente do quanto aquilo fizesse ambos sofrerem.

CAPÍTULO SEIS

O HALL DE entrada estava escuro e silencioso quando Eve desceu as escadas, vinte minutos depois. Sob a seda fina de seu vestido, podia sentir o coração batendo descompassado diante da perspectiva aterrorizadora e excitante do que estava prestes a fazer.

Nunca antes tinha se programado para seduzir alguém, e a ideia a apavorava. Mas também a excitava.

Atravessando o *hall* elegante em direção à porta iluminada do salão, alisou a seda do vestido sobre os quadris.

Era o mesmo vestido que usara na festa da retrospectiva, e a única coisa remotamente *sexy* que levara consigo. A despeito do calor da noite, acrescentara um casaquinho de *cashmere* verde-oliva, que realçava a cor de seus olhos. E, mais importante, escondia o relevo revelador de seus mamilos, que, após o encontro com Raphael no banheiro, insistiam em lembrá-la de seu permanente estado de excitação.

A sala estava suavemente iluminada por lampiões, e o perfume de gardênia e rosas ultrapassava as portas abertas, através das quais Eve podia ver o brilho dos candelabros de cristal. Ela estava tremendo quando atravessou o piso de madeira polida.

À porta, hesitou. Na varanda, uma mesa estava lindamente posta com toalha branca e talheres de prata. Um vaso preenchido com pétalas de rosas jazia ao lado de um castiçal de prata no centro da mesa, cuja vela lançava sua luz suave no crepúsculo violeta.

A cabeça de Raphael estava curvada sobre o jornal, um leve franzido de concentração na testa, sobre a qual uma mecha de cabelo caía. Quando Eve observou, ele a jogou para trás com seus dedos bronzeados. O gesto era inconsciente, mas deliciosamente *sexy*.

Ela devia ter produzido algum som, porque ele levantou os olhos do jornal. A expressão de Raphael não mudou, mas seus olhos não a deixaram enquanto ele se levantava e lhe puxava uma cadeira.

— Vejo que se vestiu, afinal de contas.

Eve sentou-se, de repente com medo de que seus joelhos pudessem fraquejar. Havia algo muito íntimo na varanda parcamente iluminada, e a atmosfera parecia carregar alguma força elétrica invisível.

— Sim.

Ele pegou uma garrafa de pró-seco do balde de gelo e despejou-o em finas taças de cristal.

— Como pode ver, Fiora não poupa esforços. — Raphael deu um sorriso irônico. — Neste caso, ela parece ter interpretado de forma errada a situação.

Eve pegou a taça oferecida, tentando não tremer quando seus dedos roçaram os dele.

— Está tudo lindo.

Ele olhou em volta, como se notando pela primeira vez.

— Está. Bonito, mas opressivo. — Raphael deu uma risada curta, sem humor. — Bem-vinda ao mundo de Lazaro. As aparências são tudo.

— Você cresceu aqui?

— Sim.

Eve deu um gole do vinho, intrigada com a imagem de Raphael como um garotinho naquelas salas vastas e formais. De súbito, a impenetrabilidade dele parecia mais compreensível.

— Como foi? Não posso imaginar que era uma casa em que as crianças sentiam-se muito confortáveis. Você e Luca tiveram um tempo louco, deslizando pelos corrimões e recebendo broncas por dirigir seus carrinhos de brinquedo sobre a mobília antiga?

— Não exatamente. Luca e eu podemos ser irmãos... meio-irmãos, para ser mais preciso... mas quase não nos conhecemos.

— E quase não se suportam, também?

Ele fez uma careta.

— Como adivinhou?

Ela pausou, traçando a haste da taça com os dedos, tentando focar-se no que ele dizia, em vez de na corrente elétrica irradiando-se em volta de sua pélvis.

— Oh, deixe-me ver... Poderia ser pela maneira desafeiçoada que você o cumprimentou na festa da retrospectiva, e novamente hoje? Em ambas as ocasiões, tive a distinta impressão de que você preferiria estrangulá-lo a apertar-lhe a mão num comprimento.

Raphael deu-lhe um sorriso cativante.

— Foi assim tão óbvio?

— Acredito que sim. Mesmo para alguém tão "boba e inexperiente" como eu. — Eve o olhou através de cílios baixos e sorriu provocadoramente. — O que eu ainda não descobri é por quê.

Considerando que ela não tinha a menor experiência em flertes, estava se saindo bem. Mas flertar com Raphael era tão fácil quanto respirar. A maneira como ele movia as mãos ao falar, o triângulo de pele bronzeada sob o colarinho aberto da camisa azul, e aquela boca...

O que não tornava tão fácil lembrar que aquilo era apenas uma manobra em um jogo. Estava representando um papel, nada mais. Atuando cinicamente como um meio para atingir um fim. O pensamento a fez sentir-se desconfortável, como a dor pulsante entre suas coxas.

— Por que, o quê?

— Por que você o detesta tanto que teve de mentir para ele sobre nós estarmos juntos? Foi apenas para se certificar de que ele não tivesse algo que você não teve, independentemente de querer isso realmente?

— Quem disse que eu não queria?

Eve foi poupada de responder, porque, naquele momento, Fiora chegou com a comida. O que era ótimo, pois Eve não precisava ter falado, de qualquer modo. A eletricidade no ar entre ela e Raphael poderia iluminar uma cidade inteira.

Fiora colocou uma travessa de salada e uma cesta de pão cheiroso sobre a mesa, seguida por risoto e brotos de aspargos.

Eve pegou um dos aspargos e levou aos lábios. Estava delicioso... A essência do verão italiano concentrado no gosto distinto... E ela fechou os olhos para saboreá-lo, percebendo o quanto estava faminta. Quando os reabriu foi para ver Raphael recostado na cadeira, observando-a intensamente, a expressão indecifrável.

Eve corou enquanto lambia o azeite cheiroso dos dedos. Seu *cashmere* tinha escorregado dos ombros, e seus mamilos estavam salientes contra a seda do vestido.

Ela olhou para baixo, pegando uma das pétalas de rosa do vaso e alisando sua superfície com os dedos. Lembranças das mãos de Raphael sobre seu corpo no banheiro lhe voltaram à cabeça em uma onda de calor.

Era como se ele tivesse lido sua mente.

— Então parece, *signorina* Middlemiss, que você é um talento oculto. De onde vem essa excepcional voz cantante?

— Minha mãe era cantora. Uma soprano. Minha irmã e eu passamos nossa infância indo de um concerto a outro, dormindo em vestiários e fazendo nossos

deveres de escola durante ensaios de orquestras.

Raphael alçou uma sobrancelha.

— Seu pai?

— Primeiro violino. — Ela pausou. — Aparentemente.

— Você nunca o conheceu?

A voz de Raphael era gentil e ela se viu não querendo encontrar-lhe os olhos. Era impossível odiá-lo quando ele falava daquele jeito suave.

— Não.

— Sorte sua — disse ele após uma pausa. — Eu frequentemente me pego querendo dizer o mesmo.

Eve sorriu, grata porque ele fora sensível o suficiente para perceber que ela não queria falar sobre aquilo.

— Como está seu pai? Teve alguma notícia do hospital?

— Sem mudanças no quadro. Parece que o coração está fraco. Embora me surpreenda o fato de que ele tenha um. Nunca vi muita evidência dos sentimentos de meu pai enquanto eu crescia.

— E sua mãe? Vocês eram muito íntimos?

Raphael subitamente ficou muito quieto.

— Sim. Ela morreu quando eu tinha sete anos.

— Oh, Raphael... — O sussurro saiu de seus lábios como uma carícia, antes que ela pudesse evitar. Se ele notou, não demonstrou.

Descansando o garfo, ele se recostou na cadeira e continuou:

— Meu pai casou-se de novo logo depois. Eu era um empecilho ao lado de sua nova esposa; portanto, quando Luca nasceu, fui encarcerado num colégio interno. Por conseguinte, nossa falta de devoção fraternal.

Apesar do tom sardônico dele, Eve detectou a mágoa por trás das palavras.

— Minha irmã e eu sempre quisemos ir para um internato. Parecia-nos que iríamos para o céu. Você foi feliz lá?

— Não. Era o inferno. — Pegando um pãozinho, ele o cortou com seus longos dedos. — Eu detestava os dias cinzentos e o frio. Meu pai não era o melhor correspondente... Absorvido demais com sua nova família — murmurou Raphael com amargura. — E suponho que eu ainda não tinha me recuperado da morte de minha mãe.

— É claro que não! Você era apenas um garotinho. Mesmo com o amor e compreensão de seu pai, teria sido impossível recuperar-se de uma perda assim.

Servindo-a de mais pró-seco, ele riu.

— Você está certa. Infelizmente, na ausência de amor e compreensão de meu pai, cresci amargo e emocionalmente fracassado...

— Não diga isso.

Eve falou num sussurro. Era como se não pudesse suportar ouvi-lo dizer as coisas que sua cabeça desconfiava serem verdadeiras, e que seu próprio coração estava tentando negar. Raphael parou abruptamente e passou uma mão sobre o rosto.

Ele estava muito quieto, mas a fitava com intensidade. Por um momento, nenhum dos dois se moveu. Aquele era o momento perfeito para que Eve colocasse seu plano em ação... Mas não foi nisso que pensou quando se levantou e rodeou a mesa em direção a Raphael.

Na verdade, não estava pensando, mas agindo por puro instinto.

Seu braço nu roçou o vaso de rosas, causando um arrepio em sua pele sensível e enviando uma cascata de pétalas sobre a mesa. Como em um transe, Eve pressionou a palma da mão contra a face dele. O olhar de Raphael permaneceu fixo no seu, intenso e impenetrável. E, então, dedos longos fecharam-se sobre sua mão, puxando-a em direção a ele, até que as bocas de ambos se encontrassem.

Foi como morrer e renascer. Adrenalina, desejo e pura eletricidade sexual envolveram-na quando seus lábios entreabertos foram cobertos num beijo ardente. Ela estava vagamente consciente de aninhar-se para mais perto, mas era como se estivesse sob o controle de um ser superior, obedecendo a um imperativo que não questionou nem entendeu. Tudo que sabia era que a sensação das mãos másculas em seus cabelos, acariciando-lhe as costas, movendo-se para baixo para firmar a curva de seu traseiro... era a coisa mais erótica que já experimentara.

Eve sentou-se sobre os joelhos dele, montando-o, a seda fina de seu vestido subindo para cima de suas coxas. As mãos de Raphael encontraram a pele quente, os polegares fazendo círculos em sua carne trêmula, enquanto suas bocas continuavam numa exploração selvagem.

Subitamente, ele deu um gemido gutural e afastou os lábios dos dela.

Eve teve consciência dos dedos fortes se fechando sobre seus pulsos, quando Raphael tirou-lhe as mãos do rosto dele.

Espantada, desolada, ela se ergueu, levando uma mão aos lábios inchados.

— O que...

Raphael quase não a olhou. Seu rosto estava rígido como granito.

— Fiora.

Eve girou quando Fiora irrompeu na varanda. Os pequenos olhos da mulher estavam arregalados, e ela começou a tirar a mesa, tentando, sem sucesso, esconder o sorriso largo.

— Aqui... deixe-me ajudar.

Eve caminhou em frente, precisando fazer alguma coisa para não ver o olhar de desespero no rosto de Raphael. Enquanto ajudava Fiora a carregar a louça para a cozinha, sua mente estava disparando, assim como sua pulsação.

Era o que ela planejara. Então, por que parecia como se tivesse sido atropelada por um trem expresso?

E por que queria deitar de volta no trilho e ser atropelada novamente?

DEPOIS QUE elas se foram para a cozinha, Raphael deu um suspiro profundo e enterrou o rosto nas mãos, antes de sorver o resto de seu vinho num gole só. O aparecimento de Fiora fora uma coincidência. Ele iria interromper o beijo de qualquer forma, e explicar a Eve que o que estavam fazendo era impossível.

Por alguns momentos, havia perdido o controle, e isso era o mais difícil de aceitar. O que o possuíra? Por que havia lhe contado todos os detalhes de sua infância miserável?

Estar de volta naquela casa. Lembranças e memórias demais. Muita infelicidade e ressentimento. Esse era o motivo.

Todavia, levara outras mulheres ali antes, e nenhuma delas jamais suspeitara que, para Raphael, aquela casa não representava um confortável lar familiar. Catalina, a mulher com a qual quase se casara, certamente não suspeitara.

Eve, sim.

Mas ele não deveria confundir a habilidade de ouvir que ela possuía com alguma outra coisa. Afinal, Eve era jornalista, *per l'amore di Dio*. Usar astúcia feminina para extrair informação era provavelmente um dos módulos de treinamento que ela fizera na faculdade. Com louvor.

Talvez fosse mais esperta do que parecia. Talvez aquela expressão sonolenta e sedutora nos olhos esverdeados fosse cuidadosamente cultivada. Talvez aquele beijo tivesse sido parte de um ato, e não tivera nada a ver com amor...

Ele suspirou. *Amor?* De onde tirara isso? Era uma palavra que havia banido de seu vocabulário e de seu repertório emocional anos atrás... Provavelmente na ocasião em que Catalina o acusara de ser incapaz do sentimento.

Ele não se importara em discutir com ela. Nunca a amara realmente. Desejara-a, sim, e apreciara a relação sexual dos dois, mas Catalina nunca mexera com ele daquela maneira visceral, arrebatadora, que, para Raphael, significava amor.

Ele franziu o cenho quando culpa o assolou. Não lhe ocorrera que ela não se sentira daquele jeito também, até que Catalina partira com Luca, e Raphael tivera de conviver com o conhecimento do que acontecera a ela como resultado do rompimento deles. Mas aprendera a lição, e jurara nunca mais se arriscar a causar tal dor em alguém.

E isso incluía Eve Middlemiss.

Ela era apenas uma garota... 21 ou 22 anos, no máximo.

Ele a levara lá para protegê-la, não para se aproveitar dela.

De agora em diante, Eve estava completamente fora de cogitação.

DEPOIS DO calor opressivo da cozinha, o ar quente da noite era uma carícia na pele de Eve, e ela deu um suspiro profundo quando voltou para a varanda. As duas pequeninas xícaras de café que carregava oscilavam levemente em suas mãos trêmulas.

A cozinha era imaculada e Fiora certificara-se de apagar todas as luzes do andar térreo, exceto as do salão, antes de retirar-se para seu quarto. Assegurando-lhe de que eles tomariam conta de tudo o mais, Eve dissera "boa noite" e observara-a galgar as escadas dos fundos.

Sua mente estava confusa. Esta era a verdade.

Ela parou, sentindo o suor porejar sua testa. A pulsação entre suas pernas era insistente, e a força de sua resposta a assustava. Talvez fosse algum instinto primário por autopreservação, que, naquele momento, não a permitia fazer a conexão entre a morte de Ellie e o homem de quem estava prestes a aproximar...

Talvez fosse apenas uma luxúria antiquada e egoísta.

Tremendo, Eve mordeu o lábio, assaltada por dúvida. E se ele a rejeitasse? Lembrou-se do momento frio na conferência da imprensa, quando lhe fitara os olhos e encontrara apenas desprazer.

Mas não podia voltar atrás agora. Não por Ellie. Não por si mesma.

Caminhou em direção à mesa. Raphael estava reclinado na cadeira, as pernas longas estendidas. Ao se aproximar mais, Eve percebeu que ele dormia.

A cabeça estava apoiada em um braço dobrado e, apesar do óbvio desconforto da posição, ele parecia em paz. O sono tinha suavizado suas feições e alisado as linhas de amargura e cinismo.

Oh, Deus, ele era perfeito.

Decepção lutou contra um agudo senso de frustração quando ela se ajoelhou ao seu lado e gentilmente pegou-lhe a mão do braço livre.

— Raphael?

Ele não se mexeu. Quase não respirando, ela lhe virou a mão. A manga da camisa estava enrolada e Eve a ergueu um pouco mais. Com o coração disparado, seus olhos percorreram a parte interna do braço forte. A pele ali era bronzeada, lisa e uniforme.

Não havia sinal de cicatrizes causadas pelo abuso de drogas que haviam desfigurado os braços de Ellie quando Eve a encontrara no necrotério do hospital.

Ela fechou os olhos por um segundo, reprimindo a imagem que assombrava seus pesadelos. Gentilmente recolocando a mão de Raphael no lugar, sentiu um grande alívio. Mas então pensou que somente porque ele não mostrava sinais de ser um usuário, não significava que não podia fornecer as drogas.

Mas isso era improvável, não era?

A noite começava a esfriar, e subitamente Eve percebeu que estava tremendo. Curvando-se, pôs os lábios na orelha dele e sussurrou:

— Raphael.

O cheiro de limão e sândalo da pele dele a fez ofegar. Então ela viu a pulsação acelerada na base do pescoço de Raphael, e teve de endireitar o corpo para impedir-se de tocar o ponto com a língua.

Raphael continuava dormindo, mas um sorriso suave curvava os cantos de sua boca. Tirando seu *cashmere*, Eve colocou-o sobre as costas largas, questionando-se por que deveria querer tomar conta daquele homem.

Pegando as xícaras de café frio, virou-se para voltar para dentro da casa quando o toque de um celular a fez parar.

Seu primeiro pensamento foi que era o *seu* celular, e deveria silenciá-lo antes que o acordasse.

Seu segundo pensamento foi que não estava na posse de seu aparelho. Portanto, onde ele poderia estar?

Eve recolocou as xícaras sobre a mesa e seguiu o som. Vinha da direção de Raphael... Talvez o celular dele tivesse o mesmo toque que o seu. Inclinando-se sobre ele, ela enfiou as mãos em ambos os bolsos frontais do *jeans* masculino.

Nada.

O telefone continuava a tocar. Mudando de posição, conseguiu tocar de leve os bolsos traseiros sem acordá-lo. Gentilmente, retirou o celular de um dos bolsos.

Era o *seu* telefone.

Tipicamente, naquele momento o som parou, e Eve foi deixada em um repentino silêncio, sentindo-se mais sozinha do que jamais se sentira na vida.

NA SEGURANÇA de seu quarto, atirou-se na cama sem sequer importar-se em acender a luz e retornou a ligação de Lou.

— Eve! Eu estava prestes a reportá-la como uma pessoa desaparecida. O que está acontecendo?

— Meu telefone estava desaparecido, não eu.

— Vamos começar pelo princípio, então. Onde você está?

Eve suspirou.

— No paraíso. Na mansão de Antonio di Lazaro, nos arredores de Florença.

— Com?

— Raphael.

Houve um longo silêncio no outro lado da linha. Quando Lou finalmente falou, sua voz era angustiada:

— Quer que eu chame a polícia agora, ou prefere esperar até que ele aponte um revólver para sua cabeça?

Eve esfregou seus olhos fechados.

— Não faça isso, Lou. Não é assim. Honestamente, não corro nenhum perigo.

Exceto de minhas próprias emoções alvoroçadas.

— Como sabe disso?

— Simplesmente sei. Sinto-me segura.

— Oh, entendo! Está tudo bem, então, não está? *Você se sente segura!* Esta é a coisa mais ridícula que eu já ouvi desde... bem, desde esta manhã, quando você falou que Raphael di Lazaro "possuía uma força" ou algo assim. Ele fez uma lavagem cerebral em você?

— Não — replicou Eve. — Ouça, Lou, sei que isso parece loucura, e não tenho certeza do que está acontecendo comigo, mas meus instintos me dizem que Raphael di Lazaro não é um traficante.

— E a evidência para esta interessante hipótese é...

— Nenhuma ainda. Mas não voltarei até que eu prove isso.

— Ou que prove o contrário. Nesse caso, talvez você não esteja mais viva.

Depois que desligou o telefone, Eve foi para a penteadeira. Sua cabeça doía do esforço de tanto pensar, e por não usar seus óculos por dois dias, e seu rosto estava pálido na luz fantasmagórica.

Nunca mentira para Lou antes, e jamais guardara um segredo dela... Então, por que estava começando agora? Por que não contara à sua amiga que Raphael tinha usado seus poderes de sedução para colocá-la dentro do carro, e depois lhe oferecera vinte mil libras para ir para casa e calar a boca?

E que, há pouco, ele roubara seu celular, efetivamente deixando-a sem contato com o mundo exterior?

Por que não contara tudo isso para Lou?

Porque, admitiu, seus instintos não valiam nada contra tais evidências.

CAPÍTULO SETE

RAPHAEL ACORDOU aos poucos, sentindo-se tão grogue que não estava certo do que era real e do que havia sonhado.

Eve.

Ele ouviu o sussurro dela no seu ouvido. Sentiu a carícia da respiração no seu pescoço, a pressão dos dedos delicados na sua pele. O cheiro dela enchia sua cabeça, parecendo envolvê-lo em calor e conforto, até que abriu os olhos, esperando encontrá-la ao seu lado.

Estava sozinho na varanda escura. As velas haviam se apagado e o café sobre a mesa estava gelado. Mas a sutil fragrância floral persistia. Ele levou um momento para perceber que o cheiro vinha do xale macio que ela usara naquela noite, e que o cobria agora.

Resistindo à tentação de enterrar seu rosto no tecido e respirar o perfume delicioso, gemeu quando os eventos da noite voltaram à memória.

Aquele beijo. O prazer tolo, egoísta e impulsivo daquele beijo.

Pretendera conversar seriamente com Eve quando ela voltasse, deixando claro que aquilo tinha sido um erro. Mas então adormecera. E ela voltara e o cobrira com o xale para que ele não sentisse frio.

Raphael removeu o xale e levantou-se, instintivamente tocando os bolsos. Quase no mesmo instante em que se recordou que ainda tinha o celular dela, deu falta do telefone e praguejou.

Então os seios quentes a centímetros de seu rosto, e as mãos delicadas movendo-se pelo seu corpo... não fora um sonho. Subindo vagarosamente as escadas, ele bocejou. Pelo menos algumas horas de sono amenizariam o cansaço que entorpecia todos os nervos de seu corpo. Se ao menos fosse tão fácil satisfazer a dor profunda que pulsava no seu baixo-ventre...

Ele parou do lado de fora do quarto dela, tomado por sentimentos conflitantes que não queria analisar agora. Mas, um segundo depois, tudo aquilo foi tirado de sua mente quando um grito rompeu o silêncio.

O HOMEM ESTAVA tão perto que ela quase podia sentir o calor da respiração dele no seu pescoço. Mas era sempre a mesma coisa: quanto mais perto ele chegava, mais difícil era continuar fugindo, até que ela se sentia como se estivesse em

areia movediça, e sabia que ele a pegaria também, como pegara Ellie. Sentiu mãos quentes agarrando-a e soltou um grito de puro terror.

— *Shh... Está tudo bem. Shh... Você está segura.*

Um par de braços fortes segurou-a, fazendo-a gritar novamente, aterrorizada.

— Eve! *Eve!* Está tudo bem. É apenas um sonho. Você está em segurança.

Era a voz de Raphael, junto à sua orelha. Eram os braços dele em volta de seu corpo, as mãos fortes lhe acariciando os cabelos ensopados de suor, fazendo o pesadelo desaparecer. Aliviada, Eve tombou contra o peito largo, grata pelo calor e força dele.

Gradualmente, sua respiração estabilizou-se e o tremor diminuiu sob as mãos carinhosas. Mas ela não queria que ele parasse. O único som no quarto vinha das batidas do coração dele debaixo de suas orelhas, acalmando-a tanto que ela adormeceu.

Gentilmente, Raphael a deitou sobre os travesseiros. Eve estava ciente de que sua camiseta erguera-se, mas seu constrangimento foi dissipado pela repentina desolação que sentiu ao perder contato com o corpo poderoso. Raphael a cobriu novamente, depois se levantou.

Com os olhos semicerrados, Eve observou-o curvar-se para pegar o *laptop* e diversas páginas com ideias para o artigo, que ela devia ter derrubado quando adormecera. Antes de apagar a luz, ele pausou por um momento e a olhou.

— Obrigada — murmurou ela.

Raphael sacudiu a cabeça. Depois apagou a luz e foi embora.

O SOL ESTAVA já alto no céu quando Eve desceu as escadas, envergonhada e constrangida diante da perspectiva de ver Raphael novamente.

Então conseguira ser uma tola completa duas vezes numa única noite.

E, em ambas as ocasiões, Raphael comportara-se com dignidade e cavalheirismo.

Ela acordara mais cedo e tentara fazer algum progresso no artigo, mas, independentemente do quanto tentasse, as palavras não surgiriam. Sienna e seu passado pareciam estar há anos-luz... Parte de outra vida, quando ela era dona de suas próprias ações. Desde então, seu coração parecia ter assumido o controle, ignorando a voz da razão, como a discussão com Lou na noite anterior demonstrara.

Não podia culpar Lou por se mostrar aborrecida. No lugar de sua amiga, também estaria. Era somente que, ali, perto de Raphael di Lazaro, Eve nunca se sentira mais segura em toda sua vida.

Encontrou Fiora no salão, tirando o pó de porta-retratos que congestionavam a superfície do piano de cauda. Raios de sol se infiltravam pelas três janelas francesas, aquecendo o ambiente.

— *Buonogiorno, signorina.* Dormiu bem?

— Bem, obrigada, Fiora — mentiu Eve. — É tão tranquilo aqui, tão pacífico.

— *Si, signorina. Signor* di Lazaro sempre diz isso também. Aqui é o único lugar que ele dorme bem.

— Raphael?

— Não, *signor* Antonio. — Ela suspirou. — Ele está sempre cansado *ultimamente*. Agora sabemos por que...

Lágrimas encheram os pequenos olhos escuros, e ela abaixou a cabeça para limpar o porta-retratos na mão.

— Não fique preocupada, Fiora. Estou certa de que *signor* Antonio sairá do hospital e voltará para cá, onde você poderá tomar conta dele o tempo todo.

— *Si, si... spero...* — Fiora fungou, olhando para a fotografia que mostrava um Antonio em traje de gala, de braços dados com alguém que parecia uma estrela do cinema italiano. — Estas *infermieras...* não o conhecem. Ele não é um homem fácil. Muito exigente. Mas no fundo... é um homem bom.

Não de acordo com Raphael, pensou Eve.

— Você trabalha para ele há muito tempo?

— *Trentacinque anni...* 35 anos. Comecei quando ele trouxe Isabella aqui como sua jovem noiva.

— A mãe de Raphael?

— *Si.* — Fiora recolocou a fotografia entre as outras. A maioria delas era de Antonio, formalmente vestido, com uma variedade de mulheres nos braços. Eve imaginou qual delas seria Isabella.

— Como era ela?

Fiora pegou uma pequena foto e entregou-lhe. Era de uma garota muito linda, segurando um garotinho no colo. O coração de Eve balançou ao reconhecer os olhos grandes e escuros da criança, com longos cílios e uma boca perfeitamente moldada. Isabella usava um vestido simples verde-água, com um minúsculo ramalhete de rosas artificiais entre os seios. Fitava a câmera, sorrindo amplamente, enquanto Raphael estudava o rosto da mãe com uma intensidade que fez o coração de Eve doer por ele.

— Raphael é muito parecido com ela.

— *Si, l'aspetto*, talvez. Na personalidade, ele é como *signor* Antonio.

Eve olhou-a em surpresa.

— Verdade? Eu pensei...

— Oh, eles brigam, *certo*, mas é porque são iguais. *Ostinato, orgoglioso, difficile...* — Ela riu. — Eles sempre acham que estão certos! Por isso não combinam.

— Ela era muito bonita. *Molto bella.* E muito jovem.

— *Ventuno* quando se casaram.

Vinte e um anos. *A mesma idade que eu*, pensou Eve. Mas desviou o olhar de Isabella e focou-o no garotinho. Sem pensar, passou o polegar sobre o rosto dele, como se tentando apagar a angústia que via nos profundos olhos escuros.

— Dá para ver o quanto ele a ama. A morte da mãe deve ter sido devastadora para Raphael.

Ela falou quase para si mesma, assumindo que Fiora não entenderia. Para sua surpresa, a governanta respondeu:

— *Si.* Para uma criança, ver tal coisa... — A voz falhou e ela sacudiu a cabeça tristemente.

No curto silêncio que se seguiu, o estômago de Eve roncou.

— *Signorina, mi dispiace... Colalzione! Poverina!* Venha, venha comigo.

Pensativamente, Eve repôs a foto sobre o piano, desta vez posicionando-a bem na frente e obscurecendo, assim, Antonio e a atriz de cinema.

Mil perguntas surgiram na sua mente, mas Fiora já tinha ido para a cozinha.

Com um último olhar para a expressão triste do garotinho, Ela seguiu.

Ela tomou seu café na varanda. Na luz brilhante da manhã, nenhuma evidência restava do que havia acontecido ali na noite passada, a não ser diversas pétalas de rosas espalhadas pelo chão ao lado da cadeira de Raphael.

Eve curvou-se para pegar uma pétala, amassando-a entre os dedos e liberando sua fragrância sensual. Instantaneamente, lembrou-se do momento quando lhe tocara o rosto, e ele a puxara para beijá-lo. Uma onda de êxtase agridoce a invadiu.

Naquele momento, estivera tão segura de si, tão confiante de seu plano bobo... Agora, aquilo parecia risível. Pensara que, ficando mais perto de Raphael, seria capaz de ver as coisas mais claramente; todavia, quanto mais se aproximava, mais ele a deslumbrava.

Olhando para baixo, viu que ainda segurava a pétala, totalmente amassada.

Aquilo parecia um mau presságio.

Além da varanda, um vasto gramado estendia-se até uma fileira de ciprestes a distância, ao longo de um muro de pedra.

De repente, uma vontade de fugir da casa era opressiva. Largando a pétala amassada, ela foi em direção aos ciprestes.

Quando chegou mais perto, viu que o muro fazia fundo para uma construção baixa e térrea, com um teto inclinado. Após breve hesitação, Eve cautelosamente encaminhou-se para lá. Então deu um suspiro de prazer.

À sua frente, jazia uma piscina perfeita, em forma oval, com água que era pura turquesa.

A construção que acabara de rodear era no estilo de uma antiga casa de banho romana, com bancos de mármore à sombra sob o largo pórtico. Seu olhar voltou para a água. O desejo de sentir a frieza sobre sua pele quente foi repentinamente irresistível.

Eve abriu uma das portas da casa e viu-se numa linda sala decorada em tons creme. Uma parede era dominada por um imenso espelho, pendurado acima do balcão, sobre o qual uma exibição de cosméticos *Lazaro* estava arranjada. Atrás de uma tela de vidro, num canto, havia um *box* e dois sofás cobertos por linho rústico, com mesinhas laterais nas quais pilhas de revistas estavam arrumadas.

Sentindo-se como *Cachinhos Dourados* na casa dos *Três Ursinhos*, Eve levantou tampas de jarros e espiou dentro de armários. Esperou que alguém tivesse convenientemente deixado alguma coisa com a qual ela pudesse nadar, mas, apesar do luxo inacreditável, não havia nada tão prático quanto um biquíni.

O que a deixou com uma única opção. Sutiã e calcinha, ou nada?

Ela não precisava consultar um relógio para saber que era quase hora do almoço... O sol alto e quente e sua própria fome eram evidências suficientes.

Mas sentiu-se melhor. Havia algo tranquilizante em nadar, e braçadas rítmicas, uma após outra, acalmaram seus pensamentos. Foi uma Eve refrescada, recuperada e esfomeada que saiu relutantemente da piscina.

No final, decidira que nadar nua era arriscado demais; o pensamento de um dos empregados − ou, pior, Raphael − encontrando-a saindo da piscina completamente nua fora o suficiente para convencê-la de que sutiã e calcinha era a única opção.

Não foi uma escolha fácil. A roupa íntima que estava usando era um conjunto que Lou a fizera comprar no último minuto antes da viagem, e custara muito mais do que ela usualmente pagaria por um traje completo.

Apesar de ter protestado contra o preço, Eve secretamente adorara o conjunto de organdi e renda. As duas peças eram da cor creme, e uma borboleta se aninhava entre os bojos do sutiã. Nadar em peças belíssimas a fizera sentir-se como se estivesse usando as joias da coroa.

E agora precisava secá-las novamente. Estendeu-se numa das espreguiçadeiras do *deque* da piscina e ergueu o rosto para o sol, mas logo percebeu que ficar ali por tanto tempo seria insuportável. Sentou-se. Parecia que havia apenas uma coisa a fazer, afinal de contas.

Removeu a *lingerie*, depositando-a sobre a cadeira ao lado da piscina para secar. Voltando para o interior da casa de banho, pegou uma das revistas da pilha sobre a mesa e começou a folheá-la, suspirando em deleite quando se deparou com uma entrevista com Sienna.

Aquele era um presente de Deus... A inspiração que precisava para voltar para o próprio artigo. De fato, aquilo poderia ser chamado de pesquisa. Atirando-se sobre um dos sofás imensos, Eve colocou os óculos e começou a ler.

A SUPERFÍCIE DA água era lisa e suave, e Raphael não hesitou antes de mergulhar em um salto gracioso. Sentiu a delícia da água sobre sua pele e deu algumas braçadas, grato pelo frio e tranquilidade.

Quando finalmente adormecera, nas primeiras horas da manhã, seu sono fora atormentado pela memória de segurar o corpo de Eve nos braços enquanto o pesadelo passava.

Apesar de, na noite anterior, ter deixado claro para ela que nada mais aconteceria entre eles, Raphael não podia mais fingir para si mesmo que a presença de Eve não o perturbava. Não era um sentimento desejado, mas real, de qualquer forma. Talvez fosse bom que ele viajasse para Veneza naquela tarde.

Dando braçadas vigorosas, sentiu seus membros pesados ganharem vida. Sim, afastar-se de Eve por alguns dias lhe daria tempo para desanuviar a cabeça, e talvez mandar investigá-la... Descobrir exatamente que tipo de ameaça ela representava.

Nesse ínterim ela ficaria segura com Fiora.

Consideravelmente mais segura do que estava com ele.

O pensamento era desestabilizador. Ele nadou mais rápido, cortando a água com braçadas longas e vigorosas.

— *LAZARO* É minha grife favorita — entusiasmava-se Sienna na entrevista. — Eu adoro as linhas fluidas e os detalhes femininos. Ele tem uma compreensão instintiva do corpo das mulheres.

Exatamente como o filho, pensou Eve. Deveria voltar para o próprio artigo... Suas roupas de baixo certamente estariam secas agora. Largando a revista, estendeu-se indolentemente, e andou para a área ensolarada da piscina.

Estava pegando suas coisas quando um movimento embaixo da água chamou-lhe a atenção. Ela estendeu o braço para pegar sua calcinha, mas, na pressa, o sutiã escapou de suas mãos trêmulas, fazendo um gracioso arco no ar antes de cair na água.

Transfixada de horror, Eve observou-o flutuar levemente, antes de afundar dentro da piscina.

Nadando por baixo da água, Raphael viu algo caindo da superfície. Olhou para cima e viu uma figura, delgada e dourada como um girassol, parada ao lado da piscina. O rosto dela era indistinto através da água, mas não havia engano naquelas pernas longas e curvas generosas. Agarrando a diáfana peça da roupa, ele subiu à superfície com o sutiã na mão.

Eve sentiu o sangue aflorar na superfície de sua pele enquanto o olhar de Raphael percorria seu corpo. Freneticamente, olhou em volta, à procura de algo para cobrir-se.

É claro que não havia nada.

Engolindo lágrimas de mortificação, cruzou os braços defensivamente sobre os seios.

— Eu ia perguntar se isto era seu, mas acho que posso deduzir por mim mesmo.

A falta de interesse nos olhos de Raphael era como uma bofetada no rosto depois da paixão do beijo da noite anterior. Encarando-o tão friamente quanto possível, Eve ergueu o queixo.

— Parabéns, *Einsten*. Agora, se já acabou de deliciar-se com minha humilhação, poderia me devolver, por favor?

Ele suspirou e saiu da piscina em um movimento ágil. Ficando de pé, afastou os cabelos molhados da testa e veio em direção a ela, segurando o sutiã.

— Você vai vir e pegá-lo, ou quer eu vá aí e vista em você?

— Não! — gritou ela, constrangida.

— Não, o quê? — perguntou ele. — Não quer vir buscar? Ou não quer que eu coloque em você? Espero que seja a última, porque tenho de admitir que minha especialidade é maior na remoção destas peças.

— Apenas dê-me. — Esticando a mão, Eve pegou o sutiã de onde estava pendurado, no dedo másculo.

Mas depois de agarrar a peça, perguntou-se o que deveria fazer. Se voltasse para a casa de banho, lhe daria uma visão perfeita de sua nudez traseira. Talvez devesse vestir sua roupa de baixo ali mesmo, na frente dele.

A percepção de que estava presa ali até que ele resolvesse ir embora a apavorou. E Raphael não parecia estar com pressa alguma.

— Desculpe. Eu não tinha ideia de que você estaria aqui.

Relutantemente, ela o encarou.

— Você não tem de se desculpar. A casa é sua.

— Mesmo assim... — Ele parou, parecendo hesitar por um segundo. — Eu queria desculpar-me de qualquer modo. Pelo que aconteceu ontem à noite..

— Ouça — interrompeu Eve. — Não há necessidade de desculpas. Não sei o que deu em mim. Eu usualmente não... — Ela vacilou, não querendo pôr em palavras o que havia acontecido entre eles. Não querendo ter esse tipo de conversa, particularmente enquanto estivesse nua. — De qualquer maneira... — continuou, olhando para baixo —, já passou. Esqueçamos.

Raphael assentiu.

— Eu preciso viajar a negócios por alguns dias. Irei esta tarde. Você ficará bem aqui com Fiora?

Uma dor inesperada a assolou.

— É claro. Eu não sou criança. Não preciso que você tome conta de mim.

As sobrancelhas dele arcaram sardonicamente.

— Não?

— Não!

— Não foi bem assim ontem à noite.

Ela ouviu o som da própria respiração ofegante.

Humilhação instantaneamente transformou-se em raiva. Colocando as mãos firmemente sobre os quadris, Eve ergueu a cabeça e o encarou com hostilidade.

— *Isto não é justo!* Foi apenas um sonho tolo... Não lhe pedi para...

Ela parou, repentinamente percebendo que, em sua raiva, descruzara os braços e não estava mais escondendo os seios.

Passando por ela, Raphael abriu a porta da casa de banho e reapareceu em seguida com duas toalhas. Com uma em volta de seu pescoço, deu a outra para ela.

Mas orgulho é uma coisa terrível. Nua, ferida, humilhada, naquele momento Eve teria preferido aceitar ajuda do demônio à de Raphael di Lazaro. Endireitou os ombros e o fitou friamente.

— Pode dizer a Fiora que não vou ficar; portanto, ela está liberada do dever de ser minha babá na sua ausência.

O sorriso de zombaria desapareceu do rosto de Raphael.

— Para onde você pretende ir?

Eve deu de ombros.

— Acharei algum lugar em Florença.

— Estamos em agosto. Todos os hotéis estarão cheios de turistas.

Ela ergueu mais o queixo.

— Terei de procurar outras opções, então.

Atirando-lhe um último olhar arrogante, Eve virou-se e voltou para a casa de banho.

DURANTE O caminho inteiro de volta à casa, Raphael praguejou. Tinha estragado tudo. Em grande estilo. *Não podia culpá-la pelo fato de que Eve mexia tanto com ele, podia?* E agora estragara tudo.

A casa estava fria e obscura depois do calor do lado de fora, e seus olhos levaram um momento para se ajustar. No *hall*, ele podia ouvir a voz de Fiora ao telefone.

No minuto seguinte, ela veio correndo para encontrá-lo.

— Oh, *signor* Raphael, *meno male...!*

Ela parecia aflita. Tocando-lhe o ombro, Raphael falou calmamente:

— O que aconteceu, Fiora? É do hospital?

— *Non, signor. È la polizia.*

Nem uma centelha de emoção apareceu no rosto dele quando pegou o telefone, mas toda sua cor desaparecera.

— Marco? *Ciao.*

— *Ciao*, Raphael. Ouça, vou direto ao ponto. Não é uma boa notícia. Nossa testemunha principal no caso contra Luca teve um acidente horrível.

Raphael ofegou.

— Mas deve haver outras testemunhas?

— Claro... mas não podemos entrevistar todas as modelos. Quanto menos gente souber sobre isso, melhor. Especialmente se os homens de Luca estão por aí, pegando garotas que são suspeitas.

Um calafrio percorreu a coluna de Raphael quando as palavras descuidadas de Eve voltaram à sua mente: *Vou expor di Lazaro como um traficante desprezível...*

— Então, e agora? — perguntou ele ao detetive.

Do outro lado da linha, Marco suspirou.

— Ele vai ficar na nossa mira. É tudo que podemos fazer até que encontremos alguém que testemunhe contra Luca... e torcer para que isso não demore muito a acontecer.

Raphael podia ouvir a frustração na voz dele.

— Ele está ficando cada vez mais imprevisível. Meu pressentimento é de que Luca vai fazer alguma grande tolice em breve. Temos apenas de esperar.

Raphael suspirou. Por que tivera de insultar Eve daquela maneira? Agora ela estava partindo − talvez indo para o apartamento de Luca − e era inteiramente culpa sua. Ele não poderia ir para Veneza agora. Teria de apresentar suas desculpas aos organizadores da cerimônia de premiação, e tentar fazer Eve ficar, ou colocá-la num voo de volta para Londres.

A menos que pudesse persuadi-la a ir com ele para Veneza...

— *Va bene*, Marco. Obrigado por me avisar.

Quando ele desligou, Eve apareceu à porta. Ela pusera uma longa camisa branca, mas Raphael notou que o tecido era muito transparente para esconder os seios nus por baixo. Na mão, carregava o sutiã molhado.

Ela também devia estar ofuscada pelo clarão do lado de fora, porque não o notou ao cruzar o *hall* de entrada. Quando Raphael saiu da sombra da escada, Eve deixou escapar um grito de terror.

— Você me assustou!

— Desculpe. — Ele riu.

— Não vejo graça nenhuma! — gritou ela. — Sei que você acha que sou completamente ingênua e *ridícula*, mas dê-me apenas uma hora e estarei longe de sua vida para sempre. Então poderá voltar para sua vida glamourosa e para suas amigas espertas e *sofisticadas*. Eu não pedi para vir aqui!

Soluçando, ela correu para as escadas, mas Raphael agarrou-a antes que as alcançasse. Por um momento, Eve lutou contra ele, mas, então, viu-se aninhada nos seus braços, sua face pressionada contra o peito largo, enquanto ele a balançava e esperava que os soluços cedessem.

Assim que ela se acalmou, ele se desvencilhou gentilmente e deu um passo para trás.

— Desculpe-me. — Raphael deu um sorriso triste. — E, antes que diga qualquer coisa, é disso que eu estava rindo. Ocorreu-me que acho que nunca pedi tantas desculpas a alguém em toda minha vida. — Ele suspirou. — Vamos esclarecer uma coisa... eu sou o culpado aqui. Não você. E agora preciso ir a Veneza, portanto parece que não terei chance de recompensá-la pelo meu erro.

— Tudo bem — murmurou ela, secando as lágrimas. — Você não precisa me recompensar por nada.

— Não está tudo bem. — Ele esfregou as mãos nos olhos. — Ouça, por que você não vem comigo? Tenho de ir à Premiação de Fotografia esta noite, que será extremamente maçante, mas o jantar e champanhe compensarão um pouco.

Depois disso, não precisarei voltar por alguns dias... Eu poderia mostrar-lhe um pouco da cidade, talvez fazê-la mudar sua opinião desfavorável sobre mim. Já esteve em Veneza?

Quando Eve sacudiu a cabeça, ele pôde ver emoções conflitantes no rosto dela e sentiu uma parcela de otimismo.

— Então é simples. Tem de vir. Ficaremos no *palazzo* que pertenceu à família de minha mãe. É muito antigo, mas bem no centro da cidade... — Com esforço heroico, ele suavizou o tom da voz. — Por favor... eu gostaria que você fosse.

Vagarosamente, ela o olhou, estudando-o. O rosto de Eve estava vermelho pelo choro, seus lábios inchados, mas o coração dele deu um repentino salto quando ela assentiu.

— Tudo bem.

Alívio o percorreu.

— Ótimo. Vá e faça as malas. Partiremos dentro de uma hora.

Observando-a subir as escadas, ele sentiu seus ombros relaxarem. Pelo menos agora não precisaria se preocupar com Luca pondo suas mãos sobre Eve durante os próximos dias.

Raphael sorriu. O que o deixava convenientemente livre para se preocupar em manter as próprias mãos longe dela.

CAPÍTULO OITO

— Você viaja com pouca bagagem — observou Raphael, pegando a única mala surrada de Eve enquanto atravessavam a pista do aeroporto em direção ao avião de Lazaro.

— Eu sei. Desculpe. Devo estar desmazelada — murmurou Eve, ciente da figura deplorável que parecia em comparação com as mulheres sofisticadas com as quais Raphael estava acostumado.

Desde que eles tinham deixado a mansão, ela fora incapaz de encontrar-lhe os olhos, tímida na sua presença. Aceitara o convite para ir a Veneza porque, como dissera a Lou na noite anterior, não tinha intenção de voltar à Inglaterra sem a prova de que Raphael era culpado ou inocente. Mas não podia negar que era também porque deixá-lo agora seria insuportável.

Caminhando ao lado dele, sentia todas as células de seu corpo responderem à proximidade. Iria ser uma viagem desconfortável, pensou angustiada.

— Pensei que tivéssemos feito um acordo? Sem mais desculpas... isso está ficando ridículo. De qualquer modo, você não tem nada por que se desculpar. Pode não estar na crista da onda da moda, mas você certamente tem estilo. — O tom de voz dele era levemente irônico. — Talvez seja o que sua revista chamaria de "chique minimalista"?

Eve olhou para suas sandálias surradas.

— Eu acho que é o que qualquer revista chamaria de "em necessidade de uma produção".

— Bem, estou certo de que Nico aprovará — disse Raphael, gesticulando para o comissário de bordo que se aproximava para aliviá-los de suas poucas bagagens.

Na última vez em que Raphael usara o jato de Antonio, Catalina estivera com ele. Catalina e quatro malas, mais uma enorme frasqueira, contendo todos os cosméticos.

— Eu não trouxe nada elegante e moderno, suponho. Para ser honesta, não tenho nada elegante e moderno.

— Neste caso, teremos de fazer compras.

— Não! Não poderei. Eu...

Raphael interrompeu sua objeção.

— Vá na frente.

Eve hesitou por um segundo, então engoliu em seco e subiu os degraus do avião. Na cabeça, repetia seu usual mantra pré-voo. *Voar é estatisticamente mais seguro que cruzar a estrada.* Acrescentou ligeiramente no último minuto: *Portanto, não darei a Raphael di Lazaro a satisfação de me ver chorando na decolagem.*

Enquanto Eve subia os degraus do avião, Raphael viu-se olhando para ela, admirando sua simplicidade natural. Ela vestia a calça cáqui do dia anterior, enrolada nas pernas, revelando tornozelos delgados e morenos, e mudara a camisa úmida por uma blusa delicadamente bordada, com um decote que era decente e *sexy* ao mesmo tempo.

Ele passou uma mão pelos cabelos. A sedução da noite anterior tinha desaparecido, mas o jeito agora tímido de Eve estava produzindo um efeito nos seus níveis de testosterona. Manter sua resolução não iria ser fácil, percebeu, sorrindo para o piloto que os esperava no topo da escada.

— Bem-vindos a bordo, *signore*, *signorina*.

— Obrigado por deixar tudo pronto para nós, mesmo tendo sido avisado tão em cima da hora, Roberto — disse Raphael na sua língua nativa.

— *Nessun problema, signor* di Lazaro... — Ele acrescentou: — *Signor* Luca requisitou o avião também, mas achei que vocês prefeririam voar sozinhos. Espero ter acertado?

Raphael assentiu, e os dois homens trocaram um rápido olhar de mútuo entendimento. Roberto fora instruído para monitorar o uso que Luca fazia do jato, na verdade.

Eve não percebeu esta troca, seus medos temporariamente esquecidos enquanto olhava em volta. Esperara uma miniatura de avião, com alguns assentos em tecido, talvez. Atônita, riu da própria inocência.

O interior do avião era como uma sala de visitas, com sofá e poltronas na frente e uma mesinha de centro. Enquanto a mansão era decorada em estilo campestre, o jato obviamente dera a Antonio a oportunidade de brincar com o *design* contemporâneo: o sofá era revestido de couro escarlate, enquanto as cadeiras eram uma mistura de camurça e veludo em vários tons de castanho, e uma parede curva era pintada com um mural estilo *art-dèco*, retratando uma mulher reclinada em uma espreguiçadeira, bebendo um coquetel através de lábios vermelhos.

— Horrível, não acha? — Raphael parou ao seu lado. — Penso que Luca teve uma mão neste projeto, o que explicaria por que isto parece uma sala de visitas de um bordel.

— Não posso reclamar — disse ela, pegando um cálice de pró-seco que ele lhe oferecia. — Isto certamente é muito melhor que caminhões transportadores de gado, que são meu meio usual de transporte.

— Você gosta de voar?

— Adoro — disse ela determinantemente. Raphael já a considerava imatura o suficiente. Não ia admitir estar apavorada.

— Já esteve num avião particular antes?

Ela tentou um olhar zombeteiro.

— Eu? Com meu glamouroso estilo de vida? O que você acha?

Ele deu um repentino sorriso, que lhe iluminou o rosto e a fez se sentir acariciada.

— Acho que não. É completamente contra meus princípios, é claro, mas é um ótimo modo de viajar, de vez em quando. — Ele ergueu seu cálice. — Um brinde à primeira vez.

Ela podia sentir a coloração nas suas faces, assim como o calor em sua pélvis. Encontrando-lhe o olhar, foi incapaz de interpretar a expressão que viu ali. Estaria ele testando-a? Rapidamente, Eve desviou o olhar.

— Um brinde a viajar em grande estilo.

— Ou não — disse ele, gesticulando ao redor do ambiente opulento, mas de mau gosto.

Uma coisa que não era diferente em um avião particular de luxo de qualquer outro, Eve descobriu, era seu medo da decolagem. Por mais que tentasse, quando o avião começou a acelerar ao longo da pista, ela não conseguiu se livrar do medo irracional de um desastre. Desconfiava de que, quando as rodas deixassem a pista, seria provavelmente seu último contato com o chão sólido.

Segurando seu cálice de vinho, Eve fechou os olhos. O pequeno avião galgou o espaço. Seus ouvidos zumbiam quando ela sentiu o chão desaparecer.

A próxima coisa que soube foi que Raphael estava gentilmente lhe tirando o cálice da mão e entrelaçando os dedos nos seus, tranquilizando-a com sua força, até que o avião alcançou altitude e o pânico desapareceu da cabeça de Eve.

Ela reabriu os olhos e fitou os dele. Por um segundo, viu algo indecifrável que causou arrepios em sua coluna. Raphael soltou-lhe as mãos e reclinou-se na poltrona com uma expressão divertida no rosto.

— Então a decolagem é uma das coisas que você mais adora quando voa, Eve?

Ela olhou para seu colo e mexeu em um dos muitos botões de sua calça.

— Sempre fico preocupada que isso não funcione.

— Entendo — disse ele gravemente. — Acha que alguém pode ter mudado as leis da física sem nos contar? Impossibilitando que aviões fiquem suspensos no ar?

Ela manteve a cabeça baixa e não respondeu.

— Por que você não me contou?

— O quê? E destruir sua imagem de mim como uma jornalista de primeira estirpe da moda internacional? — murmurou ela. — Não seria justo desiludi-lo.

Os lábios dele se curvaram num sorriso.

— Além disso — continuou ela —, é um medo tão idiota e constrangedor.

— Não seja boba. Não é nem um nem outro... E nem, no seu caso, surpreendente.

— É claro — disse ela, amuada. — Era completamente previsível que eu fosse a espécie de pessoa que chora em aviões.

— Você não chorou.

— Não desta vez.

— De qualquer modo, isto não foi o que eu quis dizer. É um instinto humano básico sentir que o solo é um lugar seguro, e o céu não. E, se há alguém que se deixa ser governada pelos instintos, é você.

Eve hesitou quando absorveu o impacto daquelas palavras. Uma semana atrás, se alguém tivesse lhe dito isso, ela teria protestado, argumentando que era governada pela lógica e intelecto, e pelo antiquado bom-senso. Mas, nos últimos dois dias, descobrira coisas sobre si mesma que viraram seu mudo de ponta-cabeça.

E a força de seus instintos era uma delas.

— Apenas não entendo como isso pode funcionar.

Raphael afastou os cabelos que caíram sobre a testa.

— É tudo sobre forças. As hélices do avião criam um impulso... — Ele se levantou e caminhou até o fim do avião. Era apenas um pequeno espaço, mas precisava de alguma distância entre eles antes que toda responsabilidade o desertasse. Não adiantava tentar enganar-se de que era especialista em física para assegurá-la, quando estava bem ciente de que era apenas outra tática para desviar a própria mente de um caminho muito mais interessante, que ele gostaria tomar.

Quando acabou sua explicação sobre o funcionamento do avião, Eve lhe deu um sorriso malicioso.

— Fricção entre forças opostas é algo que entendo perfeitamente. Obrigada, professor. Sua missão foi bem-sucedida.

EMBAIXO DELES a paisagem dos Appennine parecia calma. Raphael desejou que pudesse dizer o mesmo de suas próprias emoções.

Não, corrigiu-se. *Não emoções. Hormônios, ou o que quer fizesse um homem querer agarrar uma mulher e perder-se no seu cheiro, nos seus beijos, nos prazeres do corpo.*

O perfume de Eve, o mesmo que o envolvera na noite anterior, agora afetava sua habilidade de pensar claramente.

E havia muito em que precisava pensar. Desde sua conversa com Marco, estava tentando encontrar um meio de prosseguir com a investigação do envolvimento de Luca em tráfico de drogas, e uma ideia vinha crescendo no fundo de sua mente.

Deliberadamente, afastou o rosto de Eve, a fim de pôr ordem em seus pensamentos.

Catalina ainda morava em Veneza. Ela retornara para sua cidade natal, onde seus pais ainda viviam, depois do rompimento com Luca, para recuperar-se de seu vício em drogas com o apoio deles. Raphael ainda tinha o número do telefone deles, e os contatara ocasionalmente nos últimos dois anos para saber sobre o processo de recuperação de Catalina.

Talvez fosse hora de um novo contato.

Ele não sabia se a *signora* di Souza permitiria isso, mas, se pudesse contatar Catalina, talvez fosse capaz de persuadi-la a depor contra Luca. Mas poderia ter certeza de que não a exporia ao perigo?

O relacionamento de Raphael com Catalina durara pouco mais que dois anos e, embora fora ela quem rompera a relação, ele sempre assumira a responsabilidade pelo rompimento. Tinha sido muito frio, não disposto a se comprometer.

Emocionalmente gelado, Catalina o acusara quando arremessara suas malas no carro de Luca.

Ela estava certa, é claro. Não era de admirar que houvesse se apaixonado pelo risonho e charmoso Luca, cujos gestos extravagantes eram, sem dúvida, combinados com palavras românticas efusivas.

Teria sido como viajar da Sibéria para o Seychelles. Mas acabara tornando-se um paraíso muito envenenado.

Dentro de seis meses, Catalina perdera seu contrato com Lazaro, graças ao seu vício. Ela tivera sorte de escapar das garras de Luca antes que perdesse sua vida.

Os campos e colinas verdejantes da Emilia Romagna deram lugar, agora, à terra plana ao redor da lagoa veneziana. Raphael olhou para Eve para dizer-lhe que estavam quase lá, mas as palavras secaram em sua boca. Ela tirara as sandálias e estava encolhida no canto do sofá, o *laptop* equilibrado no joelho, seus óculos pendurados na ponta do nariz. Entre uma digitação e outra, enrolava distraidamente as pontas dos cabelos no dedo.

Uma onda de excitação o percorreu, e ele teve de apertar os punhos para evitar tocar-lhe os pés descalços, que estavam a centímetros de sua coxa, sobre o couro escarlate.

Naquele momento, Eve moveu-se, pondo o *laptop* de lado e esticando-se como uma gata indolente. Inclinando-se para a fruteira sobre a mesa, ela pegou uma maçã; depois, olhando para cima, o viu observando-a e ofereceu-lhe a fruta.

— Quer?

Ele cerrou os dentes e forçou um sorriso, escondendo seu desconforto atrás de uma máscara de ironia.

— Não, obrigado. Não sou a espécie de católico devoto que Fiora gostaria que eu fosse, mas mesmo assim conheço muito bem a história de aceitar uma maçã de uma mulher chamada Eve.

VENEZA ERA uma cidade para amantes, pensou Eve, olhando do *vaporetto* para os casais caminhando sobre as inúmeras pontes e entrando e saindo das estreitas vielas, abraçados em sensual intimidade.

Desde que descera do jato, Raphael quase não falara com ela. Estava claramente pensando em outra coisa. Talvez em *outra pessoa*. Talvez, lembrando-se de todas as vezes em que visitara Veneza, com diversas mulheres glamourosas, que não corariam sob o flerte do homem que pilotava o *vaporetto*, ou que pulariam tanto que eles correriam o risco de cair no canal, quando o veneziano pegou suas mãos para ajudá-los a entrar no barco.

Era bom sentir a brisa nos seus cabelos, quando o barco moveu-se pela água. Pelo menos ela estava lá, pensou, tentando ser positiva. Sempre sonhara em visitar Veneza, embora tivesse imaginado que seria com alguém muito especial.

Raphael desviou o olhar dela e suspirou. Veneza estava tão gloriosa como sempre, mas ele se pegava fitando Eve o tempo todo, apreciando a reação dela mais do que as própria vista. Era tão fácil ler as emoções no rosto de Eve −

excitação, medo, tristeza, nostalgia − que se via constantemente imaginando sobre o que ela pensava.

E aquele era um caminho perigoso para seguir.

Raphael cerrou os dentes e olhou em volta, de repente impaciente por estar no barco. Naquela noite eles compareceriam à cerimônia de premiação, que, pelo menos, proporcionaria a segurança de uma multidão, e, no dia seguinte, ele pediria licença e iria e encontrar Catalina. Isto feito, eles poderiam voltar a Florença... felizmente com alguma boa notícia para Marco.

— Desceremos aqui — disse ele de repente.

— O *vaporetto* parou num pequeno cais.

Eve seguiu Raphael, relutantemente pegando a mão que ele lhe estendeu quando pisou nas tábuas de madeira. Ele não a olhou, soltando-lhe a mão tão logo a viu em terreno seguro.

— Aonde estamos indo? — perguntou ela, tendo de correr um pouco para acompanhá-lo.

— Fazer compras.

— Oh... Para quê?

— Pensei que você tivesse dito que não tinha nada para usar esta noite?!

— Sim, mas...

Ela estava quase correndo para acompanhá-lo, e, na tarde sufocante, o calor era insuportável. Eve perdeu seu humor.

— Poderia, por favor, parar por um minuto? Estou exausta! Não *vamos* fazer compras! Para começar, não tenho condições...

— Aqui estamos. — Ele parou abruptamente em frente a uma loja exibindo a espécie de roupas que Eve somente havia visto em estrelas de *Hollywood* na noite do Oscar. Um deslumbrante vestido de tafetá azul bordado com gotas de diamante cobria com elegância um manequim na vitrine.

Ele abriu a porta e entrou.

— Raphael — protestou ela. — Eu disse...

Mas a sofisticada dona da loja já estava ao lado deles, com seu rosto quase tão perfeito quanto a da modelo na vitrine, e seu sorriso tornou-se sedutor à vista de Raphael.

— *Signor* di Lazaro, *bentornato*. Faz muito tempo que não o vejo.

— *Grazie*, Claudia. Sei que é muito em cima da hora, mas imagino se você pode encontrar algo para minha amiga aqui usar esta noite?

— A premiação de fotografia? Tenho certeza de que encontraremos algo. — Ela se voltou para Eve, medindo-a de cima a baixo com olhos avaliadores. —

Por aqui, por favor.

Nos fundos da loja, Raphael deliberadamente deu suas costas para a fila de cubículos do vestiário e, sentando-se em um dos enormes sofás, pegou um jornal da mesinha de centro.

Claudia entendia seus clientes ricos tão perfeitamente como entendia de moda, e tivera um trabalho considerável para criar um oásis onde maridos fatigados ficassem felizes em esperar enquanto suas esposas experimentavam roupas. A máquina de café expresso era quase uma obra de arte, uma tela de TV de plasma dominava a parede e todas as publicações imagináveis estavam representadas na pilha de material de leitura.

Era uma área designada exclusivamente para relaxar. Então, por que ele se sentia tão irrequieto?

Na Colômbia, encontrara-se em situações voláteis e perigosas, mas nenhuma vez sentira-se tão perdido a ponto de não saber como reagir. Exatamente como se sentia agora.

No vestiário, Eve ainda estava protestando, sua voz suave e musical levemente ofegante quando Claudia ajudou-a a tirar a roupa.

— Raphael... ouça. Não tenho condições de comprar...

— Não estou lhe pedindo para comprar nada — disse ele, irritado. — Eu vou levá-la a este evento; portanto, o mínimo que posso fazer é comprar-lhe algo para usar.

Houve uma pequena pausa. Quando ela falou novamente, sua voz era abafada, e ele percebeu que Eve devia estar tirando a blusa pela cabeça.

— E se eu não lhe permitir?

Ele sorriu.

— Você pode ir com o que traje que usou esta manhã.

Raphael a ouviu ofegar. O sorriso morreu no seu rosto enquanto a luxúria se instalava no seu corpo.

— *Bellisima, signorina* — veio a voz de Claudia. — É certamente um vestido que faz uma declaração.

— É a declaração que ele faz que me preocupa — Raphael ouviu Eve murmurar. — Algo assim na linha de "me tome, eu sou sua".

— Parece-me perfeito — gritou ele, tentando suavizar a tensão inconfortável que o dominava. — Posso ver o vestido?

— De jeito algum. Estou tirando neste segundo.

Cerrando os dentes contra as imagens vívidas evocadas em sua mente, ele se determinou a não se virar e permanecer como estátua petrificada.

Mas não tinha notado que o vasto espelho na sua frente refletia a fila de cubículos do vestiário. Por baixo da porta central, podia ver um par de panturrilhas morenas e tornozelos delgados, e, diante de seu olhar torturado, um vestido vermelho deslizou para o chão.

Hipnotizado, observou-a dar um passo com os pés delicados. Era a coisa mais erótica que ele já vira.

Engoliu em seco, incapaz de afastar os olhos do espelho. Todos os seus sentidos estavam em alerta, de modo que o ruído de seda quando Eve experimentou outro vestido era quase insuportavelmente sedutor, e o som do zíper era como uma carícia física.

Houve um momento de silêncio, que foi quebrado pela voz de Claudia:

— Lindo. Mas você precisa tirar o sutiã para obter o efeito adequado.

Raphael fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, crucificado pelo desejo. Na sua cabeça, podia ver os seios perfeitos, lembrando-se de Eve nua perto da piscina naquela manhã. Nua e furiosa como um gatinho. Mesmo quando ela estava zangada, possuía uma doçura feroz que o fazia querer beijá-la.

— *Signore?* Pronto?

Claudia deu um passo atrás e manteve a porta aberta.

O vestido era de seda prateado, sem alça e sem adornos.

Enquanto os olhos de Raphael percorriam vagarosamente o corpo de Eve, ele sentiu o ar se esvaindo de seus pulmões. Os pés adoráveis estavam calçados em sapatos de salto alto, também prateados, que faziam as longas pernas parecerem infindáveis. Os quadris arredondados evidenciavam-se sensualmente por baixo da seda, e os seios gloriosos revelavam-se com discrição e perfeição no decote insinuante.

Claudia tinha lhe prendido os cabelos em um coque clássico e passado batom na boca de Eve, dando-lhe uma sensualidade quase indecorosa.

Ela estava linda. E sofisticada. E glamourosa.

E Raphael detestou isso.

O CORAÇÃO DE Eve estava disparado quando ela ficou na frente dele. Talvez agora Raphael a levasse a sério. Talvez agora ela pudesse ser a espécie de mulher capaz de seduzir um homem.

Ele se levantou e deu um passo em direção a ela, seu rosto tão duro quanto granito. Os minutos passaram-se e Eve esperou que ele dissesse algo.

Raphael não disse nada. Mas então não precisava dizer. Seu rosto falava tudo.

— Gostou, *signore*? — perguntou Claudia nervosamente.

— Está ótimo — disse ele de modo inexpressivo, e, virando-se, caminhou para esperar por ela no caixa da loja.

Pálida e tremendo, Eve voltou para o vestiário.

CAPÍTULO NOVE

ENQUANTO SAÍA da butique, o olhar de Eve era gelado na tarde quente. Furiosa, entregou-lhe a grande sacola contendo o vestido.

— Uma vez que insistiu em comprar o maldito vestido, carregue-o.

Mudo, Raphael pegou a sacola e começou a andar. Sem escolha, Eve o seguiu.

Eles andaram através de *calles* e *campos*, ainda movimentados pelos turistas de verão e casais andando de mãos dadas. A beleza melancólica do lugar aumentava a sensação de desespero de Eve, enquanto acompanhava os passos apressados de Raphael. Eles pareciam ser os únicos com pressa... Todos passeavam preguiçosamente. A raiva que ela sentira na loja, quando removera o vestido e esfregara qualquer traço de batom na boca começava a desaparecer, mas ela tentava se agarrar a tal raiva, sabendo que tudo que sentia era mágoa.

Eles chegaram a uma praça quadrada, cercada por colunatas. Eve subitamente percebeu por que o lugar lhe parecia familiar. Familiar e lindo de tirar o fôlego. Ela parou.

— Praça de São Marco — exclamou, maravilhada.

Raphael virou-se e a viu parada no meio da praça. Era ela novamente doce, natural, sem aqueles traços de sofisticação que o tinham enervado.

— Alguma coisa errada?

— Não. Eu não tinha percebido onde estávamos, só isso.

— *Piazza San Marco*. Lar do *cappuccino* mais caro do mundo — zombou ele.

— É incrível.

— Certamente. Incrível que os turistas continuem se apaixonando pela praça.

O céu havia começado a escurecer, lançando uma luz alaranjada no fim de tarde. O calor ainda era forte, e subitamente um trovão soou a distância, fazendo a multidão na praça começar a se dispersar em busca de abrigo. Somente Eve e Raphael não se moveram.

Era como se a energia da tempestade iminente estivesse concentrada no ar que crepitava entre os dois. Eve o fitou com raiva.

— Eu não esperaria que *você* se impressionasse com a beleza da praça. Está acima de tudo isso, não é, Raphael?

— Beleza? — disse ele suavemente. — Não quando se trata de beleza verdadeira. Apenas não sou tolo como todo mundo. — Ele deu um passo na sua direção, um músculo saltando no maxilar. — O que não suporto é quando a beleza é vulgarizada e excessivamente valorizada por massas.

Eve arfou quando as palavras a atingiram.

— Seu *cretino*. Você gasta os milhões de Lazaro como uma fada madrinha sádica, tentando me transformar em *Cinderela*, de modo que eu não pareça inferior no seu evento, então reclama quando não gosta do resultado! Bem, lamento por você ter feito um péssimo investimento. Eu *não* sou uma de suas mulheres sofisticadas e glamourosas, e nunca serei!

Os primeiros pingos de chuva começaram a cair. Raphael deu uma risada seca e entrelaçou as mãos nos cabelos dela.

— Você não entende. Eu não *quero* que você seja uma de minhas "mulheres sofisticadas e glamourosas", pelo amor de Deus!

Eve o olhou, magoada; então, com um soluço agoniado, virou-se para correr. Ele lhe agarrou o pulso e puxou-a de volta, no exato momento em que um raio rasgou o céu.

— Você não me quer? Então pare de fazer jogos comigo e me deixe em paz! — gritou ela.

— Não! — exclamou Raphael. — Eu não quero que você se transforme numa daquelas mulheres, porque é perfeita do jeito que é. Eve, você é...

Mas ele não terminou, porque, de alguma maneira, seus lábios haviam encontrado os dela, e a estava beijando como se sua vida dependesse disso. A chuva misturava-se com as lágrimas no rosto dela, e Eve tinha gosto de sal e algo indefinível que fazia parte de sua essência, a qual Raphael absorveu como um homem sedento.

Outro trovão soou, e agora a chuva estava forte. Afastando-se, ele lhe segurou o rosto nas mãos e fitou-a em agonia.

Raphael gemeu. Subitamente soube que a queria mais do que já quisera qualquer coisa na vida.

Eve ouviu o gemido e entendeu o significado. Mordendo o lábio, estudou-lhe os olhos e viu o tormento de Raphael. Lentamente, estendeu um braço, tocou-lhe o rosto molhado; então, roçou-lhe os lábios com os seus num gesto de aceitação e convite.

A respiração de Raphael estava ofegante, os olhos quase pretos de desejo, e ele emitiu outro gemido estrangulado. Quando mais um raio brilhou no céu, ele lhe pegou a mão e começou a atravessar a praça correndo, pisando em poças.

Quando eles chegaram do outro lado, Eve olhou para trás e exclamou:

— O vestido!

A sacola vermelha ainda estava onde ele a derrubara, no meio da praça.

— Deixe-o — murmurou ele, conduzindo-a em frente.

Raphael parou diante de uma enorme porta de madeira e abriu-a com uma chave. Atordoada e desorientada com o desejo, Eve não tinha ideia de como eles haviam chegado lá.

Eles entraram e, assim que ele fechou a porta, beijaram-se com loucura, devorando o que haviam esperado tanto tempo para provar. Eve rendeu-se totalmente ao seu desejo voraz. Abrindo os braços contra a porta, arqueou as costas em um gesto submisso, projetando os seios contra o peito dele, amando a agonia causada pelo roçar de seus mamilos contra as camadas de roupas molhadas que os separavam.

Quando as roupas começaram a secar um pouco nos corpos quentes, outro tipo de umidade a inundava. Ela pressionou a pélvis contra ele, sentindo a evidência da excitação masculina.

Na luz parca do *hall*, Raphael afastou-se do beijo, quando um raio espetacular iluminou o rosto dele. A expressão era torturada, perdida, e ele pressionou as mãos nos olhos.

— Eve, eu...

Ela não queria ouvir mais nada. Movida por algum instinto primitivo, agarrou-lhe o colarinho da camisa, sussurrando antes de beijá-lo novamente:

— *Eu quero você.*

Desta vez, Eve estava no controle. Afastando-se da porta, abriu as pernas, curvando-se contra o corpo másculo. Raphael lhe segurou as nádegas, abraçando-a junto a si, unindo os corpos ardentes.

Cegamente, ela alcançou o cinto dele, e estava abrindo a fivela quando uma mão cobriu a sua.

— Aqui não.

Raphael ergueu-a do chão, de modo que os olhos de ambos ficassem no mesmo nível, e que as pernas delgadas rodeassem sua cintura. Enquanto subia a escadaria larga, não tirou os olhos de Eve nem por um segundo, enquanto ela lentamente abria os botões de sua camisa. Liberando um por um, Eve trilhou a ponta do dedo na pele nua, até que eles chegaram ao topo da escada.

Os passos de Raphael pararam quando ela voltou a mão para seu cinto, abriu botão e zíper da calça e tocou sua virilidade.

Eve sentiu o corpo poderoso estremecer. Ele respirou fundo, abriu a porta mais próxima com o ombro, atravessou o quarto em poucos passos e deitou-a sobre a cama.

Havia alguma coisa quase divina no jeito que Eve ajoelhou-se à sua frente para terminar o que tinha começado. As chamas do desejo continuavam cercando-os, mas o rosto dela estava composto, apenas os lábios inchados entreabertos traindo sua sede. Ainda encarando-o, deu um sorriso sensual e tocou-o intimamente.

Cerrando os punhos contra o prazer insuportável, o gemido de Raphael foi perdido em um trovão ensurdecedor, quando ele a deitou novamente. Removendo a camisa desabotoada, cobriu-lhe a boca com um beijo, enquanto suas mãos encontravam o zíper da calça de Eve e a removiam. Depois, voltou sua atenção para a blusa.

Os botões eram minúsculos. Havia centenas deles. E ele não tinha a paciência de Eve.

— Tire-a!

Ela fez isso, erguendo os braços e removendo a blusa pela cabeça, desesperada para se livrar de tudo que os separavam. Raphael admirou os seios magníficos por um momento, então levou os lábios para um dos mamilos salientes e tomou-o na boca.

Uma onda de êxtase a fez tremer. Eve gritou... Um som de puro desejo, que ecoou através dos cômodos do *palazzo* silencioso.

Raphael ergueu a cabeça para lhe fitar os olhos. Na luz púrpura da tempestade, o rosto dele era inescrutável. Com movimentos hábeis e apressados, removeu o resto de suas roupas e segurou-lhe os quadris.

Ela estava tão úmida. Tomado por um desejo desesperador, ele provocou as dobras inchadas com os polegares, deleitando-se com a maciez. Seu controle estava por um fio, e sabia que, em alguns segundos, estaria perdido.

Ao penetrá-la, sentiu-a ficar tensa subitamente. Fitando-lhe os olhos, viu que a confiança de um momento atrás tinha sido substituída por uma vulnerabilidade que fez o coração de Raphael disparar no peito.

— *Eve. Oh, Eve...*

— Não pare — suplicou ela. — Por favor, Raphael... continue...

Ela foi incapaz de terminar no momento em que ele se sentou na beira da cama e posicionou-a sentada no seu colo de pernas abertas. Eve podia senti-lo em seu interior, preenchendo-a completamente.

Com infinito carinho, ele a aninhou nos braços e começou a balançá-la. Devagar no começo, então acelerando o ritmo aos poucos. Instintivamente, ela

segurou os ombros largos, e moveu a pélvis, tomando-o mais fundo dentro de si com cada investida deleitosa.

Os olhos deles se encontraram e se sustentaram. Os de Raphael continham uma emoção que ela não podia ler, mas queria desesperadamente entender. Ele desviou os olhos, então enterrou a cabeça no pescoço dela, inalando a umidade deliciosa da pele suave.

No exato momento em que Raphael pensou que não poderia mais conter a doce liberação, sentiu-a enrijecer-se e se imobilizar nos seus braços, antes de gritar em êxtase.

O prazer que ele sentiu ao ouvir aquele som era indescritível. Nem mesmo seu próprio clímax arrebatador um instante depois conseguiu superar.

Depois que o suor secou de seus corpos exaustos, Raphael sentiu Eve tremer; então, sem soltá-la, puxou o lençol aos pés da cama e cobriu-os.

Eles permaneceram em silêncio, a cabeça de Raphael sobre os seios dela, enquanto uma mão acariciava a cintura delgada. A sensação de paz que o envolvera quando o ato de amor atingira seu clímax começava a se dissipar agora, enquanto as implicações do que tinha acontecido lhe vinham à mente.

Ele a rotulara como uma jornalista inescrupulosa, mantendo-a por perto porque não confiava nela. *Porque deveria estar protegendo-a.*

E agora sabia que a inocência de Eve era verdadeira. E a decepcionara. Deveria tê-la protegido, mas, em vez disso, fora levado por sua própria luxúria, e nem sequer usara preservativo.

Uma onda de culpa e autodesgosto o assolou.

— Você devia ter me contado.

A mão que acariciava os cabelos dele parou subitamente.

— Contado o quê?

— Que era virgem.

— Isso teria feito alguma diferença?

Ele suspirou.

— É claro que sim.

Tais palavras a cortaram como uma lâmina afiada, levando lágrimas aos seus olhos.

Era isso que temera. Para ele, o que havia acontecido entre os dois era obviamente apenas um encontro casual. Se Raphael soubesse sobre sua virgindade, teria se sentido pressionado em tornar o momento mais especial. Ela piscou para reprimir as lágrimas.

— Eu não lhe contei porque isso não é importante.

— Eu teria sido mais... gentil. Desculpe.

— Pensei que você tivesse dito "sem mais desculpas"? — A risada de Eve pareceu mais um soluço. — Ou está querendo elogios? Você foi perfeito. Foi... — Ela hesitou, inconscientemente voltando a acariciá-lo.

Deslizou os dedos pelos cabelos dele, a cor preta contrastando com a palidez de seus seios. De vez em quando, via um frio prateado no meio dos cabelos escuros.

— Você está ficando grisalho — comentou suavemente, tocando uma pequena mecha prateada.

Sentando-se, Raphael riu.

— É claro que estou. Eu sou velho. Velho demais para você.

— Quem disse? Sua mãe era da mesma idade que eu quando se casou com seu pai, e ele era muito mais velho que ela, Fiora me contou.

Ela o sentiu enrijecer-se.

— Vamos — disse ele, abruptamente afastando o lençol. — Temos uma cerimônia para ir.

— Bem, espero que eu tenha herdado genes de grife, porque, uma vez que deixamos o vestido na Praça de São Marco, tudo que tenho para usar é este lençol.

Abotoando seu *jeans*, Raphael a olhou e foi pego de surpresa pela beleza estonteante de Eve. Os cabelos dourados estavam bagunçados, a pele era rosada contra os lençóis brancos, os olhos brilhavam com o que pareciam lágrimas.

— Eu não duvido que você tenha tais genes — comentou ele, andando para uma longa parede de armários embutidos. — Mas, felizmente, não precisará disso. — Abrindo duas portas, revelou uma fileira de vestidos num caleidoscópio de cores.

Da cama, Eve arfou.

— De quem são?

— De minha mãe. Não acho que ela precisará de algum destes esta noite — adicionou ele com um sorriso irônico.

Enquanto Raphael descia para achar a bagagem deles, Eve enrolou o lençol no corpo e moveu-se para o armário. Os tecidos luxuosos dos inúmeros vestidos acariciavam seus dedos, e a fragrância inconfundível de gardênia emanava das sedas. Uma imagem da linda mulher risonha da fotografia lhe veio à mente, e Eve sentiu os olhos lacrimejarem. Como Raphael suportava olhar para dentro daquele armário?

Ele voltou com as sacolas.

— Achou alguma coisa?

— Não. Quero dizer... sim. Mas há tantos... Eu não sei por onde começar.

Sem demonstrar nenhuma emoção no rosto, Raphael começou a manusear os cabides.

— Nada preto ou vermelho. Ou prateado. Não quero que pareça sofisticada. Prefiro que pareça você mesma.

Ele removeu uma seleção de vestidos em lindos tons de rosa, azul, verde e cor de marfim, e jogou-os sobre a cama.

— Comece experimentando estes.

— Eles são maravilhosos. — Ela pegou o cor-de-rosa do topo da pilha, tocando a bainha de renda. Atrás, Raphael estava ocupado abrindo sua sacola de couro e retirando seu terno, então ela aproveitou para derrubar o lençol do corpo e experimentar o vestido.

— Há sapatos em algum lugar do armário também — disse ele sem se virar.

Com o vestido ainda aberto nas costas, Eve abaixou-se para a prateleira mais baixa do armário. Havia uma fileira de sapatos; alguns em caixas, outros em sacolas plásticas.

— Como isto tudo ainda está aqui, como sua mãe deixou, depois de todo este tempo? — perguntou ela, pegando um par de sapatos cobertos de seda rosa-clarinho.

Raphael deu de ombros.

— Meu pai não quis se livrar dos pertences. Acho que foi mais fácil conservá-los aqui do que mudá-los de lugar.

— Ele deve ter amado muito sua mãe.

— De maneira alguma. Eram os vestidos que ele adorava. A maioria são criações dele.

A amargura na voz de Raphael a fez tremer.

— Oh, Raphael, certamente isso não é verdade. Ele devia amá-la!

Raphael tinha posto uma pasta quadrada que levara de Florença sobre a cama, e agora a abria. Eve não podia ver o conteúdo, mas parecia uma capa de arma. Percebeu que não sentiu o menor medo.

Confio nele com minha vida, pensou. *Não faz sentido, mas não posso evitar.*

— Ele nunca deu sinais disso. Meu pai nunca parou de tentar transformá-la em algo que ela não era.

— Como ela era?

— Doce, divertida. Ela ria dos absurdos do mundo da moda, o que sempre enfureceu meu pai. Para ele, moda é um assunto extremamente sério.

— Por que ele se casou com ela, então? — perguntou Eve, enquanto calçava os sapatos cor-de-rosa. Abaixando-se para fechar a tirinha sobre o tornozelo, ouviu o ruído de uma máquina fotográfica. Então esse era o conteúdo da pasta. Assustada, Eve olhou para cima... diretamente para as lentes.

— O que você está...

— Quando vejo algo bonito, quero fotografar. — Ele a fitou com olhos estreitos, antes de erguer a câmera novamente e continuar: — Minha mãe era filha de um *duque*, e era adorável. Era a *musa* dele, antes de se tornar sua esposa.

Raphael estava deitado na cama, apoiado nos travesseiros. Ajustando alguma coisa na lente, olhou-a.

— Experimente o azul, agora.

Eve fez o que ele pediu, removendo rapidamente o vestido cor-de-rosa, ainda nos delicados sapatos de seda. Fotos foram batidas.

— Continue — incentivou ela, gentilmente.

— Para começar, minha mãe era um alvo para os *paparazzi.* Uma herdeira jovem e linda casada com o famoso estilista... O paraíso da mídia. Mas ela detestava isso. Era jovem, tímida, insegura... Completamente inadequada para o papel no qual se envolvera.

Absorvida no que ele estava dizendo, Eve colocou o vestido azul. Sem tentar fechá-lo atrás, virou-se para se olhar no espelho, dando a Raphael uma visão perfeita de suas costas bronzeadas. Ele sacou diversas fotos, esperando capturar a luz do fim da tarde que lançava uma auréola ao redor dos cabelos dela, e dava um brilho dourado à pele suave.

Ela o olhou por sobre o ombro enquanto removia o vestido, pegava o verde da pilha e abria o zíper do mesmo.

— O que aconteceu, então?

— Ele não pôde ver o quanto ela detestava aquilo. Publicidade é tudo para meu pai. Isso piorou depois que eu nasci, porque ela tentou evitar a imprensa ainda mais arduamente... para o meu bem... o que a tornou um alvo mais tentador. Então, um dia, ela me levou ao dentista. Quando saímos, alguns *paparazzi* a abordaram, querendo uma fotografia. Irritada, ela saiu da calçada para a rua, a fim de fugir deles.

Eve teve ciência da absoluta imobilidade no quarto, e achou difícil respirar. As palavras de Fiora lhe voltaram à cabeça. *Uma coisa terrível para uma criança ver...*

— O carro não teve chance de desviar. Depois, o motorista se culpou, mas não foi culpa dele.

O único som audível no súbito silêncio foi o roçar da seda quando Eve atravessou o quarto e sentou-se na cama ao lado dele. Segurando-lhe as mãos nas suas, murmurou com incrível gentileza:

— Não, não foi culpa do motorista. Nem sua. E não foi culpa de seu pai também.

Crucificado pela dor das coisas que nunca falara para ninguém, Raphael levantou-se e andou para a janela.

— Foi. Ele deveria... ter feito mais para protegê-la. Se ele a tivesse amado, teria protegido minha mãe.

Por um longo momento, nenhum dos dois se moveu. Então, ele se virou abruptamente.

— De qualquer forma... basta deste assunto. Iremos nos atrasar.

Abotoando sua camisa, Raphael percebeu que ela fizera aquilo de novo. Arrancara-lhe coisas que ele não queria admitir nem para si mesmo. Se aquela fosse uma tática jornalística, Eve merecia um prêmio.

— Pode fechar o zíper para mim?

Ela parou do seu lado, oferecendo-lhe as costas nuas. Tomado por nova onda de excitação, ele colocou os cabelos dourados na lateral do pescoço elegante. Depois de subir o zíper, afastou-se.

Eve virou-se para encará-lo, e ele notou como *aquele* vestido realçava o verde dos olhos dela, olhos que brilhavam de compaixão e compreensão.

— Eu estou bem?

Por um momento, Raphael não confiou em si mesmo para falar... O que, refletiu, era uma grande ironia.

Eve deveria ser a pessoa em quem ele não confiava.

CAPÍTULO DEZ

O MUNDO PARECIA completamente diferente quando eles emergiram do *palazzo* após a tempestade.

Os edifícios coloridos da cidade estavam molhados pela chuva, mas as nuvens pesadas tinham desaparecido, deixando um céu azul brilhante. A luz da noite, banhando as ruas ensopadas pela chuva, fazia a cidade parecer feita de pérola e ouro.

Mas não era somente Veneza que havia mudado, reconheceu Eve. Ela também mudara.

O ato de amor de Raphael a transformara. Era como se alguém tivesse lhe sussurrado os segredos do universo, ou lhe mostrado um vislumbre do paraíso.

Andando ao longo da *fondamenta* ao seu lado, Raphael parecia distante, e, apesar de querer muito tocá-lo, Eve não ousou. Desde as revelações sobre a morte da mãe, ele se fechara totalmente. Apenas quando ela havia acabado de se arrumar e parado na frente dele, vira alguma emoção no rosto de Raphael.

Então percebera que estava usando o vestido verde-água que a mãe dele usava naquela foto.

Eve se desculpara, mas ele colocara um dedo sobre seus lábios para silenciá-la.

— Sem desculpas... lembra? Está tudo bem. — Mas a voz de Raphael tinha sido tensa.

Agora, enquanto ele ficava de lado, de modo que ela atravessasse a ponte estreita, Eve roubou-lhe um olhar.

Ele tinha nascido para usar trajes formais, pensou ela, admirando a perfeição masculina em um impecável terno preto, os cabelos penteados para trás. Raphael nunca parecera mais lindo, ou mais fora de alcance.

Eles chegaram do outro lado da ponte, e ele murmurou:

— Estamos quase lá. Não sou um bom guia turístico, sou? Vivo esquecendo que você não esteve aqui antes. Eu deveria apontar os pontos turísticos.

Ela meneou a cabeça.

— Sem problemas. Estou absorvendo a incrível beleza. Não preciso saber mais do que isso.

— Oh, não sei — disse Raphael. — Para realmente apaixonar-se por um lugar, você precisa conhecê-lo, não apenas admirar a aparência externa.

— Você pode ter razão. Mas talvez eu não queira conhecer. — Eve o fitou com um sorriso triste. — Se eu me apaixonar pelo lugar, nunca mais vou querer ir embora.

EVE NÃO sabia bem o que esperar da cerimônia de premiação, mas estivera preparada para o mesmo tipo de invasão da mídia que houvera no lançamento do perfume.

Não podia estar mais errada. O evento acontecia em um dos velhos *settoecenti palazzi* perto do Grand Canal, mas era restrito e discreto. Não havia tapete vermelho cobrindo a *fondamenta* de pedra no topo dos degraus da água, e as únicas câmeras ao redor pertenciam a turistas curiosos, encantados com o espetáculo de pessoas tão bem-vestidas.

Eles entraram em um vasto salão preenchido de mulheres e homens elegantes. Soltando-lhe o braço, Raphael sussurrou:

— Espere aqui. — Antes de desaparecer no meio da multidão.

Sem a presença forte, Eve de repente se sentiu perdida. Então pensou que teria de se acostumar com o sentimento. Em alguns dias, eles voltariam para Florença, e ela, para Inglaterra.

Sozinha.

Em algum momento durante aquela tarde, enquanto estava no paraíso dos braços de Raphael, atingira um ponto sem retorno.

Apaixonara-se perdidamente por ele.

E descobrir que ele tivera envolvimento na morte de Ellie seria insuportavelmente agonizante agora. Não poderia arriscar. A única coisa a fazer era partir enquanto suas ilusões e memórias estavam intactas.

É claro, pensou com uma onda de esperança, havia sempre a chance de descobrir algo que provasse a inocência de Raphael na morte de Ellie, e então...

Eve arfou quando uma mão forte e grande cobriu-lhe os olhos por trás.

— Adivinha quem é.

— Eu... não...

— Ora, *bambina*, você não pode já ter me esquecido. Estou destruído.

A mão foi removida, e ela se virou.

— Luca! O que você está fazendo aqui?

— Eu me faço a mesma pergunta — disse ele. — Venho até aqui para resgatá-la da extrema chatice do meu irmão mais velho, e você nem me reconhece?

Minha vida acabou...

— Não seja tolo. — Ela riu, socando-lhe o braço de brincadeira. — É adorável vê-lo de novo.

— E você, *cara* — ele sorriu largamente —, está *sensazionale*. Deliciosa, na verdade. Eu poderia saboreá-la com uma colher.

— Pare com isso — retorquiu Eve, mas estava sorrindo. Havia algo de muito charmoso no flerte de Luca, especialmente depois da distância de Raphael desde que eles tinham chegado à festa.

— Eu lhe telefonei — disse Luca. — Ia levá-la para almoçar e contar-lhe todas as fofocas da retrospectiva para seu artigo. Mas você não atendeu aos meus telefonemas.

— Telefonemas? — Aquilo devia ter sido quando Raphael pegara seu telefone.

Subitamente uma ideia lhe ocorreu.

— Luca? Posso lhe perguntar uma coisa?

— É claro, *bella*, e já garanto que a resposta é "sim".

— É sério, Luca. É sobre Raphael.

Ele suspirou de maneira teatral e fez uma careta.

— Se você quer... Todavia, eu sou muito mais interessante. Por que não pergunta algo sobre mim? Em que hotel estou, e qual é o número do quarto, talvez?

Mas Eve não foi distraída. Podia não haver amor entre os dois irmãos, mas certamente Luca conhecia bem Raphael. Saberia de qualquer envolvimento de Raphael com drogas no passado, e, por causa da animosidade entre eles, ficaria mais do que satisfeito em compartilhar a informação.

Ela hesitou, incerta de como frasear as muitas questões borbulhando em sua mente.

Luca a fitava com expectativa, e alguma coisa levemente malévola parecia brilhar nos olhos dele.

— *Cara?* — incentivou ele.

O momento tinha passado, e Eve desistiu.

— Esqueça — murmurou, angustiada.

Naquele momento, Raphael apareceu, duas taças de champanhe na mão.

— *Che diavolo...*

— Olhe a língua, irmão. Não estamos nas ruas da Colômbia agora.

— Por que diabos *você* está aqui?

— Por pouco, eu não estaria, uma vez que o avião de Lazaro que ia me trazer parecia subitamente indisponível. — Luca continuou sorrindo, mas não havia

engano na crueldade por trás das palavras. — Você obviamente não tem interesse suficiente nos negócios de Lazaro, Raphael. Se tivesse, saberia que nós somos um dos maiores patrocinadores desta premiação.

Raphael olhou ao redor, imaginando se algum dos convidados bem-vestidos era um homem de Marco disfarçado. Esperava que sim.

— Estou surpreso — replicou ele sardonicamente. — Não combina com Lazaro estar envolvido em algo tão digno.

— Não foi minha ideia de Relações Públicas, devo confessar. Você está certo... Geralmente preferimos patrocinar eventos mais na moda. Mas Alessandra Ferretti sempre teve uma queda por você, irmão. Ela obviamente conseguiu convencer nosso pai.

— Como ele está? — interrompeu Eve, notando a raiva mortal nos olhos de Raphael.

Luca deu de ombros.

— Ele não falou ainda. Contudo, não entendo por que ele está tão cansado. Sou eu quem faz todo trabalho.

— É a sedação — disse Raphael entre dentes. — Falei com o hospital pouco tempo atrás. Eles o estão mantendo sedado.

— Vamos achar a nossa mesa, Raphael? — sugeriu Eve, tocando-lhe o braço para que ele a olhasse e quebrasse a terrível tensão entre os dois homens.

— É claro — murmurou Luca, subitamente solícito. — Vão. Podemos continuar nossa conversa mais tarde, *mia cara*. Você queria me perguntar uma coisa, lembra?

Eve sentiu a tensão de Raphael e puxou-o pela mão.

— Não... esqueça aquilo. Não faz a menor diferença agora.

O DESAPONTAMENTO INICIAL de Eve por não se sentar ao lado de Raphael à mesa do jantar deu lugar ao alívio quando o homem que se sentou do seu lado direito apresentou-se. Paul era jovem, entusiasmado, e, para deleite de Eve, de Londres. De repente, a noite não parecia mais um fardo, e suas preocupações sobre desapontar Raphael com seu italiano pobre desapareceram, enquanto eles conversavam sobre seus lugares favoritos. Uma vez que descobriram uma paixão compartilhada por uma *delicatessen* em Notting Hill, ninguém mais os deteve.

Todavia, isso não a impediu de sentir uma onda de ciúme quando o lugar ao lado de Raphael foi tomado pela muito *sexy* Alessandra Ferretti. Em um vestido cor de laranja berrante, ela obviamente esperara até que todos estivessem

sentados antes de chegar à mesa e assegurar máxima atenção. Após receber os olhares esperados, acomodou-se ao lado de Raphael.

E, pela linguagem corporal da mulher, Eve podia ver que ela falava de *festa particular* alto e claramente.

— Você experimentou a mussarela de búfalo deles? — perguntou Paul.

Eve balançou a cabeça, tentando se concentrar no que ele dizia, enquanto estudava Alessandra do outro lado da mesa. Os movimentos dela eram confiantes e sedutores, enquanto bebia vinho e ria. E, acima de tudo, flertava com Raphael.

Ele parecia distante, distraído de tudo ao seu redor. Mas então, subitamente, olhou para cima e deu-lhe um sorriso, fazendo Eve se sentir melhor.

Depois do jantar, um homem distinto de aproximadamente 60 anos subiu ao pódio na frente do salão, e o silêncio se instalou quando as luzes diminuíram e ele começou a falar. Eve não entendia muito do que ele dizia, mas estava contente em permanecer recostada na cadeira, sonolenta e repleta.

Uma enorme tela atrás do pódio exibia *slides*, mas o mestre de cerimônias deu um passo ao lado quando as fotografias competindo pelos prêmios em cada categoria foram mostradas. Um por um, os vencedores iam para a frente coletar seus prêmios. Conforme a noite prosseguia, as fotografias começaram a nublar a visão de Eve, enquanto sua mente voltava-se para seu ato de amor com Raphael, lembrando-se dos beijos dele, das mãos hábeis tocando seu corpo... Olhou para aquelas mãos agora. Fortes, com dedos longos, brincavam preguiçosamente com a faca, mas o rosto dele era inexpressivo. Voltando ao presente, Eve notou que todos os olhos ao redor da mesa e do resto do salão estavam em Raphael... E, subitamente, houve uma explosão de aplausos.

— Sujeito talentoso — exclamou Paul, aplaudindo furiosamente.

Raphael levantou-se e andou para o pódio, e para a imagem imensa atrás do mesmo. Eve arfou ao ver a foto. Mesmo sem seus óculos, o poder do trabalho era inegável.

Mostrava uma mulher segurando um bebê gorducho, rindo. Imediatamente, o olho do espectador era atraído para o rosto da criança, com seus olhos azuis e faces rosadas com covinhas. Era uma imagem universal de inocência e doçura. A mãe era pouco mais que uma criança... Magra, com olhos vazios. Os braços que carregavam o bebê eram pele e osso, deixando as veias claramente visíveis. Na pequena cama ao lado delas jazia um ursinho de pelúcia... e uma seringa usada.

Raphael chegou à frente, onde Luca esperava para lhe dar o prêmio. Houve um terrível momento quando Luca estendeu a mão e Raphael o ignorou. Virou-se

para a plateia que aplaudia, e todos ficaram em silêncio.

— Estou honrado em aceitar o prêmio de Fotógrafo do Ano, e, como é justo, compartilharei o dinheiro do prêmio com algumas instituições beneficentes... Os Órfãos da Heroína na Colômbia e o Centro de Reabilitação e Recuperação de Drogados que criamos em Florença, dois anos e meio atrás.

Houve uma salva de palmas, antes que ele prosseguisse:

— Estou humildemente ciente de que o tema de minhas fotos é excepcional, e não a pessoa que as saca. Sou muito grato a todos que confiaram em mim o bastante para serem fotografados. — Os olhos dele foram para Eve. — Mas espero que, com o tempo, o povo da Colômbia tenha motivos para ser grato a mim. Por expor a situação deles para o mundo e continuar o trabalho em direção à melhoria. — Ele pausou. — O trabalho irá continuar, até que o perigo das drogas e daqueles que as produzem e fazem lucros com elas seja removido.

Apenas quando todos se levantaram para aplaudir, Raphael virou-se para apertar a mão de Luca. Parecia mais um juramento solene do que uma saudação de agradecimento.

ALESSANDRA FERRETTI não perdeu tempo em parabenizar Raphael quando ele retornou à mesa. Beijou-o em ambas as faces; então, puxou-o de lado antes que Eve tivesse a chance de se levantar.

— Eu organizei algumas fotos publicitárias para as melhores revistas, o que deve nos trazer muito dinheiro para caridade — ela falava enquanto o conduzia para longe.

Raphael virou-se e encontrou o olhar de Eve, prendendo-o por um momento antes de ser engolido pela multidão.

— ELE É um gênio — Paul suspirou. Eles estavam na galeria, diante das fotografias de Raphael.

Ele levara Eve para a longa galeria do *palazzo*, onde todas as fotos nomeadas estavam expostas. Ela estava encantada pelo trabalho de Raphael.

— Olhe para a composição ali. — Paul apontou para uma foto de alguns garotinhos com rostos sujos, jogando futebol em uma rua empoeirada. — A emoção em algumas destas fotos é incrível. Estas pessoas foram consideradas vilãs, mas di Lazaro nos dá a chance de vê-las de um modo diferente. Dá a elas uma espécie de...

— Dignidade — Eve terminou por ele, as lágrimas em seus olhos nublando os rostos sorridentes dos menininhos.

— Ah. Aí está você, Eve. — Alessandra Ferretti apareceu do nada. — Raphael estava lhe procurando. Ele irá levá-la para casa agora.

Ela falou como se Eve fosse uma criança atrapalhando a festa dos adultos. Determinada, Eve manteve os olhos nas crianças colombianas jogando futebol na rua. Estava tentando imaginar Raphael lá, a poucos metros de distância. Dois dos garotos olhavam diretamente para câmera, e Eve imaginou o que Raphael estaria lhes dizendo.

— Ele está esperando.

Eve despediu-se de Paul e seguiu Alessandra ao longo da galeria.

— Fale-me sobre as instituições beneficentes que Raphael mencionou. Os Órfãos da Heroína na Colômbia e...

— Centro de Reabilitação e Recuperação de Drogados. Ele o criou como ajuda por telefone no início. Em nossa indústria, vemos muitas pessoas irem por este caminho. Droga é uma parte inevitável do cenário da moda. Mas Raphael quis oferecer um ponto de contato para jovens modelos que precisam de ajuda para sair do ciclo. Ele fundou a instituição sozinho, e, no começo, atendia a todos os telefonemas em seu celular, 24 horas por dia — disse Alessandra com orgulho. — Mas, tipicamente, nunca fala sobre isso.

Elas estavam descendo a escada agora, e, subitamente tonta, Eve teve de se segurar no corrimão para apoio.

Então era isso. Ellie tinha o número de Raphael escrito num pedaço de papel no seu bolso não porque ele era uma fonte de drogas, mas de ajuda.

Uma onda de pura felicidade a envolveu. Parando no meio da escadaria, virou-se para uma Alessandra confusa e, sorrindo, murmurou:

— *Obrigada.*

Raphael estava parado ao pé da escada, a luz de cima banhando-lhe os ombros largos e cabelos pretos. Ela queria pular os últimos degraus para os braços dele e beijá-lo loucamente. E, de súbito, tudo parecia possível.

Ele olhou para cima enquanto elas se aproximavam.

— Desculpe, eu negligenciei você a noite inteira.

— Pensei que não iríamos mais nos desculpar um com o outro? — disse ela, tentando suprimir um sorriso muito amplo.

Alessandra tocou o braço de Raphael, deu um olhar acusador para Eve e disse alguma coisa para ele em italiano.

A expressão de Raphael não entregou nada.

— Bem, você terá de se virar sem mim, Alessandra — replicou ele em inglês, então se voltou para Eve. — Vamos.

Eles foram para a porta, e já estavam saindo quando Alessandra falou de novo em italiano.

Raphael virou-se.

— Obrigado pelo conselho, Alessandra. Mas, para futura referência, quando eu quiser sua opinião, pedirei.

O tom controlado dele enviou um arrepio pela coluna de Eve. Mas isso não foi nada comparado aos fogos de artifício que explodiram em sua pélvis quando ele passou um braço protetor ao redor de seus ombros.

Olhando para Alessandra, ele acrescentou:

— E, embora não seja de sua conta, eu não esqueci. Gostaria que fosse capaz.

CAPÍTULO ONZE

UMA LUA cheia estava refletida no canal quando eles saíram no ar da noite.

A tranquilidade eterna da cena era um contraste agudo com a pulsação frenética de excitação nas veias de Eve diante da perspectiva de ficar sozinha com Raphael.

Ela estava tremendo.

— Você está com frio — disse ele, e, antes que ela pudesse protestar, Raphael tirou seu paletó e colocou-o sobre os ombros nus dela.

O paletó ainda continha um tênue traço do perfume de limão de sua colônia, sob o cheiro mais forte de sândalo, que era muito próprio dele.

Ela o olhou. Ele tinha afrouxado a gravata borboleta e aberto os dois botões superiores da camisa.

— O que Alessandra disse?

— Alessandra tem um talento para declarar o óbvio e achar que é uma análise profunda — comentou ele. — O que, aparentemente, a torna um gênio no mundo de Relações Públicas. Quando o critério relaciona-se à minha vida pessoal, isso a irrita.

— Sua vida pessoal?

— Sim. Ela pensa que seria de grande ajuda salientar que você é consideravelmente mais jovem que eu. — Ele não iria mencionar que Alessandra também fora maliciosa ao lembrá-lo da profissão de Eve. — Ela está com ciúme.

— De mim? Por quê?

Quando Eve falou, tropeçou levemente numa pedra da calçada. Com incrível rapidez, Raphael agarrou-a para que não caísse. Por um segundo, segurou-a, estudando-lhe o rosto. A luz do poste de rua lançava uma luz prateada aos cabelos louros.

— Agora, quem está procurando elogios? — disse ele com um sorriso.

Raphael a liberou, e ela se abaixou para tirar os sapatos de salto, com os quais não estava acostumada. Quando endireitou o corpo, o paletó escorregou do ombro e a forte luz do poste iluminou um machucado na lateral de seu pescoço. Franzindo o cenho, ele roçou o polegar sobre a marca roxa.

— Como você fez isso?

Ela mordeu o lábio e olhou para seus pés descalços.

— Não fui *eu*, exatamente...

Raphael deu um gemido leve e passou os dedos nos cabelos, lembrando-se de como tinha enterrado seu rosto no pescoço dela quando o ato de amor deles chegara ao clímax.

— *Dio*, Eve, descul...

Ela o silenciou com o roçar de um beijo.

— Sem desculpas, lembra-se?

— Se você fizer isso outra vez, terei de me desculpar por cometer um ato de indecência pública.

Afastando-se, Eve pegou-lhe a mão e o conduziu para a frente. Aninhada no paletó dele, parecia delicada, feminina e muito travessa.

— Neste caso, é melhor nos apressarmos. Eu prefiro cometer um ato de indecência privada. Preferencialmente, mais de um, na verdade.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Parece que eu a corrompi.

Eve virou-se, dando-lhe um olhar tão ardente que ele sentiu seu corpo reagir de imediato. Faíscas de calor brilharam nas profundezas dos olhos azuis quando ela ficou na ponta dos pés e roçou os lábios na sua orelha.

— Corromper? Não. Você me *despertou*. — Eve beijou-lhe a boca. — E por isso estou verdadeiramente grata — terminou num sussurro ofegante que fez o sangue de Raphael ferver no baixo-ventre.

— Eu também — murmurou ele, enfiando uma mão pela frente do vestido dela. — Eu também.

O fósforo chamejou na escuridão, iluminando as feições de Raphael quando ele o levou até as velas do candelabro de murano sobre a penteadeira.

Uma luz tremulante lançava um brilho dourado ao redor do quarto.

— Volte para a cama.

A voz de Eve era sonolenta e abafada pelos travesseiros. A luz da vela caía sobre as madeixas douradas de seus cabelos e fazia sua pele parecer quase luminescente contra o linho branco dos lençóis amassados.

— Não se mova.

— Hmm?

— Não se mova. Preciso fotografá-la desse jeito... Você parece algo de uma pintura religiosa nesta luz. A Eva original antes da...

— Raphael? — interrompeu ela gentilmente.

— O quê?

— Cale-se e venha aqui, *agora*.

Ele riu.

— Você não pode esperar mais?

Apoiando-se em um dos cotovelos ao lado dela, ele lhe beijou a pequena cavidade na base da coluna. A insaciável paixão de Eve tanto o surpreendia quanto o divertia.

— Não posso?

Raphael tombou sobre os travesseiros, dando um gemido teatral.

— Eu lhe disse que era velho demais...

Ela se virou sobre as costas de modo que pudesse vê-lo apropriadamente.

— Não ouse começar tudo outra vez!

— Não? O que você fará?

Num átimo de segundo, Eve estava em cima dele, seus olhos brilhando na luz da vela.

— Terei apenas de lhe provar que você não é... — Ela deu uma risada baixa. — O que não seria difícil, considerando que há uma evidência *muito* rígida bem na minha frente. Ou devo dizer, embaixo de mim?

Deslizando pela extensão das coxas musculosas, ela ouviu o feroz ofego de Raphael quando sua boca tocou a excitação viril, e sua língua o provocou sensualmente. Ela não se preocupou se estava fazendo aquilo direito ou não, guiada por um instinto primitivo e por seu próprio prazer sensual.

Jamais sonhara que dar prazer a um homem teria este efeito explosivo sobre seu próprio desejo. Fechando os olhos num êxtase delirante, sentiu as mãos fortes agarrarem seus cabelos.

— Agora você, *cara* — disse ele. — Ou, Deus, ajude-me, não serei capaz de parar...

Levantando-a facilmente, Raphael deitou-a sobre os travesseiros. Então curvou a cabeça para beijar-lhe a clavícula, os seios, o umbigo. Ela podia sentir a aspereza da barba despontando sobre sua pele sensível, e tremeu de prazer. Um gemido profundo escapou da garganta de Raphael ao encontrar o triângulo quente e úmido no alto de suas coxas, e ele inalou seu perfume natural e inebriante.

O orgasmo de Eve foi rápido e selvagem, e, por um momento, ele imaginou se a machucara. Aninhando-a em seus braços, segurou-a até que os tremores diminuíssem, deixando-a lânguida e pesada.

— Raphael... Oh...

Ela podia sentir a pressão da excitação masculina na sua barriga, e, após beijá-lo, murmurou:

— *Mais.*

E, desta vez, ele se certificou de que o ato de amor fosse lento e gentil. Eles não tiraram os olhos um do outro, enquanto todas as investidas profundas e deliberadas os fizeram moverem-se para mais perto do céu, agora compartilhado. No último momento, Eve atirou a cabeça para trás e liberou seu prazer.

Quando Raphael a fitou novamente, lágrimas escorriam pelo rosto dela. À luz da vela, pareciam rios de ouro.

— VOCÊ ESTÁ acordado.

Abrindo um olho azul por baixo da massa dourada de cabelos, Eve emitiu um pequeno resmungo de desapontamento:

— E vestido. Muito vestido.

— Eu lhe trouxe café.

Eve torceu o nariz.

— Oh, não tem chá?

— Lamento. Você não encontrará chá em muitas cozinhas italianas... E aqui fazemos uso somente dos essenciais básicos. Café terá de servir.

Ele depositou o café no criado-mudo e caminhou até a janela, passando uma mão nos cabelos para impedir-se de tocá-la. Ela dormira aninhada ao seu corpo, mas agora estava numa posição que expunha as costas provocadoramente. Parecia irresistível, e Raphael precisaria de todo seu autocontrole para sair do *palazzo* e manter seu compromisso com Catalina.

Sonolenta, Eve sentou-se na cama, puxando o lençol sobre os seios.

— Aonde você vai?

Os olhos azuis estavam fixos nos seus sobre a borda da xícara de café, e ele teve de virar-se para dizer:

— Encontrar alguém. Eu lhe falei ontem, lembra-se? É um compromisso de negócios, mas muito importante... Ou eu não iria.

— Lembro-me de diversas coisas sobre ontem, mas esta parte fugiu de minha memória. Não imagino por quê. Você vai demorar?

Raphael suspirou.

— Ouça, Eve, eu não tenho ideia. Pode terminar muito rapidamente, como pode tomar quase o dia inteiro. Gostaria de poder dizer...

— Talvez eu deva ficar na cama, então — murmurou ela, sorrindo maliciosamente. — Só para o caso de que termine rapidamente. Seria tolice

perder um tempo precioso vestindo-me...

Ela não estava facilitando as coisas. O olhar que lhe deu foi suficiente para excitá-lo quase além da razão. Mais cinco minutos ali, não sairia do *palazzo* por horas.

— Termine seu artigo. Seja uma boa menina. Pode mostrá-lo para mim quando eu voltar. Há pão e frutas na cozinha. Sirva-se, se tiver fome.

Muito consciente das delícias escondidas pelo linho fino dos lençóis, ele não ousou arriscar um beijo e caminhou em direção à porta sem olhar para trás.

EVE DIGITOU a última frase do artigo com um floreado. Naquele horário do dia anterior, estivera sentindo-se tão miserável que não fora capaz de juntar duas sentenças; todavia, nesta manhã, as palavras fluíam das pontas de seus dedos facilmente.

Não havia nada divertido em jornalismo, pensou quando clicou "contar palavras". Agora era só mandar um *e-mail* para Marissa Fox.

Cantarolando baixinho, deixou de lado seu *laptop* e saiu da cama, estendendo as pernas adormecidas. Sentira um pouco de frio depois que Raphael saíra; portanto, vestiu a camisa que usara na noite anterior, feliz por respirar o cheiro dele no algodão amassado.

Ele era tão... *sexy*, pensou com um pequeno tremor, admirando-se com seu reflexo no espelho da penteadeira. Ela parecia *brilhar*.

Deu uma risadinha. Talvez *Glitterati* se interessasse por um artigo intitulado: *Sexo: o novo Botox*.

Pegando seu celular, mandou um torpedo a Lou:

"Em Veneza com Artigo R. terminado"...

Ela hesitou, sorrindo enquanto considerou acrescentar: *virgindade também*.

Lou vivia insistindo para que ela se livrasse do peso da *virgindade* com qualquer um... Quase como se aquilo fosse um fardo indesejável. Felizmente, Eve não era mais virgem. Ninguém mais poderia tê-la introduzido aos prazeres da cama com uma paixão avassaladora e a terna especialidade de Raphael. Seu coração saltou com a lembrança.

Está tudo bem, terminou ela. Parecia-lhe um modo inadequado de resumir a euforia que estava sentindo, mas Lou veria isso por si mesma quando Eve voltasse a Londres.

Alegremente, juntou o telefone ao peito e rodopiou pelo quarto.

Se voltasse a Londres. Estar separada de Raphael por algumas horas era muito ruim, e o pensamento de uma separação mais longa era amedrontador.

Ela se deitou com um suspiro.

Aquela atitude não era saudável nem atraente, e sempre desprezara mulheres pegajosas. Pensando nisso, naquela manhã Raphael parecera um pouco frio e distante, portanto ela precisava ter o cuidado de não irritá-lo com adoração sufocante.

Do lado de fora das velhas janelas do *palazzo*, *Veneza* brilhava no verão... Enquanto ela esperava no quarto como uma namorada sentimental.

Propositadamente, levantou-se. Bastava de ficar sonhando acordada. Iria sair e explorar Veneza.

DENTRO DE minutos após sair do *palazzo*, Eve estava perdida.

Pensou que conhecesse o caminho para a Praça de São Marcos, mas, depois de vagar através de duas ruelas não familiares, teve de admitir que estava errada. Toda vez que estivera com Raphael, reconheceu, sua mente vagava para outros terrenos.

Ainda podia ver o sino da torre da igreja de São Marcos acima dos telhados desordenados, mas, em vez de chegar mais perto, ela parecia se afastar cada vez mais.

Pretendera voltar à praça e tirar uma foto da basílica no seu celular, para mandar para Lou e provar que realmente estava em Veneza. Em vez disso, viu-se andando de um lado para o outro, desorientada. As ruelas tinham cheiro de alho frito vindo das minúsculas *trattorias*, frequentadas somente por habitantes locais.

O estômago de Eve roncou, lembrando-a que não aceitara a sugestão de Raphael, e não comera nada no *palazzo*. Decidiu procurar um Café.

Apesar de, pela primeira vez na vida, não estar a fim de chocolate.

Aquilo realmente deveria ser amor.

Eve atravessou uma pequena ponte, assentiu para uma velha senhora vindo em sentido contrário e parou antes de entrar numa passagem estreita entre dois edifícios em estado precário. O lugar cheirava a umidade e decadência, e ela hesitou, considerando voltar e perguntar à velha senhora a direção certa, mas o orgulho e seu italiano inadequado impediram-na. Acelerando o passo, continuou.

A passagem se abria para uma pequena praça iluminada pelo sol, com um Café no final. A *campanile* estava à sua direita agora; portanto, ela devia ter feito um círculo quase completo, e agora se dirigia para São Marcos. Suspirou aliviada e debateu se parava para tomar um chá ou se continuava andando, quando o sangue pareceu congelar nas veias.

Por um segundo, pensou que iria desmaiar.

Escuridão bloqueou o sol, e cegamente Eve esticou a mão à procura de um apoio na parede para se inclinar. Gradualmente, sua vista clareou e ela foi capaz de ver que não se enganara com a primeira visão horrível.

Raphael estava inclinado sobre uma mesa, segurando as mãos de uma mulher de cabelos negros com aparência frágil. Estava de costas para Eve, mas não havia engano quanto à camisa de linho azul, ou aos cabelos escuros tão familiares. Assim como não havia engano na intimidade dele com a mulher sentada do lado oposto. Aquele certamente não era um encontro casual com uma velha conhecida. Ou um encontro de negócios.

E então, na frente dos olhos horrorizados de Eve, ele levantou-se parcialmente, pegou o rosto da mulher nas mãos e pressionou-lhe um beijo na boca trêmula.

Cobrindo a boca com a mão para tentar conter os soluços terríveis que ameaçavam irromper, Eve virou-se e correu.

— NÃO ME peça para fazer isso, Raphael, por favor.

Ele intensificou seu aperto nas mãos de Catalina.

— Eu não pediria se tivesse outra maneira de prender Luca. Você é nossa única chance, Catalina. Você mesma disse que as outras garotas que caíram nas garras dele estão perdidas no submundo das drogas, e não seriam testemunhas confiáveis, ou estão mortas. Como sua amiga... Ellie, não é? Você receberá proteção absoluta e será tratada com respeito. Eu prometo.

— Eu confio em você, Raphael. *Va bene* — sussurrou ela.

— Você fará isso?

— *Si*, tentarei.

Quase tonto de alívio, Raphael sentiu vontade de pular e executar uma dança vitoriosa em volta da praça, mas, em vez disso, esticou-se através da mesa e deu-lhe um rápido beijo de pura gratidão.

Quando se sentou novamente, viu Catalina empalidecer, enquanto uma expressão de terror surgia no rosto dela.

De olhos arregalados, ela saltou, quase derrubando a mesa enquanto olhava para um ponto bem acima do ombro dele.

Instantaneamente, Raphael estava ao seu lado, pegando suas mãos.

— Catalina? O que aconteceu?

Ela apontou um dedo trêmulo para o outro lado da praça.

— Ela estava lá! Ela estava! Ela olhou para mim.

Raphael olhou para trás.

— Quem?

— Ellie!

— Ellie? Sua amiga que morreu?

Catalina assentiu, enterrando seu rosto no ombro de Raphael e soluçando sem parar. Automaticamente, Raphael acariciou-lhe as costas para confortá-la, enquanto sua mente girava.

Sabia que às vezes o uso de drogas deixava sequelas como alucinações. Falar sobre o passado devia ter desencadeado alguma coisa. Ela claramente não estava tão curada como ele pensava.

— Não há ninguém lá, Cat. Acalme-se... Vamos, *cara*, vamos para casa.

Raphael tirou algumas notas do bolso e deixou-as sobre a mesa, então pegou o braço de uma Catalina soluçante e incoerente.

A imagem tentadora de Eve na cama no *palazzo* provocou-o, e ele praguejou introspectivamente. Parecia que aquilo teria de esperar, afinal de contas.

CAPÍTULO DOZE

Cega pelas lágrimas, Eve continuou a correr, sem pensar para onde ia. Tinha leve ciência de estar voltando para a ponte que atravessara há alguns minutos. Mas aquilo parecia ser noutra existência. Ficou quase surpresa de ver a mesma velha senhora somente um pouco mais adiantada no seu caminho ao longo da ponte. Como podia ser tudo tão normal quando seu mundo tinha desmoronado diante de seus olhos?

Finalmente, uma dor aguda na lateral do corpo forçava-a a parar de correr, e ela se sentou na soleira de uma porta e chorou.

Não era de admirar que Raphael parecera tão ansioso naquela manhã. E não era de admirar que fora tão vago sobre quando voltaria. Aquela mulher devia ser uma velha chama que ele esperara reacender, e não estivera certo de que espécie de recepção teria.

Bem, certamente parecia ter tido sorte, pensou Eve com tristeza. Do modo que ele a beijara, tudo indicava que não voltaria para o *palazzo* tão cedo.

Ela fora tão *tola*. Tola e ingênua. Desde que eles tinham se visto pela primeira vez, Eve pensara que o sentimento entre os dois era raro e extraordinário. Tinha sido tão subjugada pelo poder daquele sentimento que se pusera numa posição de perigo em potencial de estar com ele. E sua descoberta na noite anterior de que Raphael não era o que ela pensara fora um momento de pura alegria.

Bem, ele podia não ser traficante, mas era mentiroso.

— Eve? *Eve*, *cara*, pensei que fosse você! *Tesoro*, o que aconteceu?

— Luca! Oh, Luca... Como você...

— Meu hotel é ali. Oh, *bambina,* diga-me... o que a fez chorar?

No momento seguinte, ela estava nos braços dele, chorando no ombro largo. Ele cheirava a cigarros e bebida − tão diferente do aroma delicioso de Raphael −, mas era familiar e estava ali... E por isso Eve sentia-se imensamente grata.

Gentilmente, ele a afastou de si para olhá-la.

— Foi Raphael, não foi?

Ela assentiu.

— Ele está ferido?

Havia algo levemente selvagem nos olhos de Luca e ele sacudiu-a pelos ombros quando repetiu a pergunta. Ofegando, Eve conseguiu menear a cabeça novamente.

— Eu o vi com... com... outra mulher. Num Café. Ele estava... — Eve pegou o lenço que Luca oferecia-lhe. — Eles estavam de mãos dadas. E então ele a beijou.

Luca deu um assobio baixo.

— Como era esta mulher?

Eve deu de ombros, desanimadamente.

— Cabelos escuros, longos, muito magra... Uma aparência frágil, suponho. Quase como uma versão anoréxica de Alessandra.

Os olhos de Luca brilharam e ele pareceu estranhamente satisfeito.

— Catalina.

— Você a conhece?

— *Si.* Ela e Raphael tiveram um relacionamento alguns anos atrás, quando ela era modelo da *Lazaro*. Mas, espere, *cara*, isso faz muito tempo. Não posso imaginar por um minuto que Raphael a quereria de volta agora.

— Por que não? — Eve engoliu em seco, não gostando do tom da voz de Luca.

— Porque ela esteve envolvida com bebidas e drogas. Acredite-me, sei o que estou dizendo. Ela definitivamente perdeu seu brilho de juventude. — Ele sorriu e acariciou-lhe o rosto com um dedo. — Diferente de você, *mio carino*. Venha... Sei onde é o apartamento de Catalina. Vamos lá e...

— Não! Eu não poderia! Não quero vê-los!

— Calma, *bambina¸* calma. Você está tirando conclusões precipitadas. Iremos lá e aposto que encontraremos Catalina sozinha. Você a conhecerá e verá o que eu disse sobre ela. Então voltará para Raphael, lhe dará um beijo grande e lhe dirá como você foi boba. Certo?

Eve esfregou o rosto com o lenço, sentindo um lampejo de otimismo. Se Luca pensava que ela era boba, talvez fosse.

— Tudo bem.

— *Bene.* Vamos.

— ESTAMOS PERTO, *cara*. O apartamento de Catalina fica naquele edifício ali, no primeiro andar.

Eve seguiu o olhar dele. O prédio de três andares tinha um ar de grandeza, apesar da pintura descascada e dos tijolinhos quebrados.

Ela diminuiu os passos quando eles se aproximaram, e parou quando chegaram ao nível do edifício.

E então avistou os dois.

— Não — exclamou ela, olhando para cima, incrédula. — Oh, Deus... Luca, olhe. Na janela...

Por um momento, Luca não falou, enquanto eles observavam Raphael desabotoar o vestido de Catalina, depois beijar-lhe a testa.

— Sinto muito, *bambina*. Parece que você estava certa.

Ele teve de forçá-la a voltar, mas, àquela altuta, ela já vira Raphael baixar a veneziana do quarto. Lágrimas escorriam silenciosamente pelas suas faces enquanto Luca a conduzia de volta ao lugar de onde tinham vindo.

Depois de receber a notícia da morte de Ellie, Eve lembrava-se do estado de entorpecimento que a assolara. Ela não fora capaz de chorar.

Desejou um pouco daquele torpor agora. Tudo que queria era gritar de raiva e bater os pés no chão, como uma criança tendo um acesso de ira numa loja de brinquedos.

Eu quero Raphael, eu quero Raphael! Não é justo!

Voltar para o *palazzo* era uma tortura cruel.

Atordoada, Eve subiu as escadas.

— Que quarto?

— Como?

Luca fez uma careta.

— Em que quarto estão suas coisas? Você se esqueceu, *cara*, este é o *palazzo* de Isabella. Nunca me permitiram entrar aqui antes. Não sei o caminho.

— Aqui.

Parecia incrível que tudo estivesse como ela deixara, poucas horas atrás. A cama desarrumada, a cena de tal alegria e paixão... Tudo parecia ridicularizá-la, e, atirando-se sobre a cama, Eve enterrou o rosto nos lençóis, inalando o cheiro de Raphael.

— Ora, *bella*, não chore.

Ela sabia que começava a frustrar Luca, mas não se importou. A ternura inicial dele estava dando lugar a uma inquietação que a amedrontava.

— Sua mala? Onde está?

— Não tenho certeza onde Raphael a pôs... Aqui está... debaixo da cama. Não tenho muito mais coisas.

O vestido verde-água estava dobrado cuidadosamente sobre a cadeira, e Eve pegou o tecido acetinado. Fora tão feliz quando o usara. Agora se sentia como o

vestido... vazia e abandonada.

— Pronta?

Eve assentiu, mas não se virou ao som da voz impaciente de Luca.

— Vamos, então. Precisamos voltar para meu hotel para pegar minhas malas, depois vamos para Marco Polo. Mandei preparar o jato.

Ela arregalou os olhos.

— Não é o jato de Lazaro?

— *Si, cara.* Posso não ter sido permitido a entrar aqui antes, mas também sou... um di Lazaro.

— Mas não posso...

Ela parou, ciente de que aquilo soaria ridículo. *Não posso suportar o pensamento de viajar sem ele.*

— Acho que pode, *bambina*. A menos que queira ficar aqui. Talvez você apreciasse um pequeno *ménage à trois* com Raphael e Catalina?

Ele riu de sua própria piada; então, vendo o rosto pesaroso dela, passou um braço em volta dos seus ombros trêmulos.

— Não se preocupe, *bella*. Cuidarei de você. E, se for uma boa menina, eu lhe darei algo bom para ajudar a relaxar.

— O que quer dizer com isso?

Ele sorriu e deu um tapinha misterioso na lateral de seu nariz.

— Eu lhe mostrarei mais tarde. Agora, vamos sair desse lugar, que me dá arrepios.

— Eu adoro esse lugar — disse Eve ferozmente. Fechou a porta do quarto e inclinou a cabeça, tocando-a por um segundo, enquanto lágrimas caíam de suas pálpebras fechadas. A imagem da cama desfeita estava viva em sua cabeça, e desconfiou que permaneceria ali por muito tempo: a cena de uma felicidade breve, porém perfeita.

ERA MEIO da tarde quando Raphael finalmente entrou no *palazzo*. Carregava uma grande caixa de chá inglês que comprara de um Café elegante pelo qual passara na volta do apartamento de Catalina.

Deixara Catalina dormindo profundamente, tendo precisado despi-la e colocá-la na cama como se ela fosse uma criança. Tê-la levado do Café para casa tinha exigido paciência e força que ele não sabia possuir, enquanto ela gritava e soluçava, repetindo o nome da garota morta diversas vezes. *Ellie.*

Raphael parou bem na porta do *palazzo*, suas sobrancelhas arqueando-se, intrigado. Colocara tudo que possuíra no disque-ajuda para garotas como ela −

Catalina dissera que Ellie até mesmo tivera o número do telefone −, mas isso ainda não fora suficiente para competir com a má influência de Luca.

Ele esperara até que a mãe de Catalina chegasse antes de deixar o apartamento, e falara com a *signora* di Souza sobre a possibilidade de Catalina testemunhar contra Luca. Era um imenso alívio saber que ela estava a favor da ideia. Ele ligaria para Marco imediatamente.

Subindo os degraus, dois de cada vez, sorriu. Bem, talvez não imediatamente...

Abriu a porta em silêncio, imaginando se Eve estaria na cama. Afinal, eles não haviam dormido muito na noite anterior.

— Eve?

O quarto estava vazio e algo o fez tremer. Ele largou a caixa de chá e abaixou-se para espiar embaixo da cama, onde colocara as malas.

A sua estava lá. Mas não a de Eve.

Raphael endireitou o corpo e olhou ao redor. Tirando o celular do bolso com as mãos trêmulas, procurou na memória o número do aeroporto Marco Polo.

Cinco minutos depois, tendo se certificado de que não havia ninguém com o nome de Eve Middlemiss agendado voos naquele dia, permitiu-se respirar um pouco mais facilmente. Se ela ainda estava na ilha, deveria ter ido para um hotel, por alguma louca razão.

O que significava que ele tinha diversas ligações a fazer.

Quando iria começar, o celular tocou.

— *Pronto?*

— *Signor* di Lazaro? Aqui fala Roberto. Eu achei que deveria avisá-lo de que o *signor* Luca acabou de embarcar no jato de volta a Florença. — Houve uma pequena pausa, então Roberto acrescentou: — Ele está com a *signorina* Middlemiss.

Raphael praguejou.

— Você já está voando?

— Não, mas, *signor*, Luca está com urgência de partir. Decolaremos em poucos minutos.

— Obrigado por me avisar, Roberto.

— *Nessun problema, signore.* Gostaria que voássemos de volta para buscá-lo depois que deixarmos o *signor* Luca no aeroporto Amerigo Vespucci?

— *Si, per favore.* Avise-me quando conseguir espaço aéreo.

— Claro, *signore*.

— Oh, e Roberto... Pode pedir a Nico para ficar de olho na *signorina* Middlemiss, por favor? Ela... ela não gosta de decolagem. Tome conta dela por

mim.

Com lábios brancos, Raphael derrubou o celular na cama e caminhou para a janela. Era ali que ficara ontem, logo depois que eles fizeram amor. Fechando os olhos, reviu a cena com perfeição. Eve sentada na cama naquele vestido, o rosto bonito repleto de compaixão e ternura, quando ele falara sobre a morte da mãe. Os olhos dela haviam se iluminado com amor. E ele fora tolo demais para não enxergar isso.

Cerrou os punhos e pressionou-os contra o vidro.

Não! Seja honesto com você mesmo!

Ele havia percebido aquilo. Apenas tinha sido muito covarde para admitir que sentia o mesmo. Tentara dizer a si mesmo que Eve estava apenas fazendo seu trabalho.

Dio! Por quanto tempo vinha usando seus padrões cínicos, emocionalmente estéreis, para julgar todos? Lembrou-se de como reprovara seu pai, suas palavras ofensivas voltando à sua memória.

Se ele a amasse, deveria tê-la protegido...

Raphael estivera errado sobre todas as coisas.

Amava Eve, e isso não o tornara capaz de protegê-la. Somente lhe dera maior poder para feri-la.

Freneticamente atirando roupas dentro da sua mala, rezou para que não fosse tarde demais para pedir desculpas.

AS RUAS de Florença estavam desertas enquanto Raphael dirigia nas primeiras horas do dia, passando por semáforos vermelhos e não respeitando a velocidade permitida. Não se importava se fosse pego pela *polizia*. Marco daria um jeito.

Quando chegou perto do apartamento de Luca, começou a sentir-se tonto pela carga de adrenalina e falta de sono. Todas as fibras de seu corpo vibravam, e cada minuto que passava era como o fio de uma navalha sobre seus nervos em frangalhos.

Se Luca tivesse tocado um dedo em Eve...

Ele passara a viagem inteira de Veneza a Florença pensando no que faria. E não era agradável.

Abandonando seu carro do lado de fora do prédio de Luca, tocou o interfone e esperou que o porteiro atendesse.

— Raphael di Lazaro. Preciso falar com meu irmão, urgentemente. Nosso pai...

O porteiro abriu a porta. Lera sobre a doença de Antonio nos jornais e não perdeu tempo em oferecer empatia.

— *Grazie* — disse Raphael. — Desculpe... estou ainda um pouco chocado... Qual é o *appartemente* de meu irmão?

— A cobertura, *signore*.

O elevador pareceu levar uma eternidade para subir ao último andar. No espelho do interior, Raphael quase não reconheceu seu próprio rosto. Parecia ter envelhecido vinte anos nas últimas 24 horas... A barba despontava no queixo e suas olheiras eram profundas como as de Catalina. Ainda vestia a camisa azul que ela ensopara com suas lágrimas. O frescor de Eve parecia tão remoto e inatingível como uma cascata no deserto.

Por favor, Deus, faça com que ela esteja aqui.

As portas do elevador abriram-se. Havia somente uma porta no corredor.

Quando Luca abriu-a, o sorriso que esboçou não era de satisfação.

— Raphael... que amabilidade sua passar por aqui para me ver! É uma hora um tanto estranha para uma visita social, não acha?

Empurrando-o rudemente para o lado, Raphael entrou no apartamento e começou a abrir as portas.

— Onde ela está?

— Desculpe... quem?

— Eve.

— Ah! A encantadora Eve! Lamento, mas ela já partiu. Uma hora dessas, está prestes... — Ele checou seu relógio — a aterrissar no aeroporto de Heathrow, suponho. Somente paramos aqui para fazer hora antes do voo dela. — A risada obscena de Luca aumentou a adrenalina do corpo de Raphael. — Mas estou muito feliz que paramos! Acho que tenho de agradecer-lhe... você a inaugurou lindamente!

Pálido, Raphael voltou-se para Luca.

— Não acredito em você.

— Que ela esteja voando para Londres agora? — Luca fingiu inocência. — Gostaria de ligar para o balcão da *British Airway* e checar?

— Oh, eu checarei se ela está no voo, acredite-me. Embora eu admita que há uma chance de que você esteja dizendo a verdade sobre isso.

— Ah, então você não acredita que Eve praticou comigo as habilidades aprendidas recentemente? — De repente, Luca pareceu muito satisfeito consigo mesmo. — Bem, uma vez que você fez um trabalho de base tão bom, talvez mereça ver as fotografias.

Por um segundo, Raphael seriamente pensou que desmaiaria quando Luca entregou-lhe cinco ou seis fotos de uma garota loura. No topo, ela estava reclinada numa cama, nua, exceto por meias de *nylon* pretas e sapatos de salto alto.

Era Eve.

— Elas não têm o seu padrão de fotografias, eu sei, mas são muito bonitas...

No momento seguinte, houve o inequívoco estalo de osso quando o punho de Raphael socou o rosto de Luca, derrubando-o contra a porta aberta do apartamento.

Passando por cima do corpo caído, Raphael nem sequer olhou para baixo. Foi somente quando o elevador carregou-o para o térreo que ele notou que sua mão estava ensanguentada.

CAPÍTULO TREZE

Londres, seis meses depois.

— E ENTÃO ELA gostaria que você escrevesse um artigo sobre isso. O que acha, Eve? Eve!

Eve desviou o olhar do casal no canto da Cafeteria e voltou-se para Lou.

— Desculpe-me... o que você disse?

— Marissa. Ela quer saber se você faria um artigo sobre mães solteiras para a revista. Ocorreu-nos que há muita coisa escrita sobre ser mãe solteira, mas não muito sobre assumir uma gravidez sozinha.

— Provavelmente porque a maioria das pessoas consegue ficar com seus parceiros por pelo menos nove meses — murmurou Eve, melancólica.

Lou a ignorou.

— Você começa fazendo o teste... com todos aqueles sentimentos mistos... para quem conta primeiro, como escolhe quem vai assistir ao parto, e assim por diante. É claro, *eu* espero ser uma peça importante neste artigo.

Eve tomou um gole de seu chá, na esperança de conter as lágrimas. Quem pensaria que ainda lhe restavam lágrimas?

— Isso seria algo positivo, entende? Na falta do pai do bebê, contar com o apoio de uma amiga...

Eve esfregou os olhos por um segundo. O homem na mesa no canto da Cafeteria estendeu a mão e afastou uma mecha de cabelos do rosto da garota. Embora não fosse tão bonito, ele a fazia lembrar-se de Rafael.

Mas, então, quase tudo parecia fazê-la lembrar-se dele.

Naquele momento, o bebê deu um pequeno chute, e Eve acariciou sua barriga. Com certeza, Raphael não pensara nela desde que retornara ao *palazzo* naquele dia, e soubera que ela fora embora, mas, para Eve, esquecê-lo jamais seria uma opção.

— Então você fará isso, certo? O prazo para entrega é na próxima quarta-feira.

— Não posso.

Lou quase engasgou com seu chocolate quente.

— Eve, você precisa! Esta é uma grande oportunidade de ganhar um dinheiro extra antes que o bebê nasça. Tudo bem, esqueça o ângulo positivo e diga o

quanto tem sido difícil... Como você se preocupa que sua infelicidade durante a gravidez possa afetar o bebê, como imagina o que lhe dirá sobre o pai quando ele crescer.

— Desculpe, Lou. Eu realmente não posso. Recebi uma carta esta manhã sobre testemunhar no julgamento de Luca di Lazaro. Estarei voando na segunda-feira.

— Oh, meu Deus. Você devia ter dito.

— Eles ainda não estão certos se vão precisar de mim, mas a promotoria quer que eu esteja à disposição, se for o caso.

— Você testemunhará sobre Ellie?

Eve deu de ombros.

— Não sei. Mandei para o advogado aquelas fotografias que Ellie me enviou de Florença, de modo que eles podem compará-las com algumas fotos que encontraram no apartamento de Luca. Mas talvez queiram meu depoimento sobre o que aconteceu na viagem de volta a Veneza... Sobre o que eu contei à polícia na ocasião.

— Oh, não, Eve... Você não pode reviver tudo aquilo. Não na sua condição! Eles sabem que você está grávida?

— Não, mas não faz diferença. Preciso fazer isso... pelo bem de Ellie, mais do que pelo meu. Quero dizer, ele não chegou a me causar nenhum dano no avião. Depois da pequena façanha de Luca, eu me certifiquei de não ficar a sós com ele por nenhum segundo.

— Mas você ainda estava arrasada quando chegou em casa.

Eve suspirou.

— Eu sei. Mas meu estado emocional não se devia inteiramente a Luca. Ele apenas me ofereceu uma carreira de cocaína...

— Por Deus, Eve, você faz isso parecer uma xícara de chá!

— Não... quero dizer, fiquei chocada, e a agressão dele quando eu recusei assustou-me um pouco, mas Nico... o comissário de bordo... estava lá, e a presença dele me dava segurança. Tenho de admitir que foi um momento terrível quando Luca disse que conhecera Ellie, e percebi que *ele* devia ter sido o fornecedor, mas... bem, eu estava arrasada mesmo antes de subir no avião.

— Então Raphael estará no tribunal também?

— Não sei. — Ela não ousara perguntar a Marco. — Espero que não.

— Bem, eu espero que esteja, e que a nova namorada possa ver exatamente que espécie de canalha ele é! O tipo que seduz garotas, engravida-as, depois desaparece sem qualquer palavra.

— Não exatamente sem qualquer palavra. Ele ligou para a revista...

— Sim... ótimo — disse Lou com sarcasmo. — Qual era aquele recado mesmo? *Diga-lhe que peço desculpas. Ela entenderá. Certifique-se de que ela tem meu número.* Belo Romeu...

— Pare com isso — sussurrou Eve.

— Honestamente! *Ela entenderá.* Entender o quê? Que ele precisou distribuir seus charmes viris italianos entre a população feminina?

Uma lágrima deslizou sob os óculos de Eve e pingou na sua xícara de chá. Notando isso, Lou ficou instantaneamente contrita.

— Desculpe, Eve. Não tive a intenção de magoá-la. Apenas detesto o pensamento de você ter de encarar aquele cretino novamente.

— Ficarei bem — replicou Eve sem muita convicção.

— Irei com você.

Eve deu-lhe um sorriso aguado, sensibilizada pela determinação na voz de Lou. A empatia dela e sua lealdade nunca falhavam.

— Não seja boba. Tive trabalho suficiente para conseguir uma folga do meu trabalho. Marissa enlouquecerá. E não sei quanto tempo vou ficar lá.

— Bem, ligarei para você três vezes ao dia. Alguém precisa lembrá-la de tomar seu suplemento de ferro.

RAPHAEL SAIU do prédio do tribunal, inalando o ar úmido da noite de inverno. Chovia forte, e ele inclinou a cabeça para trás e deixou que seu rosto fosse banhado. Tinha sido um dia longo e exaustivo.

Era o primeiro dia de Catalina como testemunha, e ela não atuara bem. Pouco a pouco o advogado de defesa estava enfraquecendo a confiança dela, tornando sua versão dos eventos cada vez mais insegura. Era exatamente o que ela temera. Era também o que Gianni Orseolo, o promotor, temera.

Aparecendo na porta do edifício, Gianni abriu um guarda-chuva e aproximou-se de Raphael.

— Não foi um bom dia. Eles a reduziram a pó lá dentro. Vou chamar uma nova testemunha amanhã. Catalina não suportará mais nenhum questionamento.

Eles observaram uma Catalina pálida sendo conduzida para fora do tribunal por seus pais, uma visão que deixou ambos calados.

— *Bene* — disse Raphael. — Acho que não virei amanhã. Não sei se suportarei outro dia vendo o rosto presunçoso de Luca, e preciso visitar meu pai.

— Recomendo que prorrogue sua visita para outro dia. A testemunha de amanhã pode ser de grande valia para nós... Vale a pena vir para ver Luca

contorcendo-se na cadeira. Como vai seu pai, a propósito?

— Até o julgamento começar, ele estava melhorando todos os dias. Voltar para casa fez uma grande diferença. Mas tudo isso o atingiu de modo duro. Ele adora Luca.

Gianni Orseolo vinha de uma das famílias mais ricas de Florença, e ele e Raphael conheciam-se desde que eram garotos. Apesar de não costumarem trocar confidências, havia algo peculiarmente íntimo na proximidade de ambos sob o guarda-chuva na rua escura.

— O menino de ouro, não é? Enquanto você era a ovelha negra? E agora Antonio tem de mudar sua perspectiva.

— E eu também. — Raphael enfiou as mãos nos bolsos de seu sobretudo. — Acostumei-me à ideia de detestar meu pai e culpá-lo pela morte de minha mãe. Eu... alguém... mudou minha perspectiva sobre isso...

Pelo menos, isso era uma coisa que devia agradecer a Eve. Algo positivo, que resultara de tanto sofrimento.

Como sempre, afastou o pensamento de Eve da mente.

— Famílias são uma coisa complicada. — concordou Gianni. — Por isso, meu amigo, somos muito sábios em evitar esse caminho.

Raphael não disse nada.

O carro de Gianni era facilmente reconhecível entre os outros estacionados ao longo da rua. Raphael deu uma risada quando eles se aproximaram da Ferrari vermelha.

— Muito bonita, Gianni. Muito prática.

— Como um jovem solteiro, preciso investir em todos os equipamentos certos para atrair as mulheres certas. — Ele acionou o controle remoto. — Sei que não é da minha conta, mas você parece estar precisando de uma boa noite de diversão. Ouça, vou viajar este fim de semana com um grupo de amigos. Por que não vai comigo? Eu tenho a garota perfeita...

— Não. — Raphael já estava afastando-se ao longo da rua.

— Jantar, então. Você adoraria esta garota...

Raphael sacudiu a cabeça.

— Obrigado, amigo, mas não.

— Posso pelo menos dar-lhe uma carona para algum lugar?

Raphael quase desapareceu na escuridão, mas sua voz ecoou através da chuva.

— *Grazie*, mas prefiro caminhar.

COM A cabeça baixa, absorto da chuva, Raphael continuou andando, clareando sua mente de tudo, exceto do ritmo calmante de seus passos.

Tão logo a prisão de Luca tinha sido assegurada, ele pegara sua câmera e voltara para Colômbia. Mas, desta vez, para as montanhas. Os dias que passara lá, apenas caminhando e fotografando paisagens, haviam-no ajudado a aceitar a traição de Eve, mesmo sem entender bem toda a situação.

Antes de ir, havia telefonado para a revista e deixado uma mensagem, desculpando-se, esperando que ela reconhecesse o significado particular daquelas palavras. Quando ela não respondeu, Raphael concluíra que tudo que acontecera entre eles tinha significado mais para ele do que para ela.

A chuva estava mais forte agora, e ele podia senti-la penetrar por baixo da gola do sobretudo e escorrer por seu pescoço. De repente, mesmo com toda dor e angústia, estava lembrando-se de Veneza. De pé na Piazza San Marco enquanto a tempestade caía... a fúria que queimara nos olhos bonitos de Eve, rapidamente transformando-se em paixão...

Cerrando os dentes, entrou em casa e bateu a porta. Quando negação não funcionava, havia sempre raiva.

Sacudindo a chuva dos cabelos, foi até a cozinha a fim de fazer um café. Abriu o armário, então parou quando algo lhe chamou a atenção. Ele pegou o item.

Chá inglês.

Como se tornara deplorável. Ridículo o suficiente para levar-lhe o chá, em primeiro lugar... Em segundo, por conservá-lo no armário pelos últimos seis desesperados meses... Aquilo era apenas uma ilusão. No que estava pensando? Que um dia ela apareceria na soleira de sua porta ou caísse do céu? Oferecendo dar-lhe outra chance junto a uma xícara de chá?

Houve um grande estrondo quando o pacote de chá atingiu a parede e encontrou seu alvo na lata de lixo.

Abrindo uma garrafa de vinho, Raphael deixou a cozinha, esquecendo-se do café. Na sala de estar, foi para a janela, sem se importar em acender a luz.

Do lado de fora, a chuva continuava.

Raphael tomou um gole de vinho, tentando afastar as lembranças de sua memória. A cabeça de Eve nos seus joelhos enquanto andavam de carro na rua. A maciez dos cabelos sob sua mão. O calor da respiração na sua coxa...

Dando um gemido, virou-se da janela e pegou o controle da televisão. Notícias. Futebol.

Procurou um programa melhor.

Ficou gelado, rígido de descrença, quando a soprano começou a cantar e a música divina preencheu a sala escura.

Madame Butterfly.

Despejando o resto do vinho na taça, ele inclinou a cabeça contra a parede e fechou os olhos.

A luz pálida da janela mostrava pura agonia no seu rosto abatido.

CAPÍTULO CATORZE

Florença em fevereiro era uma cidade completamente diferente da que Eve deixara em agosto. Uma garoa fina escurecia as ruas elegantes. Sentada atrás do motorista enviado por Marco para levá-la do seu hotel até o tribunal, Eve olhava pela janela e tentava não pensar em Raphael.

Ela estava tremendo. Mesmo a remota possibilidade de revê-lo fazia seu coração disparar, e ela podia imaginar o que sua ginecologista diria se tomasse sua pressão sanguínea naquele momento. Pelo bem de seu bebê, tentou manter a mente focalizada em Luca.

Estava ali para fechar o capítulo horrível que começara três anos atrás, com a morte de Ellie. Sua própria pequena tragédia era acidental.

O carro parou diante de um edifício, e o motorista desceu, abrindo um guarda-chuva antes de abrir a porta para ela. Gentilmente, segurou-lhe o braço quando ela desceu do carro e ajudou-a a subir os degraus do edifício. Eve sentiu que, sem apoio, suas pernas simplesmente fraquejariam.

Falando em italiano num pequeno rádio de mão, ele a guiou para um longo corredor com pilares de mármore e bancos de ambos os lados, gesticulando para que ela se sentasse.

— *Caffe, signorina?*

— Não, *grazie*, estou...

As palavras morreram nos seus lábios quando ela olhou para cima. Passos se aproximavam do outro lado do corredor. Seu coração bombeou loucamente quando Eve encontrou os olhos que haviam habitado seus sonhos por seis tortuosos meses.

O rosto de Raphael estava fantasmagoricamente pálido na escuridão. Mas foram os olhos o que chamou mais sua atenção. Nos breves momentos antes que ele desaparecesse na sala do tribunal, eles a queimaram com o que parecia ódio.

— Pode confirmar seu nome completo, por favor?

A voz de Gianni Orseolo era gentil; entretanto, Eve não pôde suprimir seu tremor, nem erguer a cabeça e encontrar os olhos do homem sentado ao lado do cortês advogado.

— Eve Maria Middlemiss. — Sua voz era quase um sussurro na sala do tribunal. Ela estava ciente da presença de Luca, sentado do seu lado oposto, rodeado pela polícia, e roubou-lhe um olhar. Seu jeito alegre e despreocupado havia desaparecido completamente, e ele estava pálido e tenso.

— *Signorina* Middlemiss... Você é inglesa, sim? — Eve assentiu. — Pode contar a este tribunal quando foi a primeira vez que viajou para a Itália?

— No verão passado. Em agosto.

Gianni deu um sorriso gentil.

— Talvez não a época mais calma de Florença — disse ele, provocando risadas através da corte. — Qual foi o propósito de sua visita, *signorina*?

— Fui incumbida por uma revista para escrever um artigo sobre a retrospectiva de moda de *Lazaro*. Deveria ser uma coisa discreta. Eu tive uma pequena parte no desfile.

— Posso ver por que — murmurou Gianni suavemente. — E foi lá que conheceu Luca di Lazaro?

Eve fechou os olhos por um segundo, para se impedir de olhar para Raphael. *Foi quando conheci Raphael di Lazaro*, quis gritar. Ele estava sentado ao lado de Gianni, muito sério e lindo de morrer.

— Sim.

— Obrigado, *signorina*. Você falou que foi incumbida de escrever o artigo para — Gianni olhou para suas anotações — a revista *Glitterati*. É jornalista, então?

— Não exatamente. Uma amiga indicou meu nome para o trabalho.

Gianni Orseolo arqueou as sobrancelhas dramaticamente.

— Entendo. E qual é o seu verdadeiro emprego, *signorina* Middlemiss?

— Sou assistente de pesquisa de um professor de Poesia Renascentista numa universidade britânica.

Seu estômago se contorceu quando ela viu Raphael pôr a cabeça nas mãos numa atitude de total descrença.

— Parece que você é excessivamente qualificada... academicamente... para escrever um artigo sobre moda. Por que sua amiga indicou seu nome?

— Porque ela sabia que eu tinha um interesse especial em *Lazaro*.

— Qual era este interesse?

A atmosfera na sala do tribunal era de expectativa. Olhando nervosamente para Luca, Eve de repente percebeu que o nariz dele estava machucado, como se tivesse levado uma pancada recente.

Eve deu um profundo suspiro antes de responder, ciente de que era o momento que esperara por todos aqueles anos, mas sentindo-se curiosamente vazia agora que estava ali.

— Quando minha irmã estava viajando por Florença, alguém da *Lazaro* mostrou grande interesse em usá-la para seus desfiles. Ela sempre achava que algo estava para acontecer, mas, pelo que sei, nada veio da modelagem. Mas Ellie certamente tornou-se muito envolvida com as pessoas, e foi a muitas das festas de *Lazaro*.

— Quando foi isso?

— Três anos e meio atrás.

Gianni virou-se de repente e um silêncio tenso caiu sobre o tribunal.

Eve não conseguiu controlar-se. Inexorável e irresistivelmente seu olhar encontrou Raphael e seu coração deu um poderoso salto.

Era desnecessário tentar odiá-lo, ou mesmo tentar esquecê-lo.

Ela o amava. E isto era uma sentença de vida.

Gianni avançou para o banco da testemunha e entregou-lhe uma fotografia. Olhava-a com intensidade, querendo que ela fosse forte e invisível para o júri, e deu-lhe um sorriso de encorajamento.

— *Signorina* Middlemiss, peço-lhe que veja esta fotografia. Lamento que este tema seja um pouco... íntimo, e por isso apresento minhas mais sinceras desculpas.

Eve olhou para a foto e sentiu que seu mundo se desmoronava. Respirou profundamente para se acalmar.

— Poderia contar à corte quem é a pessoa na fotografia?

Eve fechou os olhos por um segundo e lutou para manter sua voz firme:

— É Ellie — sussurrou.

Os olhos de Gianni lhe transmitiam coragem.

— Desculpe-me, *signorina*, pode falar mais alto?

Com a cabeça erguida e lágrimas escorrendo pela face, Eve falou claramente:

— Ellie.

Houve um repentino barulho quando Raphael se levantou. Ele e Gianni tiveram um rápido sussurro de consulta, antes que Gianni se voltasse novamente para o banco.

— Meu cliente informa-me de que o réu, Luca di Lazaro, diz que a moça na fotografia é você, *signorina* Middlemiss, e que vocês dois compartilharam... uma união sexual no apartamento de Luca antes que você voltasse para a Inglaterra.

— Não!

Eve levantou-se, a negativa soando através da sala do tribunal, mas tudo que tinha ciência era de Raphael e da tensão que existia entre eles.

— Ela tem uma semelhança impressionante com você, *signorina*.

Eve não tirou os olhos de Raphael. Um músculo saltava no rosto dele, e seus olhos revelavam desespero.

— Nos éramos gêmeas.

— Eram? — perguntou Gianni, perfeitamente controlado.

— Ela morreu de overdose de heroína. Em Florença. Três anos atrás.

Houve um suspiro audível quando todos os olhos se voltaram para Luca, mas Gianni não tinha terminado.

— Consequentemente, seu interesse em *Lazaro*, e sua visita à Itália em agosto passado. Você pretendia encontrar o homem que matou sua irmã?

Mas foi como se ela não tivesse ouvido a pergunta. Fitando os olhos de Raphael diretamente, murmurou:

— Eu nunca dormi com ele. Estava apaixonada por outra pessoa.

— Entendo — disse Gianni.

Raphael rabiscou algo numa folha de papel. Gianni olhou para baixo.

— Neste caso, *signorina*, posso perguntar-lhe por que deixou Veneza?

— Descobri que esta pessoa não me amava.

Os olhos de Gianni se voltaram para Raphael.

— E o que a fez pensar assim?

Eve abaixou a cabeça.

— Ele me disse que tinha uma reunião de negócios. Mas eu o vi num Café com outra mulher. Ele estava segurando-lhe as mãos.

Raphael tentou levantar-se, mas Gianni empurrou-o firmemente para a cadeira e voltou-se para Eve.

— A mulher em questão era Catalina di Souza, que já testemunhou sob juramento, alegando que o encontro que você viu foi realmente um assunto de negócios. Ela era a pessoa com quem sua irmã gêmea compartilhava um apartamento, e o encontro aconteceu para discutir a possibilidade de trazer Luca di Lazaro a julgamento para... entre outras coisas, a morte de sua irmã. *Signorina* di Souza ainda está muito afetada por isso, e a aparente intimidade que você testemunhou era apenas um ato de conforto e apoio.

Eve empalideceu.

— Entendo — sussurrou.

Contorcendo-se na cadeira, Raphael entregou a Gianni outra folha de papel, que hesitou por um momento, como se pensando como proceder. Quando ele

caminhou em direção ao banco da testemunha, Raphael pareceu prender a respiração.

— Vejo que está esperando um bebê, *signorina*. Para quando é esperado?

— Protesto — o advogado de Luca levantou-se. — Isto não tem nada a ver com meu cliente!

Os olhos de Raphael a miraram como raio *laser*. Acima da comoção do outro banco, ela falou diretamente para ele:

— Abril.

O velho juiz levantou-se com um suspiro.

— Protesto aceito. Mantenha suas perguntas dentro do contexto em questão, *signor* Orseolo.

Gianni assentiu; então, vendo a agonia no rosto de Raphael, voltou-se para Eve:

— Quem é o pai?

— *Protesto!*

— *Signor* Orseolo! Isto é extremamente irrelevante...

— Não, não é! — A voz de Raphael era como o estalo de um chicote.

— O pai é você.

Uma excitação percorreu a corte e as pessoas estendiam o pescoço para ver o rosto de Raphael. Dando as costas para a defesa furiosa, Gianni encarou o juiz.

— Posso pedir um breve recesso? Continuarei indagando a testemunha depois.

— Recesso de uma hora — concordou o juiz. — Mas, por favor, *signor* Orseolo, repense a sua linha de perguntas.

A sala irrompeu em confusão quando as pessoas levantaram-se. Eve foi conduzida do banco de testemunha para o corredor.

Num instante, seu acompanhante policial estava ao seu lado, mas Raphael foi mais rápido.

— *Scusi, signore.* Temos coisas a discutir.

Eve baixou os olhos e assentiu para o policial.

— Por favor. Precisamos apenas de alguns minutos.

Raphael inclinou-se contra a parede. Seus olhos tinham um brilho perigoso e sua expressão era sarcástica.

— Alguns minutos? Isso é tudo que nós teremos, Eve?

Ela olhou para suas mãos. Sem pensar, curvara-as protetoramente sobre sua barriga. Raphael seguiu seu olhar.

— Então. Quando você ia me contar?

— Eu não ia.

— Entendo. Não achou que eu estaria interessado em saber que iria ser pai?

— Na ocasião que descobri, achei que você estivesse feliz com a garota que eu o vi beijando! Portanto, não, Raphael, eu não pensei que a novidade lhe proporcionaria muita alegria.

— Como você pôde confiar tão pouco em mim? — questionou ele, agarrando-lhe os braços. Então deu uma risada amarga. — Oh, que irônico. Passei todo aquele tempo recusando-me a confiar em você por pensar que era jornalista. — Ele lhe soltou os braços abruptamente, mas continuou encarando-a. — Então, o que você vai fazer?

Eve deu de ombros, como se o assunto de criar um filho sozinha não fosse um grande problema.

— Darei um jeito. Sobreviverei.

Ele meneou a cabeça.

— *Dio*, Eve! Que espécie de vida é esta para oferecer a uma criança? *Sobreviver.* Como mãe solteira? Indo trabalhar e abandonando o bebê... meu bebê... em alguma creche horrível?

Ela o fitou friamente.

— Por que não? Muita gente faz isso.

— Não com um bebê meu.

Eve ficou raivosa.

— Oh, não. Esqueci. Os di Lazaro abandonam *seus* filhos em creches muito exclusivas chamadas internatos particulares. É isso que você está sugerindo, Raphael?

Ele inclinou a cabeça como se ela o tivesse esbofeteado, mas logo recuperou a compostura.

— Não. A última coisa que quero é que esta criança tenha a mesma infância miserável que eu tive. Por isso sugiro que você venha morar aqui.

Eve ofegou.

— Com você?

Raphael deu uma risada seca.

— Claro que não... uma vez que você claramente abomina a ideia. Comprarei um apartamento num bairro decente. Mas acho que seria melhor se nos casássemos, para proteger a criança de... quaisquer inconvenientes.

A pequena flama de esperança nasceu e morreu, fazendo-a sentir-se mais sozinha do que nunca.

— Está me pedindo em casamento?

— Se você quer considerar desse jeito, sim.

Nos últimos seis meses, Eve imaginara inúmeros cenários em que Raphael a pediria em casamento, mas nenhum deles incluíra as palavras que ela disse:

— Não, Raphael.

Então virou-se e começou a caminhar pelo corredor, devagar no princípio, depois com crescente pressa, como se precisasse fugir dele.

Os passos dela ecoavam nas paredes de pedra, e Raphael tentou desviar seu olhar, sabendo que, se a visse indo embora, estaria perdido. Era o mesmo sentimento que tivera quando, aos sete anos, no funeral de sua mãe, não se permitira olhar para o caixão, porque, se tivesse olhado, sabia que choraria.

E ele não chorou. Nem na ocasião nem desde então.

Eve tinha quase chegado ao fim do corredor quando ele não pôde mais evitar. Raphael olhou para ela.

Com uma mão na porta, ela parou e virou-se.

— Desculpe-me.

A palavra era com uma lança no coração de Raphael.

COM A cabeça baixa contra a chuva que continuava caindo, e envolvida em seu próprio desespero, Eve quase passou direto pela igreja antiga. Realmente, pelo lado de fora não parecia ser uma igreja, apenas uma porta larga com uma janela circular na parede acima. Mas, por dentro, era linda, seca e completamente deserta.

Sentindo frio, ela caminhou pela nave estreita, respirando o cheiro de incenso e lírios.

No altar, fileiras de velas votivas queimavam num tributo silencioso às preces daqueles que as haviam acendido. Hesitantemente, Eve pegou uma vela nova e levou-a até a flâmula mais próxima, acendendo-a.

— Para você, Ellie — sussurrou ela, emocionada. Então fechou as mãos sobre a vela e completou: — Para você, bebezinho.

Descansando ambas as mãos na barriga inchada, olhou para cima, então colocou a mão na boca quando um soluço escapou de seus lábios.

Era quase um alívio sentir as lágrimas começarem a fluir. Mas, quando ela se ajoelhou perto de uma pilastra, imaginou se as lágrimas algum dia parariam.

EVE NÃO podia dizer por quanto tempo ficara ali, mas sua crise de choro havia cessado, e ela estava adquirindo coragem para enfrentar o resto de sua vida quando um barulho alto reverberou através da igreja e a porta pesada se abriu.

Ela se levantou. Com o coração disparado, vislumbrou, através da pilastra, dois homens com roupas escuras, seus rostos escondidos por gorros de malha, entrando na igreja, cada um com um revólver.

Ancorando-se contra a pilastra, ela fechou os olhos, sentindo o bebê chutar, enquanto adrenalina pulsava nas suas veias. Então tremeu em pânico ao ouvir o som de passos vindo na sua direção.

Tentou não fazer nenhum ruído.

Os passos chegaram mais perto. Depois pararam.

— Está tudo bem. Ela está aqui.

A voz de Raphael.

Aliviada, Eve abriu os olhos para vê-lo a poucos passos. Ele estava muito pálido quando se aproximou e puxou-a de modo selvagem para seus braços, envolvendo-a na segurança de seu corpo.

— Graças a Deus você está a salvo.

— O que aconteceu? Por que...

Raphael deu um gemido de angústia e abraçou-a junto a si novamente.

— Porque você é testemunha em um grande julgamento de drogas, deveria estar sob proteção policial. Desapareceu por mais de duas horas. O juiz teve de suspender temporariamente o julgamento. Pensamos que você... — Ele parou e ofegou.

— Não! — exclamou Eve. — Sinto muito.

Ele sacudiu a cabeça.

— A culpa é minha. Eu nunca deveria ter deixado você ir embora. — Raphael beijou-lhe os cabelos. — Pensei que tivesse perdido você novamente antes de ter tido a chance de dizer-lhe que eu a amo.

— O que você falou?

Ele se afastou para fitá-la. Seu rosto aristocrático não tinha perdido a expressão angustiada, mas os olhos escuros luziam de amor.

— Eu a amo. Corri depois que você saiu daquele jeito, porque precisava fazer alguma coisa para compensar minha estupidez. Fui para casa para pegar isto. — Raphael tirou algo de seu bolso. — E agora quero fazer tudo devidamente, antes que mais alguma coisa interfira entre nós.

Ele estendeu a mão. No centro da palma jazia um diamante solitário em forma de lágrima.

— Eve... — Ele a envolveu nos braços e beijou-lhe o rosto, a testa, a boca. — Eu a amo...

Ela fechou os olhos, radiante de felicidade, sentindo lágrimas marejando seus olhos. Protestando contra a repentina pressão entre os dois corpos, o bebê chutou.

Raphael ofegou. Então, olhando-a fixamente, levou as mãos à barriga de Eve.

— Amo vocês dois — emendou ele, sorrindo. Pegando-lhe a mão e fitando-a solenemente, sussurrou: — Eu, Raphael Antonio di Lazaro, tomo a ti, Eve Maria Middlemiss, como minha linda e doce esposa. Eu a amarei, cuidarei de ti — ele pausou, levando a mão dela aos lábios e beijando-lhe os dedos — com carinho, conforto, e a protegerei. Prometo honrá-la e fazer amor fantástico com você por todos os anos de minha vida. — Segurando-lhe o dedo anular, deslizou o anel ali. — Se você me quiser?

Através de um véu de lágrimas, Eve olhou para o altar e para a imagem de Cristo acima, e riu.

— Acho que é tarde demais. Você já fez isso e não há volta. Eu agora nos declaro marido e mulher.

— Ótimo — disse Raphael. — Mas faremos isso novamente de modo formal. Nesse meio tempo, posso beijar a...

Ele não terminou a pergunta. Mas a resposta era indubitavelmente “sim”.

EPÍLOGO

RAPHAEL SUBIU a escada na ponta dos pés e parou, um leve sorriso no rosto. Através da porta aberta no fim do corredor, podia ouvir Eve cantando Madame Butterfly.

No andar de baixo, o murmúrio da conversa era pontuada por ocasionais risadas e o tinir das taças de champanhe.

O casamento "formal", como Eve risonhamente chamava-o, estava em total curso, com Antonio sendo o centro das atrações. Raphael estava certo de que não faria falta por alguns momentos.

Abriu a porta do quarto de bebê. Eve, cantarolando, olhou-o e sorriu. Ela estava aninhada numa poltrona perto do berço, um braço acariciando a cabeça escura de Eleanor Isabella di Lazaro contra seu peito nu.

A pequena Ellie-Bella, como sua madrinha Lou a apelidara, tinha herdado a delicada beleza da avó e o senso de travessura e divertimento da tia. Agora, depois de uma tarde passada na agitação da festa, ela estava estranhamente plácida.

— Ela já dormiu? — murmurou ele.

— Mmm... — Eve moveu o bebê levemente, de modo que a boquinha abandonou o mamilo com suspiro satisfeito. Os cílios negros caíam sobre as faces rosadas, e, por um momento, os dois a olharam com adoração.

— Acho que vai ser um recorde — sussurrou Eve, sorrindo. — Nem mesmo cheguei ao fim da ária.

— Perfeito. Ninguém estará esperando por nós por um longo, longo tempo.

Com infinita ternura, Raphael tomou o bebê dos braços da mãe e beijou-lhe os cabelinhos escuros antes de colocá-la no berço. Então virou-se para Eve com um sorriso que fez o coração dela saltar.

Estendeu uma mão e ajudou-a a levantar-se, maravilhando-se mais uma vez diante da beleza de sua esposa.

Os olhos de Eve brilharam maliciosamente quando ele tocou-lhe a orelha com os lábios.

— Sabe, Raphael, não sei — sussurrou Eve contra sua boca, de modo que ele pudesse ouvir, mas não ver seu sorriso. — Sexo entre casados pode não ser tão

excitante como era antes. Talvez devêssemos descer as escadas?

— Na verdade, *signora* di Lazaro — disse ele suavemente, erguendo-a nos braços e abafando-lhe as risadas com seus lábios enquanto a carregava para a porta —, você está errada. Sexo entre casados é *até mesmo melhor*. E, se não acredita em mim, terei de lhe provar isso.

E ele provou.

Duas vezes.

Lynn Raye Harris

O HERDEIRO PERDIDO

Tradução
Maria Vianna

CAPÍTULO UM

O PRÍNCIPE HERDEIRO Nico Cavelli, de Montebianco, revisava os documentos que o secretário lhe entregara, sentado à antiga escrivaninha do século XIV. Ele consultou o relógio e concluiu que ainda teria várias horas de trabalho, antes de precisar se preparar para o jantar no qual seria anunciado o seu noivado com uma princesa de um país vizinho. Nico teve a sensação de que precisava desapertar o colarinho da camisa, mas já o abrira. Por que se sentia sufocado ao pensar em se casar com a princesa Antonella? Sua vida sofrera várias mudanças. Até dois meses antes, ele havia sido o filho caçula, o playboy dissoluto que arranjava uma amante nova a cada semana e cuja maior preocupação se resumia em escolher a festa em que iria naquela determinada noite. Sua existência não se limitava a isso, mas essa era a imagem sobre a qual a imprensa gostava de escrever, e ele não se importava, alimentando a necessidade de escândalos dos jornais, na tentativa de desviar a atenção da fragilidade emocional de seu irmão.

Nico esfregou a testa. Gaetano era o mais velho, o mais delicado, o legítimo, o irmão que ele passara a infância protegendo, a não ser quando lutava por sua própria honra, ameaçada por alguma indiscrição. No fim, ele não conseguira proteger Gaetano das consequências de seus próprios atos, nem da decisão fatal que o fizera dirigir a sua *Ferrari* até a beira do abismo e apertar o acelerador até o fundo. *Per Dio*, ele sentia muita falta de Gaetano. E estava furioso com ele. Furioso pelo irmão ter escolhido aquele final, por não ter lutado com mais energia contra os próprios demônios, por não ter confiado nele, Nico, contando-lhe o seu segredo mais cedo. Se ele soubesse, teria movido montanhas para ajudar Gaetano.

— Basta! — Nico resmungou, retomando o trabalho. Nada traria Gaetano de volta, e nada poderia mudar o seu próprio destino. Apesar de ilegítimo, a constituição de Montebianco garantia o seu direito como herdeiro. Com os avanços atuais da Medicina, não restariam dúvidas sobre a sua origem, se é que havia alguma: os Cavelli pareciam todos moldados na mesma forma. A única que não concordava com a nova posição de Nico era a rainha Tiziana, mas ela sempre o desaprovara, e nada do que ele fazia parecia ser suficiente. Desde criança, ele tentara agradá-la, mas sempre fora ignorado. Adulto, compreendera

por que a desagradava: a sua presença era uma lembrança constante de que o marido a traíra. Quando Nico se mudara para o palácio após a morte da mãe, Tiziana o vira como uma ameaça, principalmente porque, embora fosse mais moço, ele era mais forte e maior que Gaetano. Agora que se tornara herdeiro do trono, por mais que Nico amasse o irmão e tivesse dado tudo para que ele ainda estivesse vivo, a dor da rainha aumentara, pois ele se tornara a imagem da perda que ela sofrera. Uma vez que não podia trazer Gaetano de volta, Nico faria de tudo para cumprir o seu dever, honrando a memória do irmão.

Nico levantou a cabeça ao ouvir uma batida na porta.

— Entre.

— Um mensageiro do Comissário de Polícia, Alteza — anunciou o secretário.

— Vou recebê-lo — respondeu Nico. Segundos depois, um homem uniformizado entrou e se inclinou diante dele.

— Alteza, o Comissário pede para cumprimentá-lo...

Ele controlou sua impaciência, enquanto o homem recitava os cumprimentos de praxe e os votos de saúde e prosperidade.

— Qual é a mensagem? — perguntou irritado, assim que a formalidade terminou. Como herdeiro do trono, comandava a força policial, mas o seu papel não passava de simbólico. Receber um comunicado do Comissário lhe provocou um mau pressentimento. *Ridículo*. Tudo não passava da sensação de ter perdido sua liberdade, que o deixava aborrecido. O rapaz tirou um envelope do bolso.

— O Comissário me encarregou de informá-lo que recuperamos algumas das estatuetas antigas roubadas do museu. E ele me pediu que lhe entregasse isto, Alteza. — O homem esperou enquanto ele abria a correspondência. Nico tirou uma folha de papel do envelope, mas foi a fotografia de uma mulher e de uma criança, que vinha junto, que lhe chamou a atenção. O rosto das duas estava em primeiro plano; a foto fora tirada de perto. Ele reconheceu a mulher imediatamente − o cabelo louro, os olhos verdes e as sardas no nariz − e sentiu uma pontada de pena por sua relação com ela ter durado tão pouco. Observou a criança e foi tomado de fúria. *Não era possível*. Ele não seria tão descuidado. Jamais faria com uma criança o que haviam feito com ele. Jamais faria um filho e iria embora. Tinha de ser uma armadilha, um truque para embaraçá-lo na noite de seu noivado, um plano para chantageá-lo por dinheiro. Não havia como ele ser o pai daquela criança, Nico pensou febrilmente. Haviam passado pouco tempo juntos. Lamentara ter feito amor com ela apenas uma vez. Ele se lembraria se houvesse acontecido algo de errado. Claro que lembraria. Mas a criança tinha os traços característicos de um Cavelli. Nico não conseguia

desgrudar os olhos dos olhos, que pareciam o espelho dos seus, enquanto desdobrava o papel. Por fim, ele conseguiu dar atenção às palavras escritas pelo Comissário, e se levantou.

— Leve-me até a prisão, agora.

LILY MORGAN estava desesperada. Pretendia ficar em Montebianco apenas dois dias. Estava ali há três. O seu coração batia tão forte e alto que ela esperava ter um enfarto. Precisava voltar para casa, voltar para o seu bebê, mas as autoridades não demonstravam sinal de pretender libertá-la, ignorando seus pedidos para entrar em contato com o Consulado americano. Há quatro horas que ela não via alguém. Sabia disso porque ainda usava o relógio, embora lhe tivessem tirado o celular e o *laptop* ao colocá-la na prisão.

— Ei! — ela gritou. — Ei! Há alguém aí? — Não houve resposta, além do eco de sua própria voz nas paredes de pedra do velho forte. Lily se jogou no colchão esburacado da cela úmida e passou a mão no nariz. Não iria chorar. Não de novo. Precisava ser forte pelo filho, que deveria estar sentindo a sua falta. Ela nunca o deixara antes, e não o teria feito, se seu chefe tivesse lhe dado alguma escolha.

— Julie está doente — ele dissera alguns dias antes, referindo-se à comentarista de turismo. — Precisamos que você vá a Montebianco e complete o artigo que ela está escrevendo para a edição de aniversário.

Lily ficara surpresa.

— Mas eu nunca escrevi um artigo sobre viagens! — Na verdade, durante os três meses em que trabalhara no jornal, o máximo que ela escrevera fora um obituário. E ela sequer era jornalista, embora esperasse sê-lo algum dia. Fora contratada para trabalhar no departamento de propaganda, mas, como o jornal era pequeno, acabava desempenhando outras tarefas, quando necessário. O *Port Pierre Register* só tinha uma comentarista de turismo porque Julie era sobrinha do editor e também filha dos donos da única agência de viagens da cidade. Quando ela escrevia um artigo, em seguida aparecia um pacote especial de turismo para aquele lugar. A simples ideia de viajar para Montebianco deixara Lily de pernas bambas. Como ela poderia viajar para o reino no Mediterrâneo, sabendo que Nico morava lá? Mas seu chefe a ignorara.

— Você não precisa escrever, querida. Julie já fez a maior parte do trabalho. Tire apenas algumas fotos, anote as suas impressões sobre o local. Passeie por dois dias, volte e ajude-a a completar o artigo. — Ela objetara, mas ele se recusara a ouvir “não” como resposta. — As coisas estão difíceis, Lily. Se não

posso contar com você quando preciso, vou ter que procurar uma pessoa mais disposta. Esta é a chance de mostrar o seu trabalho.

Lily não podia ficar desempregada. Em Port Pierre o mercado era reduzido. Talvez ela demorasse a encontrar outro trabalho e precisava pagar o aluguel e o plano de saúde. Ao engravidar, ela abandonara a faculdade e passara mais de um ano pulando de um emprego mal pago para outro, fazendo de tudo para sustentar o filho. O trabalho no jornal representara um grande passo em sua vida: talvez pudesse voltar a estudar em meio período e se formar. Não arriscaria o futuro de Danny, dizendo "não". Ela aprendera a não depender de ninguém. Durante a infância, passara por privações toda vez que a mãe ficava desempregada, ou quando abandonava tudo para seguir o marido conquistador. Ela não faria o mesmo com o filho. Não tivera escolha, a não ser aceitar a tarefa, e se consolara ao pensar que dificilmente o seu caminho se cruzaria com o de um príncipe. Deixaria Danny com a sua melhor amiga, passaria dois dias visitando o Castello Del Bianco e voltaria para casa. Seria simples.

O que Lily não contava era acabar presa em uma cela. A sua única esperança era que alguém comunicasse o seu desaparecimento e que o Consulado americano se empenhasse em procurá-la. Ouviu um barulho e se levantou, ansiosa. Talvez viessem soltá-la, ou talvez trouxessem mais um prisioneiro para as masmorras. Ouviu o ruído de passos e se agarrou às grades de sua cela. Alguém tentou falar alguma coisa, mas foi silenciado por um comando ríspido. Lily engoliu em seco e esperou. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, ela vislumbrou uma silhueta no corredor mal iluminado, mas não conseguiu enxergar suas feições. O homem parou, antes que a luz da lâmpada no teto o atingisse, e ficou calado. Lily teve a sensação de que o sangue lhe fugia, e as lágrimas lhe subiram aos olhos. Ah, Deus, ele não podia estar ali. *Era simplesmente impossível.* O destino não poderia ser tão cruel!

Ela não conseguiu dizer uma palavra ao vê-lo se aproximar. Parecia tão bonito como ela se recordava. O cabelo estava mais curto, o que lhe dava uma aparência mais severa. Vestia calças pretas e uma camisa de seda sobre uma camiseta. Ele estava impassível e a fitava friamente. Santo Deus, como pudera confundi-lo com um estudante de Tulane, ao conhecê-lo durante o *Mardi Gras*, o carnaval em Nova Orleans? Ele parecia ser exatamente o que era: um homem rico, privilegiado, que circulava num ambiente tão restrito que Lily sentia vertigem só de imaginar...

— Deixe-nos a sós — ele disse para o homem que o acompanhava.

— Mas, Alteza, acho que não...

— *Vattene via!*

— *Si, mio príncipe* — o homem respondeu em italiano, fez uma reverência e sumiu. Lily conteve a respiração.

— Você é acusada de tentar contrabandear obras de arte de Montebianco para o exterior — ele disse secamente. Lily ficou espantada.

— O quê? — De tudo que ela esperara, aquilo jamais lhe ocorrera.

— Duas estatuetas, *signorina*. Um lobo e uma dama. Foram encontradas na sua bagagem.

— Suvenires — ela retrucou, admirada. — Eu as comprei de um vendedor de rua.

— Elas são tesouros inestimáveis da história do meu país, roubadas do museu nacional há três meses.

Lily sentiu seus joelhos fraquejarem. *Ah, meu Deus.*

— Não sei nada sobre o assunto. Só quero voltar para casa. — Ela sentia o sangue pulsar em seus ouvidos. Era tudo tão estranho! Tanto a acusação quanto o fato de que ele parecia não reconhecê-la. Mas é claro que não reconheceria! O que ela esperava? Nada. Mas, depois do que passara nos dois últimos anos, ainda se sentia magoada. Como ele podia olhar para ela sem reconhecê-la, sem estar cônscio da sua presença, como ela estava da dele? Nico chegou perto da grade com uma expressão impassível, sem um traço de benevolência, *nada*. Apenas com uma extrema arrogância e um ar de soberba que a assustavam. Ela realmente passara horas conversando com aquele homem? Sobre *o quê*? Sem querer, Lily se lembrou de estar deitada sob ele, sentindo o seu corpo se mover dentro dela. Fora a sua primeira vez, e ele havia se comportado de maneira carinhosa e paciente, fazendo com que ela se sentisse especial e valiosa. A lembrança agora lhe parecia uma ilusão acentuada pelo esquecimento que ele demonstrava. Lily sentiu-se incapaz de fitá-lo, não porque os olhos dele brilhassem num tom indiferente, frio e cortante, mas porque lhe despertavam saudades do filho. Ela não percebera até estar novamente frente a frente com o príncipe, mas Danny era a imagem exata do pai.

— Receio que não seja possível.

Lily sentiu vontade de chorar. *Não.* Ela precisava ser forte.

— Eu... preciso voltar para casa. Tenho responsabilidades, gente que depende de mim.

— Quem, *signorina*?

Ela ficou receosa. Não era o melhor momento para lhe falar sobre Danny.

— A minha família. A minha mãe. — Ela não via a mãe há um ano, mas ele não sabia. Ele a olhou com curiosidade, e com algo mais. Lily se arrepiou.

— Não um marido, Lily? — Ele pronunciou o seu nome como se fosse uma carícia e ela imaginou que, afinal, ele se lembrara dela e do seu nome, embora, quando estivessem juntos, ele a chamasse de *Liliana*. Porém, ele nada demonstrava. *Sabia o seu nome através da polícia, claro.* Ela fora tola ao pensar o contrário, mas, por que ele estaria ali? Um príncipe não ia até a prisão quando prendiam um ladrão. Lily sentiu que faltava uma peça do quebra-cabeça, algo que ela deveria saber, mas que ignorava.

— Não, não um marido. — Ela temia que, se lhe contasse a respeito do filho, Nico quisesse lhe tirar o menino. Ele tinha poder e dinheiro suficientes para fazê-lo. Lily se agarrou à grade, tentando comovê-lo. — *Por favor*, Ni... Alteza — ela corrigiu a tempo. — *Por favor*, me ajude.

— Por que eu iria ajudá-la?

Lily engoliu em seco. Danny estaria em perigo de qualquer jeito. Se ela nunca mais saísse dali, Carla criaria Danny como se fosse seu próprio filho?

— Nós nos conhecemos em Nova Orleans, há dois anos. Naquela época, você foi gentil comigo. — Ela ficou desapontada. Ele não pareceu se lembrar e permaneceu frio e distante.

— Eu sempre sou gentil com as mulheres — ele respondeu calmamente.

Lily corou. Como suportava manter aquele tipo de conversa com o homem que era pai do seu filho e nem sabia? Estivera certa ao desistir de procurá-lo, depois que descobrira a sua verdadeira identidade e consultara alguns jornais. O príncipe Nico Cavelli, de Montebianco, não passava de um *playboy*, de uma celebridade internacional que passara por Nova Orleans e que já a esquecera. Claro que Nico não ligaria para Danny, da mesma maneira que seu pai não se importava com ela ou com sua mãe. Entre todos os homens do mundo, ela escolhera justo *aquele* para iniciá-la na arte do amor? Fora muito ingênua ao se deixar enganar pelo seu charme e pela sua franqueza. Ele não mentira, mas também nada dissera. Ela sabia o seu nome e de onde ele viera. Mais tarde, soubera que era um príncipe. Depois de conseguir o que queria, Nico a deixara entregue ao seu destino. Ela o esperara debaixo da chuva por duas horas, na última noite, mas ele não aparecera. Deus, ele lhe dava nojo...

Antes que Lily descobrisse outro jeito de comovê-lo, Nico tirou um papel do bolso e lhe mostrou. Ele parecia tão indignado que ela deu graças a Deus por estarem separados pelas grades.

— O que significa isto? Quem é essa criança?

Lily se desesperou e tentou pegar a foto, mas Nico a impediu. Ela deixou escapar um soluço. Haviam revistado a sua bagagem, revirado suas malas como se ela fosse uma ladra e investigado seus pertences. Pior: *ele descobrira o seu segredo!*

— Quem é ele? — Nico perguntou novamente.

— Este é meu filho! Dê-me isso — ela implorou, apertando-se contra a grade. — Isso me pertence!

Ele pareceu furioso e um tanto surpreso, mas logo a ameaçou:

— Não sei o que você acha que irá acontecer, agora que eu vi esta foto, mas não vai funcionar, *signorina*. É uma tentativa barata de me chantagear, e eu não vou me curvar.

Lily ficou indignada.

— Chantageá-lo? Por que eu faria isso? Eu não quero *nada* de você! — Ela raciocinou rapidamente. Nico não tinha certeza. Preocupava-se apenas consigo mesmo e com seu dinheiro. Ela precisava deixar claro que nada esperava dele. Se ele não se sentisse ameaçado, talvez a ajudasse a sair dali. — Eu só quero voltar para casa. — Por que ela se preocupara com o fato de que talvez ele quisesse lhe tirar o filho? De acordo com o que ela lera nas revistas, Nico tivera várias amantes e deveria ter muitos filhos. Além disso, ela soubera que ele estava prestes a se casar. Lily sentiu uma pontada no peito, mas resolveu ignorá-la. Como se sentiria a futura esposa a respeito das conquistas amorosas de Nico e das crianças, que não tinham pai? Ela concluiu que tivera razão ao desistir de procurá-lo, dois anos antes. Danny merecia algo melhor do que um pai que não se daria ao trabalho de tentar conhecê-lo. Não desejava que o filho crescesse da mesma maneira que ela, com um pai indiferente, que aparecia em sua vida quando bem lhe convinha e que a abandonava sem pensar na devastação emocional que deixava para trás.

— O que está fazendo em Montebianco? — ele perguntou, desconfiado. — Se não pretendia me chantagear, por que veio até aqui?

— Eu estava fazendo uma reportagem — ela respondeu, orgulhosa. — Para um artigo de jornal. Por que eu iria querer chantageá-lo?

— Não tente brincar comigo, *signorina*. — Ele guardou a foto no bolso com um olhar fulminante, como se fosse ordenar ao guarda que a esquecesse na cela e jogasse a chave fora. Lily se arrepiou. Ele *seria bem capaz* de fazê-lo... — Espero que esteja confortável, Lily Morgan, porque você vai ficar nesta cela o tempo que for necessário, até que eu descubra a verdade.

— Eu já lhe disse que vim a trabalho. É por isso que estou aqui!

— Você não veio para me dizer que esse menino é meu filho? Não veio até aqui para me pedir dinheiro?

Ao perceber que tremia, Lily cruzou os braços e olhou para o outro lado.

— Não. Eu só quero ir para casa e esquecer que o conheço. — Ela se encolheu ao vê-lo reagir violentamente. Nico agarrou as barras da grade e pareceu atravessá-la com um olhar penetrante.

— Eu não sei qual é o seu jogo, srta. Morgan, mas garanto que vou descobrir a verdade.

Quando ele sumiu no corredor, Lily ficou calada. Não faria diferença, o príncipe Nico não tinha coração.

NICO ENTROU na suíte do palácio, chamou seu secretário e ordenou que descobrissem tudo a respeito de Margaret Lily Morgan. Foi para o terraço e contemplou a cidade a seus pés. Sim, fora uma surpresa descobrir que ela não usava o primeiro nome. Não era de admirar que não a tivesse achado dois anos antes, quando a procurara. O encontro o afetara mais do que ele gostaria de admitir. Lily Morgan não era a doce e tímida garota de quem ele se lembrava. A sua Liliana era pura e delicada como a flor que lhe dera o nome. A noite na cela deveria tê-la assustado, deixando-a mais acessível. Mas ele encontrara uma Lily forte e determinada. Determinada a fazer o quê? Ele não sabia, mas não pretendia deixá-la onde estava por mais uma noite, e, na verdade, sentiu-se horrorizado por ela ter ficado naquela cela sem que ele soubesse. Nico ficou desgostoso. Fazia sentido que o velho forte ainda fosse usado como prisão, mas seria necessário fazer algumas reformas. Era outra coisa que ele mudaria, quando se tornasse rei.

Nico tirou a foto do bolso, mas não a olhou. Com certeza, fora alterada. Qualquer fotógrafo habilidoso, com um bom computador, montaria o retrato que desejasse. Não era a primeira vez que ele se via diante de uma fraude. Ele se cansara de ver suas fotos em lugares onde não estivera, com pessoas que não encontrara. Seria fácil provar que os jornais publicavam imagens falsificadas, mas também seria inútil. Aquela fora a vida que ele escolhera, quando resolvera servir de escudo para Gaetano. Nico passou a mão na cabeça. Ele iria superar. Sempre dera um jeito e o faria agora, mandando a srta. Lily Morgan de volta para a América, onde era o seu lugar.

Madonna diavola, não era a primeira vez que lhe atribuíam a paternidade de uma criança, embora nunca o tivessem confrontado daquela maneira. Lily nada dissera até que ele lhe mostrasse a fotografia, e ficara desesperada para recuperá-

la. Ela não dissera que o menino era seu filho, mas, com certeza, era o que *pretendia* fazer. Nico observou a foto com atenção: o garoto era a imagem dos Cavelli. Havia algo em comum, além dos olhos: os cachos negros, a pele morena, o formato do queixo e do nariz, a linha firme dos lábios, já visível, embora ele ainda fosse um bebê. A semelhança era impressionante, mas, com certeza, não passava de uma fraude. Ele fora enfeitiçado por Lily, mas não a ponto de se esquecer de tomar precauções. Na sua posição, ser cuidadoso era tão necessário quanto dormir ou comer. Ele crescera como produto de um descuido, e a última coisa que desejava era que uma criança sofresse o que ele havia sofrido. Quando tivesse filhos, seriam legítimos, desejados e amados. Mas, e se as precauções tivessem falhado? Seria possível? Se fosse, como ela pudera mantê-lo distante do filho por tanto tempo? Não, não era possível. Ele se lembraria, se o preservativo tivesse falhado. Por maior que fosse a semelhança, o filho não era seu. A fotografia não passava de uma fraude.

Satisfeito, Nico jogou a foto dentro de uma floreira. Ele não seria feito de tolo por aquela mulher. Logo saberia a verdade e à noite oficializaria o seu noivado com a princesa Antonella, cumprindo o acordo que Gaetano fizera com a família Romanelli, e que uniria Montebianco e Monteverde. Antonella Romanelli era uma linda mulher, e ele ficaria contente por tê-la como esposa. Nico saía do terraço, mas de repente voltou, pegou a fotografia e colocou-a no bolso, praguejando.

CAPÍTULO DOIS

LILY SE virou no colchão mofado e entrou em pânico. Onde estava? Por que se sentia gelada? Ela se lembrou rapidamente. Anoitecia, e o cobertor fino não era suficiente para defendê-la do frio da cela úmida. Ela esfregou as mãos na cabeça, levantou e cruzou os braços, tentando se aquecer. Como conseguira dormir, depois do seu encontro com Nico? Os seus olhos ardiam e estavam inchados; sua cabeça latejava. Chorara tanto que acabara com uma enxaqueca que, depois de dormir, se transformara em uma incômoda dor de cabeça.

Lily ouviu um barulho e se encolheu, tentando enxergar o corredor escuro através da grade. Uma silhueta robusta enfiou a chave na fechadura e abriu a porta. Ela viu o uniforme da polícia de Montebianco.

— Acompanhe-me, *signorina* — disse o homem, num inglês precário.

— Aonde vai me levar? — ela perguntou, receosa. O príncipe pretenderia mandar jogá-la de algum penhasco? *Deixe de ser idiota.*

— Venha — disse o homem. Lily hesitou por um momento, mas concluiu que teria uma chance se saísse da cela. Na primeira oportunidade, ela tentaria enganá-lo e fugiria, ou gritaria por socorro. Não se tratava de um plano, mas era melhor que passar outra noite naquele lugar. O policial a levou para cima e, antes que ela se acostumasse à claridade do andar superior, Lily se sentiu envolvida pelo ar frio da noite. Estava fora da prisão. Uma limusine a esperava na saída, e o motorista uniformizado abriu a porta. Lily olhou para os dois lados da rua e hesitou. Não havia escapatória. Ela entrou no carro, avaliando as suas possibilidades. Quando o carro parou em um sinal, ela agarrou a maçaneta e tentou abrir a porta. Mas a porta não abria. Ela puxou a maçaneta várias vezes, mas não adiantou. Quando o sinal abriu, o carro seguiu seu caminho, subindo por uma colina, e Lily mordeu o lábio, contendo lágrimas de frustração. Logo passaram através de um arco e entraram em um jardim. O carro parou. Lily respirou profundamente, enquanto o motorista abria a porta. Não sabia o que a esperava, mas não iria desabar. Era mais forte que seu próprio medo, mais forte do que Nico Cavelli imaginava. Precisava ser.

Ela foi recebida por um homem vestido em um uniforme colorido e só então percebeu que estava no palácio Cavelli. A fortaleza mourisca ficava no ponto

mais alto da cidade e suas paredes brancas refletiam o sol e o luar. Dali se controlava toda a costa, e o castelo brilhava como um diamante no centro de um colar. Ela o admirara durante dois dias, imaginando se Nico estaria ali, o que estaria fazendo e se pensava nela. Bem, ela obtivera uma resposta. Lily passou por uma porta e atravessou uma série de corredores, antes de finalmente parar diante de uma porta dupla, folheada a ouro. O homem bateu e falou algo em italiano. Um segundo depois, alguém respondeu e abriu a porta. Lily entrou e sentiu o sangue lhe subir à cabeça. A sala era uma mistura de arcos mouriscos, mosaicos, antiguidades, valiosas obras de arte e tapeçarias. Só o ouro dos folheados já daria para pagar qualquer faculdade que Danny viesse a escolher. Um enorme candelabro de cristal banhava a sala de luz. Ela ficou deslumbrada, enquanto olhava para tudo. Voltou-se ao ouvir a porta se fechar e viu Nico, que saía da sala vizinha. Se a intenção era intimidá-la, estava dando resultado. Vestido num uniforme escuro debruado de dourado, com uma faixa vermelha que lhe cruzava o peito do ombro à cintura, o paletó cheio de medalhas e uma espada embainhada na altura do quadril, parecia forte e imponente. Ele tirou as luvas brancas calmamente e as jogou sobre uma cadeira, junto com um quepe que ela não notara. Lily estava boquiaberta e tentava desesperadamente conjurar a imagem do estudante despenteado que ela conhecera em Nova Orleans. Naquela época, ele sorria muito, era alegre. Como os dois poderiam ser o mesmo homem? Ela se perguntou se ele teria um irmão gêmeo. Deveria ter pesquisado mais a seu respeito, mas de que adiantaria?

— O que vai acontecer é o seguinte — ele disse friamente. — Você irá responder às minhas perguntas com toda honestidade, e depois poderá entrar em contato com a sua amiga Carla.

— Quero telefonar *agora* — Lily disse com firmeza, embora estivesse surpresa por ele saber o nome de sua melhor amiga. Ele estivera bastante ocupado durante as últimas horas. — Ela deve estar morta de preocupação, e eu preciso saber como está o meu filho.

Nico levantou a mão.

— Tudo ao seu tempo, *signorina*. Primeiro você me responde, depois telefona.

Lily sentia-se dolorida e cansada, e a sua cabeça latejava. A sua paciência estava por um fio, e não fazia mais diferença se ela estava ou não diante de um príncipe. Ele era um homem como outro qualquer, sem dizer que ele se dignara a dormir com ela, o que lhe dava um bom motivo para falar com ele de igual para igual.

— Eu telefono antes, ou não respondo.

Ele ficou irritado.

— Não tente me testar, *signorina*. A sua posição já está bastante precária, não acha?

— O que pretende fazer? Jogar-me de volta na masmorra?

— Talvez. O contrabando de objetos roubados é um crime grave em Montebianco. Nós levamos a nossa herança muito a sério.

— Eu não roubei nada. Você vai descobrir a verdade, se falar com o vendedor.

— Estamos com dificuldade de localizá-lo, para não mencionar que os vendedores de rua não costumam comercializar obras de arte inestimáveis como se fossem enfeites baratos.

— Você está mentindo. — O homem tinha uma barraca no mercado, pelo amor de Deus! Como seria difícil encontrá-lo?

— Garanto que não. Parece que ele desapareceu, se é que estava lá, para começar.

A coragem de Lily esmoreceu diante da arrogância firme de Nico. Ela estava cansada demais para discutir e muito preocupada com o filho para enfrentar o seu sangue-frio. Tudo o que ela desejava era acabar com o assunto.

— Certo. O que você quer saber?

— Quero que você me diga se essa criança é minha.

Lily sentiu o ar lhe faltar. Um arrepio de medo lhe percorreu o corpo e seus joelhos tremeram, mas ela ficou firme.

— Que tipo de pergunta é essa? — ela sussurrou, fuzilando-o com o olhar.

— O tipo de pergunta que você vai responder com sinceridade, se quiser ficar livre.

— Você chama isto de liberdade? — ela perguntou, indignada.

— Lily — ele disse num tom impaciente em que havia algo mais. Inquietação? Cansaço? Ela engoliu em seco e olhou para o chão. O seu coração batia tão forte que ela estava tonta. Chegara o momento que ela jamais esperara chegar: o momento da verdade. Ela se perguntou se Nico se importaria com Danny, se seria um pai para o seu filho. Claro que não! Ele se casaria com uma princesa e nada mudaria por ele ter mais um filho ilegítimo. Talvez ele a ajudasse, dando algum dinheiro para a educação de Danny, mas Lily receava, porque sabia que tudo tinha um preço. Desde os 15 anos, ela se cuidava sozinha e, com energia e determinação, poderia continuar a tomar conta de si mesma e do filho. Não aceitaria ajuda de Nico.

Lily sentiu que ele lhe levantava o queixo com a ponta do dedo. Não percebera a sua aproximação. O gesto fez despertar lembranças, há muito adormecidas. Ele

estava com um olhar fascinante, frio e azulado como um lago no inverno. Lily sentiu vontade de mergulhar e se afogar. Em parte, ela ainda o desejava.

— Que diferença faz? — ela perguntou.

Ele não pestanejou. Observava-a com um olhar que contrastava com o tom macio de sua voz.

— Esse menino é meu filho?

No espaço de um segundo, ela pensou em várias respostas, embora, por mais que receasse, só havia uma que poderia dar.

— É — ela sussurrou. Nico soltou o seu rosto e enrolou o dedo em um cacho do seu cabelo. Lily ficou paralisada.

— Eu me lembro do seu cabelo — ele disse gentilmente. — Ele ainda parece seda em minhas mãos. — Nico se aproximou e ela percebeu que ele estava perto demais quando sentiu o punho de sua espada cutucá-la na altura das costelas.

— Você se lembra? — ela perguntou, amaldiçoando-se por parecer ansiosa. Ele lhe fitou a boca de um jeito que Lily se sentiu dissolver. Ela se lembrou de que nunca fora beijada do jeito como ele a beijara, de como suas línguas haviam se tocado e ela suspirara, entregando-se ao beijo que despertara o desejo dos dois e os deixara sem ar, fazendo-os perder o que lhes restava de sanidade. Ele tinha um perfume muito gostoso, um misto de limão e de especiarias que remetia às noites do Mediterrâneo. Lily desejou se entregar, beijá-lo novamente, comprovar se o que sentira por ele fora real ou não passara de uma ilusão.

— Eu me lembro de você — ele disse. Por um momento de loucura, ela pensou que ele iria beijá-la, mas Nico praguejou e se afastou bruscamente, provocando a queda da espada. — Eu me lembro de que nos conhecemos em Jackson Square, quando um ladrão tentou roubar a sua bolsa. Recordo-me de que nos encontramos três noites seguidas, na frente da catedral. E me lembro mais ainda da última noite: *Mardi Gras*. Você ainda era virgem.

Lily não se incomodou se tinha ou não permissão: sentou-se no sofá, cônscia de que não tomava banho desde a véspera, de que deveria estar impregnada com o perfume de mofo da masmorra e de que suas pernas não conseguiriam mantê-la de pé por muito tempo.

— Mas, quando você foi até a prisão... — A voz lhe faltou ao recordar como ele fora frio e cruel. Ele não era o tipo de homem por quem se deveria perder a cabeça, não era um príncipe encantado, montado em seu cavalo branco. Não passava de um homem mimado e poderoso que só se importava com o próprio prazer.

— É o seguinte — ele disse. — Você vai telefonar para a sua amiga Carla e mandar que ela leve o menino até o aeroporto. Ela o entregará a uma de minhas funcionárias, cujo nome é Gisela...

— Não! — Lily levantou bruscamente. — Não vou dizer a Carla que entregue o meu filho a uma estranha...

— *Nosso* filho, não é, Lily?

Ela sentiu o coração revirar no peito. Não entregaria o filho àquele homem!

— Claro que você não está disposto a acreditar no que eu digo — ela respondeu com uma segurança que não sentia. — Deixe-me voltar para casa, e prometo que nunca mais ouvirá falar de mim.

— Isto eu não posso fazer, *signorina*. — Ele ficou irritado e se aproximou novamente. — E eu já sei a verdade. O nosso filho nasceu mais ou menos há 17 meses, no dia 25 de novembro, num pequeno hospital em Port Pierre, Louisiana. Você ficou em trabalho de parto por 22 horas, e a única pessoa a acompanhá-la foi Carla Breaux.

Lily sentiu as pernas bambas e sentou novamente. *Ele sabia de tudo*.

— Se você sabia tanto, por que me perguntou se o filho era seu?

— Porque eu queria ouvir de você.

Lily sentiu como se fosse desmaiar e dobrou o corpo até quase encostar a cabeça nos joelhos. O medo se misturou à raiva e formou um turbilhão que explodiu em sua garganta, assustando-a e, pela cara que ele fez, a ele também.

— Você *não* vai tirar o meu filho de mim — ela prometeu. — Vou voltar para aquela cela e ficar lá, mas *não vou* dizer a Carla que entregue Danny a você.

Nico foi até um bar e serviu uma dose de bebida, oferecendo-a a Lily.

— Beba isto.

— Não.

— Você está extenuada. Isto irá ajudar.

Lily pegou o copo com as duas mãos, apenas para se livrar dele. Quando Nico estava perto, ela ficava tonta. Ela o viu fazer uma ligação e presumiu que dava ordens, porque quem estava do outro lado da linha não teve tempo de responder, antes que ele desligasse.

— Ligue para Carla e mande que ela leve *Daniele* até o aeroporto, amanhã de manhã.

— Não ligarei — Lily respondeu calmamente, revoltada por ele ter dito o nome do filho em italiano.

— Claro que sim — Nico retrucou. — Você pode facilitar as coisas ou torná-las mais difíceis, porém, se você não cooperar, corre o risco de nunca mais ver

Daniele, porque jamais sairá de Montebianco. Ele vai crescer sozinho, sem mãe.

Lily se sentiu entorpecida.

— Você faria isso com o seu próprio filho? Você o privaria da mãe?

— Eu faria qualquer coisa para levá-la à razão, *cara*. Se você cooperar, isso não será necessário, *si*?

— Como pode ser tão cruel?

Ele deu de ombros, e Lily viu tudo ficar vermelho. *Maldito canalha!* O copo se espatifou no chão e ela se lançou na direção de Nico. Ele foi mais rápido, agarrou-a ainda no ar e segurou-a enquanto ela lutava e o chutava.

— *Dio*, mulher, você está de sandálias. Quer que os seus pés fiquem em frangalhos?

Lily não se importava mais com nada. Aquele homem frio e diabólico tentava afastá-la de quem significava tudo para ela. O seu maior pavor se tornara realidade. Ela não permitiria. Lily se debateu nos braços de Nico e o fez perder o equilíbrio. Ela tentou se aproveitar da situação e os dois caíram, juntos, sobre o tapete. O corpo de Nico amorteceu a queda, mas logo ele a fez rolar, e Lily se viu deitada sob o seu peso.

— Pare de lutar comigo, *cara* — ele disse secamente. — Isto nada vai mudar.

Ela se contorceu e tentou empurrá-lo, mas ele não se mexeu. Lily sentiu a ponta de uma medalha em forma de estrela espetar suas costelas.

— Por que está fazendo isso comigo? — ela se queixou. — Você tem dezenas de filhos, por que se importa com o meu? — Ela viu a raiva, a incredulidade e a frustração se sucederem no rosto de Nico.

— Eu só tenho um filho, Liliana. E você o escondeu de mim.

— Não acredito em você — ela gemeu.

Nico se movimentou e Lily sentiu que a medalha deixara de espetá-la. Ele lhe levantou os braços acima da cabeça, prendendo-os contra o chão. Parecia ter atingido o limite de paciência.

— Você nunca percebeu que as revistas publicam mentiras?

— Não pode ser tudo mentira. — Nenhum dos jornalistas que ela conhecera no *Register* ousaria publicar algo totalmente falso. As notícias deveriam ter um fundo de verdade... Ela o ouviu rir com amargura.

— Você nunca foi vítima dessa sujeira. Eles se alimentam de mentiras e injúrias. Dificilmente publicam algo verdadeiro sobre mim.

— Agora sei que você está mentindo. Eu vi suas fotos com várias mulheres...

— Eu tive várias amantes — ele interrompeu. — É o que se espera...

— Por quê? Porque você é algum tipo de presente dos deuses...?

— *Basta!* Você queria me irritar, *signorina*, e conseguiu. Mesmo assim, eu só tenho *um* filho.

Lily fechou os olhos ao compreender o que ele dizia. Se era verdade, tudo o que pensara sobre ele estaria errado. Ela se sentiu desmaiar, ao perceber o que aquilo significava.

— Se Danny é realmente seu único filho, isto significa que... — Lily não conseguiu completar a frase, sem saber o que dizer. Danny faria parte da linha do trono? *Impossível*. Nico completou em seu lugar:

— Sim, *cara*. O nosso filho é meu herdeiro e segundo na linha de sucessão do trono de Montebianco.

— Como é possível? — Ela ficou apavorada. — Nós nem somos casados.

— Mas é — ele disse simplesmente, com um sotaque carregado. Lily se agitou e arqueou o corpo, tentando se soltar, e sentiu que ele estava excitado. Em meio à raiva e à frustração, ela teve uma sensação deliciosa e perigosa. Nico prendeu a respiração e ela percebeu, incendiando-se de desejo. Como podia ser possível desejá-lo, quando ele pretendia destruir a sua vida? Ele lhe dera o que ela possuía de mais precioso e agora queria tomá-lo de volta, mas o seu corpo parecia não se importar. Ela redobrou os esforços para se soltar.

— *Maledizione* — Nico resmungou, trincando os dentes. — Pare de se contorcer, ou você prefere ir para o quarto e acabar com isso de maneira adequada?

Lily o empurrou novamente. Em parte, ela queria desesperadamente acabar com aquilo da maneira *mais adequada*, mas o seu bom-senso, sua raiva e sua revolta venceram.

— Solte-me.

— Como quiser. — Ele se levantou e deixou que ela se pusesse de pé sozinha.

Lily cruzou os braços. Seu corpo ainda ardia de desejo. Como podia desejá-lo? Ela fechou os olhos e apertou os braços. Deus, ela era bem filha de sua mãe, mas não podia se preocupar com isso agora. Precisava se concentrar.

— E agora?

Nico se voltou para ela. O seu uniforme continuava impecável, como se nada tivesse acontecido. Sua origem real transparecia. Lily se perguntou como não a notara durante os três dias que passara com ele em Nova Orleans.

— Você vai telefonar à sua amiga e mandar que ela entregue a criança.

Lily sacudiu a cabeça.

— Por quê? Para que você se case com a sua princesa e eduque o meu filho junto com ela? Não. Vá para o inferno!

Nico franziu a testa.

— Precisamos dar um jeito nessa sua língua. Ela não combina com a nobreza.

— Mas combinou o suficiente para que você me seduzisse há dois anos. Vá para o inferno, *Nico* — ela disse, enfatizando a ausência do seu título.

— Definitivamente, você precisa de umas lições de etiqueta, *cara mia*. — Ele a olhou dos pés à cabeça. — E de um guarda-roupa adequado.

Lily se ofendeu. Suas roupas podiam não estar na última moda, mas se encontravam sempre limpas e passadas, embora, depois de passar um dia na prisão e de rolar no chão com um príncipe, estivessem exatamente o contrário. Nico pegou um celular sobre a mesa.

— Você e seu filho jamais passarão necessidade outra vez. Você não precisará mais trabalhar. Eu cuidarei de vocês.

Lily pensou que a oferta parecia sedutora. Nunca mais se preocupar com o aluguel ou com o plano de saúde? Ter dinheiro e livrar-se do medo de não ter o suficiente para sustentar o filho? Não. Ele oferecia mantê-la, enquanto se casava com uma princesa e tinha filhos com ela? Preferiria trabalhar até morrer, antes de aceitar aquela situação. Sempre cuidara de Danny e continuaria a fazê-lo sozinha.

— Posso cuidar do meu filho sem você — disse Lily.

— Acho que não fui claro. Você não tem escolha, Liliana. Você e seu filho me pertencem — ele disse, secamente.

Lily se indignou.

— Você não tem o direito de possuir os outros, Nico. — Ela o viu sorrir e ficou com medo. Nico deu outro telefonema e *conversou* em italiano com alguém. Quando desligou, parecia satisfeito.

— O que você fez? — ela perguntou, receosa.

— Cinco milhões de dólares é um bocado de dinheiro, não é? Você acha que a sua amiga vai desistir desta quantia por você?

Lily começou a enxergar tudo escuro, mas não se entregou.

— Meu Deus...

— *Si*, não é provável, não acha? — Ele se aproximou com a atitude de um predador, incrivelmente másculo e extremamente belo, apesar do ódio que ela sentia por ele naquele momento. — Ela não irá recusar, Liliana. Preciso lhe dizer por quê? — Ela não respondeu, e ele continuou: — O namorado de Carla tem um pequeno problema: uma atração irresistível pelas mesas de jogo. Nos últimos três anos, ela lhe deu muito dinheiro, acabou com a sua poupança e hipotecou a

casa por uma quantia superior ao seu valor real. Esse dinheiro representa uma nova chance, *cara mia*. Ela não vai recusar.

Lily olhou-o, assustada. Sabia que fora vencida. Carla não lhe revelara a extensão dos problemas de Alan, mas ela percebera a sua preocupação. A amiga era exatamente igual à sua mãe: tinha uma devoção cega por um homem que não se importava com ela. Nico se aproximou e acariciou-lhe o rosto com uma ternura que contrastava com a sua atitude. Lily estremeceu.

— O que pretende fazer com o meu filho?

Nico afastou a mão e contemplou-a friamente.

— *Nosso* filho, Liliana.

Ela o encarou pronta para brigar, angustiada e revoltada ao mesmo tempo.

— Você não pode me comprar, Nico. Jamais permitirei espontaneamente que Danny fique com você.

— Claro que não — ele disse em tom irritado. — E nem precisa.

— Você é *inacreditável*... O que você acha que a sua futura esposa vai sentir a meu respeito e de Danny?

— Por que você não pergunta a ela pessoalmente?

— O quê? Ficou maluco?

Nico agarrou-a pelo braço e puxou-a pela sala. Por um instante, Lily pensou que ele a levaria até a princesa Antonella Romanelli, de Monteverde, uma beldade morena, de olhos escuros, que estaria impaciente pela demora de seu amado em controlar a *mamãe do bebê*. Ele parou bruscamente, colocando-se atrás dela. Lily tentou se afastar, mas ele lhe levantou o queixo com inesperada gentileza.

— Isto é uma piada? — Lily contemplou a sua imagem, a imagem dos dois, no espelho: os dedos morenos de Nico na sua pele clara, os seus próprios cabelos despenteados que caíam sobre os ombros. A blusa cor-de-rosa estava suja e, apesar do cansaço, seus olhos brilhavam de cólera. Em contraste, Nico estava frio e impecável. Não fosse pelas batidas de seu coração, que ela sentia contra as costas, ela poderia pensar que ele estava indiferente. Mas não. Havia algo em seus olhos, na tensão do seu queixo, que dizia muito sem precisar de palavras.

— Não é piada, Liliana. Para fazer o que deveria ter feito quando você ficou grávida, rompi um acordo obtido com muita dificuldade entre o meu país e Monteverde, causando um embaraço ao meu pai e aos nossos aliados.

— Eu... não compreendo — ela sussurrou, olhando-o pelo espelho.

— Claro que compreende — ele respondeu, quase encostando os lábios no ouvido de Lily. — Você, srta. Lily Morgan, está prestes a se tornar minha

princesa consorte, a mãe dos meus filhos.

CAPÍTULO TRÊS

LILY PARECEU petrificada. Nico não podia culpá-la. Ele também estava atordoado. Saber que tinha um filho com ela bastava para atingi-lo como um soco no estômago e deixá-lo sem fôlego, toda vez que se lembrava. Um filho que ela lhe escondera. O arrepio que ele sentia ao pressionar o corpo contra o de Lily não passava de raiva, nada mais.

— Você não está falando sério — Lily disse afinal, arregalando os olhos verdes, sem poder acreditar. O reflexo platinado de seus cabelos fazia com que ela parecesse etérea, e isso fora a primeira coisa que atraíra Nico, além do fato de ela, felizmente, não saber quem ele era. Ela o tratara como um homem comum, o que o deixara mais atraído do que ficaria, se não fosse o caso.

— Falo sério, Liliana. — Ele recebera um relatório pouco antes de sair para o jantar de noivado. Não podia ignorar as evidências: Lily dera à luz quase nove meses depois que ele dormira com ela, e a semelhança da criança com ele era forte demais para que duvidasse. Pedir um exame de paternidade não passaria de mera formalidade. Quando pensava que perdera os primeiros sete meses de vida do filho, de como ela o mantivera escondido, Nico sentia vontade de sacudir Lily e de lhe perguntar como tivera a coragem de fazer isso com ele. Nico soltou-a antes de perder a cabeça. Casaria com ela porque o seu código de honra assim o exigia. Não passava de um dever. Não precisava gostar da ideia, e nem mesmo gostar dela.

Lily se voltou para fitá-lo.

— Mas... eu não sou uma princesa. Não sei me comportar como uma prin...

— Você vai aprender — ele respondeu secamente. Ela não parecia a noiva ideal, mas poderia ser ensinada. Era atraente o suficiente e já provara ter a coragem necessária para suportar a pressão. Depois de penteada e vestida da maneira apropriada, não teria aquela aparência comum. Lily podia não ser tão bela quanto Antonella, mas tinha uma graça natural. Antonella o deixava indiferente, mas Lily...

Nico foi até o bar e serviu uma dose de conhaque. Desta vez, foi ele quem bebeu. *Per Dio*, a noite fora um inferno, e ele ainda lutava consigo mesmo. O seu lado irracional e primitivo estava cônscio da presença daquela mulher do

outro lado da sala e desejava carregá-la para a cama, despi-la lentamente e mergulhar no seu corpo pelo resto da noite. Loucura. Pura loucura. O desejo o enchia de raiva e de fome, e Nico se esforçava por dominá-lo. Desde que Gaetano morrera, há dois meses, ele ignorara o lado sexual de sua vida, enquanto se dedicava aos interesses de Montebianco e a ser o herdeiro do trono que o povo merecia. Agora se arrependia, pois isso fazia com que Lily Morgan parecesse irresistível.

— Acho que podemos resolver de outro jeito — ela sugeriu. — Você terá o direito de visita, e...

— Visita?! — Nico exclamou revoltado, livrando-se da faixa e desabotoando a farda. A noite o tirara do sério e ele se perguntava se recuperaria o equilíbrio. — Você tem sorte por não estarmos na Idade Média, Liliana. O que lhe ofereço é muito mais do que você merece. — Se ele esperava acalmá-la, enganou-se. Lily enrubesceu como um fogo de artifício. *Dio*, ela era adorável. E acabara de lhe custar cinco milhões de dólares, um tratado comercial com o reino vizinho e o último traço da credibilidade que ele obtivera ao se tornar príncipe herdeiro. Como filho ilegítimo e com a sua reputação de *playboy*, ele tivera que trabalhar dobrado para mostrar seu valor. Agora, todo o seu esforço jazia em pedaços. A ideia fez com que a raiva de Nico recrudescesse.

— Mais do que eu mereço? — ela disse, num tom indignado. — Como ousa? Eu me virei sozinha nos últimos dois anos, sustentando uma criança. Suportei o que você não é capaz de imaginar, vivendo na sua torre de marfim e...

— Cale-se! — Ele não deixaria que Lily o culpasse pela decisão que *ela* tomara de não lhe contar a respeito do filho. Estava zangado demais e prestes a perder o controle que lhe restava. — Se sabe o que é bom para você, *cara*, não vai mais falar nesse assunto.

Lily abriu a boca e Nico bateu o copo na mesa com violência, espatifando-o. Ele a viu recuar, com os olhos arregalados, e percebeu que chegara ao limite. Tentando se controlar, ele chamou a governanta pelo interfone. Lily mordeu os lábios e cruzou os braços para esconder o tremor. Nico notou os mamilos que despontavam por baixo da sua blusa e se perguntou se ela tremia de frio ou de medo. Ele se lembrou da perfeição daqueles seios e de como ela reagira quando ele os beijara. *Dio*, *aquilo era loucura.* Ele afastou a lembrança e tirou o paletó.

— Você está gelada — ele disse, aproximando-se. — Vista isto, *cara*. — Ele colocou o paletó sobre os ombros de Lily e ela se aninhou dentro dele, agradecendo. Nico se afastou, ouvindo-a suspirar e esperando pelo que ela diria a seguir.

— Nico, desculpe por...

A governanta entrou, interrompendo-a.

— Por favor, leve a nossa hóspede até o seu quarto — ele disse à governanta. — E mande alguém recolher estes cacos de vidro.

A sra. Mazetti fez uma discreta reverência e, com o canto dos olhos, viu Lily tirar o paletó e pendurá-lo no espaldar de uma cadeira, antes de acompanhá-la sem protestar.

Lily acordou com um ruído discreto no quarto. Bocejou, sentou na cama e observou as cortinas de brocado, que pendiam do dossel. Por um instante ela pensou que a haviam mudado para a melhor suíte do hotel, mas logo se lembrou: estava no palácio, nos aposentos de Nico − se é que se podia chamar de "aposentos" uma ala inteira do palácio −, e se encontrava tão presa ali quanto estivera na cela da prisão, no forte. Uma mulher fez uma reverência e colocou-lhe uma bandeja no colo.

— Sua Alteza deseja encontrá-la dentro de uma hora, *signorina*. — A mulher fez outra reverência e saiu. Lily pretendia deixar a bandeja de lado, mas o perfume do café e o cheiro de comida lhe lembraram do quanto estava faminta. Não conseguira comer durante o dia que passara na prisão. Na noite anterior, desejara apenas tomar um banho e dormir, mas agora o seu estômago roncava com insistência. Ela pensou em se vestir e procurar um telefone. Talvez conseguisse ligar para Carla, explicando que estava retida contra a sua vontade; ou talvez ligasse para o patrão, contando que fora raptada. Se não fosse perder tempo procurando o número, ela mesma ligaria para o Consulado. Estava certa de que *alguém* iria ajudá-la.

Lily reparou que a sua bagagem fora trazida para o palácio, mas não encontrou o celular, o *laptop* e o passaporte. Nico cortara não apenas o seu contato com o mundo externo, mas também as suas chances de escapar. Porém, Lily Morgan não desistia facilmente. Uma pontada no estômago lhe avisou de que não iria muito longe se não comesse. Ela devorou o pão fresco, as fatias de carne e de queijo com ovo quente e bebeu duas xícaras de café com leite. Meia hora depois, após tomar outro banho e vestir um *jeans* e uma camiseta, ela abriu a porta e saiu para o corredor, olhando para os dois lados. De que direção viera na noite anterior? Ela não se lembrava e resolveu escolher um lado e experimentar as portas.

Quando entrou no salão onde Nico lhe comunicara que ela seria sua esposa, Lily parou de repente e soltou uma exclamação admirada. O sol entrava pelas janelas e pelas portas envidraçadas que davam para o terraço, e o salão

resplandecia em dourado e em cores refletidas pelos mosaicos de vidro. Ela procurou um telefone e o encontrou sobre uma mesa. Tirou o fone do gancho, mas hesitou, incerta sobre para quem deveria ligar primeiro.

— Receio que você tenha que passar pela telefonista do palácio.

Ela levou um susto e recolocou o fone no gancho. Nico segurava um jornal e uma xícara. Lily não costumava pensar em um homem em termos de elegância, mas ele estava muito elegante, bonito e másculo. Usava um terno cinza-escuro e camisa branca, sem gravata. Um sinete de rubi brilhava em sua mão direita.

— Quero o meu celular de volta.

— Você terá um novo telefone, Lily. Além de muitas outras coisas. — Ele a olhou de cima a baixo, e ela mordeu o lábio. Ele a via como uma pobre maltrapilha, uma mulher inadequada para ser uma princesa. Estava desapontado. Bem, não *servia* para ser uma princesa, e nem queria ser. Ela jamais se encaixaria ali. Era um absurdo. Lily ergueu o queixo.

— Pensei na sua proposta. Você pode visitar Danny quando quiser, e eu o trarei a Montebianco com frequência, mas não será possível eu me casar com você. Precisamos arranjar outro jeito.

— Arranjar? — Ele soltou o jornal e a xícara sobre uma mesa e se aproximou. Parecia estar surpreso, ou talvez se divertisse... — Você confundiu tudo outra vez, Lily. Eu não fiz uma proposta. Eu lhe disse o que vai acontecer.

— Você não pode querer se casar comigo. — Ela sentiu o coração na garganta. Ele precisava ser tão atraente?

— O que eu quero não importa.

— Isso não é o que *eu* quero.

— Você deveria ter pensado nisso há dois anos.

— Acho que nenhum de nós estava pensando muito naquela noite, estava?

Ele contraiu o rosto.

— É claro que não. Mas, e depois, Lily? E quando você soube que estava grávida?

Ela contemplou as mãos, sem conseguir olhar para ele.

— Eu não sabia quem você era de fato.

— Mas você descobriu. Por que não me procurou? — Ele mantinha a voz controlada, mas estava irritado. Lily se afastou instintivamente e cruzou os braços. Como diria a ele que ficara com medo? Medo de que ele lhe tomasse a criança e, paradoxalmente, medo de que ele fosse o tipo de pai que ela tivera? Ela se concentrou na única verdade que seria fácil de explicar.

— Presumindo que eu tivesse conseguido passar por todos os advogados que o protegem, você acreditaria em mim?

— Talvez.

Lily conteve uma risada.

— Ah, sim. Teria sido *adorável*.

Nico levantou a mão, como se quisesse acabar com aquela conversa.

— Nada disso importa agora. O que importa é que você *não planejava* me contar. Se não fosse presa, eu jamais saberia da existência do nosso filho, saberia?

— Não — Lily respondeu calmamente, forçando-se a encará-lo.

— Creia, *cara*. Se houvesse outra opção, eu a mandaria para bem longe de Montebianco e nunca mais veria a sua cara fingida, mas, do jeito como as coisas são, vamos ter que nos conformar com a situação, *si*?

— Eu sou fingida? — ela protestou, levantando a voz. — *Eu?* E quanto a você? Você não se esqueceu apenas de me contar que era um príncipe... Também se esqueceu do fato de que deveria me encontrar na frente da catedral...

— Eu fui chamado de volta a Montebianco com urgência — ele interrompeu, também elevando a voz. — Mandei que alguém lhe avisasse.

— Eu não recebi o recado.

Nico não se alterou.

— A culpa é sua. Quando o meu mensageiro não conseguiu encontrá-la, eu mandei investigar. Se eu soubesse que o seu nome verdadeiro era Margaret, teria conseguido achá-la.

Lily mordeu o lábio para não chorar de raiva. Não deixaria que ele a perturbasse daquela maneira. Não agora. Era tarde demais para discutir os "se"...

— Sempre usei o nome do meio. Por que eu lhe diria o meu primeiro nome? Não me ocorreu... — Ela balançou a cabeça. Aquela era a história da sua vida: deixar que algo tão importante dependesse de algo tão simples como o seu primeiro nome. — Eu não quero ser infeliz. Acho que você também não quer. Se me forçar a me casar com você, nós dois seremos miseráveis.

— Agora é tarde demais — Nico respondeu secamente.

— Por quê? Você ainda pode se casar e ter filhos com a sua princesa. Além disso, como Danny poderia ser seu herdeiro? Os príncipes não precisam ser filhos legítimos?

— Em Montebianco, a realeza é a realeza. — O rosto dele se transformara em uma máscara.

— Eu não quero isso para o meu filho — Lily insistiu. — Quero que ele tenha uma vida normal. — A riqueza a amedrontava. Não apenas a riqueza de Nico, mas o ambiente em que ele vivia. Danny se tornaria um menino mimado se vivesse naquele meio; talvez se tornasse um conquistador, como o pai. Ela se apavorava ao pensar que perderia o filho, que ele se tornaria o tipo de homem que ela mais desprezava. Acima de tudo: Nico seria um bom pai? Ah, Deus, como se atrelara a um príncipe pelo resto da vida? Não importava que ela fosse a única mulher que ele engravidara − e deveria ser verdade, considerando a extensão do que ele se dispunha a fazer para mantê-la ali. Nico era a pior espécie de Casanova, e ela acabaria como sua mãe, desesperada pelo amor de um homem, disposta a fazer de tudo só para ficar com ele?

— Ele é *nosso* filho, Lily. Você já tentou privá-lo dos seus direitos, por egoísmo.

Ela ficou chocada.

— Isso não é verdade. — Ela percebeu que se colocava na defensiva e se sentiu culpada. Tentara proteger o filho, ou quisera mantê-lo só para si, temendo que Nico não fosse um bom pai?

— Você não vai mais fazer isso — ele continuou. — Daniele é meu filho, e, a partir de agora, *eu serei* seu pai de fato. Se você pretende participar da vida dele, concordará em ser minha esposa oficialmente. A escolha é sua, Lily.

— Isso não é uma escolha — ela disse com um nó na garganta. — É uma ordem.

— Afinal, acho que nos entendemos.

QUANDO NICO afirmou que ela precisava de um guarda-roupa adequado, Lily não imaginou que, na mesma tarde, ele a levaria até Paris. Ele a deixou ligar para o patrão durante a viagem, explicando que não voltaria ao trabalho. Darrel ficou curioso, mas Lily não encontrou palavras para explicar o que acontecera. Ela garantiu que estava bem, prometeu mandar um *e-mail* com as impressões sobre Montebianco e as fotos que tirara e desligou. Nico usava o *laptop*, e ela não viu outra solução.

— Preciso usar um computador. Tenho que entregar um trabalho.

— Tudo ao seu tempo, Lily — ele disse, sem olhá-la.

— O Jornal pagou a minha viagem, e eles esperam que eu cumpra a minha tarefa. Não posso deixá-los na mão.

Desta vez, Nico olhou para ela.

— Claro. Mas isso pode esperar até voltarmos a Montebianco.

— Eu preferia trabalhar agora.

— Você não fez anotações no seu computador? — Ele fechou o *laptop*.

— Claro que fiz, mas a polícia o confiscou.

— Eles me devolveram. Você o receberá de volta quando chegarmos a Montebianco e terá suas anotações. Concorda?

Lily ficou frustrada.

— Se eu *concordo*? Por que não diz logo que eu não tenho escolha?

— Sua *escolha*, *cara*, é esperar a nossa volta ou usar o *laptop*. — Ele consultou o relógio e olhou pela janela. — Mas você precisa ser rápida, porque logo vamos aterrissar.

Lily cruzou os braços e olhou para o outro lado. Sabia que fora petulante, mas não pediria desculpas. Não depois do que ele a fizera passar nas últimas horas. Quando ela não respondeu, Nico guardou o *laptop*. Vinte minutos depois, aterrissaram.

Assim que chegaram a Paris, o humor de Lily melhorou. Ela se animou e queria ver tudo, passar horas apreciando os lugares que vira apenas em fotografias, mas Nico a advertiu que não tinham tempo para fazer turismo. Entraram e saíram das grandes "*maisons*". Lily nunca vira roupas e bolsas tão caras e jamais pensara que um dia teria um guarda-roupa completo assinado por *Prada*, *Dior*, *Hermès*, *Louboutin*, *Versace*. A pilha de caixas e sacolas só fazia crescer.

— É ridículo, Nico. Ninguém precisa de tanta coisa.

— As *principessas* precisam. — Ele disse, tirando os olhos do jornal com um ar entediado.

— *Ninguém* precisa — ela retrucou. Ele fazia com que ela se sentisse uma criança. Nico pôs o jornal de lado e suspirou.

— A *principessa* Liliana Cavelli precisa ser tão elegante e educada quanto for possível. Ela causará inveja a algumas mulheres, provocará o veneno de outras, e sempre deverá estar elegante e bonita para representar Montebianco. Ela jantará com reis e rainhas, embaixadores, chefes de Estado, e, talvez, com o presidente dos Estados Unidos. — Lily arregalou os olhos. — Ela é esposa do futuro rei e mãe de seu herdeiro. Deverá desempenhar seu papel e nunca, jamais, envergonhar o nome dos Cavelli e de seu filho, recusando-se a fazê-lo. Afinal, não se trata do que ela quer. É uma questão de dever e honra, de séculos de tradição.

— Mas me parece absurdo — ela se defendeu.

— Pode parecer agora, mas logo você perceberá pessoalmente. Você me reprovaria se eu a deixasse despreparada para o papel.

Lily olhou para o outro lado. Maldição! Ele fazia com que ela se sentisse ignorante. E a respeito de quê? De milhares de dólares em roupas, sapatos, bolsas, malas, cintos, lenços, casacos e luxuosas roupas de baixo. Ela pensou em Danny, no seu sorriso adorável e nos seus olhos, que brilhavam quando ela chegava em casa. Por causa daquela louca reviravolta, jamais faltaria nada ao filho, e, por ele, ela se vestiria com trapos... Ou *Prada* e *Gucci*. Lily se revoltava com a ideia de aceitar tanta coisa de Nico, mas sabia que não tinha escolha. Ela jurou que ensinaria a Danny que o dinheiro não faz o homem, e que não o deixaria crescer mimado e egoísta como o pai.

Os dois não se falaram mais e Nico retomou a leitura do jornal. Logo, Lily se viu sentada num salão de beleza, cercada de mulheres e vigiada por um dos seguranças de Nico, parado num canto. Aquele era outro sinal de que a sua vida mudara radicalmente. Nico declarara ter negócios a resolver e voltaria para buscá-la, dentro de duas horas. Lily não deixou que lhe fizessem nada com que ela não concordasse. Felizmente, Nico não dera ordens para transformá-la de acordo com o que ele queria. Enquanto ela fazia as mãos e os pés, alguém aplicou uma máscara em seus cabelos, que ela se recusara a cortar.

Lily acabara de fazer as unhas quando reparou em uma mulher que entrava no salão. Era a mulher mais linda e elegante que ela já havia visto. Vinha acompanhada por uma comitiva e carregava um pequenino cachorro. O seu cabelo macio caía até o meio das costas e brilhava como seda quando ela se mexia. Vestia um *jeans* e um suéter sob um mantô e usava enormes óculos escuros. *Aquele* era o tipo de mulher que Nico precisava. O tipo que ele gostaria que ela fosse. Lily ficou desanimada. As funcionárias do salão cercaram a recém-chegada, fizeram-na sentar, trouxeram-lhe café e lhe disseram algo em voz baixa. Na mesma hora, a mulher se levantou e se aproximou. Ao chegar perto de Lily, ela tirou os óculos e a observou.

— Você é Liliana Morgan?

— Sou. — Lily estava assustada demais para corrigir o seu nome. Reconhecera perfeitamente a mulher que vira apenas em fotografias e que a olhava, zangada.

— Eu sou a princesa Antonella Romanelli — disse a outra com arrogância. — Creio que você roubou o meu noivo.

Santo Deus!

— Sinto muito. Sinto mesmo. — Lily encoliu em seco. Não sabia o que dizer ou o que fazer ao confrontar uma princesa furiosa. Antonella colocou a mão coberta de anéis na cintura.

— Entre todos os lugares, hein? Fujo de Montebianco para aplacar o meu orgulho ferido, e dou de cara com você. O mundo poderia ser mais cruel? — Os seus olhos se encheram de lágrimas, e Lily estendeu a mão para consolá-la, mas Antonella se esquivou, evitando-a. — Eu costumo afugentar meus pretendentes. — Ela tirou um lenço de uma caixa sobre a mesa, assoou o nariz e olhou para Lily com curiosidade. — Como foi que ele a escolheu? O que você fez com ele? *Dio*, eu não compreendo. Com certeza, um filho não faz tanta diferença.

— Sinto muito fazê-la sofrer, Alteza, mas nem todo mundo tem a sua posição e a sua beleza. E o meu filho não é assunto seu.

Antonella deu uma risada sem graça.

— Ah, querida jovem. Desculpe se a ofendi, mas você não sabe o quanto me custou. Você não pode saber.

Antes que Lily respondesse, a princesa atravessou o salão, estalou os dedos, disse algo em italiano, tirou o cachorro do colo de uma funcionária, juntou sua comitiva e saiu. Lily ficou atordoada ao perceber que a princesa Antonella amava Nico. Ele a amaria também?

Quando Lily ficou pronta, mal se reconheceu. Seu cabelo louro fora tratado, escovado e preso em um elegante rabo de cavalo. Ela não costumava ter tempo nem dinheiro para usar nada além de um *gloss* e de uma máscara nos cílios, e acabara de aprender a aplicar *blush* e sombra para acentuar seus traços. Seus lábios estavam rosados e suas pestanas pareciam longas e sedosas. Lily foi conduzida a uma sala onde a esperava uma das roupas que comprara. Ela vestiu uma saia justa, uma blusa branca com botões de pérola, colocou um cinto preto e completou o traje com um *trench-coat* e sapatos de saltos muito altos. Enrolou a roupa com que chegara, jogou dentro da enorme bolsa *Fendi* e se olhou no espelho. Parecia uma princesa? Talvez. Certamente estava mais elegante que nunca, mas ainda se sentia a Lily Morgan do lado pobre da cidade, cuja mãe fumava como uma chaminé e bebia, e cujo pai estava sempre ausente. Ela pensou na princesa Antonella, na sua beleza e na sua tristeza, e sentiu-se o ser mais desprezível do mundo. Metera-se no meio de duas pessoas que haviam sido feitas uma para a outra. Pior: sentia-se quase feliz por tê-lo feito. Quando ela imaginava Nico abraçando a princesa, beijando-a... Droga, ela não deveria pensar.

Lily saiu do salão com o segurança que a levaria até o Rolls Royce. Chegavam ao carro quando um *flash* explodiu em sua cara. E depois outro, e mais outro. O segurança tentou protegê-la, mas ela percebeu que a chamavam e que a área fora iluminada por *spots*. O guarda-costas abriu a porta do carro e empurrou-a para dentro. Enquanto o carro se afastava, ela se virou para ver o tumulto, assustada.

— Coloque isto — disse uma voz macia. Lily teve um sobressalto. Não percebera a presença de Nico. Ele a observou e pareceu aprovar. Lily sentiu que *esperava* por uma aprovação e não gostou. — Lily. — Ele lhe entregou uma caixa e ela hesitou em perguntar o que era. Ao abri-la, viu o brilho de um anel e ficou estonteada.

— É muito grande! Que linda safira!

Nico retirou o anel da caixa.

— É um diamante. — Antes que Lily pudesse protestar, ele pegou a mão dela e enfiou-lhe o anel no dedo. O anel estava largo e dançava entre os seus dedos. — Vamos mandar apertá-lo quando voltarmos para Montebianco.

— Eu não posso usar isto — Lily disse, horrorizada com o peso e o tamanho da joia. Um diamante azul? Tão azul que parecia uma safira? Quanto deveria ter custado? Ela não queria nem imaginar.

— Este é seu anel de noivado. Você vai usá-lo.

Lily ficou confusa, magoada, e imaginou que Nico a confundia com Antonella. Ela sempre se imaginara na companhia do homem que amava, entrando de loja em loja, experimentando joias à procura do anel perfeito. Seria um momento de felicidade compartilhada, não uma tarefa ou um dever. Ou uma ordem... O anel era bem diferente do que ela imaginava ser o seu anel de noivado.

— Eu não gostei — disse Lily. Nico ficou aborrecido e ela concluiu que ele não se importava. Se ao menos ele dissesse que o anel era uma herança de família, ela saberia que tinha um significado para ele. Com certeza ele comprara o anel mais caro de alguma joalheria, ou mandara alguém comprar. O que ele teria escolhido para Antonella? Ela nem queria imaginar...

— É tarde demais — ele disse. — Sem dúvida, alguém já informou à imprensa que eu comprei este anel. Ele não poderá ser devolvido.

Lily olhou para o diamante, que parecia um anúncio luminoso de propriedade, e percebeu que tudo entre os dois seria público: cada olhar, cada gesto, cada palavra. Tudo o que ele fazia se dirigia às câmeras. Em apenas um dia a sua vida se tornara um *reality show*. Pelo que ela vira, há pouco, os *paparazzi* já haviam se juntado. Ela não teria um instante de felicidade, além dos momentos que passaria com Danny?

— Como você foi parar em Nova Orleans? — ela perguntou calmamente, imaginando o quanto teria sido incomum. Fora um milagre os dois se conhecerem.

— Naquele tempo, a minha vida era diferente.

— Então, por que eu? — Ela queria saber, especialmente agora, quando conhecia o mundo em que ele vivia e que vira o tipo de mulher com quem ele convivia: sofisticada, linda como a princesa Antonella.

— Porque você não sabia quem eu era. Foi uma novidade para mim. — A verdade foi cruel. Claro que ela não sabia; viera de uma pequena cidade da Louisiana. Lily pensou que não passava de um clichê. O rato do mato perdido na grande cidade implacável. Tudo em Nova Orleans era grande e diferente do que ela conhecia, e ela ficara atordoada. Ela se deixara levar pelo charme e pela atenção de Nico, e pela selvageria do *Mardi Gras*.

— Se não fosse por Danny, eu desejaria que nunca tivéssemos nos conhecido — ela disse. Nico passou a mão na cabeça. Parecia arrependido e frustrado.

— *Si*, eu também, mas agora é muito tarde. Você é a mãe do meu filho. Nada pode mudar este fato.

Não. Nada podia. Nico deveria odiá-la por separá-lo da mulher com quem escolhera se casar. Ele praticamente acabara de dizer que se arrependia por ter tido um caso rápido com ela. Iria casar-se com ela por causa de Danny, nada mais. Lily viu tudo enevoado e se virou para a janela. Tudo seria bem diferente do que imaginara para a sua vida, mas ela aguentaria por causa do filho. Danny merecia ter um pai, e Nico estava determinado a sê-lo. Era mais do que o seu pai fizera por ela. Jack Morgan jamais tentara participar da sua vida. Quando ele aparecia, agia como se ela não passasse de uma inconveniência; e, toda vez que ele partia, ela acreditava ser por sua causa, por ser inadequada e indigna de ser amada. Lily disfarçou as lágrimas, antes que Nico percebesse. Agora era uma mulher, e sabia que, quando um dos pais vai embora, a criança não tem culpa, mas a lembrança ainda tinha o poder de deixá-la entristecida e se sentindo inadequada. Ela jamais deixaria que Danny sofresse do jeito como ela sofrera.

Quando chegaram ao aeroporto, o avião os esperava com os motores ligados e um tapete vermelho que descia pela escada. Lily se surpreendeu novamente com o luxo que a cercava, tão diferente do seu mundo normal! Nico lhe explicara que o avião não tinha nada que indicasse a quem pertencia para manter a sua privacidade, mas, quando os dois saíram do carro, havia um grupo de repórteres a certa distância, que gritava pelos dois. Nico a fez subir na frente e segurou-a pela cintura, quando Lily tropeçou em um degrau.

— Cuidado, *cara* — ele lhe murmurou no ouvido. O coração de Lily bateu mais forte ao sentir a sua proximidade e o calor de seus dedos. Quando entraram no avião, dois homens sentados diante de uma mesa de mogno se levantaram e fizeram uma reverência, e um deles apontou uma pasta sobre a mesa.

— Os documentos estão prontos, Alteza. Podemos celebrar a cerimônia quando o senhor desejar.

Lily se voltou para Nico.

— Cerimônia? — Nico lhe apertou mão, com um olhar de advertência.

— Por que esperar, *cara mia*? — Ele abraçou Lily pela cintura e se voltou para o homem. — Estamos prontos. Pode nos casar agora.

CAPÍTULO QUATRO

NICO OBSERVOU a surpresa, a raiva, o medo e a resignação passarem pelo rosto de Lily. *Grazie Dio*. Desta vez ela não discutiria.

— Por que precisa ser agora, deste jeito? — ela perguntou disfarçadamente. Nico tocou-lhe o rosto e não se admirou por vê-la se encolher. Naquela tarde, ele esperara uma transformação, mas não como aquela. Ela estava mais bonita do que imaginava, embora ele não soubesse por que. Talvez fossem os cabelos sedosos, ou a maciez de sua pele, ou seus enormes olhos verdes. Nico não sabia, mas ficava difícil se lembrar de que ainda estava zangado com ela e que não podia se esquecer da sua deslealdade.

— Por várias razões, Liliana. Você precisa confiar em mim.

— Confiar em você? Como espera que eu o faça?

Nico agarrou-a pelo braço e afastou-a do juiz e do escrivão, bloqueando-lhes a visão. Segurou-a pelos ombros, subiu as mãos por seu pescoço e pegou-a pelo rosto. Lily conteve a respiração e ele sentiu o sangue ferver. *Dio*, ele iria gostar de levá-la para a cama. Iria se casar com ela por dever e honradez, mas talvez tivesse momentos de satisfação. *Teria.*

— Temos de fazer isso por Daniele. — Ele poderia dizer que *precisavam* se casar antes de voltarem para Montebianco, mas isto não iria acalmá-la. Poderia lhe contar que seu pai estava furioso, que o pai de Antonella exigira satisfações, e que, a não ser que se casassem antes de chegar a Montebianco, ela poderia ser acusada e presa por receptação e tráfico de antiguidades. Ele começava a desconfiar de que tudo não passara de um engano, mas, até que encontrassem o vendedor ou o responsável pelo roubo, Lily estaria sujeita a acusações. Por isso, era agora ou nunca. Se ela fosse para a prisão, Daniele ficaria com ele, mas não teria mãe. Nico jamais se casaria com Antonella levando um filho para criar. Ele sabia bem o que era ser ilegítimo e criado por uma mulher que não o concebera. Seu filho merecia ter uma mãe que o amasse.

— Primeiro, quero ver o meu filho — disse Lily. — Quero saber como ele está.

— Logo ele estará em Montebianco, *cara mia*. O avião que o trará já está a caminho. Não há razão para esperar.

Lily ficou animada, e, ao mesmo tempo, arrasada. Animada com a perspectiva de rever o seu bebê. Arrasada por sua amiga tê-la traído. Pobre Lily... Ela não sabia que todos têm um preço?

— Está na hora, Liliana. — Ela hesitou. Nico pensou que ela iria argumentar e beijou-a rapidamente, de leve. Ele ficou chocado ao perceber que a desejava, que queria carregá-la para a sua cabine no fundo do avião e torná-la sua na mesma hora, mas claro que não podia. Quando Lily não resistiu, ele passou a língua sobre os seus lábios, saboreando-os. Ela entreabriu a boca e ele a beijou de fato, primeiro provocando-a com os toques rápidos de sua língua, depois, de modo ávido. Nico não sabia mais quem beijava quem e afastou-se. Lily o olhou, estonteada. Ele aproveitou a oportunidade e beijou-a novamente. Ela o agarrou pela lapela e gemeu docemente, de modo que só ele pudesse ouvir. Quando se separaram, os dois respiravam com dificuldade. — Case-se comigo agora.

— Sim — ela sussurrou.

Antes que ela voltasse a si, Nico a colocou diante dos dois homens e segurou-lhe a mão com firmeza. Lily estava gelada. Ela não ficara gelada ao se conhecerem. Fora calorosa, espontânea e animada. Vê-la tão diferente o preocupava. O juiz disse algumas palavras e eles responderam quando necessário. Assinaram os documentos e estava feito.

— Você registrará estes documentos imediatamente, *si*? — Nico disse ao escrivão. Lily sentou em uma poltrona como se estivesse em transe. O juiz entregou os documentos ao escrivão.

— Claro, Alteza. Parabéns.

— *Grazie.*

O avião levantou voo minutos depois que os dois homens desembarcaram. Lily não se mexera. Segurava a taça de champanhe que a aeromoça lhe oferecera, mas não bebera.

— Como foi que você conseguiu fazer isso? Não existem leis que devem ser seguidas para se realizar um casamento? Não precisamos fazer exame de sangue, providenciar documentos ou algo semelhante? Nós nem somos franceses.

— Eles também não são — respondeu Nico, deixando-a intrigada. — Eles são da embaixada de Montebianco, *cara*. Enquanto eu estiver dentro deste avião, estamos em solo de Montebianco, onde nos casamos legalmente, mas uma cópia da certidão será registrada na França.

— Não compreendo. — Ela balançou a cabeça. Ele suspirou.

— O casamento é reconhecido na França por causa de um acordo de reciprocidade entre os dois países. Nem mesmo o rei poderá anular o nosso

casamento agora. — Ele notou que Lily compreendeu imediatamente. A sua esposa era esperta.

— O seu pai não aprovaria, não é? Você achou que ele não iria permitir.

— É mais ou menos isso, *si*. Mas agora não faz diferença. Você é minha esposa, *principessa* Liliana.

— Para o que der e vier. — Ela fez o brinde em tom sarcástico e se levantou. — Estou cansada. Existe algum lugar neste palácio voador onde eu possa me deitar?

— Claro — Nico murmurou. — A aeromoça irá lhe mostrar. — Seria melhor que outra pessoa a acompanhasse. O seu sangue ainda fervia por causa dos beijos que lhe dera. Se ele a levasse para o quarto, não seria para descansar.

LILY ESTAVA entorpecida. A lembrança que levaria da sua primeira viagem a Paris não seria maravilhosa; tornara-se um dever. Casara-se na cidade mais romântica do mundo, mas dificilmente o seu casamento seria chamado de romântico. Enquanto se dirigiam ao palácio Cavelli, ela observou o diamante em seu dedo. Lily Morgan, de Port Pierre, Louisiana, tornara-se uma princesa. Deveria estar feliz. Ela olhou para Nico, disfarçadamente. Ele era tão bonito, tão distante, e, no entanto, sabia ser terno, como no momento em que a beijara, tirando-lhe o fôlego, fazendo-a se esquecer de quem era e do que fazia, dando-lhe a sensação de que tudo tinha sentido. Sentira-se pronta a fazer o que ele quisesse... E, com certeza, esta fora a sua intenção... Como ele podia beijá-la daquele jeito, se apenas há um dia pretendia se casar com a princesa Antonella? Lily se sentia frustrada por não entender. Sua experiência com o sexo oposto era limitada e fora justamente com ele, mas ela era esperta o bastante para perceber que, se não tomasse cuidado, Nico a enrolaria facilmente. Isto seria perigoso, sobretudo para Danny, que era a sua prioridade.

Quando chegaram ao palácio, escurecia. Nico lhe estendeu a mão ao sair do carro. Lily se lembrou de que ele desempenhava um papel, parecendo solícito e carinhoso como fizera ao beijá-la diante do juiz e do escrivão. Tudo não passava de uma encenação dirigida a um eventual observador. Ela notou que um helicóptero sobrevoava o castelo.

— É a imprensa — disse Nico, enquanto caminhavam de mãos dadas. — Eu esperava mantê-los longe por um ou dois dias, mas parece que a história já se espalhou.

— Mas você disse que alguém deveria tê-los avisado quando você comprou o anel. Por que está surpreso?

— Não foi apenas o anel que os trouxe até aqui. Alguém deve tê-los informado que voltaríamos hoje.

Lily pensou em Antonella, mas hesitou em mencionar o seu nome por medo de ver algum traço de tristeza no rosto de Nico. Ela já se sentia abatida o bastante e não precisaria de muito para acabar com a sua encenação.

— O que faremos? — O helicóptero fez um voo rasante e se afastou novamente. Nico passou o braço pela cintura de Lily e puxou-a na direção da porta.

— Vamos agir conforme o planejado. — Eles entraram no saguão e Nico a soltou. Lily se sentiu desapontada e ficou zangada consigo mesma.

— Qual é o *plano*?

— Estamos casados, Liliana. Vamos fingir estar loucamente felizes com esta situação, *si*? Você será dócil, pelo menos em público, e desempenhará o papel de esposa satisfeita.

Lily quase engoliu a língua. Ele lhe tirara tudo em questão de horas e queria que ela aparentasse estar feliz?

— Devo ser *dócil* e *feliz*? Qual é o seu papel nessa farsa?

— Eu tenho uma grande experiência na vida pública. Não preciso de conselhos, mas você precisa.

— Devo fazer o que você mandar, é isso?

— *Si.* É o mais recomendável.

— Você já pensou que eu tinha uma vida, antes que você aparecesse?

Nico não se comoveu.

— E como essa *vida* se compara com o que você ganhou ao se casar comigo? Muitas mulheres matariam para estar no seu lugar, Lily.

Lily riu amargamente.

— Ah, claro. E eu trocaria de lugar com qualquer uma delas no mesmo segundo.

Nico trincou os dentes e se encaminhou para os seus aposentos. Lily precisou correr atrás dele, amaldiçoando os saltos altos. Ele entrou na ala privativa que ocupava e parou de repente. Ela o atropelou.

— O quê...? — Ela ouviu o balbuciar de uma criança. — Danny! — gritou Lily, empurrando Nico e correndo para abraçar o filho. — Ah, meu bebê, meu docinho. A mamãe sentiu *tanta* saudade de você! — Ela se abraçou ao menino e cheirou o seu perfume de talco. Até aquele momento, temia não vê-lo de novo. Danny se debateu em seus braços e ela lhe deu um sorriso tão largo que seu rosto chegou a doer. O menino a olhou, espantado, com os olhos azuis do pai. — É a

mamãe — disse Lily. — A mamãe está aqui. Ah, querido! Como senti a sua falta!

Danny começou a chorar.

LILY FICOU aliviada quando Danny, afinal, dormiu. Ela se apavorara ao vê-lo chorar, mas logo reconhecera que, para ele, ela deveria parecer bem diferente. Além disso, ele acabara de fazer uma longa viagem, acompanhado de uma estranha. Gisela aparecera ao ouvi-lo chorar e o menino lhe estendera os bracinhos. Era só o que lhe faltava: deixar que uma estranha acalmasse o seu filho. Lily soltara os cabelos e sorrira ao falar com o bebê. Danny se acalmara aos poucos, mas continuara agitado. Ela se esquecera de Nico e Gisela, levara-o para o seu quarto e o fizera dormir. Lily sentia o coração explodir de amor e tremia ao acariciar os cabelos do filho. Tivera muitas saudades do menino, e ele precisaria de tempo para se adaptar ao novo ambiente. A vida dos dois mudara radicalmente, mas ela estava aliviada só em vê-lo.

Nico abriu a porta e ficou parado, sentindo emoções que não conseguia e nem pretendia entender. Lily notou que ele tirara o paletó, e a camisa branca sobre a pele morena a fascinava de um jeito que ela não queria admitir. Ela pensou que, embora ele fosse um estranho, os dois estavam ligados da maneira mais íntima possível: o filho que ela tanto amava também era seu. Parecia-lhe inacreditável que os dois tivessem ficado juntos tempo suficiente para fazer um bebê. Nico era muito diferente dos homens que ela conhecia. Como haviam ignorado tantas diferenças? Como poderiam ultrapassá-las de novo?

Nico se aproximou e olhou para a criança cercada de travesseiros. Lily sentiu o coração bater mais forte. Eles eram tão parecidos!

— É incrível — ele disse num tom de dúvida. — Achei que talvez... — Ele sacudiu a cabeça e Lily mordeu o lábio, sem coragem de perguntar o que ele achara. Nico estendeu o braço, e ela instintivamente o conteve.

— Não. Você vai acordá-lo. — Ele olhou para ela. Lily se surpreendeu ao vê-lo tão inseguro e vulnerável. No momento, Nico Cavelli, herdeiro do trono de Montebianco, parecia um homem perdido e solitário. Ela teve pena e se sentiu culpada por não deixá-lo tocar no filho. Estaria sendo superprotetora?

— Eu sempre fui cuidadoso — disse Nico, olhando para o menino. — Eu não esperava que isso acontecesse.

— Não. Mas eu não lamento que tenha acontecido.

— Claro que não — ele disse secamente. — Você ganhou um reino em troca, e mais dinheiro do que sonhou ser possível.

Lily sentiu vontade de gritar.

— Eu estava falando do nosso filho. Eu não me importo com todo o resto.

— É muito fácil falar. Com certeza você se beneficiou enormemente dando à luz o meu herdeiro.

A raiva e a mágoa se misturaram no peito de Lily. E a vontade de feri-lo.

— Espero que, antes de se comprometer, você tenha se certificado de que ele é seu.

— Eu não duvido que ele seja meu. Aliás, tenho certeza.

Lily sentiu o sangue ferver.

— Como você tem certeza, Nico?

— Por maior que fosse a semelhança — ele disse com sarcasmo —, por maior que fosse a evidência, você acha que eu não iria mandar fazer um exame de paternidade? Ele é meu.

Lily o agarrou pelo braço e sentiu seus músculos firmes.

— Você enfiou uma agulha no meu bebê, sem me comunicar? Como ousou? — Ela não se surpreendia, mas estava furiosa por ele ter mandado colher sangue de Danny sem o seu conhecimento.

— Não seja hipócrita, *cara*. Ele foi vacinado, não foi? Era uma medida necessária.

— *Nunca* mais faça algo com o meu filho sem me pedir permissão — ela disse com raiva.

— Você quer dizer, *nosso* filho, Lily — ele retrucou em voz ameaçadora, soltando o braço bruscamente. — Ele é meu filho e um dia será rei. — Nico pareceu esquecer a presença de Lily e falou algo em italiano, olhando para o menino. Ela se deu conta, de repente, que Danny não era mais apenas seu, que era um príncipe e que um dia seria rei. Nico tocou o rosto do filho, e desta vez ela não o impediu.

— Jantamos dentro de uma hora. Esteja pronta.

Lily cruzou os braços. Os acontecimentos escapavam ao seu controle antes que ela conseguisse compreendê-los.

— Acho que vou ficar com Danny. Ele teve um dia cansativo e precisa de mim.

— Gisela é perfeitamente capaz de cuidar dele. Garanto que ela é uma ótima babá.

— Eu não quero uma babá — Lily protestou.

Nico olhou-a com um ar de lástima. Ela ficou furiosa e confusa. Ele conseguia intimidá-la e deixá-la constrangida. Ela se sentia diminuída, como se jamais

estivesse à sua altura.

— Você tem muito a aprender, Lily. Se pretende cumprir todas as obrigações de uma princesa, vai precisar de uma babá.

— Danny precisa de mim, não de uma babá.

— O jantar começa daqui a uma hora. Jantaremos com o rei e a rainha, e você não pode recusar. Vista algo formal. Gisela virá cuidar do nosso filho.

O jantar foi servido nos luxuosos aposentos do rei e da rainha, em outra ala do palácio. Lily se sentia linda como uma estrela de cinema. Usava um maravilhoso vestido, tinha os cabelos presos em um elegante coque e carregava uma fortuna em diamantes. Nico viera pessoalmente lhe colocar a gargantilha, e ela ficara trêmula ao colocar os brincos e o bracelete do conjunto. Com tudo isso, uma hora se passara e a rainha não olhara para ela, e o rei não parara de franzir o cenho, enquanto conversavam em italiano − o que era uma vantagem, porque ela não precisava responder perguntas ou participar da conversa. Lily não entendia o que eles diziam, mas percebeu que Nico estava muito tenso e que seu nervosismo aumentava quando a rainha Tiziana fazia algum comentário. Como teria sido ser educado por aqueles pais? Lily estremeceu. Onde se metera? Ela jurou que jamais deixaria Danny sozinho na companhia dos dois. Quando Nico se levantou e comunicou que estava na hora de ir embora, Lily lhe deu a mão sem discutir e o acompanhou. Chegavam à porta quando o rei disse algo em tom imperioso. Nico se voltou, respondeu e fez uma reverência discreta. A expressão do rei suavizou, mas não a da rainha.

— Boa noite, meu filho — disse o rei. — Boa noite, Liliana. Obrigado por juntar-se a nós.

Lily ficou admirada e pareceu-lhe apropriado fazer uma reverência, que saiu meio desajeitada.

— Obrigada por me convidar, Majestade.

Quando entraram nos aposentos de Nico, Lily estava furiosa. Aguentar tudo aquilo fora *humilhante*. Nunca se sentira tão mortificada. Eles a haviam tratado como se ela fosse invisível.

— O que aconteceu esta noite? — ela perguntou, jogando o xale sobre o sofá. Nico a encarou com um olhar distante.

— Você jantou com Vossa Majestade, o rei e a rainha de Montebianco. Simpáticos, não acha?

Ela não respondeu. Nico se serviu de uma dose de conhaque e olhou para ela. Lily sacudiu a cabeça. Ele lhe deu as costas e parou diante da janela, bebendo

um gole da bebida. Lily sentiu-se compadecida por ele e preocupada com o filho.

— Deve ter sido diferente ser criado num palácio — ela disse. — Eu nunca tinha reparado o *quanto*. — Ela olhou ao redor com uma nova perspectiva. Como uma criança podia brincar num lugar como aquele, cheio de quinas, de cristais, de objetos que podiam ser engolidos e de valiosas obras de arte? Seria um perigo.

— É verdade. Mas eu nem sempre vivi aqui. Passei os primeiros seis anos da minha vida com a minha mãe.

— Sua mãe? — Lily perguntou, admirada. — Mas eu pensei que a rainha...

Nico deu uma risada de desprezo.

— A rainha Tiziana não é minha mãe, *cara*. A minha mãe morreu há muitos anos.

Lily girou o anel no dedo, sem graça.

— Sinto muito. Eu não sabia...

— Não tem importância. A vida é imprevisível, *si*? Não se deve lamentar o passado. Isso nada mudaria.

Lily sentiu sua raiva se dissolver e ficou curiosa a respeito do marido. Com certeza, ele não tivera uma vida perfeita.

— Onde você morava, antes de vir para cá? Era longe?

— Não o suficiente — respondeu Nico, sentando-se diante dela. Lily não sabia o que dizer. Não esperava que ele fosse se abrir daquela maneira, mas talvez ele precisasse. Saber que Nico perdera a mãe muito cedo e que fora levado para viver com aquele par indiferente mudaria a sua opinião sobre ele? Ela não queria ter motivos para vê-lo de forma diferente. Nico a forçara a se casar com ele, chantageara Carla, virara a sua vida do avesso sem se importar com o que ela desejava. Ela o desprezava, desprezava a sua arrogância. Mas, apesar de tudo... — Minha mãe tinha um apartamento em Castello del Bianco e uma magnífica casa na praia, alguns quilômetros ao sul. Não tinha uma vida difícil. — Ele deu de ombros e se inclinou na direção de Lily. — Sinto muito que você tenha tido que aguentar um jantar com eles, Liliana. O meu pai não é mau, mas quando a rainha está presente ele se mostra reservado. Ele está zangado comigo, mas nada pode fazer. Irá se conformar. Eu... Agradeço a você. — Não era o que Lily esperava! Nico se levantou e colocou o copo sobre a mesa. — Venha. Deixe que eu tire o seu colar. — Lily levou as mãos ao pescoço, se levantou e virou-se de costas. Nico mudara de assunto tão repentinamente que ela ficou confusa. O seu coração batia tão forte que ela estava certa de que ele iria escutar, e, quando ele

tocou no seu pescoço, ela sentiu um arrepio que não conseguiu evitar. — Então... — Ele tentava abrir o fecho complicado, enquanto Lily sentia sensações que não queria identificar. — Esta é a nossa noite de núpcias, *cara*. O que você quer fazer primeiro?

— Fazer?

— Sim, há várias coisas que podemos fazer. — Ele lhe beijou a nuca de leve. — Ou podemos ir direto para a cama.

CAPÍTULO CINCO

Ele precisava de uma mulher. Fazia tempo que não desfrutava o prazer de um corpo feminino. Especialmente naquela noite, ele bendiria o esquecimento que algumas horas de satisfação lhe trariam. Nico se sentia a ponto de explodir. Ao entrar no quarto durante a tarde e ver seu filho brincando com a babá, ele tivera a sensação de estar em outro planeta e se apavorara. Ele, Nico Cavelli, tinha um filho. Ele ainda não entendia, mas, pela primeira vez desde a morte de Gaetano, sentia vontade de abandonar seus deveres e de retomar a vida despreocupada de solteiro desejado. Como filho ilegítimo, ele levara a vida livremente e sempre se excedera, desviando a atenção de Gaetano, que lhe agradecia. O irmão não fora feito para viver sob os holofotes e odiava pensar no casamento iminente com uma mulher que não escolhera. Nico ficou angustiado ao recordar-se de que, na véspera de Gaetano se jogar no abismo, ele lhe dissera para ser homem, para se casar e cumprir o seu dever. Agora se arrependia por não ter sido mais compreensivo, por não ter ouvido o que Gaetano tentara lhe dizer, porque ele bem sabia o que o levara à beira do abismo, não sabia?

Não.

Nico voltou à realidade, decidido a esquecer o próprio sofrimento e a se concentrar na pele acetinada de Lily. Ela lhe pertencia, carregara o seu filho no ventre; o filho que levaria o nome dos Cavelli. Ele se sentia compelido a derrubar as defesas daquela mulher, conquistá-la, torná-la sua e derramar a sua semente dentro dela novamente. Ela era sua esposa. Seria justo que dessem um irmão a Daniele. Seu filho jamais seria solitário como ele fora até o dia em que conhecera o irmão. A mãe sempre o usara como um peão no seu jogo com a rainha, e, embora Tiziana tentasse separá-los, Gaetano o amava. Os dois haviam se tornado inseparáveis, até que a vida os separara definitivamente. Gaetano escolhera seu destino. A culpa seria sua?

— *Basta* — Nico murmurou, virando Lily dentro de seus braços e beijando-a quase com selvageria. Ele *teria* algumas horas de paz, *per Dio*.

Ele a pegou de surpresa, mas ela instintivamente sabia o que iria acontecer. Antes que pudesse raciocinar, Lily entreabriu os lábios e se deixou levar. Em parte, ela sentia que deveria resistir, mas não queria. Tinha vontade de se perder

no seu calor, reviver algo que sentira antes. Ela nunca *desejara* outro homem. Embora ainda estivesse revoltada com as circunstâncias do seu casamento, depois do que Nico lhe revelara sobre a sua infância ela ficara confusa quanto aos próprios sentimentos e percebera que, mais do que necessidade física, ele tinha uma carência de afeto, de contato. Ele contara a sua história para comovê-la? Lily não sabia e nem se importava. Nico a abraçava com firmeza, tocando-lhe a língua com gentileza, mas com segurança. Ele tinha o gosto de conhaque: forte, adocicado e penetrante. Ela tremeu quando ele a puxou contra o corpo. Sabia onde pretendia levá-la. Havia algo de paradoxal em beijar o pai de seu filho: ela o desejava, mas devia rejeitá-lo; ele era um príncipe e ela, uma moça pobre, embora naquele momento as diferenças não importasse.

Nico passou as mãos pelas costas de Lily, contornou-lhe os quadris e encontrou o fecho lateral de seu vestido. Ela pensou se deveria concordar ou detê-lo.

— Lily — ele sussurrou, beijando-lhe o pescoço antes de voltar a beijá-la. Lily percebeu que perdera a batalha. Quando ela o abraçou pelo pescoço, Nico soube que vencera. Ele iria possuí-la, tirá-la da cabeça e devolvê-la ao lugar que ocupava em sua vida. A sensação de estar a bordo de um trem desgovernado desapareceria, e ele seguiria em frente. Quando a colocasse no seu lugar, recuperaria a paz... Entretanto, havia algo de errado. A sensação se fortaleceu e ele se viu forçado a analisá-la, concluindo que seria um erro. A sua história no palácio Cavelli era complicada e dolorosa, e o fato de estarem ali o afetava de uma maneira imprevisível. Depois da cena do jantar, ele ficara amargurado. Se levasse aquela mulher para a cama, ele o faria com raiva. Raiva do pai, de Gaetano e da rainha, e, acima de tudo, de Lily, por tê-lo enganado. Não seria um bom começo.

Nico fechou o zíper do vestido de Lily e a soltou. Ela parecia confusa. Seus lábios estavam rosados e úmidos e uma ruga se formara em sua testa. Nico retirou gentilmente as mãos que ela mantinha em volta do seu pescoço.

— Você deveria ir dormir agora, *cara*. — Ele a afastou e Lily cruzou os braços, um gesto que costumava fazer quando ficava constrangida. Parecia atordoada, vulnerável. Nico passou a mão na cabeça e fugiu à tentação. Ele também estava perturbado. O seu corpo latejava de desejo. Precisaria tomar um longo banho frio.

— Eu... ainda preciso da sua ajuda para tirá-lo. — Ela tocou o colar de brilhantes.

— Claro — ele respondeu, abrindo o fecho do colar depressa e se afastando. Lily pegou o colar antes que ele caísse no chão.

— A quem devo entregar estas joias?

— Entregar? Elas lhe pertencem, Lily. Leve-as para o seu quarto, coloque-as sob o colchão, sei lá... Não me interessa.

Lily segurou o colar contra o peito, respirando mais depressa.

— Espero que você não esteja se parabenizando pelo que acabou de acontecer.

— Dificilmente, *cara*. — Ele deu uma risada amarga.

— Você não vai me pegar desprevenida de novo. Da próxima vez, estarei preparada.

Nico ignorou a pontada de dor que indicava que ele estivera à porta do paraíso e a evitara. Precisava reconhecer que ela, mesmo quando estava com medo ou insegura, parecia saber exatamente o que fazia.

— Espero que sim, *bellissima*. Torna o jogo mais interessante.

LILY SOCOU o travesseiro e virou-se de lado. Deitara-se há duas horas, depois de terminar o relatório para o *Register* e enviá-lo por *e-mail*, e ainda não havia conseguido dormir. Ela não sabia o que fora mais humilhante: ser ignorada durante o jantar ou o momento seguinte, em que quase pedira a Nico que a possuísse, e ele a rejeitara inexplicavelmente. Inexplicavelmente nada. Ela sabia por quê. Ele deveria ter sentido pena pelo modo como ela fora tratada durante o jantar. Ou talvez estivesse pensando em Antonella enquanto a beijava. Lily gemeu, envergonhada. Durante aquele dia, duas vezes se dispusera a fazer o que ele queria, só porque ele a beijara. Fora *patético*, mas nenhum homem a beijara como Nico. Pior: ela nunca tivera um namorado para poder comparar. Estivera muito ocupada com Danny e tentando se sustentar. Agora se arrependia. Se sua mãe tivesse se dedicado a encontrar outro homem, jamais seria tão tolerante com seu pai cada vez que ele voltava em busca de um lugar para ficar e de uma mulher para servi-lo.

Lily se deitou de costas, ouviu o filho ressonar no berço e a sua angústia se dissolveu. Danny era a razão de sua vida, sua *única* razão de existir. Não perderia a cabeça por um homem que não lhe dava a importância que ela merecia. Nico era escorregadio, traiçoeiro. Brincara com ela, talvez para puni-la. Não deixaria que ele a humilhasse novamente.

A manhã seguinte não começou bem. Lily acordou sozinha no quarto e entrou em pânico, correndo à procura de Danny. Esquecera-se da babá e só sabia que o

filho havia desaparecido. Nico a encontrou perambulando pelo corredor, à beira das lágrimas, chamando pelo menino.

— Ele não está aqui, *cara*.

— Onde ele está? O que você fez com ele?

— Eu não o sequestrei, Liliana — Nico respondeu friamente. — Ele está bem.

Ela se acalmou um pouco, mas não completamente.

— Quero vê-lo.

— Impossível. Vamos passar uns dias no meu *palazzo* particular. Mandei Gisela na frente, com Daniele. Nós nos encontraremos lá. Você precisa se vestir.

Embora estivesse furiosa, Lily percebeu que não adiantaria discutir. Ele iria ignorá-la e mandá-la se apressar.

Sentada ao lado de Nico na *Maserati* prateada, ela olhava a paisagem. Montebianco era mais bela do que ela imaginava. Atravessaram um trecho de floresta tropical, antes de emergirem na estrada litorânea. Os penhascos avançavam sobre o mar azul que batia em suas encostas brancas. Quanto mais se afastavam, havia menos movimento e casas, a não ser aquelas encravadas nas montanhas que davam para o Mediterrâneo. Tudo parecia excitante e exótico. Ela, Lily Morgan − não, Lily *Cavelli* −, corria pela costa do Mediterrâneo, na companhia de um príncipe. Quem poderia imaginar?

— É longe? — ela perguntou, depois de estarem na estrada há quase uma hora.

— Ah, então você sabe falar?

Lily se virou no banco para encará-lo.

— Eu estava esperando para falar quando não estivesse mais com vontade de gritar com você.

— Demorou bastante, não? — Ele fez uma careta que a deixou sem fôlego.

— A vontade pode voltar a qualquer momento. Pode ser que a conversa seja curta.

Nico deu uma gargalhada que ela não ouvia desde que estavam num restaurante do *French Quarter*, dois anos antes. Lily esquecera-se de como gostava daquele som.

— Estamos quase chegando. Você desperdiçou a viagem, ficando amuada.

— Eu não estava amuada.

— Claro que estava. Eu conheço o humor feminino, *cara*. Reconheço um bico quando o vejo.

Lily mordeu o lábio. Mencionar a sua experiência com mulheres não melhorava em nada o *seu* humor.

— O que vamos fazer nesse lugar, que não poderíamos fazer no Castello del Bianco?

Nico crispou as mãos no volante.

— Vamos nos livrar de olhares curiosos. E ficar mais isolados, longe do rei e da rainha. Podemos nos divertir na praia, caminhar, nadar. Será como estar de férias.

Lily nunca tirara férias, mas entendia.

— O que você quer dizer com "olhares curiosos"?

— Você é nova nesse assunto, Lily. Precisa saber que a imprensa chega a extremos para bisbilhotar as nossas vidas, para descobrir histórias para contar. Algumas nos deixam embaraçados, outras nos dão raiva. É preciso aprender a conviver com isso.

— Você não esclarece, quando a história é mentirosa? — O *Port Pierre Register* era um pequeno jornal, mas sempre publicava retratações quando alguém contestava um artigo.

— Não vale a pena.

— Mas ninguém o incomodou em Nova Orleans. Eu teria percebido...

— *Si*, é verdade, mas eu estava incógnito e o meu irmão ainda era o príncipe herdeiro. A imprensa americana não se interessa muito pela nobreza europeia.

Lily ficou admirada.

— Você tem um irmão?

Nico ficou tenso e ela pensou que ele não iria responder.

— Eu *tinha* um irmão, *cara mia*. Ele morreu.

— Ah! — Ela instintivamente colocou a mão no braço de Nico. — Sinto muito.

— *Grazie.* Ele morreu há dois meses. Eu sinto falta dele todos os dias.

Lily sentiu um nó na garganta e olhou para o outro lado. Ficara tão concentrada em ver Nico como um tirano e um *playboy* que se recusara a ver que ele possuía um lado sensível, que se emocionava e sofria. O carro fez uma curva e uma enorme casa surgiu diante deles, elegante e moderna, bem diferente do que Lily esperava.

— Pensei que você havia dito que iríamos para um palácio!

— É um palácio. O *meu* palácio. Eu o mandei construir há alguns anos, e o considero o meu lar.

Lily se surpreendeu ao entrar. A casa era bem diferente do *Palazzo Cavelli*. Decorada com bom gosto, sem luxo, mas elegante, um ambiente bem masculino: sofás forrados de couro, piso de madeira, tapetes persas e quadros modernos.

— Provavelmente vamos passar muito tempo aqui, *cara*. É possível que você queira mudar alguma coisa.

Lily abanou a cabeça.

— Não sei se eu mudaria algo. Gostei.

— Se você mudar de ideia... — Ele jogou as chaves sobre uma mesa. — Agora, se quiser ver o quarto de Daniele, venha comigo.

Quando Lily se deparou com o quarto do filho, não estava preparada para o que viu. O cômodo estava cheio de brinquedos, enormes girafas, pandas e ursinhos de pelúcia. Ela ficou admirada. Havia um sofá, uma TV, uma cadeira, mas não havia berço, nem armários. Lily imaginou que não houvera tempo de providenciar. Nico descobrira a existência do filho há dois dias...

— É uma suíte, Lily. Aqui... — Ele a pegou pela mão e levou-a para um enorme quarto mobiliado com um berço, armários, um trocador e uma estante cheia de livros infantis. Gisela levantou de uma cadeira de balanço e os cumprimentou.

— Maaama-mama — gritou Danny, cambaleando na direção da mãe. Lily ajoelhou e abriu os braços para o filho, emocionada.

— Quem é o meu garoto, o meu Danny? — Danny gorgolejava, deliciado, enquanto ela lhe levantava a blusa e lhe fazia cócegas na barriga. Lily riu e olhou para Nico. A impressão dele não era o que ela esperava. Ele demonstrava um misto de dor e raiva. O coração de Lily acelerou e ela embalou o filho nos braços.

— Mama — repetiu o menino. Lily recolocou-o no chão e ele voltou a brincar com o seu caminhão. Nico olhava para ele com uma expressão ansiosa, abrindo e fechando as mãos, como se quisesse pegar o filho mas não tivesse coragem. Lily percebeu, de repente, que Nico deveria se sentir um estranho naquele triângulo. Ele fora excluído e agia como quem olhasse de fora.

— Ele está sempre aprendendo uma palavra — Lily disse amavelmente, tentando ajudá-lo. Embora quisesse o filho só para si e desejasse protegê-lo, não podia ser egoísta; sabia que Danny merecia o melhor pai que pudesse ter. Se Nico ficasse de fora, qual seria o benefício para Danny? — Será mais fácil conhecê-lo se você brincar com ele. — Nico lhe deu um olhar fulminante. — Vai ser preciso algum tempo...

Nico se voltou e saiu do quarto.

CAPÍTULO SEIS

LILY CORREU atrás dele, mas Nico desapareceu antes que ela conseguisse alcançá-lo. Ela não entendera a sua reação e ficou indecisa entre procurá-lo ou não. Por fim, ela voltou para o quarto, dispensou Gisela e brincou com Danny até que ele se cansasse. Ao colocar o filho no berço, ela começou a chorar sem saber por quê. Sentia-se inquieta, agitada e culpada. Tentara ajudar Nico, mas ele se recusara a ouvi-la. Deveria procurá-lo e explicar que tudo daria certo. Ela pediu a Gisela que tomasse conta do menino e saiu à procura do marido. Entrou e saiu de quartos e de imensos terraços com vistas maravilhosas. De repente, ela se deparou com as roupas que Nico lhe dera arrumadas em um imenso closet. Ao lado havia outro closet, repleto de roupas masculinas. Ela percebeu que entrara na suíte principal. Do outro lado, havia um enorme banheiro com janelas de vidro que davam para o mar, uma banheira de hidromassagem, uma geladeira e uma prateleira de vinhos. Lily gemeu e pensou que era perfeito para Nico receber suas convidadas. Na porta do quarto, ela hesitou, mas acabou por entrar. A caminho do terraço, sua atenção foi despertada por algumas fotografias sobre uma mesinha ao lado de uma poltrona. Na primeira, havia dois meninos mais ou menos da mesma idade, abraçados e sorrindo. A segunda era o retrato de um jovem que ria alegremente. Ela concluiu que deveria ser o irmão de Nico. A terceira era uma foto oficial de Nico quando criança. Ele tinha o ar solene e infeliz. A semelhança com Danny era impressionante. Ela se perguntou por que a foto seria importante para Nico, se ele parecia tão triste. A maioria das pessoas se cerca de fotografias que evocam lembranças felizes...

— Ela me lembra de quem eu sou.

Lily apertou a foto contra o peito e se voltou.

— Deus! Você me assustou. — Vestido de preto dos pés à cabeça, Nico parecia sombrio e perigoso como o demônio. Ela levou algum tempo para perceber que ele vestia uma roupa de motociclista e sentiu o coração bater mais forte. Ele corria pelas curvas perigosas que haviam percorrido? Desafiava os abismos que mergulhavam no mar? O que fariam se algo lhe acontecesse? Nico se aproximou e Lily sentiu o perfume de couro, vento e graxa, e ela ficou

excitada com o contraste entre o cheiro de graxa e o fato de ele ser um príncipe. *Ridículo!*

— Gaetano é o da esquerda. — Ele esbarrou nela ao apontar a foto dos dois meninos.

— Ele não era tão alto quanto você — ela disse distraída, sentindo o sangue ferver só porque ele estava perto. O que havia de errado com ela? Por que não se controlava, quando ele se aproximava?

— *Si*, e ele era três anos mais velho que eu. Interessante, não acha? A outra foto foi tirada alguns anos depois. Gaetano estava rindo de alguma coisa. Eu não me lembro de quê. Naquele verão, nós fomos para a Austrália, e eu nunca o vi tão relaxado. Foi extraordinário, mas, para entender, você precisaria ter conhecido o meu irmão.

— Talvez ele não gostasse de ser príncipe herdeiro... — ela arriscou.

— Sim, eu creio que era isso. E algo mais. Ele nunca me contou.

Lily pensou que jamais entendera as escolhas que sua mãe fizera, a maneira como ela vivia em função de um único homem e ficava arrasada quando ele partia. Talvez não fosse o mesmo, mas ela entendia o que era amar alguém e não ser capaz de compreendê-lo ou de ultrapassar a barreira criada para protegê-lo.

— O que aconteceu com ele?

— Ele se suicidou, *cara*. — Ele pegou a fotografia em que estavam juntos.

Lily ficou horrorizada e penalizada. Durante o curso secundário, conhecera uma menina que se suicidara. O choque havia sido demais para que os pais aguentassem. O casal se divorciara quase um ano depois, e a mãe deixara a cidade. O irmão da moça se tornara rebelde, abandonara o colégio e passara algum tempo preso. A vida de todos havia sido irremediavelmente mudada por um único ato. Como a morte do irmão afetara Nico, o rei e a rainha?

— Sinto muito. Ninguém deveria perder um parente dessa maneira.

— Não. Ninguém deveria — ele concordou.

Lily teve receio de fazer perguntas a respeito de Gaetano. Aliás, estava admirada por Nico falar com ela, depois do modo como a olhara mais cedo. Ela sentiu vontade de abraçá-lo, mas mudou de assunto.

— Que idade você tinha nesta foto?

— Seis anos. Minha mãe morrera três dias antes.

Lily suspirou. Ele sofrera muito e ela contribuíra para que sofresse mais.

— Depois de algum tempo, não foi tão difícil. Eu me adaptei.

Lily sentiu seus olhos se encherem de lágrimas.

— Mas você era apenas uma criança. Deveria ter tido mais tempo.

— Nem sempre a vida ajuda, *si*? Perdi minha mãe, mas ganhei um irmão.

Um irmão que ele também perdera.

— Ninguém deveria ter apenas um dos dois.

— É verdade.

— Foi muito difícil crescer no palácio?

— Eu não tinha termo de comparação.

Lily não conseguia imaginar a rainha sendo bondosa com um órfão que a recordava da traição do marido.

— Você deve ter sentido falta da sua mãe.

— Eu mal me lembro dela, *cara*. Ela estava sempre ocupada... E um dia ela se foi.

Lily engoliu um nó na garganta. *Nenhuma criança deveria se sentir solitária daquele jeito.* Ela ficou parada ao lado de Nico, cônscia da sua proximidade. Cada vez que ele respirava, era como se ela respirasse. Ela não conseguiria se mexer, nem para salvar a própria vida. Mas Nico não tinha o mesmo problema: colocou a foto sobre a mesa, se afastou e tirou a jaqueta, revelando uma camiseta colada aos músculos suados. Vestia um *jeans* de couro gasto pelo uso e calçava botas de cano alto. Lily conteve a respiração. Não era justo. Ele a perturbava com aquela aparência de *bad boy* e ela sentia vontade de lhe arrancar a camiseta e de lamber o seu peito... Ah, Deus!

— Você quer alguma coisa, Lily? — ele perguntou mansamente.

— Não, eu... — O coração de Lily disparou e ela respirou fundo. — Claro que não. Por que pergunta?

— Talvez eu possa lhe dar o que você precisa — ele disse. — Você só precisa pedir.

— Eu... — *Respire, Lily*. — Não é nada. Eu me lembrei de que... Desculpe, o que disse?

— Não importa. Prefiro conversar sobre o que *você* estava pensando.

— Eu... acho melhor ver se Danny está acordado. — Lily ficou toda arrepiada. Como ele fazia aquilo com ela? Como conseguia olhá-la com tanta raiva e depois flertar daquele jeito? Porque ele era um especialista, um *Dom Juan* que seduzira centenas de mulheres. Ela não deveria esquecer com quem estava lidando. Nico não se importava com ela, apenas reagia às vibrações que ela transmitia. *Pare, antes que faça algo estúpido.* Nico se aproximou.

— Qual é o problema, Liliana? Tem medo de admitir o que já sabemos?

— Não tenho medo de você.

Ele deu um sorriso malicioso. Delicioso.

— E eu disse que você tem? — Ele estendeu a mão e agarrou um cacho dos seus cabelos. — É inevitável, Lily. Nós *vamos* acabar na cama. Mais cedo do que você pensa. Não adianta relutar.

Lily lutou para conseguir falar normalmente.

— Eu não estou relutando. Você está delirando.

— Estou? — Ele passou o dedo pelo queixo de Lily, e depois em seu pescoço. — Talvez devêssemos testar a sua teoria...

Lily tentou juntar o que lhe restava de forças e se afastou.

— Não há nada para testar, Nico.

Ele sorriu com ironia e ronronou:

— Corra, Lily. Corra rápido para bem longe, antes de se ver nua sobre a minha cama, porque, se eu começar, vou até o fim.

Lily sentiu que tremia; não de medo, mas de desejo. Mais um minuto e ela mesma o jogaria sobre a cama, rasgaria sua camiseta e enfiaria a mão em suas calças. Lily correu e o ouviu dar uma gargalhada.

NICO ENTROU num banho frio, aliviando o calor de uma corrida ao longo da costa... Não. A água fria servia para acalmar o desejo por sua mulher, sua *esposa*. Um dia se passara e ele ainda estava perplexo por ter uma esposa. Ainda por cima, uma que o retorcia por dentro de um jeito que ele nunca sentira. Tudo porque ela era atraente e ele não dormia com uma mulher há muito tempo. Além disso, ela o olhara como se estivesse perdida no deserto e ele fosse a água que surgira de repente. Ele estava mais do que disposto a saciar a sua sede.

Nico passou o sabonete no corpo e gemeu. Como podia desejá-la depois do que ela lhe fizera, depois de ter percebido o quanto fizera falta na vida de seu filho? Danny a chamara de *mama* e correra na sua direção, ignorando-o. Lily lhe dissera para brincar com o menino, mas ele se sentira excluído e saíra. Sentira-se inseguro e magoado por ser um estranho para o filho. Ele, que tudo controlava, não tinha ideia do que fazer com o próprio filho. Ao invés de se aproximar da criança, fugira. *Dio*, fora a pior covardia, mas ele sentira tantas emoções naquele momento, que não soubera como lidar com elas. Uma longa corrida na sua Ducati, com o vento lhe fustigando o corpo e o ruído do motor, era exatamente o que ele precisava para clarear a cabeça.

Quando Nico vira o filho correr para os braços de Lily, toda a sensação que ele tivera quando criança de estar deslocado, de ser um estranho, voltara-lhe de repente. A lembrança do que sentira o ajudava a amenizar seu desejo por Lily, mas ainda a desejava. Nico sabia o que deveria fazer. Não iria perambular pela

casa, evitando a mulher e mantendo-se distante do filho. Aprenderia a ser um pai para o menino e levaria a mulher para a cama. Logo ela iria implorar para que ele a possuísse. Se havia algo que ele sabia fazer muito bem, era seduzir uma mulher...

NA MANHÃ seguinte, Lily acordou de mau humor e se vestiu. Passara a noite inquieta. Num minuto, sentia frio; no outro, sentia calor e se livrava das cobertas. Infelizmente, toda vez que acordava suando, seu despertar se devia a um sonho curto e intenso com um príncipe em roupas de motociclista. Há muito tempo ela não sonhava com sexo, mas preenchera a sua cota naquela noite. Ela tinha a vaga recordação de corpos se esfregando, de ser beijada e possuída por Nico a ponto de achar que iria morrer de prazer. Se não acordasse sozinha, ofegante e excitada, poderia acreditar que fora real. Por mais deliciosos que fossem seus sonhos, ela precisava resistir à tentação de se entregar ao marido, porque, no fim do caminho, tudo que teria seria ruína e sofrimento. Lily não era ingênua a ponto de achar que aguentaria viver com ele sem serem íntimos. Estavam casados e, como ela, Nico iria querer mais filhos, mas, antes ela precisaria aprender a se distanciar e a preservar uma parte de si mesma. Seria difícil, mas conseguiria.

Lily procurou Danny no quarto e não o encontrou. Desta vez, ela não se apavorou e resolveu ir até a cozinha. Enquanto chegava, sentiu o cheiro de comida e ouviu alguém falar. Ela se deparou com uma cena que não esperava. Nico estava diante do fogão, com uma panela na mão e uma espátula na outra. Ele sorriu ao vê-la, e o coração de Lily acelerou.

— Ah, então você resolveu nos dar a graça de sua presença — ele disse.

— São apenas oito e meia.

— Sim, mas nós estamos de pé desde as seis.

Lily olhou para um canto onde Danny brincava com um jogo de tijolinhos. Quando ele a viu, levantou-se e jogou-se em seus braços, balbuciando alegremente. Lily o abraçou e cobriu o seu rosto de beijos. Danny riu. Quando ela voltou a olhar para Nico, ele dava atenção à panela.

— O que está fazendo?

— Ovos. Para você.

Lily levantou as sobrancelhas, espantada.

— Para mim?

— *Si.* — Nico sorriu. — Não fique apavorada, *cara mia*. Eu sei cozinhar vários pratos; entre eles, ovos.

— Por que um príncipe precisaria cozinhar? — Ela nunca o imaginara na cozinha. O seu príncipe estava revelando ser imprevisível.

— Príncipes precisam saber fazer muitas coisas. — Ele passou a espátula na panela. — Além disso, a rainha achou conveniente que eu aprendesse tarefas subalternas.

— O seu irmão também aprendeu?

— Sim, mas apenas porque ele a desobedecia para ficar comigo. — Nico deu de ombros. — Não vamos mais falar nesse assunto.

Danny começou a se agitar e Lily o recolocou no chão. Ele voltou aos brinquedos.

— Você tomou conta de Danny a manhã toda? — Ela percebeu que Nico ficou tenso e se preocupou. Será que ele achava que ela desaprovaria? Um dia antes, ela teria reprovado, mas, embora sentisse ciúmes ao pensar que Danny precisaria de alguém além dela, desejava o melhor para o filho, e um pai feliz e participativo seria o melhor para todos.

— Gisela o alimentou e vestiu. Estamos brincando há uma hora, enquanto ela faz ginástica.

— *Ginástica?*

Nico deu uma risada.

— Você está cheia de perguntas, *mia principessa*. Talvez a comida acabe com isso. Sim, nós temos uma academia em casa. É ótimo para manter a forma.

Lily o imaginou levantando pesos e seu coração ameaçou parar, ainda mais quando ela completou a imagem com as roupas de couro e a camiseta. Nico lhe indicou um balcão no centro da cozinha e colocou um prato à sua frente. Enquanto ela começava a comer, ele servia o café.

— Uau, está gostoso — ela disse, e ele riu.

— Você não acreditava que eu fosse capaz, não é?

Lily sorriu.

— Não, eu não acreditava. Quem se arriscaria a dizer a um príncipe que os seus ovos mexidos parecem papel queimado? Achei que ninguém havia lhe dito a verdade. — Ela engoliu mais uma garfada dos ovos feitos com perfeição. Estavam fofos, suaves e tinham o sabor de manteiga. Quanto tempo Nico teria passado dentro de uma cozinha? Lily resolveu que realmente não gostava da rainha. — Está delicioso.

— Eu os teria feito para você há dois anos, mas não havia cozinha no nosso quarto.

Lily corou ao recordar e tomou um gole de café para disfarçar. Parecia-lhe muito íntimo estar sentada ali com ele, como se formassem um casal feliz, mas ela se sentia exposta. Não desejava conversar sobre aquela noite. Talvez, se o provocasse, ele a deixasse em paz.

— Deve ter sido uma experiência e tanto, passar a noite num hotel barato.

Nico a olhou com malícia.

— Eu não me lembro do quarto, *cara*, mas ele tinha uma cama. O resto não importava.

— Você saiu antes de eu acordar — Lily disse em tom de acusação. Ela ficara desapontada, mas ele deixara um bilhete e ela sabia que se veriam dentro de algumas horas. Só que ele não apareceu. Ela chorara durante dois dias ao perceber como tinha sido ingênua. Entregara-se a um homem que a usara e a abandonara. Nico pegou na mão dela.

— Eu não queria partir, mas, infelizmente, fui chamado e forçado a voltar para Montebianco ao descobrir a extensão do problema.

— O que aconteceu? — Ela *queria* entender. O que sentira por ele fora tão inesperado, tão incrível e doce, que ela desejaria prolongar o tempo que passaram juntos. Fora a primeira vez em que ela havia ficado com o coração partido. Apaixonara-se por um homem e se entregara. Descobrir que tinha cometido um grande erro a deixara arrasada. Lily se arrepiou quando Nico lhe pegou a mão.

— Foi a primeira tentativa de suicídio do meu irmão, Liliana.

Ela ficou comovida. Estivera tão ocupada com os próprios sentimentos que não imaginara que algo de grave pudesse ter acontecido.

— Sinto muito, Nico. Imagino como foi duro para você e para a sua família passarem por isso com alguém que amavam. — Nico a pegou pelo queixo e lhe levantou o rosto, forçando-a a fitá-lo.

— E deve ter sido difícil para você, quando eu não apareci, certo? Se eu pudesse, teria voltado.

Talvez fosse verdade, mas Lily não queria pensar mais no assunto. A garota ingênua morrera e fora enterrada sob o peso da crua realidade e da maternidade.

— Não podemos mudar o passado.

— Não, mas... O que foi, pequenino? — Ele perguntou para Danny, que se agarrara às suas calças e levantava o bracinho, abrindo e fechando a mão.

— Ele quer que você o pegue — ela disse, mordendo o lábio para conter as lágrimas. Nico pareceu confuso e apavorado. Se ela não estivesse comovida,

teria rido. — Tudo bem, Nico. Pegue-o. Em um minuto ele vai querer voltar para o chão.

Nico pegou o filho no colo e olhou para Lily como se precisasse de mais instruções. Danny ficou encantado por se ver nas alturas, agarrou-se ao pescoço do pai e balbuciou algo ininteligível.

— O que ele disse?

— Bem que eu queria saber! — Ela riu.

— Pensei que as mulheres entendiam a linguagem dos bebês.

— Eu sei quando ele quer alguma coisa, mas nem sempre é evidente. Acho que ele gosta do som da própria voz. — Danny colocou o dedo no nariz de Nico e depois tocou o próprio nariz.

— *Naso* — disse Nico. — Nariz. — Danny riu e Nico também sorriu. Lily olhava para eles, pensativa. Os dois de cabelos escuros, pele morena e olhos que pareciam o espelho um do outro, quando olhavam para ela. — Por que você está chorando, Lily?

— O quê? Oh. — Ela secou as lágrimas, desconcertada. — Não é nada.

— Ma-ma.

— O que foi, meu garoto? — Lily sorriu e hesitou, mas Nico lhe entregou o filho. Ela fez cócegas no bebê, e ele riu; ela o beijou, ele reclamou e Lily o recolocou no chão. Ele correu até os brinquedos.

— Ele é incrível — disse Nico em tom orgulhoso, deixando Lily toda alegre.

Os dias que se seguiram foram os mais felizes da vida de Nico. Ele passava o tempo com Lily e com seu filho. Continuava a seduzi-la devagar, sem pressa, e se divertia. Os dois se esbarravam o tempo todo e aquilo o enlouquecia. Cansara-se de tocá-la sem pôr a mão, mas, quando fizessem amor de novo, teria valido a pena esperar. Ao mesmo tempo, ele se sentia cada vez mais à vontade com o filho. Não se apavorava mais quando o menino lhe pedia colo, não temia deixá-lo cair ou segurá-lo de modo errado. Admirava-se ao ver como era fácil deixar o filho feliz. Por que não percebera antes? Bastava lhe fazer cócegas, fazer caretas, falar com voz de criança, e o menino se encantava, assim como Lily. Pela primeira vez, desde a morte de Gaetano, Nico se sentia feliz. Ele levava a família para a praia, para passear de carro e para comer em restaurantes simples, onde pudessem se comportar como uma família comum. Mandara expulsar os repórteres que haviam acampado às portas do palácio, e eles não haviam reaparecido. Apenas um helicóptero invadira a sua privacidade, mas bastara um telefonema para que ele sumisse.

Depois de mais um dia na praia com Lily e Danny, Nico entrou no escritório e encontrou uma carta de seu pai. Como ele já previra, o rei Paolo, de Monteverde, não estava satisfeito. Paolo tinha a fama de ser violento, embora Nico não acreditasse que ele iria iniciar uma guerra apenas por causa de sua filha. Ele colocou a mão na cabeça. A verdade é que Montebianco sofreria, se os acordos comerciais não fossem cumpridos. Poderia fazer comércio com outros países, mas muitos empregos seriam perdidos e muitas famílias prejudicadas. Ele contava com a dependência de Monteverde em relação aos produtos locais e achava que, com isso, pudesse entrar em um acordo, confiando no bom-senso do rei Paolo. Porém, o rei era mais duro do que ele esperava. *Madonna diavola*. Estava na hora de voltar ao *Palazzo* Cavelli, de mostrar a Montebianco que o seu príncipe se preocupava com a sua segurança, que abria mão do seu prazer em favor do futuro de seus cidadãos. Ele não podia decepcioná-los.

Na véspera da morte de Gaetano, este lhe dissera:

— *Você* deveria ser o príncipe herdeiro, Nico. Você é mais forte, mais capaz. Montebianco precisa de alguém como você. — Nico lhe dissera para não ser ridículo, que ele seria um ótimo rei. Gaetano sorrira, porém, mais tarde, os dois haviam discutido. — Eu não quero me casar, Nico — Gaetano dissera pela centésima vez. Cansado e frustrado com a relutância do irmão em cumprir o seu dever, Nico respondera asperamente:

— Às vezes você precisa fazer o que não quer, Gaetano. É o seu dever como príncipe, como futuro rei. — O irmão olhara para ele com tristeza.

— Mas eu não *posso* me casar com ela.

— *Dio.* Tudo que você precisa é engravidá-la e garantir a sucessão.

— Você não compreende, Nico. Ela... Ela é...

Com medo do que iria ouvir, Nico o interrompera bruscamente.

— Você pode. Você *deve*.

Gaetano engolira em seco e desviara o olhar. Nico se arrependia por não tê-lo deixado falar: *Não posso, porque ela é uma* mulher*, Nico.* Por que ele tivera medo de ouvir? Sempre soubera. Por que ele simplesmente não abraçara o irmão e lhe dissera que o amava de qualquer jeito? Mas ele nunca tivera a chance de lhe dizer. Na manhã seguinte, Gaetano se jogara no abismo. Nico daria tudo, *qualquer coisa*, para trazê-lo de volta. Como não podia, faria a única coisa que sabia: honrar a lembrança de Gaetano sendo o tipo de príncipe herdeiro que seu irmão acreditava que ele seria. Cumpriria o seu dever, não importava a que preço.

CAPÍTULO SETE

O CORAÇÃO DE Lily parecia ter lhe subido à garganta.

— Fazer o quê?

— Venha comigo, Liliana. Vai ser divertido. — A cara dele não parecia nada divertida. Pelo contrário, as olheiras sob seus olhos eram sinal de cansaço e preocupação.

— Eu nunca andei de motocicleta.

— Você só precisa me abraçar. — Ele a abraçou pela cintura. — Isso você pode fazer, *si*?

Se ela desmaiasse com a vertigem que ele lhe provocava, conseguiria escapar da corrida? No entanto, algo lhe dizia que ele não deveria sair sozinho.

— Duvido que seja seguro. — Com Nico, nada era seguro. Durante os últimos dias, ela voltara a gostar dele do jeito como gostara em Nova Orleans. Apesar do que acontecera no início, ela se comovia toda vez que via Nico com Danny, brincando, tentando lhe ensinar italiano, fazendo-o rir. Talvez ele tivesse mudado e fosse ser um bom pai, mas Lily ainda duvidava. Aprendera a não confiar facilmente. Seu pai costumava fazer sua mãe feliz durante vários períodos de tempo, antes de lhe partir o coração mais uma vez, e ela precisava se lembrar desta lição, principalmente quando Nico estava tentador como o pecado. Aquela roupa de couro ainda mexia com ela...

— Prometo que iremos devagar.

— Eu não tenho a roupa adequada.

— *Jeans*, botas e uma jaqueta servirão para onde vamos.

— Aonde?

— É surpresa — ele sorriu.

Quinze minutos depois, Lily subiu na garupa da motocicleta, colocou o capacete e se abraçou a Nico. A moto era linda, vermelha e prata, e ronronava como um gato. Quando passaram pelo portão, uma caminhonete da imprensa partiu atrás deles.

— *Maledizone.* Segure-se, *cara*.

— Nico, por favor — ela disse, com o coração aos saltos, pensando no filho que deixara em casa, nos últimos dias de felicidade. Ah, Deus! Por que

concordara com isso? — Eu não gosto de correr!

— Confie em mim — ele respondeu. — Em poucos minutos estaremos livres deles. Não pretendo machucá-la, Lily. — Ela ficou calada e agarrou-se a ele com mais força, pousando a cabeça em suas costas. O seu assento era mais alto, de modo que, quando Nico se inclinou, ela ficou quase deitada sobre ele. A moto corria em grande velocidade, estrada abaixo. — Estamos chegando numa curva. Acompanhe o movimento do meu corpo, *si*?

Como se ela pudesse fazer diferente! Ele diminuiu um pouco a velocidade e entrou na curva, inclinando a moto até quase tocarem o chão. De repente, a curva acabou e os dois saíram do outro lado como uma bala disparada por um canhão. Lily não conseguia respirar. Ela virou a cabeça e viu que o carro da imprensa desaparecera.

— Acho que você os despistou!

— Mais alguns minutos, e saímos da estrada.

Lily abraçou-se a ele e voltou a respirar quando Nico diminuiu a velocidade. Ele fez uma curva e entrou por uma trilha que descia a montanha. Alguns minutos depois, chegaram a uma praia deserta e percorreram a beira do mar. Lily ergueu a cabeça e contemplou o mar. Nuvens escuras haviam escondido o sol. De iluminado, o dia se tornara cinza em poucos minutos.

— Vai chover? — ela perguntou.

— É possível — disse Nico, despreocupado, olhando para o céu. Ele parou a moto ao lado de uma enorme rocha bem no meio da areia e lhe estendeu a mão. — Cuidado com os canos de escapamento. Estão fervendo. Foi divertido, não foi?

— Hum, nem tanto — disse Lily. — Foi depressa demais.

— Às vezes, é melhor depressa — Nico disse, com o sorriso irônico que sempre a perturbava. Ele parecia mais relaxado do que quando haviam saído. Ela não sabia por que, mas ficava contente. Nico pôs os dois capacetes sobre a moto, pegou na mão de Lily e os dois começaram a escalar as pedras.

— Aonde estamos indo?

— Você vai ver.

Lily não conseguia imaginar o que ele queria lhe mostrar. Achava que já estavam no lugar mais lindo da costa. Eles rodearam a rocha e Lily parou, admirada.

— É incrível, não acha? — ele perguntou solenemente.

Lily concordou silenciosamente. Do outro lado, a rocha parecia se dobrar sobre si mesma e abrigava o esqueleto de madeira de um navio escurecido pela

ação do tempo e dos elementos, tombado de lado sobre a areia. Os restos de uma vela esfarrapada sacudiam ao vento.

— É um navio pirata? — Lily perguntou. *Que tola*, vira filmes demais.

— Não. Na verdade, não é tão antigo. É uma réplica dos dias em que Montebianco fazia fortuna controlando rotas marítimas, mas afundou durante uma regata há alguns anos e encalhou aqui.

— Por que não o levaram para um museu?

— Suponho que não fosse interessante. — Nico andou em direção ao navio e Lily o seguiu, com a imaginação à solta. Embora Nico se vestisse de couro, ela podia facilmente vê-lo de uniforme, de pé no deque, comandando seus soldados durante uma batalha. Aquilo a fez pensar na história do país e na longa linhagem de reis da qual Nico descendia, assim como seu filho, e ficou apavorada. O que fazia ali? Por que um príncipe se casara *com ela*? O que aconteceria quando ele percebesse que ela era totalmente inadequada e resolvesse mandá-la de volta para casa, tomando-lhe o filho? *Não*. Ele não faria isso. Nico pegou uma pedra, bateu no fundo do casco e olhou pelo buraco. — *Cavolo!* — Ele correu até ela. — Precisamos nos proteger — ele disse, puxando-a pelo braço na direção de onde haviam vindo. Foi então que ela percebeu o que o assustara. As nuvens negras haviam descido e o vento estava ficando mais forte, jogando-lhe os cabelos sobre os olhos. Lily sentiu o gosto de sal e afastou os cabelos. Uma nuvem em forma de funil dançava acima da água e vinha na direção da praia.

— Isso é um tornado? — Deus do céu! Ali havia tornados? Ela pensara ter deixado aquele pesadelo na Louisiana.

— É um rodamoinho de água. É provável que não chegue até a praia, mas a chuva vai ser forte por algum tempo. — Eles alcançaram a motocicleta e ele jogou um capacete para Lily. — Não temos tempo de sair daqui.

— O que faremos? Vamos ficar do lado da rocha e esperar pelo melhor?

— Há uma caverna aqui perto. Ficaremos dentro dela até que passe o pior. — Ele disfarçou o perigo da situação com um sorriso. — Não se preocupe, *cara*. O sol voltará a brilhar dentro de meia hora. — Nico arrastou a moto até o rochedo, procurou um pouco e entrou por uma abertura na pedra. Lily o seguiu, pensando que entrariam em um buraco pequeno e úmido, onde não enxergariam um palmo diante do nariz, mas se surpreendeu. A caverna se abria e formava uma grande área com um teto muito alto. A claridade entrava através de falhas laterais na rocha. As paredes cintilavam com o que pareciam ser minúsculos cristais. — Isto foi uma caverna submersa — disse ele, colocando a moto num canto e virando-se para ela. — Há milênios. — Uma areia muito fina cobria o chão, salpicada

com uma pedra aqui e ali. Nico sentou sobre algumas pedras achatadas. — Eu costumava vir aqui com o meu irmão — ele disse, como se adivinhasse a pergunta que ela iria fazer. — Era bem longe do *palazzo* da família e era proibido, mas nós vínhamos assim mesmo.

Lily imaginou os dois garotos da fotografia correndo e rindo, divertindo-se por desafiar uma proibição.

— Vocês vinham sempre aqui?

— Não muito. Era longe e de difícil acesso. Durante um verão, nós encontramos o navio e tentamos voltar mais vezes. Você pode imaginar como um navio encalhado é fascinante para os meninos. — A chuva começou a bater na encosta. O vento entrava pela caverna e levantava a areia. A tempestade se movimentara rapidamente. Lily imaginou como seria estar lá fora e estremeceu. Graças a Deus, Nico sabia para onde ir, ou, naquele momento, estariam sendo fustigados pela chuva e pelo vento. — Venha — ele disse, estendendo o braço. Lily sentou-se ao seu lado e deixou que ele a abraçasse. Deveria dizer "não", mas não queria. Não desta vez. Nico encostou o queixo na sua cabeça e ela o abraçou pela cintura num gesto que lhe pareceu natural e inevitável. Se pudessem ficar assim para sempre! — Gaetano morreu aqui — ele murmurou. Lily deu um pulo e viu que ele tentava esconder seu sofrimento.

— Nico, eu...

— Shh... — Ele a calou, colocando o dedo sobre seus lábios. Ela ficou comovida. — Tudo bem, *cara mia*. Ele fez a sua escolha.

— O que aconteceu?

— Ele jogou o carro de um rochedo perto daqui.

Lily estremeceu. Deveria ter sido terrível para todos.

— Por que você me trouxe aqui, se isso o deixa tão triste?

Nico pegou-lhe o queixo e levantou-lhe a cabeça, forçando-a a fitá-lo por algum tempo, e depois fechou os olhos.

— Às vezes, eu tenho a sensação de que ele está me esperando aqui. Eu sei que não está, mas a ideia me conforta.

Lily não conseguiu evitar e acariciou o rosto de Nico. Ele se sentia próximo do irmão quando estava ali, e a trouxera com ele. Aquilo a comovia mais que tudo.

— Não acho que você esteja errado. Tudo aconteceu há pouco tempo, você ainda não se acostumou com a ideia. — Nico pegou na mão dela e apertou-a contra o rosto, e depois a beijou de leve. Tão de leve que Lily precisou se aproximar, pedindo mais. Nico não se deixou levar.

— Existe algo em você, Liliana, mas eu não sei o que é.

— Talvez você não me conheça bem — ela respondeu com o coração disparado, enquanto seus hálitos se misturavam. Ela *queria* que ele a beijasse de novo do mesmo jeito que a beijara na noite do casamento. Ele não tentara mais e Lily se sentia insegura quanto a tomar a iniciativa. — Eu sou um mistério.

Nico se afastou e Lily engoliu um protesto. Não era o que ela esperava. Teve vontade de gritar de frustração.

— Então, diga-me algo.

Lily olhou para ele e sentiu uma pontada no estômago.

— Em geral, não é a mulher que quer conversar antes?

Nico deu uma gargalhada. Lily tentou não rir, mas desistiu. Sentia-se leve. Uma semana antes, jamais pensaria em compartilhar um momento de descontração com Nico, mas, depois daqueles dias, ela passara a enxergá-lo de outra maneira. Aquele seria o Nico verdadeiro? Ou ela estaria sonhando com algo que imaginara?

— Vamos, Lily. Conte algo sobre você.

— Eu não sei o que dizer. — Ela abaixou os olhos, envergonhada. O que poderia contar, que não fosse embaraçoso? Ele era um príncipe e não estava habituado ao tipo de vida que ela levara na Louisiana.

— Com certeza, há algo para contar.

— Eu sou filha única.

— Isso eu sei. — Ele sorriu gentilmente. — Conheço os fatos, *cara*, mas não sei o que você sentia a respeito deles.

Todos os fatos? A perspectiva era apavorante. Lily torceu a ponta da jaqueta. Como poderia revelar os seus sentimentos mais profundos, suas carências e suas mágoas?

— Eu não costumo pensar no passado.

— Você se sentia solitária por não ter irmãos?

— Às vezes, mas eu tinha amigos. Eu tinha Carla — ela disse com desgosto.

— Não a culpe, Lily — ele disse. — Poucas pessoas resistem à tentação de tanto dinheiro, ainda mais quando não têm nenhum.

— Eu não *a* culpo. Como ela poderia recusar? De qualquer jeito, você não deixaria. — Embora não culpasse Carla, Lily ainda se sentia magoada. Ela se perguntava se faria o mesmo, se estivesse em seu lugar. Gostaria de pensar que não, mas ninguém sabe como irá reagir diante de uma escolha.

— Não. Não deixaria — ele disse solenemente.

— E o preço valeu a pena? — Lily sentiu o calor se espalhar em suas veias. Ele a comprara e ao filho, como se fossem escravos, e deixara a sua amiga numa

posição insustentável. Quando ela se lembrava, ficava furiosa. A sua vida mudara para sempre.

— Creio que sim. — Ele beijou a mão de Lily. — Não me arrependo, Lily, porque, para mim, o nosso filho vale qualquer preço. — Lily pensou, mas não teve coragem de perguntar: "*E eu?*" — Ele foi a melhor coisa que já me aconteceu.

— E a mais assustadora.

— Se quer saber, não foi fácil. Mas eu não o trocaria por nada.

— Eu sei que não.

Nico soltou a mão dela e se remexeu sobre a pedra.

— Você não tinha o direito de mantê-lo afastado de mim durante tanto tempo.

Lily engoliu um nó na garganta. Pensara estar fazendo o melhor pelo filho, mas agora percebia que magoara Nico com o seu silêncio. Ainda havia muito chão a percorrer, mas ele parecia adorar o filho sinceramente.

— Não. Eu deveria ter lhe contado.

— Você está sendo sincera?

— Sim. — Lily olhou para o outro lado. — Eu tive medo de que você o tirasse de mim.

Nico olhou para ela com um olhar fulminante.

— Parece que temos muito que aprender, um sobre o outro.

Sentindo-se pouco à vontade, Lily olhou para o teto. Lá fora, a chuva caía forte.

— Na minha terra havia tempestades como esta. Porém, mais fortes. Quando era pequena, eu tinha pavor dos trovões.

— E agora não tem?

— Não. — Ela abanou a cabeça. — Eu precisei deixar de ter medo, ou ficaria louca. Em geral, eu estava sozinha em casa. — Era terrível ficar apavorada sozinha porque a mãe a deixara e fora beber em algum bar. — Eu aprendi a me controlar. Era isso ou estremecer a cada ruído e me esconder debaixo das cobertas toda vez que chovia.

— Parece lógico — ele disse gentilmente. — Mas não deve ter sido fácil.

— Ninguém disse que a vida é fácil. — Lily deu de ombros. Nico a encarou, pensativo.

— Acho que estou começando a conhecê-la — ele disse em voz baixa. — Você é forte, Liliana. Corajosa. Acho isso muito atraente.

— Eu...

Nico calou-a com um beijo possessivo e quente. Lily não protestou e cedeu, abrindo a boca. Suas línguas se tocaram, e ela se encheu de desejo. *Isto.* Aquela chama de paixão era exatamente o que ela queria.

— *Dio*, eu desejo você — ele murmurou.

— Sim. — Ela ficou arrepiada. Ele *a* desejava, não a Antonella. Estranho, mas ela não sentia receio. Fizera sexo com ele uma vez. Fizera sexo apenas *uma vez* na vida. Ah, Deus. Mal podia esperar para fazer de novo. Da primeira vez fora maravilhoso, embora um tanto estranho e amedrontador. Agora ela sabia o que fazer e o que esperar. Lily ansiava por se entregar, por sentir que morreria se não atingisse o clímax. Para o diabo com os seus medos! Naquele momento, tudo o que desejava era o seu príncipe. Ela o abraçou pelo pescoço e o puxou. Sentiu o seu corpo forte e quente. Nico desabotoou-lhe a blusa e abriu-a. O ar fresco atingiu o corpo de Lily como se viesse do Ártico e ela vibrou. Nico puxou-lhe a blusa para os lados e percorreu-lhe o pescoço e o colo com beijos. Ela perdeu o fôlego, quando ele chegou ao seu sutiã. — O fecho fica na frente. — Nico riu e abriu o fecho, livrando-lhe os seios dos bojos rendados, envolvendo-os com as mãos. Lily arqueou o corpo para trás, oferecendo-se aos lábios de Nico. Ela queria senti-lo dentro do seu corpo, sentir o seu calor. Da outra vez, sentira um pouco de dor, mas agora não sentiria. Embora não tivesse feito sexo desde aquela primeira vez, estava pronta para se entregar. Quando sentiu que ele lhe envolvia o mamilo com a boca, ela pensou que atingiria o clímax. — Ah, Nico.

Ele gemeu roucamente, com satisfação. Lily sentiu a vibração percorrê-la até a sua parte mais íntima, deixando-a enlouquecida. Como chegara tão rápido ao limite? Ele lhe mordiscou os mamilos e ela se arqueou mais ainda, encostando o corpo no dele. Não podia ser só ela que estava prestes a explodir de sensações com o que ele lhe fazia. Lily procurou o zíper das calças de Nico e sorriu ao ouvi-lo soltar um assobio. O som a encorajou o suficiente para enfiar a mão em suas calças e acariciá-lo.

— Lily, *Dio* — ele gemeu, agarrando-a e colocando-a no colo. Lily continuou a acariciá-lo, e ele se contorceu. — Pare, Liliana.

— Mas você está gostando — ela respondeu em voz sensual. Nico a agarrou pelo pulso e puxou-lhe a mão de dentro de suas calças.

— O problema não é gostar. O problema é controlar. Se você continuar, vamos acabar antes de começar. Eu a desejo demais para brincar.

— Então, vamos começar.

Nico fechou os olhos e suspirou.

— *Madonna diavola.* Se eu soubesse que você estava tão ansiosa, teria esquecido a corrida e levado você para a cama.

Lily corou.

— Se você tivesse me beijado antes, ainda estaríamos lá, em vez de estar aqui.

Nico beijou-lhe a mão e soltou uma gargalhada. Lily se sentiu envergonhada de repente e tentou ajeitar a blusa.

— Não — ele disse, abrindo-lhe a blusa novamente.

— Droga, Nico. De que adianta, se tudo que você faz é falar?

— A sua ansiedade é irresistível, *cara mia*. Os homens gostam de saber que são desejados.

Como se ele tivesse esse *problema!*

— As mulheres também — ela respondeu.

— Ah, eu desejo você — ele disse, levantando-se e tirando a jaqueta. Ao vê-lo apenas com a camiseta colada ao corpo, Lily conteve a respiração e tentou se controlar. Ele deveria usar um aviso de "perigo"!

— Então, o que pretende fazer a este respeito?

Nico deu um sorriso malicioso.

— Tudo que eu puder.

CAPÍTULO OITO

Lily o intrigava como nenhuma outra mulher. Nico franziu a testa. Talvez estivesse enganado. Sabia que ficara fascinado por outras mulheres, antes de conhecê-la. Não ficara? Mas fazia muito tempo que não desejava alguém com tanta intensidade, como um adolescente apressado. Só de olhar para ela, precisava recorrer a todas as forças para se conter. Sentada sobre a pedra, com os cabelos despenteados, os lábios inchados com seus beijos, os seios descobertos e os mamilos endurecidos, Lily lhe provocava vontade de devorá-la. Nico se debatia entre o desejo de possuí-la ali mesmo e a vontade de esperar e levá-la para uma cama macia. Mas o seu instinto natural não pretendia esperar. E, pelo visto, nem o dela.

— Venha cá — ele disse, levantando-a e beijando-lhe o pescoço e os ombros, tirando-lhe a jaqueta e a blusa. Ele pensou que ela iria protestar, mas ela simplesmente enfiou as mãos nas suas calças e o agarrou novamente. Certamente ela aprendera uma ou duas coisas durante aqueles dois anos... A ideia de Lily fazendo amor com outro homem, enquanto o seu filho dormia no quarto ao lado, lhe provocou revolta, deixando-o *furioso*. Ela *lhe* pertencia. Ele a agarrou pelos cabelos e lhe beijou o pescoço, enquanto lhe abria as calças. Mal podia esperar para tocá-la.

— Nico... — Lily ofegou, enquanto ele se ajoelhava diante dela e descia as suas calças até a altura das botas. Ela estava presa, mas ele se sentia livre para fazer o que quisesse, e pretendia se aproveitar da situação. A excitação de Nico era tão potente que lhe doía, apertada sob as calças de couro, mas ele pretendia adiar o próprio prazer até satisfazê-la. Segurou-a pelas nádegas e lhe beijou o ventre. Pretendia ir devagar, deixá-la tão enlouquecida quanto ele estava, mas, ao sentir a maciez de sua pele, o seu perfume de mulher, ele não conseguiu esperar. Desceu os lábios pela barriga de Lily e atingiu o ponto central de sua feminilidade. Ela o agarrou pelos cabelos, inclinou a cabeça para trás e gemeu. O seu corpo estava quente e úmido, e vibrava sob a sensação que ele lhe provocava. Cada vez que ela chegava perto de atingir o clímax, ele se continha: queria lhe dar tanto prazer que ela jamais iria desejar outro homem. Os joelhos de Lily se dobraram e ela gritou, quando ele a provocou com os dedos. Ela

arqueou o corpo e começou a estremecer convulsivamente. *Dio*, ela atingira o clímax rapidamente. Ele a segurou e a colocou sobre a pedra, enquanto ela se acalmava. Lily estava tão bela no seu abandono, deitada com os seios empinados para o ar, que tudo o que Nico desejava era possuí-la, mas ele notou que ela chorava e parou. Ansiava por tocá-la, levá-la novamente até o limite, mostrar-lhe como a relação dos dois poderia dar certo, mas, pela primeira vez, ele olhava para uma mulher e se sentia inseguro. Talvez ele a tivesse machucado? Talvez ele tivesse se apressado, e ela se arrependera. Talvez ele tivesse exagerado ao pedir que ela falasse sobre a sua vida, forçando-a a revelar seus sentimentos mais íntimos. Ele sabia muita coisa sobre ela, mas tinha a impressão de que nada sabia. Os relatórios de um detetive eram bem diferentes de confidências feitas em voz baixa. De repente, Nico percebeu algo que lhe pareceu absurdo: *per Dio*, ele *queria* que Lily o amasse. Queria ter *alguém* no mundo que o olhasse com a mesma devoção com que olhavam seu irmão. Sempre sentira falta da sensação de pertencer a algo ou a alguém, e talvez fosse este o motivo para tê-la levado até ali: uma tentativa de unir as duas faces de sua vida. Ele seria tão transparente, estaria tão desesperado? Precisava de tempo para pensar.

A chuva parara e Nico sentiu o cheiro penetrante da maresia. Ele resolveu levar Lily para casa e lhe dar tempo para se recobrar. Não queria pressioná-la. Ela merecia o melhor.

— Vista-se e vamos embora, Liliana. — Ele sentiu o corpo protestar, mas devolveu-lhe a blusa e a jaqueta.

Lily sentou, espantada.

— Por quê? Você não...

— Shh... — Ele sentou ao lado dela e enxugou uma lágrima que lhe corria pelo rosto, ainda sentindo o seu sabor nos lábios e com o corpo gritando para ser satisfeito. — A tempestade acabou. Precisamos voltar, antes que percebam a nossa ausência.

— Eu não entendo — ela sussurrou.

— É melhor assim, *cara*. — Ele ficou perturbado ao ver a mágoa nos olhos dela, mas pretendia fazer o que era certo. Nico se afastou e fechou as calças enquanto ela se vestia. Lily passou por ele, pegou o capacete e esperou que ele pegasse a moto.

— Por que você sempre foge? — ela perguntou. A outra face da paixão é a raiva, e Nico pensou que ela parecia uma amazona, com os olhos brilhando, corada, mãos na cintura. Sempre? Ele se contivera duas vezes, e a contragosto. Pelo jeito como o seu corpo doía, ele pagava o preço.

— Agora não é hora — ele respondeu. — Não é nada com você.

Lily deu uma risada amarga.

— "O problema não é você, sou eu." Eu já ouvi isso antes, Nico. Em geral, acontece quando um garoto da escola quer romper com você porque soube que a garota da esquina é uma transa fácil.

Nico chutou o descanso da motocicleta e olhou para Lily. Ela se zangava com ele por ser atencioso? Por não cair sobre ela como um animal? Ele se sentiu frustrado.

— O que diabo é uma "transa fácil"?

— Um minuto antes, eu diria que sou eu.

— Lily...

— Não diga nada, Nico. Não iria adiantar.

Ele percebeu que ela tinha razão. Haviam ido longe demais, e ela estava muito magoada e zangada para que ele explicasse. Os dois saíram da caverna e voltaram para casa em silêncio. Lily se sentia humilhada. Nico demonstrara o seu poder sobre ela. Deixara-a enlouquecida e se afastara com a facilidade de quem espanta uma mosca. Ele lhe proporcionara um orgasmo, mas fora embaraçoso se desmanchar por sua causa e vê-lo vestir as calças, dizendo que deveriam ir embora, como se ligasse e desligasse a motocicleta. E por que ela falara de um garoto da escola? Droga, o quanto isso revelava de lamentável? Antes de ir para Nova Orleans, o namorado com quem ela esperava se casar a deixara porque ela se recusara a dormir com ele. Lily acreditava que, se perdesse a virgindade, se tornaria igual à mãe. Jason rompera com ela poucos meses antes de ela e Nico se conhecerem.

Quando chegaram em casa, ela correu para o banho, tentando se livrar da sensação dos lábios e da boca de Nico em seu corpo. Não adiantou. Nada iria adiantar. Ela desejava Nico, mas não o compreendia. Num minuto ele estava carinhoso e excitado, quase fora de controle; no outro, tão frio e controlado que ela quase chegara a gritar. Não era justo: ela perdia a cabeça quando estava ao seu lado; quando acreditava tê-lo entendido, ele fazia algo para confundi-la. Nossa, ele certamente a desnorteara na caverna. Ela não conseguia esquecer a imagem de Nico ajoelhado a seus pés, com a boca no seu corpo, enquanto ela estremecia em ondas de prazer. O que acontecera depois fora bem diferente do que ansiava. Ela esperava que ele a possuísse e aliviasse o desejo que ainda a dominava. Mas ele a enganara, ou a manipulara. Ela não sabia qual dos dois, mas a verdade é que ele não a desejava tanto quanto afirmara. Nico não iria querer uma americana simples, uma vira-latas sem *pedigree*. Ela não ficaria

admirada se ele tivesse ido procurar conforto nos braços de Antonella ou de outra mulher. Conhecido conquistador, ele deveria se aproveitar do que lhe ofereciam. Então, por que não fora até o fim? Lily não sabia, nem compreendia!

Mais tarde, Lily não conseguia dormir e resolveu dar uma olhada em Danny. Recuperaria o equilíbrio deitando-se junto ao filho e ouvindo a sua respiração, como sempre fizera. Ao entrar no quarto, Lily parou de repente. Na penumbra formada por uma fraca lâmpada, ela viu Nico deitado no sofá, abraçado ao filho. Os dois dormiam. Ela sentiu o coração se apertar. Estava alegre ao ver pai e filho juntos, mas também ficava triste ao perceber que Danny agora tinha mais alguém, além dela. Parada na porta, Lily hesitou. Não sabia se deveria entrar ou ir embora. Nico abriu os olhos e olhou para ela. Lily se comoveu. Pai e filho formavam um belo quadro: Nico, forte e viril, abraçado ternamente ao filho adormecido. Não era aquilo que toda mulher desejava?

Nico se virou no sofá e se sentou. Lily correu para ajudá-lo, mas ele abanou a cabeça, levantou e colocou Danny no berço. Ela se aproximou e viu que, mesmo dormindo, o filho se abraçara ao dinossauro de pelúcia azul que tanto adorava. Os dois saíram do quarto.

— Ele estava acordado quando você entrou?

— Eu o ouvi chorar. — Nico passou a mão na cabeça. — Ele demorou para dormir.

Lily ficou com o coração na garganta.

— Danny estava chorando? Por que você não me chamou? Onde está Gisela?

— Gisela não está se sentindo bem, *cara*. Eu a mandei de volta para a cama.

— Você deveria ter me chamado.

— Por quê? Você faria algo de diferente?

Provavelmente não. Lily mordeu o lábio.

— Eu sou a mãe dele.

— Eu sei. — Ele sorriu.

Ah, Deus. Quando ele estava de bom humor, ela ficava toda derretida. Lily cruzou os braços, tentando resistir. *Não* iria se lembrar de como fora incrível sentir a boca de Nico em sua parte mais íntima.

— Talvez eu devesse ficar com ele...

— Não.

— O que quer dizer com "não"? Você não pode me tratar como se eu fosse sua empregada. Eu sou a *mãe* dele, e, se eu quiser passar a noite olhando meu filho, vou passar.

Nico se aproximou e Lily não recuou, embora o seu pulso acelerasse. Ele tinha um perfume delicioso, e ela, infelizmente, sentia vontade de lambê-lo.

— Não há necessidade, Lily. Ele está dormindo. Isso é apenas uma desculpa para fugir de mim.

— Não é verdade. — Mas era.

— Você pode não gostar, mas ainda me deseja.

— Você é muito convencido, não acha?

— Eu sei quando uma mulher está... Como se diz... "A fim". E você está a fim, Liliana.

— Se é o que você acha, está muito enganado — ela respondeu friamente. Você teve a sua chance e a desprezou, Nico.

Ele a olhou de cima a baixo, e ela se arrepiou. Ele já a olhara daquele jeito, e nada acontecera... Lily lhe devolveu o olhar com o máximo de frieza. Ele deu um sorriso sarcástico.

— Ótimo, *cara*. Você será uma ótima princesa.

— Não brinque comigo, Nico.

— Nem pensar, *mia principessa*.

Por um instante, ela pensou, ou temeu, que ele a beijaria, mas não.

— Esqueci de lhe dizer que voltaremos para o Castelo del Bianco amanhã de manhã. Você precisa estar pronta às 8.

Novamente ele mudara de assunto de repente. Lily ficou furiosa.

— Não vou passar a vida recebendo ordens e pulando toda vez que você fala. É assim que você trataria Antonella? Que trataria *outra* que não fosse eu?

— Fale baixo, ou vai acordar Daniele.

Como ele tinha coragem de acusá-la de não se importar com o filho?! Lily avançou, furiosa. Nico recuou um passo, agarrou-a pelos pulsos e imprensou-a contra a parede, prendendo-lhe os braços acima da cabeça. Lily virou o rosto, tentando rejeitá-lo da mesma maneira como ele a rejeitara mais cedo. Nico mordiscou-lhe a orelha. Ela fechou os olhos e se arrepiou, tentando conter um gemido.

— *Dio*, como você é fogosa. Eu fui cuidadoso demais com você. Pequei pela prudência e errei. — Ele abriu o roupão de Lily e acariciou-lhe o seio. — Talvez eu deva levá-la para a cama e mantê-la debaixo de mim a noite inteira.

— Tudo que você faz é falar, mas na hora de agir... Você não tem persistência. — Ela achou que Nico ficaria furioso, mas ele deu uma gargalhada.

— É aí que você se engana.

— Então por que você para antes de começar? Talvez tenha um problema de *prematuridade* e não quer que eu saiba que não vai ser capaz de...

Nico deu uma gargalhada mais forte, pegou-a no colo e carregou-a para o quarto. Abriu a porta com um pontapé, colocou-a no chão e arrancou a camiseta. Ele se aproximou e Lily recuou, sem saber se queria resistir ou se entregar. Vestindo apenas o *jeans*, com o corpo bronzeado e musculoso, cabelos revoltos e um olhar sensual, Nico lembrava um semideus. *Sexy*: esta foi a palavra que veio à cabeça de Lily.

— Você não vai me forçar — ela disse. — Você não faria...

— Eu poderia, mas nem vou precisar. — Ele a puxou pela faixa do roupão.

— Você pensa que é irresistível, mas não é, Nico. — Ele lhe abriu o roupão e sorriu ao ver a camisola enfeitada com o desenho de um gato.

— Eu poderia acreditar, se não tivesse saboreado o seu desejo hoje à tarde. Você está pronta para me receber como estava, Lily? — Antes que ela respondesse, a camisola sumiu e ele a empurrou sobre um sofá, deitando-se sobre ela.

Lily percebeu que nem tentara resistir e se agarrou às suas dúvidas e à sua insegurança.

— Pare. Eu não quero. — Ela não soou convincente.

— Você não sabe mentir, Liliana. — Ele inclinou a cabeça e mordiscou-lhe o queixo, puxando-a pelos quadris. Lily engoliu um gemido. O que acontecia com ela? Por que permitia que ele a tratasse daquele jeito? Ele a fizera de boba e faria de novo. Nico tinha prazer em atormentá-la.

— Não! — ela protestou enquanto ele lhe beijava o seio e colocava a mão dentro de sua calcinha.

— Você *está* pronta para mim, Lily. — Ele a acariciou e ela gemeu.

— Não, Nico.

— Então me diga para parar, e eu paro. Mas, se você não disser uma palavra, Lily... — Ele a acariciou novamente. — Se não me mandar parar, não tem volta, *capisci*? Você *será minha*.

— Quero que você pare — ela resmungou. Se não falasse agora, se o deixasse continuar aquela deliciosa tortura, ele a humilharia de novo. Nico ficou perplexo, soltou uma praga e começou a retirar a mão do seu corpo, mas ela o agarrou pelo pulso.

— O que vai ser, *principessa*?

Droga. Ele lhe dera escolha. Jogara a bola para o seu campo e ela estragara tudo! O coração de Lily disparou e a sua vista se turvou. Tudo o que ela via era

Nico, os seus olhos, o seu belo rosto. E não conseguia rejeitá-lo.

— Diga que você me quer — ele ordenou.

— Não... Não posso.

Ele começou a acariciá-la de novo e Lily fechou os olhos.

— Você está pronta para mim, Lily. Quente e úmida. Por que você nos negaria isto?

— Você negou primeiro.

— Pensei que você precisava de mais tempo, que eu estava pressionando. Eu me enganei. — Ele começou a provocá-la com os dedos. — Você gosta? — Ela resmungou que sim. — Quer mais?

— Sim.

— Porque eu cansei de esperar, *tesoro mio*. — Lily reclamou quando ele se afastou para despir o *jeans*, mas ficou fascinada ao ver o tamanho de sua excitação. Ela era uma mulher de sorte... Nico voltou e lhe arrancou a calcinha. Cansara-se das preliminares. Ela percebeu que não havia mais volta e ficou assustada, mas também ansiosa. Quando ele entrou no seu corpo, ela quase gritou, assustada. Era o que ela queria mais cedo, aquela tensão e pressão de ser possuída, mas não por qualquer macho, por *ele*.

— Lily, *sei dolce come il miele* — ele murmurou. Ela não tinha noção do que ele dissera, mas parecia carinhoso. — É tão gostoso, eu queria ficar assim...

Lily envolveu-o com as pernas e levantou o corpo, puxando-o pelo pescoço.

— Beije-me — ela pediu. — Por favor, Nico.

Os dois se beijaram, e ele começou a se movimentar dentro dela. Lily sentiu o corpo todo arder e despertar com as sensações que ele lhe provocava. Mas, desta vez, ela não ficaria passiva. Podia não ter feito sexo até aquele momento, mas não era mais ingênua. O seu prazer dependia dela tanto quanto dele. Ela o agarrou pelas nádegas e levantou o corpo, acompanhando o ritmo de Nico.

— Lily — ele gemeu. — O que você faz comigo, ah, *Dio...*

— Não pare, Nico. Por favor... — Ela fechou os olhos. — Não posso esperar... Faz tanto tempo... — Ele resmungou algo em italiano e perdeu o controle. Logo os dois chegavam ao limite, aumentando o ritmo. Nico ofegava e Lily também. Ela percebeu que chegava ao fim, num orgasmo mais poderoso do que o que tivera antes, e o seu corpo explodiu num milhão de luzes. Nico a seguiu e, quando atingiu o clímax, pareceu gemer o seu nome, mas Lily não tinha certeza, porque ainda tentava juntar os pedaços do seu corpo, que se desmantelara. Minutos depois, Nico se afastou e ela sentiu o frescor do ar sobre a pele suada. Ela fechou os olhos e tentou entender o que acontecera. Durante dois anos, ela

não desejara nenhum homem. Nico preenchera seus sonhos, provocara suas fantasias, dera-lhe um filho. Mas Danny fora o resultado, não o motivo para o que ela sentira há dois anos. Seria amor? Ela ficou apavorada. Não *podia* amar Nico. Fora rápido demais, e ela mal o conhecia, mas o seu coração parecia não se importar.

— *Dio*, Lily. Você é incrível. — Ele lhe lambeu o ventre e acariciou-lhe a barriga. — Estas marcas são da gravidez? — Lily levantou a cabeça ao sentir que ele acompanhava a estria quase imperceptível com o dedo.

— São.

— Sinto muito não tê-la visto grávida.

As lágrimas subiram aos olhos de Lily. Nico lhe acariciou o corpo e beijou-lhe o seio. Ela se abraçou a ele e sentiu a tensão crescer novamente. Mal se recobrara de um orgasmo, e já o queria de novo. Nico fazia com que ela se sentisse especial, desejável e desejosa. Ele lhe lambeu o mamilo e depois a beijou, provocando-a.

— Nós devíamos ir para a cama.

E tudo recomeçou. Lily percebeu que estava perdida.

CAPÍTULO NOVE

NICO NÃO conseguia respirar sem sentir o perfume da mulher que estava ao seu lado. Ela cheirava a flores, a chuvas de verão e à canela, como ele se lembrava. Ele traçou a linha dos seios de Lily sob o lençol. Gostaria de possuí-la, mas não ousaria lhe pedir novamente, naquela noite. Ela ainda dormia. Os dois haviam adormecido exaustos. Agora, ele estava meio acordado e pensava no que deveria fazer. Em geral, depois de fazer sexo com uma de suas amantes, ele sentia necessidade de voltar para a solidão de sua casa, mas naquela noite era diferente.

— Nico — Lily suspirou.

— Sim, *tesoro mio*?

— Eu devia dar uma olhada em Danny.

— Eu já fui. Ele está dormindo profundamente. Você deveria fazer o mesmo. — Ele entrelaçou os dedos nos dela e beijou-lhe a mão.

— E você não? — ela resmungou.

— Eu não preciso de muitas horas de sono.

— Talvez nosso filho tenha herdado isso de você. — Ela bocejou. Nico a abraçou e puxou-a contra o corpo. Por que esperara tanto para levá-la para a cama? Ele lhe beijou o ombro e Lily conteve a respiração. — Não sei se posso fazer isso de novo esta noite, Nico. Faz... muito tempo.

Ele nada demonstrou, mas ficou tenso ao pensar na última vez em que ela teria feito sexo. E com quem...

— Eu entendo, *cara*.

— Entende? Porque parece que você não compreendeu.

— Faz muito tempo, desde a última vez?

— Sim. — Ela riu. — Dois anos.

Nico ficou paralisado de espanto. Ele deveria ter entendido errado.

— Acho que não entendi direito.

— Entendeu sim. — Lily lhe beijou o queixo. — Você foi o único homem na minha vida.

Nico sentiu satisfação. Lily lhe pertencia.

— Como é possível? *Sei bellisima*, Liliana. Qualquer homem mataria para possuí-la.

— Nunca encontrei outro que eu desejasse — ela disse.

— Isso me deixa honrado. — Ele não sabia o que dizer. Estava grato por desfrutar a dádiva da sua inocência e da sua confiança há dois anos, e pela confissão que ela lhe fizera. Lily riu.

— Ah, Nico. Parece até que estamos na Idade Média. Para um homem que sabe fazer o que você faz com a língua, você parece muito pudico e formal.

— Pareço? Talvez eu deva lembrar a você do quanto posso ser malicioso. Acho que posso pensar em algumas coisas para lhe provar.

— Espero que sim. — Ela perdeu o fôlego quando ele rolou sobre ela e recomeçou a explorar o seu corpo.

LILY NÃO sabia as horas, quando acordou. Nico lhe serviu o café na cama e lhe preparou um banho de banheira, juntando-se a ela dentro da água. Lily colocou-se sobre ele. Nico estava pronto para possuí-la, mas não se mexeu; começou a acariciá-la com uma esponja.

— *Dio santo*, você é linda — ele disse.

Ela não era, mas adorava que ele dissesse. Ela o amava. Como pudera cometer tamanho erro? Estava apaixonada pelo homem a quem estaria ligada por toda a vida, e não se importava. Talvez ele aprendesse a amá-la algum dia. Nico *não* era como seu pai. Ele tinha honra e dignidade, amava o filho, adorava o seu corpo e tinha sentimentos fortes. Ele tinha capacidade de amar. Não a deixaria criar o filho sozinha. Não a deixaria por longo tempo, para voltar mais tarde e pedir perdão, reiniciando o mesmo ciclo depois de alguns meses ou anos. Deixaria? *Claro que não!*

— Você também é bonito — ela disse, enfiando a mão na água e tocando-o.

— Você é insaciável, *cara*, e eu gosto. — Ele a beijou enquanto Lily o encaixava dentro do seu corpo. — Eu sou seu, Liliana. Faça o que quiser comigo.

Seu. Lily nunca se sentira tão poderosa em sua vida. Ela começou a movimentar os quadris. Nico encostou a cabeça na beirada da banheira e fechou os olhos. De início, ela o cavalgou devagar, o que foi um tormento para os dois, mas depois ela ficou ansiosa por mais, muito mais. A água escorreu da banheira, mas ele não ligou. E nem ela.

— Nico — ela gemeu, estremecendo. *Não, ainda não*. Lily diminuiu o ritmo e mudou o ângulo do corpo, mas Nico agarrou-a pelos quadris e puxou-a. Ela viu os seus olhos cheios de desejo *por ela*.

— Vamos, Lily. Pegue o que quiser de mim — ele gemeu.

Aquele homem, um belo príncipe, estava em êxtase por *sua* causa, por causa do que ela lhe provocava. Aquilo a deixou encantada e levou-a ao limite, quando o que desejava era prolongar ao máximo a expectativa.

— Nico — ela gritou, estremecendo. — Nico, ah... Eu... — *Eu amo você*. O coração de Lily explodia com o que ela sentia, sem poder dizer. O sentimento era muito novo, e ela ainda não aprendera a lidar com ele. Nico segurou-a com firmeza e levou-a mais uma vez às alturas. Desta vez, os dois acabaram juntos, seus gemidos se misturando.

— Desculpe, Lily, não chore — ele disse depois, quando o coração de Lily já voltava ao normal e ele lhe acariciava as costas. — A culpa foi minha. Eu não deveria ter feito amor com você tão cedo. Você me fez perder o controle.

Lily passou a mão no rosto e percebeu que, de fato, chorava.

— Não, eu estou bem. É que foi tudo tão... Incrível.

— *Si*, foi isso. As mudanças foram muitas para você.

O problema não era esse, mas como ela poderia lhe dizer?

— Para você também. — Ela lhe acariciou o rosto. — Desculpe, Nico. Eu deveria ter dito a você que estava grávida. Cometi um erro.

— Nós precisamos ter outro filho, certo? Um irmão ou uma irmã para Daniele.

Lily se sentiu comovida e cheia de amor.

— Sim, ele gostaria disso. *Eu* gostaria — ela disse em tom envergonhado. Nico sorriu.

— Esta será a minha maior missão, *cara*. Estarei pronto assim que me recuperar.

Naquela tarde, eles voltaram para a cidade e a viagem parecia pesar sobre Nico a cada quilômetro que percorriam. Quanto mais perto chegavam, menos ele falava, menos sorria e nem parecia ser o mesmo homem. Lily se concentrou na paisagem, sentindo que o *Castello del Bianco* era uma força tangível que drenava a vida de seu marido, e ela não sabia como ajudá-lo. Quando chegaram ao *Palazzo Cavelli*, Nico voltara a ser o frio e arrogante príncipe que ela pensara ter desaparecido. Ela ficou confusa e irritada. O que acontecera com o homem sensual com quem ela tomara banho de manhã; com o homem que se apossara do seu corpo e de sua alma, fizera o seu café e dormira abraçado ao filho? Ela teria se enganado outra vez?

Quando entraram em seus aposentos, ele sumiu. Alegou ter uma reunião com o rei e saiu. Lily ficou parada, sentindo um misto de medo, raiva e mágoa. Ela não era uma princesa de verdade. Apaixonara-se por um homem que não a amava.

Perdera qualquer chance de ser feliz ao se casar com Nico. Ele lhe tomara o emprego, o coração e o filho.

Depois de instalar Danny em seu quarto, ela voltou para os aposentos que dividiria com Nico. O luxo do palácio deixara de impressioná-la, mas ela se sentia como se morasse em um museu. Alguém bateu na porta, e ela não sabia o que dizer.

— Sim?

Uma moça abriu a porta e entrou.

— *Scusi, principessa*. Para a senhora. — Ela segurava uma caixa.

— *Grazie* — Lily respondeu. A moça sorriu e saiu. Lily abriu a caixa e ficou confusa ao ver uma série de recortes de jornais e revistas, até que ela notou a *sua* fotografia em um deles. O jornal era italiano, e ela procurou entender algo do que estava escrito: "Príncipe herdeiro casa com filha de *stripper* alcoólatra e ameaça aliança com país vizinho".

QUANDO NICO voltou, estava exausto. Passara as últimas horas com o rei Paolo e o pai, discutindo o tratado entre os dois países. No início, Paolo exigira que ele se divorciasse de Lily, que repudiasse seu filho e que se casasse com Antonella. Nico dissera ao homem que ele era louco, mas seu pai preferira ser mais diplomático. Paolo procurava o melhor acordo para ele e usava toda a munição que tinha em seu arsenal. Ele considerava a humilhação pública de sua filha insuportável, embora o escândalo pudesse ter sido menor se ele mesmo não o tivesse alardeado para a imprensa. Nico sentia muito por Antonella ter um pai como aquele. Ela era uma linda mulher e receberia várias propostas de casamento, assim que o pai deixasse tudo passar. Afinal, Paolo exigira discutir o tratado em solo de Monteverde. Nico não queria ir, mas o pai o forçara, alegando ser sua obrigação como príncipe herdeiro: ele causara o impasse e deveria resolvê-lo. Ser visto em Monteverde, acompanhado da esposa, seria o primeiro passo para normalizar a relação entre os dois países. Mostraria que Montebianco precisava do apoio de Monteverde, e daria a Paolo a chance de aparecer como magnânimo e importante.

Tudo estava quieto quando ele entrou. Nico ficou todo animado, pensando que Lily o esperava na cama, mas, quando abriu a porta do quarto, encontrou-a sentada no chão, rodeada de papéis e com os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Olá, Nico. Teve um bom dia de trabalho?

Ele pegou um papel e ficou furioso ao ler o que dizia. Faria com que alguém pagasse. Nico viu uma caixa jogada debaixo da mesa e percebeu que alguém

guardara os recortes para entregar-lhes quando eles voltassem. Com certeza, a rainha Tiziana. Era a sua cara ser tão cruel. Quanto mais inocente fosse a vítima, mais impiedosa ela ficava. Se a rainha sobrevivesse a seu pai, teria sorte se Nico não a banisse de vez do reino. Ele sabia que escreveriam sobre Lily, mas evitara os jornais durante a lua de mel. Agora, lamentava. Estava tão habituado a ignorar o que diziam, que não pensara em preparar a esposa. Fora um erro.

— Eles sabem de *tudo* — disse Lily em voz fraca. — Sobre minha mãe, meu pai, a cidade onde eu nasci, que recebemos assistência social, que minha mãe uma vez trabalhou como *stripper* para nos sustentar... Eles me chamam de cavadora de ouro, dizem que eu o peguei numa armadilha, que Danny não é seu filho...

— Eu sei que ele é meu.

Ela sacudiu o papel que tinha nas mãos.

— Bem, talvez você queira fazer uma declaração? Emitir um comunicado?

— Não adianta responder a esses porcos.

Lily levantou e o encarou frente a frente. Ele se surpreendeu ao vê-la furiosa.

— Eu não aguento isto, Nico. Eu não sou uma princesa. Não fui feita para isso. Não vou deixar que atinjam Danny...

— Ninguém atingirá Danny — ele prometeu.

— Então você vai forçá-los a retratar estas mentiras?

— Montebianco é uma democracia, Lily. Eu não posso forçá-los a fazer alguma coisa, assim como não posso mandar nos tabloides europeus. O melhor é ignorá-los.

— Ignorá-los? — Ela ficou chocada. — Você vai ignorar quem chama o seu filho de bastardo e a sua esposa de vadia?

Nico se empertigou.

— *Eu* sou bastardo, *cara*, e lhe garanto que não faz diferença. O furor logo acabará. Você agora é uma princesa e precisa aprender a lidar com esse tipo de coisa.

— Eu não tinha percebido que ignorar as mentiras e engolir os insultos faziam parte do *trabalho*.

— Você trabalhava em um jornal — ele disse secamente. — Como pode estar surpresa?

— Eu trabalhei com jornalistas que tinham integridade, Nico. Nenhum deles ousaria publicar uma mentira facilmente contestável. Não seria ético.

— Os tabloides não seguem os mesmos padrões. — Nico passou a mão na cabeça. — Eles se alimentam de mentiras. Quanto mais ofensivas, melhor.

— Como você pode ser tão indiferente? Para mim, é embaraçoso, mas faz com que *você* pareça incompetente.

— Você não compreende, Lily. Não importa. Amanhã ou depois, tudo se acaba. Se não os alimentarmos, eles atacarão outro alvo. — Ele tentou tocá-la, mas ela não permitiu. — Venha, vamos esquecer esse assunto e ir para a cama. Amanhã tudo vai lhe parecer melhor.

— Não acredito que você vai deixar passar um insulto feito ao nosso filho. Claro que eu não espero que você me defenda, mas...

— Não há nada a defender — ele rugiu. — *Diavolo*, eu não tenho tempo para isso! Voamos para Monteverde amanhã. Preciso que você esteja preparada. — Lily cruzou os braços e olhou para o outro lado. O seu queixo tremia, e Nico se sentiu culpado. Talvez devesse ser mais paciente e compreensivo. Ele tivera uma tarde péssima, mas aquilo não servia de desculpa. — Lily...?

— Monteverde? — ela interrompeu. — Não é o país da princesa Antonella?

— *Si*.

Lily riu, inesperadamente.

— Ótimo, fabuloso. E se eu recusar?

— Você não pode recusar — ele disse, furioso. — É o seu dever.

— Não. O dever é *seu*.

— Você é minha esposa, Liliana. *Estaremos* em Monteverde amanhã à noite, e você vai *parecer* feliz.

— Claro, soberana majestade. Há alguma outra ordem, senhor do universo?

— Lily — ele murmurou, cansado. Ela conteve o fôlego e Nico percebeu que ela chorava de raiva.

— Eu não pedi *nada* disso, Nico. Estou aqui porque você me forçou a ficar. Você tentou me transformar em algo que eu não sou. Se não gosta de como eu me comporto, só pode culpar a si mesmo por ter escolhido mal.

Nico trincou os dentes.

— Eu não a forcei a me entregar a sua virgindade, há dois anos, e nem rompi o preservativo para engravidá-la. Aconteceu, Lily. Agora temos que encarar as consequências.

— Então é assim que você encara? Ignorando as mentiras e esperando que elas sumam? Já parou para pensar no que vai acontecer, quando eles encontrarem a minha mãe caída no balcão de um boteco de terceira categoria e lhe perguntarem o que acha de ter uma filha casada com um príncipe?

— Eles não irão encontrá-la.

— O que quer dizer?

— Eu a encontrei primeiro. Ela está num centro de reabilitação. — Claro que ele investigara a sua família, e o que descobrira sobre sua mãe exigira providências. Os seus agentes a haviam encontrado bêbada, num bar em *Baton Rouge*, e, ao contrário do que Lily pensava, ela provavelmente ainda trabalhava como *stripper*. Quando ela ficara sóbria, sequer se recordara do nome do neto e insistira ser muito jovem para ser avó.

— Você mandou a minha mãe para a reabilitação? Sem me contar? — Ela sentia emoções contraditórias, e falou sem entonação. — Eu não falo com ela desde pouco depois de Danny nascer. Como você a encontrou? Por quê?

— Eu tive ajuda, e precisava fazer algo, justamente pelos motivos que você apontou.

— Eu queria ajudá-la, mas ela não me ouvia. E eu não tinha dinheiro... — Nico não tinha ideia do que Lily faria a seguir, mas ela desistiu de discutir e se jogou numa cadeira. — Você pensou em tudo, não foi? Eu deveria saber que pensaria.

— Eu não tive escolha, Lily. Preciso fazer sempre o que é melhor para Montebianco.

— Talvez você devesse ter pensado nisso antes de se casar comigo.

— Eu também não tinha escolha. Casei com você porque temos um filho.

Ela riu amargamente.

— Não foi o critério mais adequado, foi? Mas suponho que o dever assim exigia.

Nico notou que ela falara como se o acusasse de um crime. Ele fizera o que era certo e ainda pagava o preço.

— Sim.

— Eu gostaria que você tivesse pensado em como isso afetaria a mim e a Danny, antes de impor a sua vontade.

Nico se aborreceu. Não poderia fazer diferente. Ele lhes dera riqueza e posição, uma vida bem diferente da que estavam acostumados.

— A vida de vocês melhorou consideravelmente depois que nos casamos.

— Ah, sim. Eu nunca fui tão feliz — ela respondeu com sarcasmo. Nico desejou levá-la para a cama e acabar com a discussão. Algumas horas antes, ela estivera feliz, mas agora não o receberia de braços abertos e aquilo o incomodava mais do que queria admitir.

— Vá se deitar, Lily. Amanhã será um longo dia.

— Eu gostei do homem que conheci em Nova Orleans. Do homem com quem passei os últimos dias. Onde está ele? Porque eu não gosto nada do príncipe

herdeiro — ela disse baixinho.

Nico se perguntou se seria tão diferente quando estava no palácio. Sabia que ficava mais reservado, mas não percebera que sufocava a sua personalidade sob o peso da pompa e do dever. Talvez Lily fosse mais perceptiva que ele.

— Eu sou o mesmo — ele disse.

— Eu queria que fosse verdade, mas não acredito. — Ela entrou no quarto e trancou a porta.

NO DIA seguinte, Lily ficou grata pela agitação dos preparativos para a reunião na casa dos Romanelli. Ao contrário do que acontecera em Paris, ela foi preparada por profissionais que a atenderam em casa. Gisela trazia Danny para vê-la de vez em quando e todos comentavam que ele era a cara do pai. Ninguém poderia duvidar de quem ele era filho, mas Lily ainda estava zangada com Nico por não contestar os tabloides. Agora ela sabia que jamais poderia ser jornalista, que nunca teria a frieza necessária. Algumas das notícias que ela lera eram verdadeiras: o alcoolismo de sua mãe, o fato de que ela fora uma *stripper*, mas Lily jamais teria coragem de publicar algo tão cruel. Ela se tornara notícia, e os repórteres cavariam o que pudessem sobre sua vida. Não era de admirar que Nico se recusasse a responder, mas ela não entendia como, sabendo a verdade, ele não brigava por algo importante. Embora magoada por ele não defendê-la, o que mais lhe importava é que não magoassem Danny, levantando suspeitas sobre a sua paternidade.

Naquela manhã, ela pedira que lhe mandassem todos os jornais que encontrassem em inglês. As notícias sobre eles haviam diminuído, mas ela vira uma foto dos dois sobre a moto e uma imagem desfocada da família na praia. Ela lera os artigos e jogara os jornais no lixo. Não teria mais privacidade. Precisava se acostumar, mas sobreviveria, como sobrevivera a tudo em sua vida. Seria preciso mais que algumas notícias negativas para vencê-la.

Até o final da tarde, Lily não vira Nico. Ela ficara furiosa e agira como uma criança, trancando-se no quarto, mas não esperava que ele fosse evitá-la o dia inteiro. Passara a noite acordada, solitária, ansiando pelo homem que amava e torturando-se por ele não ser o homem que ela imaginara. Nico se casara com ela por causa de Danny. Lily não era estúpida: sabia que era verdade, mas o seu coração se apertara ao ouvi-lo dizer tão claramente. Ela fizera tudo errado: quisera se proteger e fracassara. Agora, pagava o preço. Teria sua mãe sentido o mesmo que ela, durante todos aqueles anos? Um vazio que só poderia ser preenchido por *um* homem? Talvez, mas ela agiria de maneira diferente: Danny

seria a sua prioridade. Nico não a amava, e ela não perderia o seu tempo chorando por ele. Cumpriria o *seu* dever. Iria a Monteverde e sorriria como se fosse a princesa mais feliz do mundo.

Lily esperou por Nico na antessala. Usava um lindo vestido prateado que se colava ao seu corpo, com um franzido atrás. Haviam lhe colocado uma faixa semelhante à que ela vira Nico usar na noite em que chegara, e luvas brancas que iam até acima dos cotovelos. Na cabeça, uma tiara de diamantes. Lily se olhou no espelho e se lembrou de que, quando criança, tivera uma tiara de plástico e brincava de princesa. Parecia-lhe incrível que a vida real imitasse seus sonhos infantis, mas, nos sonhos, o príncipe a amava. Pena que a realidade fosse diferente.

Quando Nico entrou na sala, Lily perdeu a respiração. Ele estava fascinante, vestido no uniforme da Marinha de Montebianco.

— *Sei belíssima*, *principessa*.

Lily juntou as mãos. Tivera aula de protocolo durante o dia, mas estava insegura quanto à reunião.

— Obrigada. Eu acho.

Ele sorriu, como se nada tivesse acontecido.

— Eu disse que você está muito bonita. — Lily olhou para o chão. Não conseguia fingir que nada havia de errado. — Está preparada?

— Sim. Vou cumprir o meu dever, Nico.

Os olhos dele brilharam, mas ela não sabia se ele estava culpado ou magoado. Talvez nenhum dos dois. Ele lhe ofereceu o braço e saíram para encontrar o helicóptero que os esperava. Lily começava a perceber que não conhecia Nico. Ele se casara com ela por causa de Danny, mas, se o dever assim o exigisse, ele se divorciaria dela com a mesma facilidade?

CAPÍTULO DEZ

Durante o voo, Lily soube que havia três reinos que anteriormente formavam um só país. Mil anos antes, três irmãos haviam dividido o país em feudos, após a morte do pai. Montebianco, Monteverde e Monterosso eram governados pelos descendentes de cada irmão, mas a relação de parentesco entre as famílias se perdera no tempo. Montebianco e Monterosso mantinham relações diplomáticas há centenas de anos. Monteverde fora excluído e era governado por um tirano que controlava a imprensa, a internet e a saída do país. Os reinos eram formados por ilhas, mas tinham muito a oferecer em matéria de comércio. O rei de Monterosso se recusava a negociar com o rei Paolo. Montebianco servia de intermediário entre os dois. Seria um benefício se todos mantivessem boas relações.

— Casar-se comigo estragou tudo, não foi?

— Claro que não agradou a Paolo.

Lily imaginou se ele se arrependera por ter se casado tão rapidamente com ela, mas nada perguntou. Ficara revoltada na noite anterior e chegara a afirmar que sua vida seria melhor se não tivesse se casado com ele, mas não sabia se era verdade. Nico lhe tirara muito, mas também lhe dera um presente precioso: como não precisava trabalhar, ela podia passar o tempo que quisesse com o filho.

Quando chegaram à fortaleza do rei de Monteverde, seis seguranças vestidos de preto e fortemente armados os esperavam descer do helicóptero. Nico saiu primeiro e lhe ofereceu a mão. Um homem vestido num *smoking* branco apareceu e fez uma reverência.

— Sejam bem-vindos, Altezas.

Lily mordeu o lábio e seguiu Nico. Precisava se preparar para o encontro inevitável com a princesa Antonella e para aguentar a reunião. Depois, voltaria para casa e abraçaria o seu bebê. Ela se perguntou o que faria aquela noite. Trancaria a porta ou convidaria Nico para entrar? Talvez conseguissem recuperar o laço que haviam formado na casa da praia.

— Relaxe, Lily — Nico disse discretamente, pegando-a pelo braço e lhe apertando a mão. — Você é a futura rainha de Montebianco e está acima de

todos aqui, com exceção do rei. Lembre-se disto, quando ficar apavorada. Vai ser rápido.

Não tão rápido quanto Lily gostaria. Os dois pararam diante de uma enorme porta dupla, e o homem que os acompanhava disse algo em italiano. Nico se aproximou e falou em seu ouvido:

— Eles irão nos anunciar. Paramos para ser fotografados e depois descemos a escada. O rei só entrará depois da nossa chegada.

Lily conseguiu entrar, posar para as fotos e descer a escada sem tropeçar nos saltos altos. Entraram num salão que estava mais vazio do que ela esperava. Nico lhe entregou uma taça de champanhe. Ela a segurou, mas não bebeu; precisava manter a cabeça fria. Não tiveram que esperar muito, até o rei Paolo aparecer. Ele era um homem corpulento, corado, vestido num uniforme cheio de medalhas e joias. Ao seu lado, vinha a princesa Antonella, mais bela e elegante do que nunca. Usava os cabelos presos no alto da cabeça, e a tiara que os enfeitava deixava a de Lily no chinelo. Usava um vestido vermelho-escuro que realçava sua pele e seus cabelos. Ela andava com um balanço sensual que provocava os olhares masculinos. Lily queria olhar para Nico e verificar se ele demonstraria tristeza ou desejo, mas virar-se seria um insulto ao rei, e talvez não estivesse preparada para o que iria ver. Ela resolveu se concentrar no par que se aproximava. Antonella usava uma máscara fria e distante. O rei parecia rude e arrogante. Pelo canto do olho, Lily percebeu que Nico se inclinava e se lembrou, a tempo, de fazer uma reverência.

— Bem-vindo a Monteverde, Alteza — disse o rei Paolo, ignorando-a.

— É um prazer estarmos aqui, Majestade — disse Nico, embora ela soubesse não ser verdade. — Eu e minha esposa agradecemos a sua hospitalidade.

— Venha. Deixe-me apresentá-lo a alguns dos meus ministros — disse o rei. — Antonella, distraia a acompanhante do príncipe.

Com o coração aos pulos, Lily observou os dois se afastarem, e depois se virou para Antonella, esperando que ela a olhasse com ódio, mas a moça manteve a sua fria indiferença.

— *Principessa*, acompanhe-me. — Ela levou Lily para um canto do salão onde algumas mulheres conversavam. Na mesma hora, todas levantaram e arranjaram uma desculpa para sumir. Lily sentou de frente para a sua rival.

— Sinto muito que você precise fazer isso. — Deveria ser difícil para Antonella recebê-la em público e ser simpática com a mulher que arruinara a sua felicidade. Antonella levantou a taça de champanhe e fez um brinde.

— É meu dever — disse ela, bebendo um gole.

Novamente, aquela palavra que Lily começava a odiar. Ela olhou para Antonella e percebeu que havia algo estranho.

— Você está bem? — A moça se remexeu na cadeira, evitando mostrar o lado direito do rosto.

— Não é nada — disse Antonella, passando a mão no rosto. — Eu sou desajeitada e tropecei numa porta.

Lily pensou que seria possível, mas ela não acreditava. O hematoma sob o olho de Antonella não era da sua conta e estava habilidosamente escondido sob a maquiagem, embora fosse visível de perto. Quem teria lhe batido? O pai? A ideia deixou Lily horrorizada. Ela não gostara do homem à primeira vista, e a descrição que Nico fizera não fora favorável. Antonella parecia sem graça, e ela resolveu não insistir no assunto. Os minutos se passaram, as duas começaram a conversar e Lily descobriu que gostava dela.

— O seu filho já está falando?

— Ele fala um bocado. — Lily riu.

— Acho que algum dia eu gostaria de ter um filho — disse Antonella, esperançosa. Lily hesitou antes de falar, mas resolveu que devia, se queria ter a consciência tranquila.

— Sinto muito se lhe causei sofrimento, mas não sinto por Nico ter escolhido ser um pai para o próprio filho.

Antonella arregalou os lindos olhos.

— Você o ama?

Lily fora longe demais. Só lhe restava ser honesta. O sentimento lhe parecia novo e à flor da pele, mas ela queria compartilhá-lo com alguém. Seria correto fazê-lo com a mulher que também o amava? Ou o mais correto seria mostrar a Antonella o terreno onde pisava?

— Sim, eu o amo.

— Então eu fico muito feliz por você. Amar é algo extraordinário. Espero algum dia sentir o mesmo por um homem. — Ela deu um sorriso radiante e Lily se espantou.

— Você não amava Nico?

— Céus! Não. — Antonella riu. Lily sentiu-se livre de um peso. — Você parece ter ficado aliviada.

— Admito que fiquei. Eu temia ter acabado com os seus sonhos. — Mas, e quanto a Nico? Ele não amaria Antonella? Lily achava que não, mas não tinha certeza.

— Eu estava noiva de Gaetano, pobre homem. Ele escolheu o seu caminho, e isto é o que se espera de todos, ainda que não de modo tão trágico. Quando Gaetano morreu, meu pai fez um acordo para me casar com Nico.

Lily se recordou da conversa que as duas tinham tido em Paris. Antonella lhe dissera que tinha o hábito de espantar os noivos. Agora fazia sentido.

— Você vai encontrar alguém — disse Lily. — Vai acontecer quando menos esperar.

— Não estou tão certa. Talvez o amor não sirva para mim. — De repente, Antonella ficou muito séria. — Tenha cuidado, Lily. O príncipe Nico é agradável e bonito, e sabe disso. Ele sabe como se fazer amar. E também sabe como destruir corações.

Lily apertou as mãos no colo.

— Sim, eu sei. — Antonella lhe apertou a mão.

— Eu não quero preocupá-la. Você é uma boa moça, mas Nico é um homem inconstante. Eu não diria isso, se não soubesse. Ele teve um romance com uma das minhas amigas há alguns anos. Ela esperava se casar, mas Nico encontrou outra que o distraísse e a deixou. Isso costuma acontecer com homens como ele.

— Como ele? — Lily repetiu, sentindo o seu coração apertar.

— Ele é um príncipe, dotado de beleza e poder. Creia, eu sei, porque tenho um irmão. Mas, não se preocupe, Lily. Talvez Nico possa ser domado pelo casamento, e eu a estou assustando à toa.

— Não, você tem razão. Eu fui ingênua por pensar o contrário. — Lily não sabia o que fazer e bebeu um gole de champanhe. A conversa sobre a fama de *playboy* do marido a inquietara. O que esperava? Faziam apenas duas semanas que estavam casados, e dois dias que haviam começado a dormir juntos. Ela de fato esperava que ele sentisse o mesmo que ela, que ele não estivesse fascinado apenas por ela ser uma novidade? Até a noite anterior, ele fora atencioso, fizera-lhe elogios e parecera gostar de fazer amor com ela, mas isso não era o suficiente para manter um relacionamento. Se não houvesse Danny, o cenário seria diferente. Ele não teria ido até a sua cela, se não tivesse visto a fotografia do filho. Lily sentiu que o ar lhe faltava. Antonella olhou por cima do seu ombro e pareceu confusa e horrorizada. Lily se virou na cadeira para ver o que acontecera. Um grupo de soldados armados vinha na sua direção. Antonella levantou bruscamente. Lily fez o mesmo, instintivamente, e ficou surpresa, quando a outra lhe pegou a mão e colocou-se à sua frente, protegendo-a.

— O que vocês querem? — perguntou Antonella, quando os homens as cercaram.

— *Scusi*, *principessa* Antonella — disse o líder do grupo. — Temos ordens de prender esta mulher.

— Esta *mulher* — disse Antonella — é a futura rainha de Montebianco. Você se enganou, com certeza.

— Não há engano, *mia principessa.*

SENTADO NO escritório do rei, Nico o ouvia explicar a sua ideia a respeito da união de Monteverde e Montebianco, que forçaria Monterosso a se submeter aos dois. Não fazia sentido, mas era uma diversão. O homem tinha tendências e ambições ditatoriais que não convinham ao país, ainda mais se fossem postas em funcionamento. Nico fora apresentado a vários ministros de Estado que apreciavam o rei incondicionalmente, e Paolo o levara ao seu escritório, onde insistira para que ele bebesse o conhaque produzido em Monteverde e o brindara com o seu discurso. Nico estava ansioso para ir embora. Mais um minuto e ele daria alguma desculpa e sairia com a mulher. Estava ali há duas horas e Paolo ainda não concordara com nenhuma de suas propostas para renegociar o acordo. Nico pensou que talvez ele não tivesse se empenhado. Desde a discussão com Lily, ele não conseguia se concentrar. Na noite anterior, sua vontade fora ir atrás dela, arrombar a porta do quarto e possuí-la até que ela gritasse o seu nome, mas não tivera coragem. Lily afirmara que a sua vida piorara com o casamento, e ele quisera gritar que fora a *sua* vida que piorara. Era ele que precisava justificar os seus atos junto ao pai, um homem irritante que só falava de acordos, de alianças e do futuro, e para si mesmo, desde que começara a se questionar se fizera a coisa certa. Nico não desejava que qualquer criança passasse pelo que ele passara, mas se perguntava se o casamento fora o melhor meio de proteger Danny. *Basta.* Não. Ele fizera o mais certo, a *única* coisa que podia fazer. Lily aprenderia a ser uma princesa e Danny seria educado como príncipe herdeiro.

Um homem entrou na sala, entregou um papel a Paolo e murmurou algo em seu ouvido. Paolo sorriu.

— Príncipe Nico — disse ele, quando o homem saiu. — Parece que prendemos um ladrão.

— Um ladrão? É extraordinário.

— É mesmo. — Paolo falou com ironia. — Ela é extraordinária. Sinto informá-lo de que a mulher que o acompanhava faz parte de uma quadrilha internacional de ladrões de antiguidades.

Nico deu um pulo da cadeira, ao mesmo tempo em que um bando de soldados entrava pela porta. Ele ficou parado, sem nada poder fazer, a não ser cerrar os

punhos de raiva, enquanto Paolo o olhava com um ar divertido.

— Se você a machucou... — Como pudera trazer Lily até ali? Como pudera pô-la em risco? Ele deveria ter se recusado, por mais que seu pai e Paolo tivessem insistido. Nico se sentiu gelar. Precisava enfrentar o outro com calma, não poderia se deixar levar pelas emoções *naquele momento*.

— Você vai fazer o seguinte... — disse Paolo friamente, deixando cair a máscara. — Você vai se divorciar dessa mulher e se casar com a minha filha, como deveria ter feito.

— Você ousou prender a minha esposa? E está me ameaçando? Você se arrisca a uma guerra, Paolo.

— Você levaria o seu país à guerra por causa de uma mulher, como Menelau? Sabe o que aconteceu com ele... A linda Helena fugiu com Páris, e os gregos passaram dez anos lutando para recuperá-la. Valeu a pena?

— Não se trata de uma mulher. Trata-se de soberania. Você insultou o meu país com esse ato de agressão contra a sua princesa.

Paolo ficou vermelho e deu um soco na mesa. Os copos balançaram, derramando conhaque.

— Você *vai* se casar com a minha filha. Eu exijo. Eu trabalhei demais para ser atrapalhado por alguém como você. — A espuma apareceu no canto da boca de Paolo. — Se não fizer o que eu mando, mandarei matar os dois.

Nico sentiu vontade de rir, até perceber que Paolo não brincara e que, nos seus olhos, havia o brilho da loucura. Ele pensara que Paolo fosse simplesmente teimoso, mas parecia muito mais do que isso. O rei de Monteverde era um desequilibrado. Durante anos se falara sobre o assunto, mas Nico nunca acreditara. Sabia, por experiência própria, o quanto se espalhavam boatos sobre a vida nos palácios...

Nico sabia que poderia tentar lutar, mas de nada adiantaria. Se concordasse com o que Paolo queria, teria uma chance de salvar Lily. Ele não a deixaria ser prisioneira; preferia morrer tentando libertá-la. Ele a colocara em perigo e a salvaria.

— Muito bem, Majestade. Mas, primeiro, eu quero ver Lily. E quero a sua palavra de que ela será bem tratada.

Que a cela fosse muito mais luxuosa que a cela onde ela ficara em Montebianco não servia de consolo. Grades eram grades, e guardas eram guardas. Lily cruzou os braços e parou no meio do quarto, tão suntuoso quanto o de um palácio, fechado por grades de ferro. Era muito estranho, mas ela aprendera que nada era como ela esperava, desde que saíra de Port Pierre. Em

parte, ela não acreditava estar ali. Por outro lado, sentia vontade de gritar. O soldado que a trouxera explicara que ela fora presa por pertencer a uma quadrilha internacional de ladrões. A ideia era absurda, mas ali estava ela. Lily esfregou as mãos enluvadas sobre os ombros nus. O frio era resultado do medo que sentia, não da temperatura da cela, que era tudo o que um hóspede esperava − se ela fosse uma convidada. Ela tentou conter as lágrimas de raiva. Tudo não passava de um engano, que Nico iria consertar. Ele não deixaria que a esposa fosse presa por um rei vizinho. Antonella resistira bravamente, mas ordens eram ordens, e os guardas pretendiam cumpri-las. Afinal, Lily concordara em acompanhá-los, achando que tudo seria esclarecido.

Quando Nico apareceu, ela se sentiu tão aliviada que ficou de pernas bambas. Lily se agarrou às grades, tentando alcançá-lo.

— Nico, o que está acontecendo? Tire-me daqui! — Ela vislumbrou um brilho de fúria nos olhos do marido, antes que ele se voltasse para o rei Paolo, que o seguia. Lily pensou que, se fosse Paolo, iria se encolher de medo. Porém, o rei pareceu satisfeito.

— Você a viu — ele disse em inglês, para que ela entendesse. — Agora você voltará para casa e pedirá o divórcio.

— Quero a sua palavra de que ela nada sofrerá, Paolo, ou o trato está desfeito.

O trato?

— Nico? O que está acontecendo? — Ele a ignorou. Lily sentiu um arrepio gelado lhe percorrer as costas. Por que Nico estava tão calmo, tão frio? Não se importava por ela estar presa? Realmente fazia um trato com aquele homem horrível? A ideia a deixou apavorada, assim como a verdade: Montebianco vinha em primeiro lugar. Fora o que Nico lhe dissera mais de uma vez. Se precisasse sacrificá-la pelo bem do país, ele o faria. Ah, meu Deus...

— Ela nada sofrerá — disse Paolo, rindo satisfeito. — Ah, é engraçado! Acho que me esqueci de mencionar que logo o seu filho estará sob a minha custódia. Só para o caso de você resolver negar o nosso trato.

O coração de Lily parou. Como se preocupava consigo mesma, quando o seu filho corria perigo? Ela desejou matar aquele homem. Queria matar *os dois*. A raiva escura e fria a comia por dentro.

— Se você machucar o meu filho, eu mesma vou matá-lo — ela jurou solenemente.

Paolo se virou para ela e riu.

— Ô-ô. Uma ameaça à vida do rei. Isso e mais o seu envolvimento com uma quadrilha desprezível de ladrões.

— Miserável mentiroso! — Lily murmurou.

— Lily — Nico disse secamente. — Chega!

— Não! — ela gritou, apertando as grades. — Como você tem coragem de ficar impassível diante desse... Desse *homem* que ameaça o nosso filho? — Ela olhou para Paolo. — Diga agora mesmo o que você fez com o meu filho!

Paolo a olhou com um ar maldoso.

— A sua babá é um doce, não é? Mas ela tem um preço. Todos têm... Não acha, Alteza? — ele perguntou a Nico.

Nico contraiu o rosto, mas não respondeu. Como ele podia ficar calado? Lily teve vontade de sacudi-lo, de gritar para que ele *agisse*. Ele não podia controlar a imprensa, e agora não podia deter o rei demoníaco? Que tipo de homem era?

— Sim — disse Paolo. — Todos têm um preço. O meu é que você se case com a minha filha e a torne sua rainha.

Lily sentiu o chão se abrir sob seus pés e se agarrou às grades. Nico não concordaria. *Não, não concordaria...*

— Eu já lhe disse que o farei — disse Nico. — Mas quero o meu filho de volta imediatamente. Sem ele, nada feito.

CAPÍTULO ONZE

EM ALGUM momento da noite, um grupo de homens vestidos de preto e usando máscaras, óculos de visão noturna, fones de ouvido e armados, invadiu a prisão e dominou os dois guardas. Uma voz mandou que ela se afastasse e um raio de luz iluminou a escuridão. Antes que ela identificasse o som, a porta da cela se abriu e um dos homens a carregou para fora. Lily não tinha ideia de quem eles eram, ou de para onde a levariam, mas rezava que fosse para algum lugar seguro, onde pudesse encontrar o filho. Ela se agarrou ao pescoço do seu salvador, cansada, dolorida e esperando que o pesadelo acabasse. O homem correu até uma pista onde os aguardava um helicóptero negro, de motores ligados. Enquanto eles embarcavam, ouviram-se tiros. Segundos depois, levantavam voo em meio aos tiros. Lily reparou que estavam em um helicóptero militar, muito mais potente do que o que ela conhecera antes, e o barulho dos motores inviabilizava qualquer conversa. Ela tentou se soltar do homem que a segurava, mas ele não deixou. Ela se debateu e ele tirou a máscara. Lily ficou chocada por um momento, e depois o esbofeteou.

A CIDADE PARECIA a mesma da noite anterior, mas tudo mudara. Lily se recusava a falar com ele, mas Nico não a culpava. Ele estava sentado atrás de sua mesa, olhando o vazio. Não conseguia se concentrar no trabalho. Os acontecimentos da noite anterior haviam sido ultrajantes, brutais e revoltantes. Nico tivera vontade de estrangular o rei Paolo, mas o resultado seria a morte dos dois. Ele não perdera tempo desde que saíra de Monteverdi e comandara o resgate de Lily.

Nico deixou o escritório e foi até o quarto de Danny. Sabia que Lily estaria ali. Ela não abandonara o filho desde que ele a trouxera para casa. Ele também não queria abandoná-lo, mas a sua presença parecia aborrecê-la, e ele resolvera respeitá-la, até agora.

O sol iluminava o quarto. Danny dormia em seu berço. Nico se emocionou ao ver o filho abraçado ao dinossauro azul. Não fosse pela decisão da babá, que fizera o que era certo, ele teria perdido o filho e a mulher. Só de pensar, ele se sentia angustiado. Lily estava sentada em um banco sob a janela, olhando para fora e segurando um livro.

— Liliana — ele disse em voz rouca, surpreendendo-se por sentir emoções contraditórias, que ele, como sempre, preferiu ignorar. Já estava perturbado demais para analisar o que sentia. Lily se voltou para ele, com um olhar fulminante.

— Vá embora!

— Não.

Ela simplesmente se virou para a janela. Nico se aproximou e tirou-lhe o livro da mão, sentando-se ao se lado.

— Não me toque — ela disse em voz muito tensa.

— Peço desculpas pelo que aconteceu. Eu deveria ter me recusado a levá-la para Monteverde. Eu não confiava em Paolo, mas não sabia que ele era louco o suficiente para montar uma armadilha. Ele não machucou você, machucou? — Ela balançou a cabeça. — Lily... *Dio*. Desculpe se fiz você pensar que eu concordaria com o plano, mas era a única maneira de...

— Como ele chegou até Gisela?

Nico passou a mão na cabeça.

— Ela tem um irmão, *tesoro mio*. Ele se envolveu em confusões no passado, e se juntou de novo com uma gangue. Ele desapareceu há alguns dias, sem dúvida a mando de Paolo. Gisela recebeu a proposta de ter o irmão de volta e de ganhar algum dinheiro, se entregasse Danny. Ao invés disso, ela procurou a polícia. — Ele deu graças, porque Paolo os teria matado assim que pegasse Danny. Os seus homens haviam localizado o irmão de Gisele, que agora estava livre e receberia o tratamento adequado.

— Fico *grata* por isso. — Os lábios de Lily tremeram — Danny não passa de um bebê. Eu queria que ele levasse uma vida normal, e veja o que aconteceu. Ele sempre vai estar em perigo? — Ela encolheu as pernas e encostou a cabeça nos joelhos. — Claro que vai. E isso me deixa apavorada. Como você vive desse jeito? Espere... Não me responda: por *dever*.

— Nunca aconteceu algo assim...

— Mas isso não significa que não vai acontecer outra vez! Eu reclamei da imprensa, mas, se algo tivesse acontecido a um de nós, ou a ambos, como seria? O que seria de Danny? Se você disser que o rei e a rainha tomariam conta dele, eu grito. Aqueles dois não deveriam cuidar nem de um peixe num aquário, muito menos de uma criança...

— Nada vai acontecer, Lily — Nico respondeu, seguro, embora concordasse com o comentário sobre o casal real. — Nós prendemos o responsável pelos roubos e recuperamos várias antiguidades. Tratava-se de uma quadrilha montada

por Paolo para alimentar a sua cobiça. Alguns objetos se perderam pelo caminho e acabaram nas mãos de um vendedor de rua. O assunto foi resolvido.

— Desta vez. E na próxima?

— Não haverá próxima vez. Paolo estava descontrolado, *cara.* Ele levou Monteverde quase à falência, enquanto governou. A aliança com Montebianco era necessária para injetar dinheiro no país, e era o seu último trunfo. O filho dele contestou o seu governo e parece que ele será deposto. Tudo será mudado.

— De onde eu venho, coisas assim não acontecem. Levamos uma vida *normal*. — Ela deu uma gargalhada nervosa. — Meu Deus! Até ontem à noite, eu não sabia que você era militar de verdade, que arriscaria a sua vida numa operação de resgate...

— Você achou que o uniforme era só para enfeitar? — Nico não pertencia mais à Marinha de Montebianco, mas recebera treinamento intensivo durante o tempo em que estivera na ativa. Haviam recomendado que ele não participasse da missão por ser o príncipe herdeiro, não por não ser preparado. Mas nada havia conseguido evitar a sua participação.

— Eu não sei o que eu pensei. Só sei que odeio este lugar. — Ela sentiu os olhos se encherem de lágrimas. — Desde que cheguei ao país, eu me sinto infeliz... Ou melhor, desde que o conheci há dois anos... — Lily enxugou os olhos. — Deus, como fui idiota ao me envolver com você.

— Então, por que o fez? Deveria ter se entregado a alguém que a merecesse, deveria ter se casado e se mudado para uma casinha com uma cerca de madeira. — O comentário o magoara, mas ela tinha razão. Teria sido melhor que ele tivesse lhe devolvido a bolsa roubada e ido embora. Mas ele ficara intrigado com a doce inocência de Lily.

— Eu bem que queria. Quem dera Danny fosse filho de outro homem.

Ela não lhe causaria tanta dor se o tivesse ferido com uma faca, mas agora ele sabia algo que deveria ter percebido há muito tempo.

— Olhe para mim, Lily. Por favor. — Ele esperou que ela o encarasse, relutante. — Naquela noite, eu deveria ter lhe dito quem eu era. Eu deveria dizer que me arrependo de ter feito amor com você, mas seria mentira. Se eu tivesse percebido a tempo, sim, eu teria parado. Mas, quando eu percebi que você era inocente, que eu era o seu primeiro homem, eu deveria ter sido honesto com você. — Ele pensou em acariciar o rosto de Lily, mas mudou de ideia. — A primeira vez é muito importante para uma mulher. Você tinha o direito de saber a quem se entregava.

Ela deu de ombros.

— São tantos “deveria”, Nico. Algum dia nós conseguiremos consertá-los?

— E alguém consegue?

— Quando há amor, acho que sim. Mas você não me ama e eu não amo você. — Ela não conseguiu olhar para ele enquanto falava. Nico ficou mais magoado do que imaginava possível. Ela não o amava. E ele, o que sentia? Com Lily, a sua vida se tornara mais feliz, mas seria amor? Ele não sabia e não tinha como pensar agora, enquanto ainda sangrava por saber que ela não o amava.

— Eu gosto muito de você, Lily. Você tem coragem e integridade, é a mãe do meu filho, a mãe dos meus futuros filhos. Nós seremos felizes.

— Com o tempo, *você vai* se cansar de mim. E então vai retornar para as suas amantes e para a sua vida de *playboy*.

— Eu não quero ninguém além de você — ele protestou, ofendido.

— Agora. Mas isso vai mudar, Nico. Você é desse tipo.

Nico não sabia o que dizer, nem como convencê-la. Ele só desejava abraçá-la, mas ela não deixaria.

— Não vamos discutir isso agora. Quando chegar a hora, nós conversaremos.

— Quando chegar a hora? — Lily levantou bruscamente e colocou as mãos na cintura. — Quando você surgiu ontem à noite com um grupo de soldados, pensei que ficara louco, mas isso nem se compara... — Um grito de Danny a interrompeu. Lily correu e pegou o filho, voltando-se para Nico com um olhar decidido. — Vá embora, Nico. Não quero conversar com você agora. — Danny protestou quando ela começou a balançá-lo muito depressa. Nico percebeu que ela estava indignada, mas Lily respirou profundamente e pareceu se acalmar. Ele ficou olhando, enquanto ela ninava o menino, e o seu coração se contraiu e ficou pesado. Ela lhe deu as costas, Danny o olhou por sobre o ombro da mãe e fechou os olhos.

Muito tempo depois da saída de Nico, Lily ainda sentia vontade de ir até o terraço e gritar até arrebentar. Talvez se sentisse melhor, ou talvez a dor em sua garganta piorasse. Ficara rouca de tanto protestar, depois que Nico a deixara na cela, na noite anterior. Depois, chorara ao pensar que ficaria presa. Ela realmente acreditara que ele a sacrificara pelo bem do país. Maldição! Cansara-se de chorar. Só podia culpar a si mesma pelo que sentia por ele. Sabia o que ele era, antes de se apaixonar. Não entendia por que ele se arriscara numa missão de resgate. Ela não acreditava que fosse por ela.

Lily olhou para Danny, que brincava com um caminhão vermelho, e sentiu vontade de abraçá-lo apertado. Ela já o fizera tantas vezes naquele dia que o menino começava a ficar irritado quando ela se aproximava. Porém, ela quase o

perdera e entrara em pânico. Sentia-se incapaz de deixá-lo por mais que alguns minutos. Nico contratara uma nova babá, uma senhora mais velha com um sorriso doce, mas ela relutava em descansar. A sua vida nada tivera de normal, desde que chegara. Ela fora sincera com Nico, embora tivesse sido muito cruel ao afirmar que preferia que o menino fosse filho de outro homem. Ela se sentia confusa e perturbada. Queria ter uma vida normal com o filho. Seria pedir muito? Lily enxugou os olhos. Precisava parar de choramingar. Era ridículo. Nico era um bom homem, que acreditava em fazer o que era certo. Casara-se com ela para que Danny tivesse um pai, e ela precisava admitir que fora um gesto nobre, ainda que ela não concordasse com o seu método e não tivesse sido consultada. Depois da infância que Nico tivera, Lily entendia por que ele evitava ter filhos ilegítimos. Ao saber da existência de Danny, ele ficara sinceramente surpreso e tentara fazer de tudo para protegê-la e ao filho. Nico não era o conquistador que a imprensa propalava. Ela estava zangada com ele e consigo mesma, mas não deveria tê-lo agredido como fizera. Entretanto, a despeito do que sentia por ele, Lily sabia que não conseguiria viver da maneira insegura que ele lhe oferecia. Não poderia dormir com ele, amá-lo e ter os seus filhos, sabendo que não sentia o mesmo por ela. Fora por isso que ela mentira ao declarar que não o amava; não poderia lhe dar tamanho poder sobre ela. Se o fizesse, ela se tornaria igual à sua mãe. Ela crescera vendo a mãe reorganizar a sua vida, *arruinando-se*, só para acompanhar o homem que amava e que a tratava mal. Não pretendia cometer o mesmo erro. Lily resolveu que era o que diria a Nico, depois que se desculpasse por ter afirmado que nunca fora tão infeliz.

— *Signora* Cosimo, pode tomar conta de Danny? — ela perguntou, passando pelo quarto de brinquedos.

— *Si, mia principessa* — respondeu a mulher, fazendo uma reverência.

ELE CONFUNDIRA tudo. *Basta!* Nico soltou a caneta e colocou as mãos na cabeça. Por que continuava a fazer tudo errado, quando tentava fazer o que era certo? Cometera um erro trazendo Lily até ali. Ela era linda e alegre, e amava o filho com fervor. E ele quase perdera os dois porque os pusera em perigo, forçando-a a ser sua esposa, reivindicando seu filho. Os dois não estavam habituados àquela vida. Danny era jovem e aprenderia, mas não era justo forçar Lily a ser algo que ela não desejava ser. Nico amava seu filho, e, embora se sentisse confuso e não conseguisse ser objetivo, sabia que sentia algo por Lily. Ele se preocupava com ela e com o que lhe acontecesse. Preocupava-se com a sua felicidade. Ela

afirmara que não o amava e o deixara magoado. Que tipo de cafajeste egoísta ele era, para exigir que Lily desistisse de sua vida? Existiam outras soluções. Ele tinha dinheiro, poder e facilidade para viajar pelo mundo quando queria. Se a deixasse ir embora, talvez conseguissem dar um jeito.

Nico não desejava que ela partisse. O seu lado egoísta protestava ao pensar em não tê-la na sua vida, ao imaginar que outro homem pudesse fazer amor com sua mulher. Porém, depois de tudo que acontecera, ele tinha obrigação de lhe dar uma opção. Lily merecia mais do que ele lhe dera. Ela merecia ser feliz, por mais que ele sofresse.

— Liliana.

Lily se voltou e sentiu o arrepio de tristeza e de alegria que sentia toda vez que ele aparecia. Ela o havia procurado por todo lado, mas o secretário a informara de que ele saíra. Exausta, ela adormecera. Depois de acordar, ela tomara um banho, sentara no terraço e ficara olhando o mar. Ainda não tinha escurecido, mas o sol se punha e coloria o céu de vermelho.

— Estava esperando por você. Anselmo me disse que você havia saído.

— *Si*, eu tinha muito a fazer. — Ele parecia exausto. Soltou uma pasta sobre a mesa e desabou sobre uma cadeira diante dela. Antes que ela tivesse tempo de responder, ele empurrou a pasta na direção de Lily.

— O que é isto? — Ela ficou com a boca seca.

— A solução, espero.

— Solução de quê?

Nico esfregou a testa distraidamente.

— Assine os papéis, *cara*, e o nosso casamento está acabado. Eu a estou deixando livre.

Lily se esforçou para soar calma.

— Isto é uma piada?

— De jeito nenhum. — Nico abriu a pasta e pegou uma caneta. — Assine, Lily, e depois pode ir embora.

Raiva, medo, desespero: ela sentiu tudo.

— Você não vai tirar o meu filho de mim. Eu lhe disse que não o deixaria.

— Claro que não. Ele ficará com você.

Lily o olhou como se ele tivesse enlouquecido. Depois de tudo que haviam passado, de tudo o que ele fizera para convencê-la e para ficar com Danny?

— Isto não faz sentido, Nico.

— Não? É simples, *tesoro mio.* A guarda do nosso filho será compartilhada. Ele continua sendo meu herdeiro e precisará passar mais tempo em

Montebianco, mas você terá uma casa aqui e estará com ele.

Lily ficou gelada.

— Você está se divorciando de mim, mas quer que eu fique em Montebianco?

— Estou lhe dando milhões de dólares, *cara*, e mais, se no futuro você precisar. Pode comprar uma casa em cada continente, mas exijo que passe algum tempo em Montebianco, para que nosso filho possa conhecer a sua posição e a sua linhagem. Se, quando chegar à idade, ele resolver não me suceder, é seu direito.

Lily via tudo borrado. Nico lhe oferecia tudo que ela pedira: Danny estaria em segurança, embora tivesse o pai apenas em parte, mas seria melhor que não ter pai. Pelo menos, quando este pai era Nico. Ele não negligenciaria o filho. Poderia dar certo, e o menino não estaria em perigo. Assinar seria a melhor solução. Mais cedo, ela desejara dizer a Nico que não teria mais um papel passivo; que não dormiria com ele imaginando quando ele a colocaria de lado; que ela tinha sentimentos e não suportaria a tortura; que merecia um homem que a amasse do modo como ela o amava; que preferia que esse homem fosse ele. Jamais acreditara que ele fosse lhe propor o divórcio.

— Se você estiver grávida, *cara*...

— Não estou — ela disse com convicção, não se importando por derrubar uma lágrima sobre o documento.

— Ah.

Ela olhou para ele atentamente, sem saber o que queria. Esperaria que ele declarasse amá-la? Que tudo não passava de um plano cuja razão ela não imaginava?

Lily hesitou ao pegar a caneta. Ele iria detê-la? Mas Nico não se mexeu. Ela precisou chegar perto para enxergar a linha. Uma lágrima caiu sobre a assinatura de Nico. Ela assinou rapidamente, soltou a caneta e saiu.

CAPÍTULO DOZE

NICO SÓ sentiu os efeitos do que fizera depois de horas, quando entrou no quarto do filho e o encontrou vazio. Agira automaticamente, e agora o filho não estava mais ali, com o seu sorriso e os seus balbucios, pedindo colo. Gostava de carregar o menino, que o abraçava pelo pescoço com força, enquanto ele caminhava e lhe falava no tom que os pais costumam usar. Ele não se importava que parecesse ridículo.

Nico parou ao lado do berço com o olhar vazio. Saber que Danny se fora o deixava destruído. Como pudera deixá-los partir? Por que fizera aquilo? No fundo, sentia raiva e lamentava. Fizera o que era certo. Ele libertara Lily porque ela tinha o direito de ser feliz com alguém que amasse. Ela merecia viver em segurança e em paz, sem medo, e ele podia lhe proporcionar essa vida. Ele se recuperaria do sofrimento. Ela vinha em primeiro lugar.

Nico sentiu o peso do anel de diamante azul em seu bolso. Lily o deixara sobre o travesseiro, antes de partir, e ele o carregava desde então, como se fosse carvão em brasa, como se fosse a lembrança de que a perdera. Nico sentiu o sangue ferver. Ele desejava Lily, mas não apenas sexualmente. *Ela vinha em primeiro lugar*. A sensação que o atingiu foi tão forte e poderosa que ele se admirou por não ter percebido antes. Ele tinha sido feliz com Lily e com Danny. Lily fora a única mulher que se importara mais com o homem do que com o príncipe. Ela lhe dissera que não gostava do príncipe, que preferia o homem. Lily havia se entregado a ele, sem saber que ele era Nico Cavelli. Ela nada sabia sobre as vantagens e os privilégios que ele tinha, sobre ele pertencer a uma antiga família da nobreza. Pensara que ele não passava de um estudante estrangeiro visitando Nova Orleans durante o *Mardi Gras*. *Dio*, ela o amava. Nico se agarrou à grade do berço, sem conseguir respirar. Sentia-se angustiado. Ela nunca lhe dissera, mas o amava. Como pudera ser tão cego? Ela lhe mentira, e ele acreditara. *Madonna diavola*, como fora tolo! Ela afirmara que não o amava porque não acreditava que ele fosse capaz de amá-la. Por que ele não percebera? Por que não tinha lhe dito a verdade? Porque ele *a amava*. Lily era tudo para ele. Quando Paolo a prendera, ele quase enlouquecera de vontade de matá-lo. A segurança de Lily fora a sua prioridade; não a do país, nem a sua. Apenas a dela e a de Danny.

Ele morreria pelos dois, mandando o dever para o inferno! Estava apaixonado pela mulher com quem havia se casado, pela mulher que tivera o seu filho, e a deixara partir. Ele a mandara embora por acreditar que ela desejava a sua liberdade, que estaria melhor sem ele.

Dio. Dio. Dio.

Nico massageou o peito, mas o imenso vazio não sumiu. Ele a deixara partir porque queria consertar o erro que cometera ao forçá-la a se casar. E cometera outro. Ele saiu do quarto e marchou até o escritório. O dia mal clareara e ele não havia dormido, mas tinha muito a fazer. Desta vez, faria tudo certo.

FORA SURPREENDENTEMENTE fácil deixar a vida em Montebianco e voltar para Port Pierre. Durante todo o caminho, ela esperara que Nico aparecesse de repente e lhe dissesse que estava errado, que queria que eles ficassem. Mas o jato levantara voo, e não havia volta. Lily escolhera Port Pierre porque lhe era familiar, mas não sabia onde iria parar. Talvez se mudasse para Paris, aprendesse francês e conhecesse um homem simpático com quem se casaria. A ideia lhe era tão estranha que parecia um filme, e não a sua vida. Estava mais rica do que sonhara, mas se sentia mais pobre que nunca, e triste.

Quando aterrissaram em Nova Orleans, Lily se hospedou num hotel no *French Quarter*. Precisava se preparar para voltar a Port Pierre. Ela não fizera nenhum plano quando dissera a Nico que queria voltar para casa. Ele nada perguntara e providenciara o avião, e ela achara que faria papel de tola se mudasse de ideia. Se pretendesse voltar de verdade, precisava de uma casa grande o suficiente para alojar a babá e a equipe de segurança que Nico tinha mandado para acompanhá-la. Lily pensara que os seguranças voltariam para Montebianco, depois de deixá-la em seu destino, mas eles ficariam com ela, como fazia o Serviço Secreto que cercava o presidente. Danny era o príncipe herdeiro de Montebianco, e, afinal, ela não se livrara do perigo, por mais que estivesse distante.

Lily passou quatro dias na cidade, adiando a ida para Port Pierre, enquanto planejava o que faria. Ela visitou a mãe na clínica de reabilitação. Nico não poupara e a colocara no melhor lugar. Donna Morgan estava melhor do que nunca: sua pele perdera o tom amarelado e ela engordara um pouco. Ela perguntou pelo neto, o que fez Lily se espantar e chorar. Quando Lily ia embora, ela pediu que se mantivesse em contato e que lhe mandasse algumas fotos de Danny. O interesse que a mãe demonstrou foi maior do que o que Lily recebera em toda a sua vida, e isso a comoveu. No sexto dia, Lily alugou um carro e viajou para a sua cidade natal. Port Pierre permanecia a mesma, mas tudo

parecia ter mudado. Sabia que não poderia mais trabalhar no jornal, uma vez que *ela* se tornara notícia. Enquanto passeava pelo *shopping*, todos olhavam para ela. Lily chegara a visitar Carla, mas havia sido constrangedor. A amiga comprara a casa que sempre desejara e a estava reformando com o dinheiro que Nico lhe dera. Carla não parava de se desculpar, embora Lily lhe dissesse que compreendia. Ela saíra do encontro sentindo-se mais solitária que nunca. Algo mudara entre elas e a relação das duas jamais seria a mesma. Os seus caminhos estavam irremediavelmente separados.

Lily voltou a Nova Orleans mais confusa e triste do que nunca. Era verdade que jamais poderia voltar para casa. Ela se sentia solta, voando com o vento, sem saber onde pousaria ou se sobreviveria à viagem. As tempestades violentas eram comuns na Louisiana, mas tudo podia ser reconstruído depois. Mas como se conserta a devastação produzida pelo homem na alma de alguém? Claro que ela sobreviveria. Precisaria apenas de tempo. Por coincidência, à tarde, uma tempestade caiu sobre a cidade, sacudindo as janelas e amedrontando Danny e a sra. Cosimo. Lily esperou que eles se acalmassem e resolveu andar um pouco para resolver o que faria. Ela evitou a decadência de *Bourbon Street* e escolheu caminhar pela elegante *Royal Street*, pensando que poderia entrar em qualquer loja e comprar o que quisesse. Passou diante da catedral de St. Louis, atravessou o *Jackson Square* e se virou para ver as torres da igreja. Suspirou e decidiu voltar ao hotel. De repente, no meio do quarteirão, ela viu um homem que se aproximava. De longe, ele lhe lembrava Nico no dia em que o conhecera. Lily desviou o olhar para o rio Mississipi, que estava atrás dele, colorido pelo sol que se punha. Quando ela olhou novamente para o homem, seu coração disparou.

— Liliana... — Ele parou diante dela.

— O que faz aqui? — ela perguntou, surpresa. As lembranças do dia em que haviam se conhecido e de tudo o que acontecera depois lhe ocorreram vivamente. Lily sentiu que precisava se sentar e caminhou até um banco do parque. Nico foi atrás dela, mas não se sentou. Ele parecia... humilde, cansado e abatido.

— Quero que você se case comigo — ele disse.

Se ele tivesse declarado que faria parte de um circo, ela não ficaria mais surpresa.

— Mas você acabou de se divorciar de mim. Por que eu passaria por tudo outra vez?

— Porque você me ama.

Lily levantou-se bruscamente.

— Como ousa vir até aqui para tentar me manipular desse jeito? O que houve, Nico? Você concluiu que cometeu um erro e que nos quer de volta?

— Sim.

Lily ficou desanimada. Não tinha mais forças para brigar com ele.

— Você nos mandou embora.

— E me arrependi desde então. Eu cometi um erro.

Lily balançou a cabeça e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não posso fazer isso, Nico. Não posso suportar os altos e baixos de uma vida com você.

— Os altos e baixos podem ser muito bons, não acha?

— Não posso — ela repetiu.

Nico ficou muito sério.

— Eu quero você, Lily. Eu quero Danny. Volte para Montebianco comigo. Eu protegerei os dois, nem que seja com a minha vida.

— Não posso. — Lily apertou as mãos para conter a vontade de gritar. — Ah, Deus! Não é justo! Eu não suporto a vida sem você, mas como posso viver com você? — Ela se virou para ir embora, mas ele a puxou e abraçou. Lily se agarrou a ele. Sentia-se patética. Tudo que conseguia era sentir o seu calor, a sua força. Ele tinha o cheiro de tudo que ela queria, o cheiro familiar de casa, e contra o rosto ela sentia o seu coração bater loucamente.

Nico a afastou um pouco e encarou-a com um olhar atormentado.

— Eu amo você, Lily. Ouviu? Amo você.

Lily começou a chorar.

— Você está mentindo. Não pode me amar. Você só pode amar alguém como Antonella...

— *Nunca*. Eu amo *você*. Nenhuma mulher se compara a você. É linda, radiante, e me ama...

— Eu não disse isso!

— Nem precisou. — Ele pegou a mão dela e colocou-a sobre o peito. — Vê o que faz comigo? Você me conhece, Lily. É a única que me conhece de fato, e se apossou do meu corpo e da minha alma. Se me rejeitar agora, eu aceito, mas vou morrer um pouco a cada dia que você passar longe de mim...

— Pare, Nico — ela sussurrou. — Eu não aguento...

— É verdade, *tesoro mio*. Eu adoro você. Adoro o nosso filho. Quero que a minha vida fique completa de novo, e isso só pode acontecer se você estiver comigo.

Lily o fitou, sonhadora, mas com cuidado.

— Eu também quero, Nico, mas como ter certeza de que você não mudará de ideia? De que não vai se cansar de ter mulher e filhos? Eu não vou aceitar namoradas ou amantes, ou seja lá como você as chame.

— Lily, por favor! Você não me ouviu? Eu amo *você*. Só você. Não me imagino desejando ninguém mais. — Ele a segurou pelos ombros e olhou dentro de seus olhos. — Você disse que nunca desejou ninguém além de mim. Por que acha que eu não conheço o meu coração, tanto quanto você conhece o seu?

— Tem razão.

— Diga que me ama, Lily. Diga que vai se casar comigo.

— Passaram-se seis dias, Nico.

— Algumas horas depois que você partiu, eu fui atrás de você, mas o meu pai teve um infarto...

— Oh, sinto muito.

— Ele está bem, *cara*. Foi um leve infarto, e os remédios dissolveram o coágulo, mas eu precisei voltar e assumir o seu lugar, enquanto ele repousava.

— O dever chamava — ela disse.

— E chamará eventualmente, não posso enganá-la. Algumas vezes eu terei que atender ao chamado do dever, mas nunca farei isso em troca da sua felicidade. Nunca, *mia principessa*.

— Eu compreendo, Nico. E isto é uma das coisas que eu admiro em você. O seu empenho em fazer o que é certo.

— Levei muito tempo para acertar com você. — Ele se ajoelhou diante dela, e Lily prendeu a respiração. — Case-se comigo, Liliana. Seja a mãe dos meus filhos. Faça-me sorrir e me enlouqueça, mas, acima de tudo, diga "sim" e me faça feliz.

Ele fora sincero, Deus do céu! Ele fora sincero.

— Você não deveria ter um anel? — ela brincou, alegre. Ele sorriu e tirou algo do bolso.

— E tenho. Ele é vulgar e pomposo, mas eu aprendi a minha lição. — Ele colocou o anel de diamante azul no dedo de Lily. O anel fora ajustado. — É temporário, até podermos ir a uma joalheria e comprar um anel que lhe convenha.

Lily girou o anel no dedo.

— Não. Este é perfeito. Foi o que você me deu no dia em que eu disse "sim". Eu nem pensaria em trocá-lo.

— Então você se casa comigo?

Ela o abraçou pelo pescoço e o beijou.

— Caso.

Nico a levantou do chão e a fez rodopiar no ar, até que ela risse. Quando ele a colocou no chão e a abraçou, Lily percebeu o quanto ele a desejava.

— Eu sou louco por você, Lily. *Louco.* — Ele a beijou novamente e gemeu quando ela se apertou contra o seu corpo. Lily também o desejava. Se pudesse voltar ao hotel e mandar a sra. Cosimo e Danny descerem para jantar...

— Eu tenho um quarto no hotel. Você quer ir até lá? — ele murmurou.

— Eu adoraria.

Os dois saíram correndo pelas ruas e Nico a puxou até um hotel barato. Lily se admirou.

— É o mesmo lugar!

— E o mesmo quarto.

Os dois entraram no quarto, arrancando a roupa um do outro, e se beijando. Não esperaram chegar à cama. Nico encostou Lily na parede e a possuiu de pé. O sexo foi intenso, impetuoso, e logo atingiu as alturas. Quando tudo acabou, os dois escorregaram para o chão, com a respiração ofegante. Lily olhou ao redor. O papel de parede rosado deveria ter uns quarenta anos, a mobília era simples e limpa, embora um pouco gasta.

— Estou surpresa por você se lembrar de qual era o quarto.

— Este é um lugar especial, *cara* — ele disse, fingindo-se de indignado. — O futuro rei de Montebianco foi concebido aqui.

— E, se tivermos sorte, um irmão ou uma irmã.

Nico riu e a beijou.

— Eu farei a minha parte, Lily. Quantas vezes você achar necessário.

— Uma noite não será suficiente. Vamos precisar tentar de novo, e de novo...

— E de novo, e novamente... — Ele sorriu.

— Você entendeu a ideia. — Puxa, finalmente!

— Até eu morrer de cansaço, *mia principessa*. Eu vivo para servi-la.

Lily passou o dedo nos lábios de Nico. Como ela pudera ter tanta sorte?

— Eu amo você, Nico, apesar de ser um príncipe.

EPÍLOGO

ELES SE casaram novamente, em uma cerimônia oficial em Montebianco, com toda a cobertura da mídia. A princesa Antonella pegou o buquê, e Donna Morgan estava muito elegante e respeitável como mãe da noiva. Ela ainda não completara o seu processo de reabilitação, mas melhorava dia a dia. Lily gostou de passar algum tempo com ela, e Donna parecia ter entendido o cerimonial e o protocolo exigidos da mãe de uma futura rainha. Lily conseguira até influenciar a imprensa local. Montara um escritório de relações públicas e se reunia com os repórteres uma vez por semana. Não conseguira evitar totalmente as notícias escandalosas dos tabloides europeus, mas rapidamente se tornara a queridinha da imprensa e pretendia manter controle da sua imagem e da imagem da família.

Quando Nico lhe perguntou onde desejaria passar a lua de mel, Lily respondeu sem hesitar: na casa da praia. Passavam os dias fazendo amor, brincando na praia com Danny e aproveitando a companhia um do outro. Voltaram a visitar a caverna, onde fizeram um piquenique e acabaram de fazer o que tinham começado na visita anterior.

LILY SAIU do banho depois de passar uma tarde deliciosa na cama com o marido. Encontrou-o sentado no chão com o filho. Ele costumava trazer Danny para o quarto enquanto ela se vestia. Danny estava parado diante do pai, agarrado ao dinossauro, e dizia algo com um ar muito sério. Nico franziu a testa e respondeu. Danny sacudiu a cabeça e repetiu o que havia dito. Nico olhou para ela.

— Ajuda-me!

— Não sei não, Nico. — Danny olhou para ela, virou-se e se abraçou ao pescoço do pai.

— Baba — ele disse. — Baba. — Ele colocou o dinossauro no colo de Nico e se afastou.

— Ele acabou de dizer...? — Os olhos de Nico brilhavam. Lily tapou a boca com a mão.

— Sim.

— Não chore, Lily. — Ele se levantou e a abraçou.

— Nem você.

— Não chore, princesa.

— Claro que não. — Lily se abraçou ao marido e ele a beijou. Embora tivessem acabado de fazer amor, ela ficou sem fôlego e o desejou novamente.

— Você é minha vida, minha alma. Vocês dois.

— Nós três — ela corrigiu.

— É verdade? Você está grávida?

— Acho que sim, mas preciso fazer o teste.

— Vá para a cama — ele ordenou.

— Nico, acabamos de sair da cama.

— Não; *você* vai já para a cama. Eu vou trazer o seu jantar, e...

— Não estamos na Idade Média. Acho que posso andar perfeitamente pela casa e nadar um pouco. Talvez eu até possa fazer amor...

— Certo — ele disse, suspirando. — Mas nada de andar de motocicleta.

Lily riu.

— Sem dúvida, com *isso* eu concordo...